UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E SOCIEDADE
MESTRADO INTERDISCIPLINAR

BRENDA DOS SANTOS MENEZES

CARTOGRAFIA DE UM DEVIR: sussurros nômades "com" uma pregoeira de rua em São Luís do Maranhão

SÃO LUÍS
2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E SOCIEDADE
MESTRADO INTERDISCIPLINAR

BRENDA DOS SANTOS MENEZES

CARTOGRAFIA DE UM DEVIR: sussurros nômades “com” uma pregoeira de rua em São Luís do Maranhão

SÃO LUÍS
2024

BRENDA DOS SANTOS MENEZES

CARTOGRAFIA DE UM DEVIR: sussurros nômades “com” uma pregoeira de rua em São Luís do Maranhão

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade – Mestrado Interdisciplinar da Universidade Federal do Maranhão, como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Cultura e Sociedade.

Orientador: Profº Drº. Flávio Luiz de Castro Freitas.

SÃO LUÍS
2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

dos Santos Menezes, Brenda.
Cartografia De Um Devir : sussurros nômades com uma pregoeira de rua em São Luís do Maranhão / Brenda dos Santos Menezes. - 2024.
205 p.

Orientador(a): Flávio Luiz de Castro Freitas.
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2024.

1. Deleuze-guattari. 2. Interdisciplinaridade. 3. Pregoeira de Rua. 4. São Luís. 5. Territórios Existenciais. I. de Castro Freitas, Flávio Luiz. II. Título.

BRENDA DOS SANTOS MENEZES

CARTOGRAFIA DE UM DEVIR: sussurros nômades "com" uma pregoeira de rua em São Luís do Maranhão

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade – Mestrado Interdisciplinar da Universidade Federal do Maranhão, como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Cultura e Sociedade.

Orientador: Profº Drº. Flávio Luiz de Castro Freitas

Aprovada em: __/__/____.

BANCA EXAMINADORA:

Profº Drº. Flávio Luiz de Castro Freitas (orientador)
Doutor em Filosofia
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Profª. Drª. Ana Caroline Amorim Oliveira
Doutora em Antropologia Social
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Profª. Drª. Monalisa Pontes Xavier
Doutora em Ciências da Comunicação
Universidade do Delta do Parnaíba (UFDPAR)

À minha avó, Cercilina dos Santos Menezes (*in memoriam*) que vive em cada linha de minha cartografia.

AGRADECIMENTOS

Acredito que todos somos frutos de encontros. Eu sou fruto de vários. Esse trabalho só existe devido aos diversos encontros que vivi. Há nele um pouco dos territórios, histórias e geografias que passaram por mim. Dos bons encontros aos maus encontros da vida, das paixões alegres as paixões tristes. Por isso, adianto que não serei tão breve aqui.

Entrei para a Universidade Federal aos 17 anos. Eu tinha um sonho: mudar o mundo. Hoje, aos 25 anos reconheço que era um sonho utópico. Sei que sozinha não consigo, mas sei que através da educação posso deixar minha contribuição para tornar o mundo um lugar um pouquinho melhor. Essa dissertação foi completamente desafiadora para mim, um alguém que sempre ouviu dizer que era sensível demais, que sentia tudo de forma tão intensa e exagerada.

Muitas vezes desejei poder não ser tão sensível, só para saber como é sentir a vida com menos intensidade. Só para descobrir como as outras pessoas sentem aquilo que em mim se manifesta como um furacão. Ao longo do processo de escrita deste trabalho, precisei me permitir sentir, acolhendo as emoções que surgiam em cada etapa. Encerro este ciclo com alegria, por ter transformado algo que tantas vezes na vida me fez sentir tão vulnerável em criação e produção.

Em primeiro lugar agradeço a minha avó, Cercilina dos Santos Menezes que infelizmente partiu antes que pudesse presenciar a realização dos sonhos que sonhou junto comigo. Minha avó foi quem mais me mostrou o que é o amor genuíno. Era uma mulher guerreira, e embora mal soubesse assinar seu nome, possuía uma sabedoria que jamais encontrei em todos os livros que li. Só sou quem *estou* porque ela me amou. O amor de minha avó para sempre viverá em mim. É a ela que dedico essa dissertação.

Agradeço a Dona Corina e sua família (Dona Nena, Jacy e Jheny) que gentilmente abriram as portas de seu lar, me abraçaram e gentilmente aceitaram compartilhar suas histórias comigo. Feliz em poder dizer que desse encontro floresceu uma bela amizade. Serei eternamente grata por tudo.

Serei eternamente grata à minha família que mesmo de origem muito humilde investiu em mim e em minha educação, e agora poderei ser a primeira mestra da família. Minha mãe Valdivina Menezes sou grata por ter me dado a vida. Agradeço a minha segunda mãe, Luzia Rodrigues, por ter me apresentado a leitura. À minha tia Francisca Menezes por todo apoio e cuidado. Ao meu tio José Ribamar pela parceria e apoio. A meu pai Francismar Rodrigues que me adotou como filha e me amou. À minha irmã Flávia Rodrigues por ter sido a prima-irmã mais velha, mais legal que pude ter.

Agradeço a todos os meus professores (do jardim de infância até a pós-graduação). Vocês foram essenciais para minha formação e são os responsáveis pelo meu amor à docência e pelo meu crescimento intelectual. Todo respeito e admiração por vocês. O que sou hoje é fruto de vossos trabalhos. Muito obrigada! Em especial, agradeço a meu orientador, o professor Flávio Luiz de Castro Freitas pela parceria e paciência.

Às professoras da banca, Profª Drª Monalisa Pontes Xavier e Profª Drª Ana Caroline Amorim Oliveira, minha profunda gratidão pela disponibilidade, sensibilidade e valiosas contribuições para esse trabalho. Vocês também são parte da construção disso. Obrigada!

Ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade - PGCULT expresso minha gratidão pela formação acadêmica recebida.

Aos amigos que o PGCULT me presenteou, Abrahão, Juliana, Wanessa e Ludmila, meus sinceros agradecimentos pelas risadas, pelo apoio e parceria durante o mestrado. Em especial, agradeço a Abrahão e Juliana pela amizade, pela companhia nos momentos difíceis e por tornarem essa jornada algo mais leve. Sou feliz por ter vivido essa loucura ao lado de vocês.

Aos meus amigos de longa data, Rafael, Rayssa Letícia, Bruna, Alan, Elayne, Agnes, Afonso e Pablo, minha gratidão pela amizade, pelo companheirismo, pelo acolhimento nos momentos difíceis e, acima de tudo, pela compreensão e por nunca desistirem desta amiga, mesmo em sua ausência.

À Ellen Caroline, a quem muito tenho orgulho de poder chamar de amiga. Querida amiga e orientadora pra vida! Serei eternamente grata por nosso encontro. Sua paixão pela filosofia e pela docência são uma inspiração para mim. Excelsior!

Aos meus filhos de quatro patas Lolita, Lola e Frederico pelo amor incondicional e companhia nas madrugadas de escrita.

À CAPES, pela bolsa de pesquisa concedida durante 21 meses, que permitiu que nesse período eu pudesse me dedicar exclusivamente a realização deste trabalho.

Aos Pregoeiros de São Luís (vivos e mortos), que seus pregões continuem ecoando nas ruas e corações de todos os ludovicenses.

Esse é mais um degrau que subo, rumo a um sonho.... Esse diploma não é somente meu, é de todos aqueles que contribuíram direta e indiretamente para que ele se tornasse possível. Vencemos! Para sempre em defesa da educação, da filosofia e de mulheres que fazem filosofia. Viva a Universidade Pública!

“Partir, partir, se evadir... atravessar o horizonte, penetrar em outra vida...”. – Gilles Deleuze, Diálogos.

RESUMO

O presente trabalho, de natureza interdisciplinar e qualitativa, utiliza o método cartográfico para explicitar o devir-pregoeira de Dona Corina, uma pregoeira de rua em São Luís do Maranhão. A pesquisa problematiza: "Em que consiste o devir-pregoeira para Dona Corina?". Propõe-se que os fluxos entre a experiência da pesquisadora e a prática da pregoeira agenciem um território existencial, mobilizando memórias, afetos e narrativas que escapam a uma compreensão linear. A fundamentação teórica é baseada em conceitos como *cartografia*, *devir*, *ecosofia* e *territórios existenciais*, conforme desenvolvidos por Félix Guattari e Gilles Deleuze, com destaque para as obras *O Inconsciente Maquínico* (1979), *As Três Ecologias* (1989), *Caosmose* (1992), *Bergsonismo* (1968), *Diálogos* (1980, *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia* (1980) e *Proust e os Signos* (1964). São apresentados os trajetos metodológicos que sustentam a pesquisa, abordando os caminhos teórico-práticos que estruturam sua construção. Nesse contexto, são discutidos os conceitos fundamentais para a análise do objeto de estudo. Em seguida revisa-se a literatura e a história da arte relacionadas aos pregoeiros de rua em São Luís, além de oferecer uma análise interdisciplinar e transversal do material obtido. Por fim, analisa-se cartograficamente as entrevistas colhidas durante o trabalho de campo, centrando-se nas narrativas de Dona Corina e seus familiares. A partir da descrição de sua prática como vendedora de pirulitos, busca-se problematizar o significado do ser-pregoeiro e os excessos vitais presentes em suas memórias. A pesquisa é realizada na cidade de São Luís, evidenciando a interação entre pesquisadora, pregoeira e espaço urbano. Os métodos utilizados incluem pesquisa bibliográfica, documental e de campo. Constatou-se que o devir-pregoeira de Dona Corina é um paradoxo constitutivo de sua existência: ele permeia toda a sua vida, configurando-se como um movimento entre ser e não ser pregoeira. Esse paradoxo evidencia a potência de uma vida que não se restringe às codificações habituais, mas que se torna território de constante reinvenção.

Palavras-chave: Deleuze-Guattari. Interdisciplinaridade. Pregoeira de Rua. São Luís. Territórios Existenciais.

ABSTRACT

This interdisciplinary and qualitative study employs the cartographic method to elucidate the *devenir-pregoeira* of Dona Corina, a street crier in São Luís do Maranhão. The research problematizes the question: "What does the *devenir-pregoeira* mean for Dona Corina?". It proposes that the flows between the researcher's experience and the crier's practice create an existential territory, mobilizing memories, affections, and narratives that escape a linear understanding. The theoretical foundation is based on concepts such as cartography, *devenir*, ecosophy, and existential territories, as developed by Félix Guattari and Gilles Deleuze, with emphasis on works including *The Machinic Unconscious* (1979), *The Three Ecologies* (1989), *Chaosmosis* (1992), *Bergsonism* (1968), *Dialogues* (1980), *A Thousand Plateaus: Capitalism and Schizophrenia* (1980), and *Proust and Signs* (1964). The study presents the methodological paths that sustain the research, addressing the theoretical-practical frameworks that structure its development. Within this context, fundamental concepts for analyzing the object of study are discussed. Subsequently, the research reviews the literature and the history of art related to street criers in São Luís, offering an interdisciplinary and transversal analysis of the collected material. Finally, a cartographic analysis of the interviews conducted during fieldwork focuses on the narratives of Dona Corina and her family members. Through the description of her practice as a lollipop vendor, the study seeks to problematize the meaning of being a crier and the vital excesses present in her memories. The research takes place in São Luís, highlighting the interaction between the researcher, the crier, and urban space. The methods employed include bibliographic, documentary, and field research. The findings indicate that Dona Corina's *devenir-pregoeira* constitutes a paradox within her existence: it permeates her entire life, manifesting as a movement between being and not being a crier. This paradox reveals the potency of a life that transcends conventional codifications, becoming a territory of continuous reinvention.

Keywords: Here is the translation: Deleuze-Guattari. Interdisciplinarity. Street Vendor. São Luís. Existential Territories.

RÉSUMÉ

Ce travail, de nature interdisciplinaire et qualitative, adopte la méthode cartographique pour expliciter le *devenir-pregoeira* de Dona Corina, une crieuse de rue à São Luís do Maranhão. La recherche problématise la question : « En quoi consiste le *devenir-pregoeira* pour Dona Corina ? ». Elle propose que les flux entre l'expérience de la chercheuse et la pratique de la crieuse constituent un territoire existentiel, mobilisant des mémoires, des affects et des récits qui échappent à une compréhension linéaire. L'ancrage théorique repose sur des concepts tels que la cartographie, le devenir, l'écosophie et les territoires existentiels, développés par Félix Guattari et Gilles Deleuze, avec un accent particulier sur des œuvres comme *L'Inconscient machinique* (1979), *Les Trois Écologies* (1989), *Chaosmose* (1992), *Le Bergsonisme* (1968), *Dialogues* (1980), *Mille Plateaux: Capitalisme et Schizophrénie* (1980) et *Proust et les Signes* (1964). L'étude présente les itinéraires méthodologiques qui soutiennent la recherche, abordant les cadres théoriques et pratiques qui structurent son développement. Dans ce contexte, les concepts fondamentaux pour l'analyse de l'objet d'étude sont discutés. Ensuite, une revue de la littérature et de l'histoire de l'art liées aux crieurs de rue à São Luís est réalisée, en offrant une analyse interdisciplinaire et transversale du matériau recueilli. Enfin, une analyse cartographique des entretiens réalisés lors du travail de terrain met en avant les récits de Dona Corina et de ses proches. À partir de la description de son activité de vendeuse de sucettes, il s'agit de questionner la signification du fait d'être crieuse et les excès vitaux présents dans ses mémoires. La recherche est menée dans la ville de São Luís, mettant en lumière l'interaction entre la chercheuse, la crieuse et l'espace urbain. Les méthodes employées incluent la recherche bibliographique, documentaire et de terrain. L'étude révèle que le *devenir-pregoeira* de Dona Corina est un paradoxe constitutif de son existence : il traverse toute sa vie et se manifeste comme un mouvement entre être et ne pas être crieuse. Ce paradoxe met en évidence la puissance d'une vie qui échappe aux codifications habituelles et devient un territoire de réinvention constante.

Mots-clés: Deleuze-Guattari. Interdisciplinarité. Vendeuse de Rue. São Luís. Territoires Existentielles.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Foto antiga minha, criança correndo no Palácio dos Leões.---------- 24
Imagem 2 - Representação de Dona Corina no Museu da Gastronomia.---------- 32
Imagem 3 - Representação dos Pirulitos.---------- 33
Imagem 4 - Detalhe da estátua de Dona Corina na praça Nauro Machado.---------- 35
Imagem 5 - Estátua de Seu Bem-te-vi na Praça Nauro Machado.---------- 36
Imagem 6 - Detalhe da estátua de Dona Corina na praça Nauro Machado**.**---------- 37
Imagem 7 - Estátua de Dona Corina na praça Nauro Machado.---------- 38
Imagem 8 - Entrada da Exposição Beto Lima. ---------- 42
Imagem 9 - Quadro de um vendedor de picolé. ---------- 43
Imagem 10 - Quadro de um vendedor de salgados.---------- 43
Imagem 11 - Quadro de um pescador.---------- 44
Imagem 12 - Quadro pescadores sob o pôr-do-sol. ---------- 45
Imagem 13 - Quadro de vendedor de picolé na praia. ---------- 46
Imagem 14 - Quadro de desenho de pescadores.---------- 46
Imagem 15 - Laranjeiro ---------- 76
Imagem 16 - O compra tudo. ---------- 77
Imagem 17 - Vendedor de caranguejos.---------- 78
Imagem 18 - O homem do peixe. ---------- 79
Imagem 19 - Vendedora de mingau de milho.---------- 80
Imagem 20 - O jornaleiro.---------- 82
Imagem 21 - Vendedora de arroz-de-cuxá. ---------- 83
Imagem 22 - Pregoeiro do Rolete de cana.---------- 84
Imagem 23 - Vendedora de juçara. ---------- 85
Imagem 24 - Vendedor de camarão.---------- 86
Imagem 25 - Vendedor de pirulito. ---------- 87
Imagem 26 - Vendedor de Derresó.---------- 88
Imagem 27 - Vendedor de pamonha. ---------- 89
Imagem 28 - O garrafeiro. ---------- 90
Imagem 29 - O vassoureiro. ---------- 91
Imagem 30 - O Carvoeiro. ---------- 92
Imagem 31 - O Verdureiro. ---------- 93
Imagem 32 - O Sorveteiro.---------- 94
I**magem 33** - O vendedor de “banho cheiroso”. ---------- 95
Imagem 34 - A doceira. ---------- 96
Imagem 35 - O Amolador. ---------- 97
Imagem 36 - Desenho de um pregoeiro em uma cafeteria no Centro Histórico. ---------- 100
Imagem 37 - Dona Corina.---------- 114

SUMÁRIO

1 DIZERES INICIAIS ---------- 10

2 TRAJETÓRIAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS: CARTOGRAFIA, ECOSOFIA, MEMÓRIA E TERRITÓRIOS EXISTENCIAIS ---------- 18

2.1 OS PERCURSOS ATÉ O "COM" ---------- 18

2. 2 O FAZER CARTOGRÁFICO ---------- 53

3 ESTADO DA ARTE: ALGUMAS DESTERRITORIALIZAÇÕES EPISTÊMICO-POLÍTICAS EM RELAÇÃO AS CODIFICAÇÕES ACADÊMICAS ACERCA DOS PREGOEIROS ---------- 65

3.1 O QUE FALA A LITERATURA SOBRE O PREGOAR ---------- 65

3. 2 DESTERRITORIALIZAÇÕES ACERCA DAS CODIFICAÇÕES ACADÊMICAS SOBRE OS PREGOEIROS ---------- 101

4 DA VENDEDORA DE PIRULITOS À PREGOEIRA: O QUE É UM DEVIR-PREGOEIRO? ---------- 104

4.1 DONA CORINA ---------- 104

4.2 DEVIR-PREGOEIRA OU DEVIR-VENDEDORA DE PIRULITOS? ---------- 115

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS - DIZERES TRANSITÓRIOS ---------- 130

REFERÊNCIAS ---------- 133

APÊNDICES ---------- 139

APÊNDICE A – ROTEIRO DE PERGUNTAS CARTÓGRAFICAS COM DONA CORINA ---------- 140

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DE CAMPO: PRIMEIRO ENCONTRO COM DONA CORINA – APRESENTAÇÃO E CONVERSA INFORMAL (26/09/23) ---------- 141

APÊNDICE C – ---------- 159

APÊNDICE D - TRANSCRIÇÃO DE CAMPO: ÚLTIMO ENCONTRO COM DONA CORINA – DIA 10/12/2024 ---------- 181

APÊNDICE E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPANTE ---------- 188

APÊNDICE F – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPANTE MENOR E IDADE (6 ANOS ACIMA) ---------- 190

APÊNDICE G – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO --------- 192

APÊNDICE H - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM ---------- 194

ANEXOS ---------- 195

ANEXO A – APROVAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA NO COMITÊ DE ÉTICA ---------- 196

1 DIZERES INICIAIS

Iniciar um texto nunca é uma tarefa fácil. Escrever por si só não é fácil. Como dar vida próprias às palavras? Como prender a atenção de quem me lê? O que eu desejo atingir? ou melhor, quem eu quero atingir? são muitas as dúvidas que atormentam àqueles que almejam alcançar uma escrita ideal. Além disso, é difícil fazer com que seu texto se pareça com você. Que tenha a sua marca. Que só de alguém bater os olhos diga: "foi ela que escreveu". Mas a verdade é que não existe uma receita de dar vida a um texto. Um enunciado fala por si. Origina novos enunciados, outras interpretações a cada nova leitura. O centro não é o indivíduo em si, mas os agenciamentos que o atravessam. Os agenciamentos são estilos. Como Deleuze dizia, um estilo é "a propriedade daqueles dos quais habitualmente se diz "eles não têm estilo...". Alguém estiloso é aquele que é gago em sua própria linguagem, é estrangeiro de seu idioma e de si mesmo. A escrita nem sempre precisa obedecer a uma lógica estrita. O texto é território para o autor produzir novos agenciamentos, enunciados, novos territórios, traçar linhas de fuga: "escrever não tem nada a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões por vir" (Deleuze; Guattari,1995, p.13). Prender-se excessivamente à lógica corre o risco de se cair na monotonia, quando na verdade escrever é criar intensidades, é desterritorializar-se, é viajar mundos sem sequer se mover, é romper com a lógica. A verdadeira beleza de um texto está na incerteza que o compõe, na expectativa que se coloca no leitor, está no mistério, na ausência de perfeição. Acredito que talvez seja com a incerteza e com nossas pequenas imperfeições que nos mostramos humanos, *demasiadamente humanos*. É assim que podemos conseguir atravessar alguém. Cruzar nossos afetos com os afetos de outrem.

Desse modo, em meus dizeres iniciais (que correspondem a introdução dessa cartografia), tomo como necessário esclarecer as escolhas de escrita deste texto para facilitar a compreensão daqueles que se aventurarem nessa viagem: este trabalho é escrito em primeira pessoa. É escrito como modelo de um diário de bordo que registrará minha trajetória até o contato com o campo empírico. A noção de subjetividade presente aqui vai na contramão da noção tradicional de subjetividade (originada a partir de um "Eu" autônomo e autossuficiente, um indivíduo cuja identidade é clara e permanente). Adoto aqui a conceção de "eu" e de subjetividade deleuze-guattariana, isto é, a subjetividade como resultado de modos de subjetivação (forças imanentes, mutáveis e irrepresentáveis). O movimento de subjetivação como processo, nada mais é que uma individuação (pessoal ou coletiva), "[...] há individuações do tipo sujeito [...], mas há também individuações de tipo acontecimento, sem sujeito: um vento, uma atmosfera, uma hora do dia, uma batalha [...]" (Deleuze, 2000, p.143). Ao se territorializar,

assume formas específicas de subjetividade. Essas formas podem ser tanto fechadas quanto abertas a novas subjetivações, possibilitando novos devires e novas configurações.

O "*eu*" presente aqui é composto por múltiplos agenciamentos, configura-se como uma fronteira, como expressão de encontros entre diferentes territórios, traçado constantemente pelas linhas que o atravessam. Renuncio a ideia do meu "eu", mesmo quando falo de mim, não escrevo em meu nome, mas de todo o conjunto constituído de várias partes de mim mesma e do mundo ao meu redor que compõe a mim. Ao longo do texto cada território vai ganhando um rosto, nomes, histórias, geografias…as geografias são devires (da mesma maneira que os devires são geografias), são direções, orientações. Um devir pode ser traduzido a um "tornar-se", sem ponto de partida nem tampouco um destino. À medida que nos transformamos aquilo que nos tornamos também muda. É por isso que Deleuze enxerga a pergunta "o que você está se tornando?" estúpida. Porque "à medida que alguém se torna, o que ele se torna muda tanto quanto ele próprio" (Deleuze, 1998 p. 03). Há algum tempo, para mim (um alguém metódico por natureza), adotar um fazer pesquisa de forma assistemática (digo isso partindo de uma compreensão da experiência na Filosofia que compreende o pensamento assistemático como aquele que não segue uma ordem lógica formal fechada e definitiva) seria algo conflituoso, estranho e inconcebível. Contudo, hoje, ao abraçar e sobretudo *vivenciar* uma abordagem não positivista-cartesiana na pesquisa e rizomática (Deleuze e Guattari) de conhecimento, encaro essa indefinição como uma alternativa possível de se produzir e acessar o conhecimento. Escolher escrever esta dissertação em primeira pessoa foi particularmente desafiador. Desafio este que em diversos momentos me paralisou, me entristeceu, me consumiu, quase me tirou a razão... justamente por ainda ser alguém que buscava atingir o texto perfeito, um ser que tentava sempre sistematizar até mesmo assistemático. Mas como o próprio filósofo dos afetos acreditava, todos nós temos nossos traços de loucura. O delírio é devir, é potência criadora. A cartografia me proporcionou uma desconstrução de todos os meus pré-conceitos e de mim mesma. O desejo por construir a escrita ideal foi meu inimigo em diversos momentos na construção desse trabalho. E por falar em afetos, o medo, a dor, a tristeza, a vergonha, mas também a alegria, a nostalgia... se fizeram presentes em mim. Sempre escrevi como alguém que pisa em ovos, com muito cuidado, cautela, delicadeza, com medo. Tive medo de como minhas palavras seriam recebidas, de como elas ecoariam em ouvidos que talvez esperassem algo mais claro, mais definitivo, mais bonito, mais inteligente, mais concreto. Não temia apenas errar, mas me sentia vulnerável em expor o que há de mais íntimo em minha escrita: meus afetos, minhas hesitações, minha forma própria de sentir o mundo. A minha avó Ceci dizia sempre: "a Brenda é nervosa, por tudo se abala". Era o jeito dela (um tanto sem jeito) de descrever como o

menor acontecimento atingia a mim como um verdadeiro furacão. Minha mãe falava que eu sempre sentia muito, era sempre muito choro, muito drama, um riso exagerado e espalhafatoso, tudo era sempre em demasia. Sempre me diziam que se eu continuasse assim iria sofrer muito. E em muitos momentos sofri. Desejei ser menos intensa, sentir tudo meio morno como o resto do mundo. Mas se de um lado sentir muito na maioria das vezes me devora, de outro reconheço que foi minha sensibilidade que tornou esse trabalho possível.

O obstáculo que enfrentei ultrapassava o ainda pertinente conservadorismo acadêmico de um fazer pesquisa à distância, de uma forma imparcial e impessoal. Em muitos momentos, eu fui meu próprio algoz. Por essa razão considero o fazer da pesquisa cartográfica duplamente difícil, pois nos confrontamos com nosso íntimo, com coisas que conscientemente tentamos esconder de nós mesmos, mas que precisamos externar em forma texto. É preciso despir-nos para nós mesmos e para aqueles que se propõem a ler-nos. A vergonha da nudez nos trava. É preciso coragem para se permitir desnudar. Aqui, me proponho ser não somente pesquisadora, mas ser uma pesquisadora-cartógrafa, ser alguém que também *compõe* essa pesquisa, um ser que pesquisa "*com*", não somente alguém que produz algo sobre alguém. Não busco aqui falar em nome de Guattari, nem de Deleuze, nem tampouco de todos aqueles que compõem o referencial teórico desta investigação. Mas pretendo falar através deles, com eles. O fazer "com" remonta igualmente ao título dessa dissertação (*Cartografia de um Devir: sussurros nômades "com" uma pregoeira de rua em São Luís do Maranhão*), que enfatiza a abordagem colaborativa inerente ao fazer cartográfico. Optar por utilizar a preposição "*com*" ao invés de "*sobre*" traz à tona o intuito de adentrar ao território de minha interlocutora não apenas analisando ou pensando sobre ela, mas dialogando *com* ela. Em minha vivência na pesquisa em Filosofia, fui instigada sempre a pensar "a partir de". Sempre partindo do pensamento de algum filósofo. Enxergo o ato de cartografar como uma atividade que transcende as fronteiras temporais, sobretudo por essa tarefa se propor mapear territórios humanos, não-humanos e existenciais. Uma pesquisa cartográfica nunca é solitária, é sempre construída em conjunto. Não é feita por seu pesquisador cartógrafo, mas em parceria entre pesquisador e interlocutor. Desse modo, esta investigação será construída a partir das experiências de pesquisa e percurso de vida de sua pesquisadora e do percurso de vida e memórias de sua interlocutora.

Inicialmente, minha proposta investigativa se propôs a caracterizar hibridações específicas da cidade de São Luís a partir do mapeamento e da identificação dos afetos dos grupos culturais instituídos pelo Plano Municipal de Cultura. No entanto, as experiências vivenciadas nos primeiros meses de mestrado, bem como os afetos que me atravessaram, proporcionaram a mim um outro olhar sobre o objeto de estudo ora proposto. Hoje, reconheço

que cartografar afetos é uma tarefa contínua, de modo que se uma vida inteira se torna insuficiente para cartografar todos os territórios que atravessam o ser. Por esse motivo, fez-se necessário que eu delimitasse meus objetivos e reestruturasse minha pesquisa. E confesso que não foi fácil desterritorializar de minhas ideias e propostas iniciais, mas foi necessário para que eu pudesse reterritorializar.

Em visitas ao campo de pesquisa (Centro Histórico da cidade) foi possível constatar a existência de grupos culturais que são percebidos pela imaginação popular como integrantes da cultura local, mas oficialmente não são contemplados pelo Plano Municipal de Cultura (PMC). O plano, como documento que atua como um instrumento essencial para o reconhecimento, institucionalização, preservação e promoção da diversidade cultural, garante que os grupos culturais reconhecidos por ele sejam vistos pelo poder público como participantes da construção e do enriquecimento da identidade cultural local. Muito embora tenha tido uma construção democrática, há no fundamento do PMC uma hierarquia subjacente que acaba por influenciar na identificação e promoção de determinados grupos culturais em detrimento de outros. Entre os agentes culturais que passam despercebidos pela gestão pública estão os pregoeiros de rua (vendedores ambulantes que são caracterizados pela forma peculiar de anunciar seus produtos através de pregões). Os mais populares representantes desse grupo Seu Bem-te-vi, o sorveteiro, e Dona Corina, vendedora de pirulitos são retratados no Museu da Gastronomia Maranhense e no ano de 2022 receberam da prefeitura uma estátua em sua homenagem na praça Nauro Machado no centro histórico da cidade. Contudo, embora tenham sido agraciados com homenagens, ainda permanecem invisíveis para o poder público a partir do Plano Municipal de Cultura.

Desse modo, escolhemos a pregoeira Corina Serra da Silva Martins, - ou Dona Corina, como é mais conhecida- como a interlocutora dessa investigação. A escolha de uma pregoeira justifica-se pela identificação da pesquisadora como mulher, além de Dona Corina ser considerada pelo imaginário popular como a pregoeira mais antiga e figura lendária da história de São Luís. Dada sua idade avançada, que atualmente possui 97 anos, e enfrenta desafios de visão debilitada e incapacidade de escrever, tornou-se imperativo que seus familiares assumissem um papel ativo no acompanhamento da pesquisa. Durante visitas preliminares, identifiquei na residência de Dona Corina uma espécie de acervo de lembranças compartilhadas que se constituem como conteúdo de uma memória coletiva (Halbwachs, 1950). Desse modo, tornou-se relevante a inclusão de seus familiares diretos (filha, neta e bisneta) na pesquisa.

Essa pesquisa, orientada pelo método cartográfico, tem como objetivo geral explicitar o devir-pregoeira de Dona Corina, a pregoeira de rua mais antiga de São Luís. A pergunta que

move a pesquisa é: “Em que consiste o devir-pregoeira para Dona Corina?”. Para atingir esse propósito, estabelecem-se os seguintes objetivos específicos: a) Expor o conceito de território existencial tal como é apresentado por Félix Guattari nas obras *O Inconsciente Maquínico* (1979) e *As Três Ecologias* (1989); b) Descrever como a pregoeira caracteriza sua prática e sua relação com o espaço urbano; c) Apontar os excessos vitais presentes nas memórias e nas práticas cotidianas de Dona Corina, revelando o devir-pregoeira e suas implicações existenciais.

O território de investigação delineado para esta cartografia assume uma natureza aberta, intrinsecamente entrelaçada às experiências e percursos vivenciados e percorridos por mim como pesquisadora. Geograficamente, o ponto de partida se estabelece pela minha própria trajetória de vida na cidade de São Luís no estado do Maranhão, que se configura parte pertencente a construção de meu percurso metodológico. São Luís, capital do estado do Maranhão, é uma ilha localizada na região Nordeste do Brasil, conhecida por ser rica em sua história e cultura. Embora existam controvérsias sobre sua fundação em 8 de setembro de 1612, oficialmente[1] afirma-se que a cidade foi fundada pelos franceses e posteriormente colonizada pelos portugueses. O centro histórico, tombado pela UNESCO como Patrimônio Mundial, é repleto de casarões antigos e igrejas. O Centro Histórico da Cidade enquanto território vivo onde a vida da cidade acontece, bem como os principais museus ludovicenses marcam meu encontro com a figura dos pregoeiros no tecido social da cidade. A casa de Dona Corina, localizada no bairro do Maiobão, munícipio de Paço do Lumiar na região metropolitana de São Luís também se constitui como local de pesquisa. O bairro é considerado centro periférico por estar situado nos arredores do município, a uma distância de 7,5 km de sua sede municipal. Entretanto, sua proximidade com São Luís lhe atribui potencialidade de centralidade.

Foi utilizada uma abordagem abrangente na colheita de dados, com instrumentos de colheita de dados métodos bibliográficos, documentais e pesquisa de campo. A colheita bibliográfica visa aprofundar a compreensão teórica acerca do próprio fazer cartográfico, utiliza fontes da literatura especializada em cartografia e micropolítica. A pesquisa documental, por sua vez, concentra-se na análise de documentos relacionados ao tema dos pregoeiros de rua de São Luís do Maranhão. No campo empírico, são utilizadas entrevistas cartográficas semiestruturadas e semiabertas com Dona Corina e sua família, colhidas na residência familiar localizada no bairro do Maiobão com objetivo de colheita e escuta de narrativas de histórias de vidas que são registradas em um Diário de Bordo. Além disso, a colheita de dados no campo

[1] Para Lacroix (2008), a capital do Maranhão foi fundada pelos portugueses, pois foi o período de ocupação francesa na ilha do Maranhão (1612-1615) não foi suficiente para que se pudesse estabelecer uma colônia permanente. O historiador Mário Martins Meireles sugere que é mais apropriado afirmar que São Luís é uma cidade de origem portuguesa com início francês.

será conduzida em museus localizados no centro histórico da cidade, explorando exposições de arte dedicadas aos pregoeiros. Outro ponto de colheita será a casa da interlocutora. A abordagem proposta, pois, abrange a análise das linhas de fuga e dos devires. Em outras palavras, significa analisar as rupturas e transformações que surgem no objeto de estudo em resposta à sua ausência no plano de cultura. Outrossim, concentra-se nas micropolíticas, isto é, na resistência e criação de subjetividades que se manifestam diante da ausência. As narrativas do fazer de Dona Corina são as linhas de composição de um mapa. Junto a elas, estão também minhas narrativas "cartográficas", descrevendo minhas vivências, afetos e processos de subjetivação no contato com o território observado. O fazer da Cartografia não se finda, é uma viagem contínua por territórios, guiada por mapas que se modificam de acordo com a dinâmica da realidade social. Desse modo, é assim que surge a abertura para a criação de novos mapas, novas viagens, novos encontros, de outras Cartografias.

A partir do contato com o campo de pesquisa e das narrativas compartilhadas por Dona Corina, a hipótese que passou a orientar a investigação foi a de que ela não se reconhecia como pregoeira. O desencontro entre o papel social "imposto" e a percepção de si mesma passou a ser central para mim, direcionando a investigação para a análise do devir-pregoeira de Dona Corina. Os resultados colhidos são analisados a partir de duas categoriais conceituais, sendo elas: 1) Territórios Existenciais e 2) Ecosofia. Um território existencial, tal qual é pensado por Guattari (1988) não é de forma alguma estático, é sempre dinâmico, moldado pela interação contínua. Enquanto categoria conceitual de análise de dados essa categoria é utilizada como estratégia para a análise e interpretação das narrativas colhidas em campo para compreensão do processo de feitura desses territórios, levando em consideração as mudanças, criações, recriações e transformações vivenciadas por ambas as partes. A abordagem Ecosófica (1990) por sua vez, fundamenta-se nas três ecologias (meio ambiente, relações sociais e subjetividade humana) oferece uma lente teórica de caráter interdisciplinar para análise dos resultados obtidos no campo de pesquisa.

As especificidades desta pesquisa de natureza interdisciplinar que contempla elementos da filosofia, com uma metodologia cartográfica, em um espaço geográfico do eixo norte-nordeste de um país latino-americano (Brasil), que se relaciona a uma figura cultural do imaginário popular ludovicense implicam em um projeto original ao contribuir com dados novos e com novas bases conceituais academicamente relevantes. Nessa assertiva, este trabalho vincula-se a Linha de Pesquisa LP1 -Expressões e Processos Socioculturais do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (PGCULT) que, "estuda as ações e relações entre indivíduos e comunidades, suas práticas, representações e expressões estéticas, artísticas e

simbólicas, conhecimentos culturais e filosóficos, comunicação, etnicidades, sociabilidade, identidades, gêneros e memórias" (PGCULT, 2022; *grifou-se*). Nesse sentido, uma vez que ressalta-se a seguinte meta do convênio citado: "realização de estudos e divulgação científica de *pesquisas que priorizem objetos de estudos locais* e regionais" (PGCULT, 2022; *grifou-se*), a presente pesquisa se alinha aos objetivos do programa, almeja também enriquecer o campo acadêmico nas áreas de ciências humanas e sociais ao oferecer objeto de estudo intrinsecamente conectado às realidades locais e regionais, através da interlocução entre as áreas da Cultura, Políticas Públicas e Filosofia.

Esta investigação possui uma importância particular para quem se propõe a realizá-la. Enquanto alguém que sempre foi afetado e impulsionado pelo desejo de analisar e compreender as complexidades da experiência humana, com este trabalho, me proponho a tornar objetivamente conhecido o distante espaço cultural onde vive, revelando-o como parte viva do território nacional e dos agenciamentos globais. Conhecer-se em seu próprio mundo e tornar esse conhecimento acessível é a relevância pessoal do presente trabalho. Cabe ressaltar que a interdisciplinaridade do presente trabalho possui como núcleo a ideia de transversalidade como uma articulação entre não só disciplinas distintas (Filosofia, Etnografia, História e Geografia Urbana), mas também registros distintos como o mental, o social e o ambiental. Ademais, a relevância desta pesquisa estende-se para além dos limites acadêmicos e pessoais, objetivando contribuir significativamente para a divulgação de conhecimento popular. Dona Corina, uma pregoeira de rua, com suas memórias e seu pregoar, representam, pois, um elo entre a cultura popular ludovicense e a academia. Desse modo, dentre os impactos esperados aponto objetivamente: a) Contribuir com a Universidade e com o PGCULT, apresentando um trabalho original e com relevância social; b) Colaborar com a divulgação de conhecimento popular; c) Dar visibilidade à pregoeira e consequentemente ao grupo de pregoeiros de rua.

A dissertação organiza-se em cinco seções. A primeira seção corresponde à introdução deste trabalho e traz breve contextualização do tema, seu cenário, seus objetivos, justificativa e relevância da dissertação, o problema de pesquisa. Faz-se um esboço do percurso metodológico e das principais categorias teóricas que permearão este estudo. A segunda seção detalha o percurso metodológico da pesquisadora, apresentando sua relação com as categorias conceituais centrais para a pesquisa. Destacam-se, especialmente, os conceitos de território existencial e ecosofia, tal como apresentados por Félix Guattari nas obras *O Inconsciente Maquínico* (1979), *As Três Ecologias* (1989) e *Caosmose* (1992), além do conceito de Cartografia, conforme desenvolvido em *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia* (1980), em colaboração com Gilles Deleuze, e o conceito de memória, abordado por Deleuze em *Bergsonismo* (1968), *Diálogos*

(1980) e *Proust e os Signos* (1964). A terceira seção apresenta uma revisão da literatura sobre os pregoeiros de rua, com foco na história e na representação desses trabalhadores em São Luís do Maranhão. Além disso, realiza-se uma análise crítica, interdisciplinar e transversal do material obtido, desterritorializando as abordagens tradicionais e utilizando as categorias conceituais adquiridas ao longo do percurso metodológico. A quarta seção apresenta uma análise qualitativa das entrevistas colhidas durante o trabalho de campo, com foco nas narrativas de Dona Corina sobre sua prática como pregoeira. Questiona-se o que é um devir-pregoeiro para Dona Corina. A quinta e última seção compreende as Considerações Transitórias (finais) do trabalho. Reflete sobre o processo de pesquisa cartográfico. destacando o caráter transitório e contínuo da cartografia realizada.

2 TRAJETÓRIAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS: cartografia, ecosofia, memória e territórios existenciais

A presente seção do trabalho aborda os trajetos metodológicos que fundamentam a pesquisa, elucidando os caminhos teórico-práticos que orientam sua construção. Nesse contexto, são apresentados e discutidos os conceitos de cartografia, ecosofia, memória e territórios existenciais, que constituem as bases conceituais para a análise e a interpretação do objeto de estudo.

2.1 Os percursos até o "com"

> "*Escrevemos o Anti-Édipo a dois. Como cada um de nós era vários, já era muita gente. Utilizamos tudo o que nos aproximava, o mais próximo e o mais distante. […] Não chegar ao ponto em que não se diz mais EU, mas ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer EU. Não somos mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus. Fomos ajudados, aspirados, multiplicados*[2]." – (Deleuze e Guattari, Mil Platôs).

A escolha de iniciar meu texto com a citada passagem de *Mil Platôs* reflete o que acredito ser a essência fundamental que permeia a abordagem cartográfica (e que é adotada nesta pesquisa). Sueli Rolnik, alega na *Apresentação* de seu trabalho em parceria com Félix Guattari, *Micropolítica: Cartografias do Desejo* **(**1986), que seu livro não foi escrito a quatro mãos (as de Guattari e as dela), mas que "na verdade, muitas mãos o escreveram...". Reconheço isso em meu trabalho: ele foi escrito por mim, mas resulta do meu encontro com minha interlocutora e de todos os encontros no caminho em que trilhei que me levaram até ela (e de todos os encontros que ela vivenciou até me encontrar também). Nesse ponto, me despojo de minhas vestes de pesquisadora (um alguém indiferente e distante do sujeito que estuda) e coloco-me na posição de pesquisadora-cartógrafa, alguém que não pesquisa *sobre*, mas que pesquisa "*com*". Alguém que permite que seus afetos dialoguem com os afetos de outrem. Ou que "outra pessoa desabre" em nós, como diz Manoel de Barros[3]. Aqui, retorno novamente para Rolnik (2011) que diz que o contato do pesquisador-cartógrafo com os *afetos* do campo de pesquisa, lança sobre ele uma espécie de estado de "outramento", que resta para ele somente o risco de se perder de sim mesmo e tornar-se, pois, um estrangeiro de si, assim, experimentando

[2] Deleuze e Guattari, 1980, p. 17.
[3] Barros, 2010, p. 436.

a cartografia “com” diferentes modos de existir. Mas sobretudo, coloco-me aqui como uma *história* e uma *geografia*. Por esse motivo, nas linhas que se seguem, dedico-me a contar cartograficamente quem eu sou.

O *eu* que apresento aqui, não é uma construção puramente narcísica, mas é pautado nos processos de subjetivação elaborados por Deleuze e Guattari, cujas concepções identitárias, essencialistas, universais e unitárias da subjetividade são enfraquecidas em detrimento de uma lógica poiética, caracterizada por linhas, fluxos e nomadismos. Assim, a subjetividade não se pauta dentro de uma Filosofia da Identidade, mas afirma-se na diferença. Em *Carta a um crítico Severo*, publicada em *Conversações*, Deleuze diz algo que considerei tão bonito quanto poético e político, ao discutir sobre a natureza da identidade e do Eu, aponta que dizer algo em nome próprio não é simplesmente falar como um indivíduo isolado, mas envolve um processo de despersonalização, onde o indivíduo se abre para as multiplicidades e intensidades que o atravessam:

> Dizer algo em nome próprio é muito curioso, pois não é em absoluto quando nos tomamos por um eu, por uma pessoa ou um sujeito que falamos em nosso nome. Ao contrário, um indivíduo adquire um verdadeiro nome próprio ao cabo do mais severo exercício de despersonalização, quando se abre às multiplicidades que o atravessam de ponta a ponta, às intensidades que o percorrem. O nome como apreensão instantânea de uma tal multiplicidade intensiva é o oposto da despersonalização operada pela história da filosofia, uma despersonalização de amor e não de submissão. Falamos do fundo daquilo que não sabemos, do fundo de nosso próprio subdesenvolvimento. Tornamo-nos um conjunto de singularidades soltas, de nomes, sobrenomes, unhas, animais, pequenos acontecimentos: o contrário de uma vedete. (Deleuze, 2008, p. 15)

Assim, o filósofo contrasta sua percepção com a ideia de despersonalização da história da filosofia, sugerindo que a despersonalização que ele fala não é uma submissão, mas sim um ato de amor. Ao abrir-se para essas multiplicidades e intensidades, o sujeito alcança uma compreensão mais profunda de si mesmo e do mundo ao seu redor. A renúncia da ideia de um “*Eu*” autônomo, traz à tona não mais a ideia de um indivíduo, mas um conjunto constituído de várias partes de si mesmo e do mundo ao seu redor (singularidades, nomes, sobrenomes, unhas, animais, acontecimentos), permitindo assim que o verdadeiro nome próprio surja.

Além disso, acredito ser interessante mencionar também que em seu trabalho em conjunto com Guattari, mais precisamente em *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia* (1980) (*Mille Plateaux: Capitalisme et schizophrénie*, Deleuze aponta que os processos de subjetivação são formados por três tipos de linhas: a) de segmentaridade dura, b) de segmentaridade maleável e c) de fuga. As linhas duras são aquelas que estabelecem os grandes

grupos molares. Isto quer dizer que são as responsáveis por determinar as dualidades que regem a sociedade, como por exemplo, o contraste entre rico e pobre, dominante e dominado, bem e mal etc. Além disso, elas também estabelecem os papéis sociais a exemplo de patrão e operário, professor e aluno, militar e civil, solteiro e casado etc. São mecanismos de controle, padronização, enquadramento e normatização, buscam manter a ordem e evitar comportamentos considerados inadequados em um contexto social estabelecido. São linhas de castração. Elas não se limitam apenas aos grandes estratos da sociedade, mas também permeiam os relacionamentos interpessoais dos sujeitos. Nesse sentido, a existência é moldada por essa dinâmica: não somente as grandes estruturas sociais (ou em uma linguagem mais deleuzo-guattariana, conjunto molares, isto é, Estados, classes sociais, instituições), mas também as pessoas como partes integrantes dessas estruturas, os afetos são segmentarizados. Essa segmentarização não visa perturbar ou dispersar, mas garantir e controlar a identidade de cada elemento, inclusive a identidade pessoal (Deleuze & Guattari, 1996, p. 67). Por sua natureza dual, tendem a simplificar a complexidade da realidade ao não considerar variações. Elas dividem os sujeitos em dois grupos distintos, seguindo uma lógica de cortes: aqueles que se encaixam e os que não se encaixam no contexto que essas linhas representam e mantêm. São, pois, de ordem e estabilidade[4]. Em *Diálogos*[5] (1980), Deleuze também comenta sobre os tipos de linha que compõe o indivíduo. Sobre o primeiro tipo ele diz o seguinte:

> E a cada vez, de um segmento a outro, nos dizem: agora você já não é um bebê; e na escola, aqui você não é mais como em família; e no exército, lá já não é como na escola... Em suma, todas as espécies de segmentos bem determinados, em todas as espécies de direções, que nos recortam em todos os sentidos, pacotes de linhas segmentarizadas. (Deleuze, 1998, p. 101)

O autor traz à tona, pois, como nós somos constantemente fragmentados e moldados por essas linhas, ou como ele mesmo fala, por esses “segmentos bem determinados” que nos dividem em categorias e nos impõem certos comportamentos e papéis sociais. Ao mesmo tempo em que somos moldados pelas linhas duras, somos também atravessados por linhas mais flexíveis e em certa medida “moleculares”. As linhas de segmentaridade maleável, por sua vez, possuem um funcionamento rizomático, fluido. Para os autores, as linhas maleáveis possuem

[4] É interessante pensar que, enquanto lia sobre esse aspecto das linhas duras não tive como não as comparar (acredito que por conta da minha formação filosófica) com a falácia da falsa dicotomia, devido a simplificação excessiva da realidade. Tanto as linhas duras quanto a falsa dicotomia tendem a reduzir a uma dualidade simplista, ignorando as variações e multiplicidades que existem na realidade.

[5] Compreendo que "*Diálogos*" antecedeu a publicação de "*Mil Platôs"*. No entanto, devido à natureza rizomática deste trabalho, optei por organizar os comentários sobre as respectivas obras não seguindo uma ordem cronológica.

“impulsos e rachaduras na imanência de um rizoma, ao invés dos grandes movimentos]: e dos grandes cortes determinados” (Deleuze e Guattari, 1996, p.72). São mais flexíveis e de uma natureza micropolítica. Elas atravessam tanto as sociedades quanto os indivíduos, traçando algumas singelas modificações em níveis mais íntimos:

> Não que sejam mais íntimas ou pessoais, pois elas atravessam tanto as sociedades, os grupos quanto os indivíduos. Elas traçam pequenas modificações, fazem desvios, delineiam quedas ou impulsos: não são, entretanto, menos precisas; elas dirigem até mesmo processos irreversíveis. Mais, porém, do que linhas molares a segmentos são fluxos moleculares a limiares ou quanta. Um limiar é ultrapassado, e não coincide, necessariamente, com um segmento das linhas mais visíveis (Deleuze, 1998, p. 101).

Esse segundo tipo transforma e molda identidades, (e) comportamentos em diferentes níveis, desde as dinâmicas sociais (ou de grupos) até experiências individuais subjetivas.

> Muitas coisas se passam sobre essa segunda espécie de linhas, devires, micro-devires, que não têm o mesmo ritmo que nossa “história”. Por isso são tão penosas as histórias de família, as referências, as rememorações, enquanto todas as nossas verdadeiras mudanças passam em outra parte, uma outra política, outro tempo, outra individuação. Uma profissão é um segmento duro, mas o que é que se passe lá embaixo, que conexões, que atrações e repulsões que não coincidem com os segmentos, que loucuras secretas e, no entanto, em relação com as potências públicas: por exemplo, ser professor, ou então juiz, advogado, contador, faxineira? (Deleuze, 1998, p. 101).

Estas são, pois, as linhas dos micro-devires, das dinâmicas internas não visíveis. Por não se inserirem em dualidades, sofrem, de um lado, a pressão para que sejam constantemente sobrecodificadas por linhas rígidas, de outro, para que sigam os devires e se desestratifiquem. É nesse ponto que se aproximam do terceiro tipo de linha, a de fuga:

> Ao mesmo tempo ainda, há como que uma terceira espécie de linha, esta ainda mais estranha: como se alguma coisa nos levasse, através dos segmentos, mas também através de nossos limiares, em direção de uma destinação desconhecida, não previsível, não preexistente. Essa linha é simples, abstrata, e, entretanto, é a mais complicada de todas, a mais tortuosa: é a linha de gravidade ou de celeridade, é a linha de fuga e de maior declive (“a linha que o centro de gravidade deve descrever é, certamente, bem simples, e, pelo que ele acreditava, reta na maioria dos casos, mas de outro ponto de vista, tal linha tem algo de excessivamente misterioso, pois, segundo ele, ela não tem nada senão o caminho da alma do dançarino...” Essa linha parece surgir depois, se destacar das outras, se conseguir se destacar. Pois, talvez haja pessoas que não têm essa linha, que têm apenas as duas outras, ou que têm apenas uma, que vivem apenas sobre uma. No entanto, de outra maneira, essa linha está aí desde sempre, embora seja o contrário de um destino: ela não tem que se destacar das outras; ela seria, antes, primeira, as outras derivariam dela (Deleuze, 1998, p. 102).

As linhas de fuga são linhas de desterritorialização, de ruptura, isto é, elas rompem com as convenções sociais instituídas e promovem mudanças que muitas vezes acabam passando despercebidas, não sendo codificadas nem pelas linhas rígidas nem pelas maleáveis. Elas

representam um movimento em direção a uma destinação desconhecida e imprevisível, que não existe previamente. Essas desterritorializações e rupturas desfazem o *eu* (com suas relações estabelecidas), conduzindo-o à pura experimentação do *devir*, bem, ao menos momentaneamente. Esses três tipos de linhas se entrelaçam constantemente, são imanentes, interferindo sempre umas nas outras. Como Deleuze alega "temos tantas linhas emaranhadas quanto a mão. Somos complicados de modo diferente da mão". (Deleuze, 1998, p. 102). Ainda de acordo com Deleuze, "o que chamamos por nomes diversos - esquizoanálise, micro-política, pragmática, diagramatismo, rizomática, cartografia - não tem outro objeto do que o estudo dessas linhas, em grupos ou indivíduos" (Deleuze, 1998 p.102). É nesse sentido que para a cartografia, a filosofia dos movimentos aberrantes e filosofia da diferença, não existe em nós um sujeito único, mas sim vários. O "*eu*" nada mais é que um conjunto de territórios que se encontram, se sobrepõem e expressam populações étnicas, políticas, geográficas, de sexualidade... É a expressão de encontros, traçados a todo instante pelas linhas que o atravessam nos mais diversos contextos de sua existência. Acredito que ao trazer informações sobre o meu eu, ressalto que minha voz performará um relato sobre um território e uma geografia em uma posição minoritária e não-hegemônica, que embora nossos territórios possuam muitos pontos incomuns, em algum momento se encontram. Esta cartografia não se desvincula de minha corporeidade e materialidade, de meu gênero, de minha classe social, da história, da geografia e cultura da qual pertenço.

O meu *Eu* é a expressão de encontros entre diferentes territórios que se encontraram. Este relato se insere como parte componente desta cartografia. Nesse sentido, penso ser importante narrar as experiências e experimentações vivenciadas por mim ao longo do meu percurso de vida, que, em certa medida, me conduziram ao objeto desta pesquisa e na mesma medida compõem a metodologia dessa dissertação. Minha história começa antes de minha existência. Minha existência só se tornou possível, por conta da história e da geografia daqueles que vieram antes de mim. O meu "*eu*" se inicia com o encontro de uma migrante nordestina com um carioca descendente de italianos. Sou filha de uma mãe solo que assumiu a maternidade antes mesmo de completar seus vinte anos. Minha mãe foi a filha caçula dos onze frutos do casamento de meus avós. Dois deles faleceram ainda nos primeiros dias de vida. Geograficamente, a origem da minha família se inicia em Rampa, um pequeno povoado do município de *Humberto de Campos (MA).* Meus avós, analfabetos, dedicavam-se ao labor na roça para sustentar a família.

Em meados de 1980, quando minha mãe mal tinha completado um ano de existência, meus familiares migraram para a capital do estado do Maranhão, almejando melhores condições

de vida. Assim como outras famílias vindas do interior do estado, minha família construiu sua casa de taipa na região do Coroadinho, que na época ainda era uma ocupação ilegal. Para ajudar no sustento da casa, conforme iam alcançando a pré-adolescência, minhas tias seguiam para trabalhar como domésticas em casas de famílias com grande poder aquisitivo. Não aconteceu diferente com minha mãe. Aos quinze anos embarcou para o Rio de Janeiro com a proposta de trabalhar na casa de uma família e terminar seus estudos. Foi lá que seus caminhos cruzaram os caminhos de meu genitor. Um marinheiro recém-admitido à corporação. Foi um romance breve, mas o suficiente para deixar marcas: a minha existência. Algumas situações que me foram silenciadas trouxeram minha mãe de volta à São Luís, e naquele momento, ela ainda não tinha ciência de que já trazia consigo a semente da minha existência em seu ventre. Alguns acontecimentos desse período me foram ocultados, acredito que alguns afetos ainda não tenham sido resolvidos. Hoje, respeito sua decisão de engavetar essas lembranças, embora isso respingue em mim em forma de lacuna, se manifeste como um espaço em branco no começo de minha história. Tenho poucas recordações de minha infância. Minha mãe trabalhava para me sustentar, portanto era um tanto ausente, então fui criada pela minha avó, Cercilina e pela minha tia, Luzia (que carinhosamente chamo de mãe também). Vivi até os 21 anos no bairro do Coroadinho na casa da minha avó (que já não era mais a casa de taipa construída pelo meu avô, mas uma casa de alvenaria, ainda sim simples).

Dentre as poucas coisas que recordo, a que mais se ressalta é a minha paixão pela leitura. Lembranças de momentos brincando de ler à noite para minha mãe Luzia dormir ou ensinando minha avó Ceci escrever seu próprio nome me atravessam até os dias de hoje. Eu era uma criança estranha, gostava mais de ler do que brincar. Cresci com a sensação que todos os autores dos livros que eu lia eram meus amigos. Mamãe Luzia e eu tínhamos uma espécie de ritual, toda noite por volta das 20h ela tomava seu banho, vestia seu pijama e me chamava para pegar um livro para lermos. Era um dos meus momentos favoritos do dia, gostava muito dessa inversão de papéis. Na televisão eu assistia às mães lendo para os filhos dormirem, em casa era eu quem lia para minha mãe dormir. Considero minha segunda mãe a responsável por me fazer amar literatura. Recordo-me de que na mesma fase em que eu estava aprendendo ler e escrever, ensinava minha avó a assinar seu nome. Outras vezes, eu a ajudava a ler sua bíblia. Se forçar a memória consigo lembrar de vovó Ceci e eu sentadas no chão de cimento da sala de nossa casa às 14h da tarde (era sempre após o almoço), minha avó com as costas encostadas no sofá usando um de seus vestidos floridos (era a marca registrada dela) e seu óculos no rosto, apoiava um de meus cadernos em seu joelho enquanto segurava um lápis na mão direita. Eu, em meus sete

anos de idade ficava ao seu lado tentando repassar o que eu conseguia lembrar do que minha professora havia ensinado na escola.

Forçando ainda mais a memória consigo lembrar de minha avó contando a “historinha” que criou para mim. Era a história da Corujinha e do Bacurau. O cenário era o interior onde ela cresceu. Ela narrava, imitava sons e cantarolava musiquinhas que ela criava. Às vezes nos finais de tarde, outras vezes no descanso pós-almoço lembro de pedir “vovó, conta a historinha pra mim” e ela começava... Bacurau, se tornou o apelido pelo qual minha avó me chamava, da mesma forma que “Corujinha” era o jeito carinhoso que eu me referia a ela. Vovó Ceci tinha o sonho que nunca pôde ser realizado de ir à escola. Nasceu em um período e com uma condição social (e econômica) em que estudar era considerado luxo, era necessário trabalhar na roça, renunciar à infância para sobreviver. Ela nunca pôde ter acesso a mais alta literatura, mas mesmo sem saber decifrar as palavras, sem sequer ter contato com um livro, minha avó possuía uma sabedoria capaz de deixar o mais nobre intelectual admirado. Embora a presença paterna e materna não fossem uma realidade para meu pequeno “eu”, vovó Ceci fez o que pôde para suprir a ausência. Na história, a coruja protegia e cuidava do bacurau. Em nossa história, minha avó coruja cuidou, protegeu e amou incondicionalmente a mim.

Como mencionado em linhas anteriores, não consigo lembrar muita coisa de minha infância, mas tenho guardada como uma memória bastante viva que o Centro Histórico da cidade foi significativo para mim e minha família. Passear por lá era um dos nossos programas favoritos. Costumávamos ir sempre aos fins de tarde, nos arrumávamos e íamos de ônibus até lá. Minha mãe Luzia sempre me contava que esse era meu passeio favorito. Abaixo deixo um dos registros de uma de minhas andanças por lá durante a infância:

Imagem 1 - Foto antiga minha, criança correndo no Palácio dos Leões.

Fonte: Arquivo Pessoal, 2024.

Na imagem acima (Imagem 1), eu deveria ter entre dois e três anos, ano de 2002. Não lembro de nada desse dia, mas pelas fotos que temos guardadas e pelas perguntas que fiz à minha mãe Luzia, sei que descemos na Praça Deodoro no centro da cidade e seguimos até o Centro Histórico. Andamos pela escadaria da Praça Nauro Machado, pela Fonte do Ribeirão e finalizamos vendo o sol se pôr no Palácio dos Leões. É engraçado pensar que esse é um hábito que guardo comigo até os dias de hoje, sempre que estou pelo centro da cidade vou até o mesmo lugar para ver o sol se despedir. Dentre os hábitos que permaneceram de minha infância até quem *estou* hoje, a leitura está inclusa. Hoje, acredito que minha história na filosofia foi, de certa forma, prenunciada desde meus primeiros encontros com as páginas, as palavras e a poesia. Os livros, que me foram apresentados antes mesmo que eu soubesse decifrar as palavras, tornaram-se ainda mais presentes durante minha adolescência e a incansável busca por compreensão e sentido da vida intrínsecos a essa fase. Sou fruto da educação pública. Estudava em uma escola no centro da cidade. Foi somente no ensino médio que tive verdadeiramente meu primeiro contato com a filosofia enquanto disciplina, e não foi preciso mais que uma aula para eu me apaixonar. Naquele momento a filosofia plantou em mim dúvidas, inquietações e mostrou a mim a direção das respostas que eu buscava e que até então ninguém mais soube responder.

Fui criada em uma família cristã. Aos nove anos fui consagrada ao espírito santo, frequentava a escolinha bíblica da igreja, mas conforme ia crescendo, aquilo não fazia o menor sentido para mim. Acreditava porque me ensinaram que era preciso. Eles diziam que eu devia acreditar porque era o certo, mas não sabiam me dizer o porquê. Conceber que havia um criador fora deste planeta era impossível para mim, mas guardava minhas inquietações para mim. Me sentia coagida a seguir o que me diziam para seguir, qualquer dúvida, qualquer opinião diferente era completamente repudiada. Aos doze anos eu comecei inventar desculpas para não ter de ir aos cultos, sempre uma dor de barriga, uma dor de cabeça, uma prova para estudar para o dia seguinte... com o passar dos dias venci minha família no cansaço e consegui cortar os laços com uma fé que não fazia sentido para mim. É claro que foi uma atitude reprovada por eles. Quando completei catorze anos, após leituras e estudos descobri um nome para como me sentia: ateísmo.

Lembro-me de que, para além dos livros, documentários e filmes eram minhas distrações prediletas. Em um final de tarde de sábado no ano de 2016 (um período em que eu adquiri gosto por ver documentários biográficos sobre pensadores da humanidade) enquanto explorava as opções disponíveis no YouTube (os serviços de streaming ainda não faziam parte da minha realidade), um título capturou minha atenção: "*Humano, Demasiado Humano*", foi nesse momento que meus caminhos se encontraram com a filosofia do martelo. O documentário

narrava a biografia de Friedrich Nietzsche, um filósofo alemão do século XIX que até então era desconhecido por mim. Uma frase em específico me marcou muito:" como pode o homem transcender a si mesmo?". Eis o *Übermensch*. Lembro de ter ficado admirada, encantada, e levemente apaixonada. Nietzsche e sua filosofia costumam fazer isso com a gente. Na época, a busca por compreender o significado do sofrimento humano começava a me consumir. Eu sentia que precisava de respostas. Não só respostas para uma pergunta genérica, mas precisava dessa resposta para mim mesma, para minhas próprias dores.

Esse era meu último ano no ensino médio, minha tinha tia Francisca, que carinhosamente nossa família chama de Neta, pagava um cursinho pré-vestibular para mim. Nascida em uma família de origem muito humilde, filha da única "mãe solteira" da família, a expectativa que meus familiares depositavam em mim era que eu conseguisse entrar em um curso que me proporcionasse (ao ver deles) uma boa remuneração. Minha mãe desejava que eu cursasse direito. Eu sentia que tinha o dever de fazer a escolha certa, a escolha mais racional uma escolha que desse orgulho para eles. Na contramão do que me aconselharam, escolhi ser professora de filosofia. Do contrário do que eu esperava, minha decisão não foi totalmente repudiada, mas também não foi louvada. Fui alertada dos grandes perigos da docência, e dos vieses do fazer prático de ser professora, mas para mim, no momento, isso pouco importava. Me sentia feliz e esperançosa. Na época, eu tinha o sonho bobo de querer ajudar a mudar o mundo. Sempre acreditei que a educação era a chave para tornar o mundo um lugar melhor. Hoje, ainda sou grande defensora da educação pública, mas um pouco menos esperançosa.

Durante a graduação sentia afinidade com algumas áreas como a Lógica, alguns autores existencialistas, mas nenhum dos autores que nos eram apresentados no curso fazia meu coração acelerar. Ainda no primeiro período da faculdade, lembro que um de meus professores nos orientou a não escolhermos pesquisar os autores que gostávamos, mas aqueles que não nos identificávamos. Segundo seu argumento, isso nos faria manter uma leitura e perspectiva crítica sobre a pesquisa. Mas de forma alguma eu conseguia me ver horas a fio debruçada sobre os livros de Kant ou de Hegel. O que eu realmente desejava era poder estudar Nietzsche e com ele pensar a resposta para a inquietação que havia me guiado até ali. O tempo passou, eu já estava no quarto período do curso, no ano de 2019, ainda não participava de nenhum grupo de estudos. Eu não conseguia me encontrar totalmente em nenhuma das possibilidades de pesquisa que estavam disponíveis para mim. Foi quando através de uma amiga consegui o Facebook de uma professora da universidade que pesquisava em Nietzsche, mas, devido aos desencontros da vida, essa professora havia partido para um doutorado na Alemanha no mesmo ano em que entrei no curso de filosofia. É bonito perceber que mesmo alguns desencontros de percurso fazem com

que nossos caminhos se encontrem com os caminhos de outro alguém. E foi após uma dose de coragem, uma mensagem de apresentação e uma longa reunião virtual que meu território cruzou o território dessa professora, que agora ganha um nome, ou melhor, dois nomes: Ellen Caroline. A professora Ellen abraçou a mim, a minha proposta de pesquisa e meus sonhos. Com ela, investiguei o problema ético da dor e do sofrimento em Nietzsche. Ao final da graduação, eu não havia obtido a resposta que eu tanto buscava, mas adquiri uma nova perspectiva sobre meu problema de pesquisa.

Pouco tempo depois de finalizar a etapa no ensino superior, iniciei a preparação para ingressar na pós-graduação. O ano de 2022 foi sem dúvidas o ano mais difícil e ao mesmo tempo o ano que mais conquistei objetivos. No primeiro mês do ano defendi meu trabalho de conclusão no curso de filosofia, conseguimos a aprovação com a nota máxima. Infelizmente, nesse mesmo período minha família devastada devido ao diagnóstico de neoplasia pulmonar da matriarca da família, minha avó. A notícia abrupta foi um choque para todos em casa. Embora o tratamento do câncer esteja cada vez mais eficaz, para nossa família o tratamento oncológico não nos foi dado como opção, mas sim os cuidados paliativos. Minha percepção experienciando esse momento doloroso é que há um grande despreparo e insensibilidade por parte da classe médica do país quando se fala em cuidados paliativos oncológicos em pacientes idosos, que acaba tornando esse cenário difícil em algo ainda mais sofrido para o paciente e seus familiares. O que ouvimos de diversos hospitais da cidade é que se não havia mais nada que pudesse ser feito, então eles (a equipe médica) não poderiam mais fazer algo por nós, manter (ou aceitar) minha avó no hospital não era uma possibilidade. Pesquisei muito, li artigos, e estudei com conhecidos da área jurídica as possibilidades de como tornar os últimos dias de minha avó menos sofridos, assim, ela permaneceu conosco em casa na maior parte dos dias e na fase mais aguda da doença conseguimos uma vaga para ela no Hospital do Câncer Aldenora Bello. Minha avó veio a falecer dois meses depois. No dia em que minha avó partiu era um domingo, fazia sol. Era minha vez de substituir minha mãe como acompanhante para que ela pudesse vir em casa dormir um pouco. Quando cheguei no quarto minha avó estava na cama, de olhos fechados, o cabelo solto, usava roupas típicas de hospital. Eu a via, mas não a reconhecia. Conversei um pouco com ela mesmo sabendo que talvez ela pudesse não me ouvir, falei que a amava muito.

Não passei mais de duas horas naquele hospital devido ao que ouvi da médica de plantão. Com frieza e total falta de empatia, ela disse após correr rapidamente os olhos pelo corpo frágil de minha avó: “do jeito que ela tá não passa de hoje”. Senti meu coração bater mais rápido, a cada batia equivalia a uma pontada no peito, eu sentia vontade de correr para longe dali. Meu maior medo estava prestes a se tornar real. Minha ficha caiu. Infelizmente ela estava certa,

minha avó faleceu as 21h35min no dia 13 de março do ano de 2022. Quando a notícia chegou para nós eu estava deitada para dormir. O telefone tocou e meu pai de criação França (marido de minha mãe Luzia) atendeu, de meu quarto eu conseguia ouvir o choro de minha mãe biológica no outro lado da linha. Eu já sabia do que se tratava. Ao contrário do que imaginei (e que todo mundo imaginou também) eu me sentia anestesiada, eu não sabia o que sentir, não consegui chorar ou expressar qualquer emoção. Eu vivi o luto com a minha avó ainda em vida, talvez por essa razão quando a notícia veio eu reagi como se estivesse em modo automático.

A cada novo dia que começava eu sabia que seria um dia a menos com ela, então em nossos últimos momentos eu sempre fazia questão de tentar gravar em minha memória cada traço de seu rosto, a textura de suas mãos, o timbre de sua voz e seu cheiro de lar. Eu sempre falei que quando minha vó Ceci partisse eu iria junto. Sempre tive problemas com despedidas, de amigos, de amores... o adeus nunca foi fácil para mim. A perda nunca é fácil para alguém que está sempre em uma situação limítrofe. Até então eu nunca tinha vivenciado o luto por morte. Perder minha avó sempre fôra meu maior medo. Todos estavam apreensivos em como eu reagiria a tudo o que estávamos vivendo. Não encarei a partida de minha avó de uma forma destrutiva como muitos se preocuparam, mas pautei todas minhas ações para honrar a existência dela e todo amor que me foi doado. Transformei minha dor em produção e criação.

Nove meses depois de perder minha avó recebi a notícia de minha aprovação no mestrado. Tento pensar os afetos que se ressaltam nesse trecho de minha geografia, durante essa transição. No fundo queria encontrar na filosofia nietzschiana a resposta para o problema ético da dor para tentar compreender minhas próprias dores. Acredito que a dor é filosófica. Toda dor implica em um “por quê?”. A dor faz parte de meu processo criativo de modo que durante toda a minha vivência de pesquisa em Nietzsche ela se fez presente, mas sempre acompanhada de uma ciência gaiata, de uma alegria na criação. É produzindo que consigo lidar com aquilo que está em excesso em mim, da mesma forma que meu processo criativo só se torna possível por conta daquilo que me aflige. A dor e sofrimento são modos de apresentação de um modo de vida dotado de potências de criação de si e da realidade que pertence. Acredito que nesse ponto, em certa medida, Deleuze se assemelha a Nietzsche: há uma afirmação a vida como criação e luta em oposição a morte na filosofia do pensador francês.

É a partir de Deleuze que meu território cruzou o território de meu orientador, o professor Flávio. Em 2019 comecei a frequentar o grupo de estudos desse nobre entusiasta do pensamento deleuziano. Meu orientador também foi um desses encontros bons que a vida nos proporciona, acolheu a minha proposta de pesquisa e a mim. Trouxe doçura e muita empatia nos diversos momentos em que tristeza e ansiedade irradiavam em mim. O que me aproximou

de Deleuze foi a proximidade de sua filosofia com a filosofia nietzschiana, mas agora, com certa vivência no fazer pesquisa em Deleuze percebo que apesar de sua apropriação conceitual pertinente, ele cria o seu próprio Nietzsche e a partir dele elabora sua própria filosofia. A pesquisa Deleuze-Guattari me tirou completamente de minha zona de conforto, sobretudo no que diz respeito a não mais enxergar a vida como falta, mas como pluralidade. Há uma dimensão da vida que é pura aberrância, é a dimensão dos excessos. Todos somos seres excessivos, a questão não é como eliminar aquilo que está em demasia em nós, mas como lidar. No meu caso, quando a vida oscila, transmuto em produção tudo aquilo que transborda em mim, seja excesso de sensibilidade, medo, tristeza, ansiedade...

Inicialmente, minha pesquisa seria um desenvolvimento da conclusão do meu trabalho de graduação (como o predomínio dos *afetos* sobre o pensamento determina a cultura). Fiz isto a partir da filosofia ética para a cultura. Meu objetivo era verificar isto em minha realidade, na cidade de São Luís. Partindo da cultura (identificando, em primeiro lugar, o que é denominado cultura) para ética. Investigando as realidades culturais fixadas institucionalmente pelo Conselho Municipal de Cultura no que concerne às particularidades de cada um dos grupos culturais que compõem o mosaico cultural institucionalizado de São Luís. Meu objetivo era cartografar os afetos predominantes em cada um dos 20 (vinte) grupos que compõem a cultura ludovicense. Um objetivo audacioso, visto que cartografar afetos é uma tarefa que não se finda em uma vida, quanto mais em vinte e quatro meses de mestrado.

O contato com o conceito de cultura como força reacionária, que mantém estruturas de poder e dominação, foi essencial para me fazer olhar para o que estava para além do Plano Municipal de Cultura, isto é, um documento que representa institucionalmente as diretrizes culturais a nível municipal. Guattari juntamente com Sueli Rolnik, em *Micropolítica: cartografias do desejo* (1996) aponta, que a cultura por diversas vezes age como uma força conservadora, que reforça as hierarquias existentes, restringindo a liberdade de expressão dos sujeitos e sua capacidade de transformação social: “a cultura enquanto esfera autônoma só existe a nível dos mercados de poder, dos mercados econômicos, e não a nível da produção, da criação e do consumo real” (Guattari & Rolnik, 2005, p.15).

Os autores apontam a cultura de massa como elemento intrínseco a produção de subjetividade capitalista. Essa cultura de massa gera indivíduos que precisamente são moldados uns aos outros, organizados por sistemas hierárquicos, valores e formas de submissão. Esses sistemas de submissão não são tão evidentes e explícitos quanto os encontrados na etologia animal, sociedades arcaicas ou pré-capitalistas, por exemplo. Pelo contrário, eles são mais dissimulados:

> Essa cultura de massa produz, exatamente, indivíduos; indivíduos normalizados, articulados uns aos outros segundo sistemas hierárquicos, sistemas de valores, sistemas de submissão — não sistemas de submissão visíveis e explícitos, como na etologia animal, ou como nas sociedades arcaicas ou pré-capitalistas, mas sistemas de submissão muito mais dissimulados. E eu nem diria que esses sistemas são "interiorizados" ou "internalizados" de acordo com a expressão que esteve muito em voga numa certa época, e que implica uma ideia de subjetividade como algo a ser preenchido. Ao contrário, o que há é simplesmente uma produção de subjetividade. Não somente uma produção da subjetividade individuada - subjetividade dos indivíduos - mas uma produção de subjetividade social, uma produção da subjetividade que se pode encontrar em todos os níveis da produção e do consumo. E mais ainda: uma produção da subjetividade inconsciente. (Guattari & Rolnik, 2005, p.16).

Nesse cenário, pois, os intelectuais apontam que ocorre a produção direta da subjetividade. Isso não se limita apenas à formação da subjetividade individual, mas também abrange a produção da subjetividade social em todos os níveis de produção e consumo. Rolnik e Guattari ainda dissertam acerca da evolução do significado da palavra "cultura" ao longo da história, separando em três sentidos principais. O primeiro, nomeado pelos autores como "sentido A" refere-se à ideia de "cultura-valor", relacionada ao julgamento de quem possui cultura, associando-se a meios cultos ou incultos. O "sentido B" é a "cultura-alma coletiva", uma noção mais democrática que buscou abranger a todos, tornando-se uma identidade cultural acessível a qualquer um. Por fim, o último sentido, o "sentido C" é a "cultura-mercadoria", uma produção e difusão de bens culturais sem avaliações de valor específicas. Historicamente, como destacado pelos intelectuais, a cultura-valor (sentido A) substituiu noções segregativas da nobreza, relacionando a qualidade da cultura ao tipo de trabalho realizado. A cultura-alma (sentido B), por sua vez, surgiu no final do século XIX com o desenvolvimento da antropologia, mas pode possuir ainda sim conotações segregativas e etnocêntricas. Já a cultura-mercadoria (sentido C) é objetiva, focada na produção e difusão de bens culturais, sem considerar valores culturais específicos. Para eles, esses três sentidos da cultura (ou núcleos semânticos) continuam a coexistir na contemporaneidade. A produção dos meios de comunicação de massa e a formação da subjetividade capitalista originam uma cultura com uma vocação universal: a capitalística. Essa cultura é essencial para a criação da força coletiva de trabalho e da força coletiva de controle social. Contudo, embora haja essa cultura capitalística universal, há uma complementaridade com territórios subjetivos que escapam dela.

A partir dessa leitura, pude olhar para a minha própria proposta de investigação. Sobretudo no momento do livro em que os pensadores discutem sobre como a produção capitalista de cultura empenha-se em produzir suas próprias margens, equipando novos territórios subjetivos, como indivíduos, famílias, grupos sociais e as minorias. Um exemplo

prático disso está na criação do Ministério da Cultura, com o ideal de produção de cultura democrática, mas que no fundo estão sistemas de segregação baseados em uma categoria geral de cultura. Para além disso, Guattari e Rolnik se opõem ao ideal de uma democracia total na cultura, uma vez que a difusão cultural não possui a mesma significação nos meios de elites sociais e nos meios de comunicação de massa.

Nesse sentido, autores tecem uma crítica a tentativa dos meios de comunicação de massa e dos Ministérios da Cultura de nos convencer de que não estão lidando com questões políticas e sociais. É destacado que, mesmo quando se trata de questões aparentemente não políticas, como, por exemplo, a distribuição mínima de alimentos em algumas sociedades, as produções artísticas e criações em todos os níveis sempre implicam dimensões micropolíticas e macropolíticas de maneira correlata. Em outras palavras, Guattari e Rolnik sugerem que as manifestações culturais estão intrinsecamente ligadas a aspectos políticos e sociais, mesmo quando essas conexões não são explicitamente reconhecidas.

Diante dessa leitura crítica comecei a refletir sobre como essa perspectiva se aplicaria na realidade contemporânea na qual estou inserida. A minha proposta de investigação partia do plano municipal de cultura do decênio 2014-2024, que por sua vez institucionaliza 26 grupos que se declararam presentes durante sua construção e que contribuíram com suas demandas próprias durante sua elaboração como grupos artísticos culturais. Desta forma, configuram-se como segmentos artísticos culturais e grupos sociais os seguintes grupos: a) arquivo, memória e documentação; b) artes cênicas; c) artes visuais; d) artesanato e moda; e) comunidades e povos tradicionais de matriz africana; f) cultura popular; g) LGBT; h) livro, literatura e biblioteca; i) movimento capoeira; j) movimento da criança e adolescente; l) movimento da juventude; m) movimento da mulher; n) movimento da pessoa com deficiência; o) movimento da pessoa idosa; p) movimento da comunicação, rádio comunitária, audiovisual e cultura digital; q) movimento reggae; r) museus; s) música; t) patrimônio cultural.

Ao analisar a dinâmica cultural, sob o contexto do Plano Municipal de Cultura de São Luís, enquanto documento institucional que determina quem são os grupos culturais de uma cidade, pude perceber que mesmo possuindo uma construção democrática, há em seu fundamento uma hierarquia subjacente que acaba influenciando na identificação e promoção de determinados grupos culturais em detrimento de outros. Tal hipótese se confirmou para mim, quando efetivei algumas visitas ao coração da cultura local (Centro Histórico da cidade). Entre os meses de março e abril de 2023 visitei alguns museus da cidade, como o Centro de Pesquisa de História Natural e Arqueologia do Maranhão (CPHNAMA), a Casa do Maranhão, Casa do Tambor de Crioula e o Museu da Gastronomia Maranhense. Ao revisitar esses lugares, agora

fazendo o exercício de olhar a cultura da minha cidade com os olhos de humanista local, pude constatar a existência de grupos culturais que são percebidos pela imaginação coletiva como integrantes da cultura local (e que confesso que até então eram desconhecidos por mim também), mas oficialmente não são contemplados pelo Plano Municipal de Cultura. O plano, como documento que atua como um instrumento para o reconhecimento, institucionalização, preservação e promoção da diversidade cultural, garante que os grupos culturais reconhecidos por ele sejam vistos pelo poder público como participantes da construção e do enriquecimento da identidade cultural local.

Foi durante minha visita ao Museu da Gastronomia Maranhense, que descobri alguns dos agentes culturais que fogem aos olhos da gestão pública. Neste dia, tive a companhia de alguns amigos, e durante a apresentação do guia do museu aprendi sobre os *pregoeiros*, mais precisamente descobri sobre a existência de *Dona Corina*. A imagem mostrada foi de uma boneca manequim, trajada com um vestido florido, volumoso e com cores vibrantes, uma tábua de pirulitos e um chapéu igualmente florido.

Imagem 2 - Representação de Dona Corina no Museu da Gastronomia.

Fonte: arquivo pessoal, 2023.

No primeiro plano da Imagem 2 há a estátua de Dona Corina e ao fundo é possível ver também a estátua do sorveteiro, o Seu Bem-te-vi. São representações um tanto quanto estereotipadas, que pouco se assemelham aos pregoeiros do cotidiano. Acredito que a intenção do museu seja mostrar como os pregoeiros se vestiam antigamente.

Imagem 3 - Representação dos Pirulitos.

Fonte: arquivo pessoal, 2023.

A Imagem 3 evidencia os famosos pirulitos que são a marca registrada de Dona Corina. A respeito das representações de minha interlocutora, enquanto escrevia esta seção me veio a memória um certo diálogo (já no campo de pesquisa) em que os familiares de Dona Corina me mostraram algumas de suas fotos e comentaram a respeito de como sua estátua foi esculpida:

> **Neta de Dona Corina:** Ela vendendo lá no centro de São Luis. **(diz me mostrando uma foto).** Só que, vovó, na época de aventura dela, ela vendia com bonézinho, né?
> **Filha de Dona Corina:** Era.
> **Neta de Dona Corina:** Aí o pessoal botaram [SIC] a estátua sem boné.
> **Filha de Dona Corina:** Não, ele disse que ele não ia botar o boné porque ia ficar muito... feio.
> **Neta de Dona Corina:** Feio, despadronizado...
> **Filha de Dona Corina:** Né? Ele disse que ia ficar meio esquisito.
> **Brenda:** Ôh, mas ia combinar com ela.
> **Neta de Dona Corina:** olha o vestido lá no pé do chão. Lá no pé mesmo, no chão. (diz mostrando outra foto). (Entrevista concedida por Maria Martins e Jaciara Martins, em sua residência no dia 26/09/23, às 15h10).

O “pessoal” que a Neta de Dona Corina, Jacy, se referia era o artista Eduardo Sereno, que assinou o monumento. Nas fotos que me foram mostradas, Dona Corina estava sempre com um chapéu na cabeça, camisas de manga comprida ou um vestido longo (estratégias utilizadas por ela para se proteger do sol), pouco se parecia com as roupas de suas imagens expostas ao público geral.

Em um momento de descontração em nosso primeiro encontro Dona Nena e Jacy comentam uma crítica feita por Dona Corina a sua representação:

> **Filha de Dona Corina:** Aí ela chegou assim mesmo. No dia, "Gente, mas fizeram minha estátua tão pretinha..."
> **Neta de Dona Corina:** Ela não falou isso lá na frente do prefeito? o prefeito disse assim mermo na entrevista: "Dona Corina, a senhora gostou?" "Gostei, só não gostei da cor, né?" Não gostei da cor". **(ri)**. Ele sorria pra porra, mamãe das maluquices da vovó.
> **Filha de Dona Corina:** Ela fala é mesmo.(Entrevista concedida por Maria Martins e Jaciara Martins, em sua residência no dia 26/09/23, às 15h10).

Sua insatisfação com a cor da escultura de tão forma direta provocou risos em seu meio familiar. Confesso que antes desta pesquisa eu desconhecia a existência dos Pregoeiros de Rua, ao menos não os reconhecia por esse nome. Após as visitas no campo, me pus a investigar mais sobre esse grupo. Achei poucos trabalhos acadêmicos sobre o tema, mas os que encontrei tinham uma abordagem historiográfica, descobri algumas matérias jornalísticas sobre o assunto e vi também que haveria uma exposição que retrataria as memórias do artista sobre os pregoeiros que marcaram sua infância. Os pregoeiros são antigos vendedores ambulantes, -geralmente do sexo masculino -, que alcançaram grande notoriedade em São Luís a partir do século XIX, devido à sua abordagem peculiar na comercialização de seus produtos (como caranguejo, camarão, peixes, pirulito, sorvetes etc.). Esses vendedores utilizam dos "pregões", isto é, versos, rimas e poesias para conquistar e atrair a clientela. Viana (2020) acredita que a prática dos pregoeiros foi "herança" dos chamados "escravos de ganho", que recebiam uma remuneração ao vender mercadorias nas ruas por ordens de seus senhores. Utilizavam gritos e canções para atrair a atenção de potenciais compradores. Eram comumente denominados "quitandeiros", "taboleiros" e "pregoeiros" (Viana, p.51, 2020).

Cresci em um bairro periférico da cidade (Coroadinho), então era comum esses vendedores passarem por ali. Forçando a memória para me lembrar da infância, consigo recordar do vendedor de cuscuz ideal que passava sempre às seis e meia da manhã, do Seu Mariano, um senhorzinho que vendia picolé e que cantarolava anunciando seu produto toda tarde mesmo sob o sol quente do meio-dia, mas sempre eram associados por mim como *vendedores ambulantes*, não como *pregoeiros*. Um aspecto curioso é que pude notar em meu contato prévio com alguns pregoeiros da cidade que até mesmo eles desconhecem tal nome, e se autodenominam como "vendedores ambulantes" ou apenas como "vendedores".

Atualmente, esse grupo encontra-se em museus pela cidade, conta com estátuas de seus dois representantes mais renomados ("Seu Bem-te-vi", um vendedor de sorvete, e "Dona

Corina", a vendedora de pirulitos) na praça Nauro Machado no centro histórico da capital do estado, além de ser reverenciado na literatura, música, pinturas, em pesquisas e documentários acadêmicos. No entanto, de forma arbitrária, permanece invisível aos olhos do poder público.

Abaixo constam fotografias da estátua de minha interlocutora. Efetuei os registros em uma de minhas pesquisas exploratórias pelo centro da cidade:

Imagem 4 - Detalhe da estátua de Dona Corina na praça Nauro Machado.

Fonte: arquivo pessoal, 2023.

Na Imagem 4, enquanto fotografava busquei enfatizar os detalhes do rosto da estátua. É possível notar a escolha do escultor por um sorriso tímido, singelo, com um destaque para as marcas da idade. Também se percebe a ausência de alguns pirulitos na tábua, estes que foram vítimas das ações de vândalos. Uma curiosidade me consumiu. Durante meu processo de escrita, decidi pesquisar na internet sobre o dia da inauguração das estátuas. Encontrei uma reportagem no site da Prefeitura de São Luís, onde o escultor compartilhou sua opinião:

> "Para mim estas esculturas têm um grande significado ainda mais por ter tido o prazer ver e conversas com os dois homenageados. Isto é muito forte. Representar esses personagens, tendo a liberdade poética de criar desde os gestos até o olhar é muito gratificante para mim, que sou ludovicense. É fantástico." (Prefeitura de São Luís, 2023).

No trecho em questão o artista menciona o significado das esculturas para ele (especialmente por ter conversado e conhecido os homenageados), bem como a liberdade

poética para criar desde os gestos até o olhar. No entanto, ao comparar as esculturas com as imagens dos homenageados, notei algumas diferenças notáveis. Por exemplo, a estátua do sorveteiro, Seu Bem-te-vi (Imagem 5[6]), exibe um rosto mais jovial, destaca um corpo atlético e exibe um sorriso largo.

Imagem 5 - Estátua de Seu Bem-te-vi na Praça Nauro Machado.

Fonte: arquivo pessoal, 2024.

Acabei conhecendo pessoalmente Seu Bem-te-vi por acaso em uma de minhas andanças pelo Centro Histórico da cidade ainda em minha fase inicial de pesquisa, em Abril de 2023. Nessa época eu ainda estava imergindo no "universo dos pregoeiros". Incrivelmente ele estava vendendo sorvete em frente a uma das entradas do Mercado das Tulhas, foi o seu pregoar que chamou minha atenção. Meio tímida me aproximei com o pretexto de comprar o sorvete, e daí comecei a puxar papo. Perguntei se ele era o pregoeiro "bonitão" da estátua e ele confirmou. Lembro que brinquei dizendo que ele não parecia com o rapaz da estátua, ele riu e disse que lá "fizeram ele mais bonito". Então, eu disse que era da universidade e que tinha interesse "nos"

[6] A imagem de Seu Bem-te-vi foi tirada por mim um ano depois dos registros que fiz da estátua de Dona Corina. Com uma percepção mais "madura" de pesquisadora, notei que cometi o erro de não ter feito registros da estátua do sorveteiro mesmo me referindo a ela em diversos momentos do texto.

pregoeiros. O senhor gentil sorriu para mim e disse que já tinha ajudado gente da faculdade e que se eu quisesse poderia o procurar depois que ele me ajudaria a “tirar 10 no meu trabalho”. Agradeci e segui por minhas andanças pelo território vivo de minha cidade, mas dessa vez a caminhada tinha um gosto familiar doce de sorvete de coco.

Com um novo olhar, revendo a Imagem 6, com os detalhes da escultura notei alguns pontos:

Imagem 6 - Detalhe da estátua de Dona Corina na praça Nauro Machado**.**

Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

A escultura retrata um homem sorridente, usando chapéu e carregando um balde de sorvete sobre a cabeça. Embora não represente fielmente, em termos estéticos, a figura de Seu Bem-te-vi, suas expressões faciais — marcadas por um sorriso largo e olhar sereno — capturam com sensibilidade a essência desse personagem: um senhor gentil, bem-humorado e acolhedor. Em contraste, a estátua da vendedora de pirulitos apresenta um sorriso discreto, uma postura corporal mais reservada e valoriza os traços do envelhecimento, evidenciando as marcas do tempo no rosto e nas mãos, como se vê na imagem a seguir.

Imagem 7 - Estátua de Dona Corina na praça Nauro Machado.

Fonte: arquivo pessoal, 2023.

Após alguns dias, revendo as imagens em casa, notei algo curioso na Imagem 7. Ao fundo da estátua da pregoeira um detalhe ao fundo chamou minha atenção: pude observar outro vendedor ambulante em sua bicicleta, efetuando uma venda. O contraste entre a estátua e a presença ativa do vendedor em sua bicicleta, me fez perceber que ao contrário do que muitos afirmam, os pregoeiros ainda persistem nas ruas, mesmo que de forma tímida, adaptando-se, de seu modo, ao tempo. A escolha por Dona Corina ocorreu por três motivos: 1) sua longa trajetória como pregoeira, trabalhando nas ruas ainda aos 97 anos, tornando-a a mais antiga e conhecida da cidade; 2) por ser uma mulher nessa função, isto é, *uma* pregoeira, uma vez que nesse fazer prático predominam pregoeiros; 3) Fugindo dos dois aspectos de ordem prática, a terceira razão de escolha foi porque a estátua ativou em mim um sentimento de familiaridade. Sobre o segundo aspecto que motivou minha escolha, Rayol (2001) presume que existem poucas pregoeiras devido à natureza física exigente da atividade, que envolve o transporte de mercadorias (geralmente pesando entre 20 a 40 quilos) frequentemente nas costas e sem interrupções, além do fato da realização da atividade ao ar livre em horários desfavoráveis que torna as mulheres mais vulneráveis à violência física e o envolvimento mais acentuado das mulheres em atividades domésticas (Rayol, 2001, p. 02).

Desse modo, eu precisava reestruturar minha proposta de investigação. Até então, a minha vivência no fazer pesquisa não envolvia pesquisa em campo. Eu não possuía experiência

e me sentia um pouco perdida. Eu precisava encontrar Dona Corina, mas não sabia como. Efetivei algumas buscas em jornais, no Google, no YouTube e até mesmo nas redes sociais. Nos jornais encontrei algumas reportagens que contavam um pouco de sua profissão, não encontrei nada nas redes sociais, no You Tube encontrei alguns vídeos de entrevistas. O Google me direcionou até uma dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e a um documentário fruto desse trabalho que Dona Corina participou. Passei horas a fio assistindo, lendo e pesquisando sobre essa senhora que eu não conhecia, mas que naquele momento sentia como se já a conhecesse.

Em determinado trecho do documentário "*Quem vai querê*" (2020), uma fala específica de D. Corina me tocou muito. Ela dizia: "Nunca tive vergonha de vender. Às veze eu passava numa... rua, gente dizia: "ela é tão pobre que vende pirulito", e eu ficava caladinha, não dizia que eu ganhava... e nem que num ganhava. Vendia meus pirulitos e... E vinha mimbora" (Viana, 2022, 00:11:05). Lembro que enquanto assistia, as lágrimas escorriam desenfreadas pelo meu rosto. Levei um tempo para conseguir parar de chorar. A voz, o jeito de falar pausado, a aparência física, a forma como mexia as mãos... soava muito familiar para mim. Eu me perguntava como ser imparcial diante disso.

Nesse momento inicial de pesquisa tive uma transferência com Dona Corina que gradativamente foi transformando-se em transversalidade. A transferência é um processo no qual o sujeito, impactado por uma diferença ocasional, isto é, algum evento ou interação que causa um impacto emocional ou cognitivo, começa a mostrar repetitivamente como constitui seus objetos (pessoas, situações, ideias). Para a psicanálise constitui-se como um mecanismo pelo qual as emoções e experiências passadas são projetadas em outras pessoas ou situações presentes (Baremblitt, 1996). No meu caso, projetei minhas emoções relacionadas a minha avó à Dona Corina. Em contrapartida a isso, há *o movimento institucionalista*, que "não é uma ciência, não é um saber instituído, clássico, senão um conjunto de saberes e de modos de intervir que poderíamos qualificar de interdisciplinares, transdisciplinares e extradisciplinares" (Baremblitt, 1996, p. 90). Por sua natureza interdisciplinar, transdisciplinar e sobretudo extradisciplinar, integra conhecimentos de várias disciplinas científicas, experiências políticas, práticas artísticas e reflexões filosóficas e míticas:

> O institucionalismo trata-se da psicanálise, da sociologia científica, da antropologia científica, da lingüística, da semiótica e até da biologia molecular e outros campos do conhecimento propriamente científico. O institucionalismo nutre-se ainda do saber político, tanto da ciência como da experiência política dos coletivos militantes, do artístico, do saber incluído na prática estética, pictórica, escultórica, poética, literária etc. Nutre-se do pensamento filosófico e do mítico, na medida em que muitos

> institucionalistas dão valor especial ao pensamento primitivo dos selvagens. (Baremblitt, 1996, p. 90).

Falar em institucionalismo é falar em *Transferência Coletiva,* ou melhor, em *Transversalidade*:

> Pode-se dizer, em todo caso, que têm havido fenômenos de TRANSTERÊNCIA não "bipessoal" e sim COLETIVA. É verdade que tal transferência mobiliza os mesmos mecanismos que os que o sujeito pode ter, por exemplo, em estados de hipnose ou de paixão ou ainda dentro de uma situação psicanalítica. Mas ela se inscreve no dispositivo coletivo e adquire características que não são encontradas na situação transferencial clássica. Entre as potencialidades positivas está a de que a identidade comum adquirida pela transferência coletiva dará um peculiar sentimento de poder à massa, uma capacidade de reagir em consenso e em harmônico acordo, uma particular disposição para a solidariedade, para sentimentos nobres de fraternidade e comunhão, uma especial sensação de coragem e algumas manifestações de altruísmo e renúncia ao egoísmo. que caracteriza habitualmente os sujeitos isolados. (Baremblitt, 1996, p. 90.

Enquanto na transferência envolve a projeção de sentimentos, expectativas e experiências de um indivíduo para outro, a transversalidade acontece em contextos sociais (ou grupais), onde os indivíduos compartilham e projetam sentimentos e experiências coletivamente. Politicamente, a transversalidade é marcada sobretudo pelas manifestações de solidariedade, altruísmo e empoderamento. Epistemologicamente, a transversalidade ocorre quando dois tipos de conhecimento de distintos reúnem-se para construção de um problema ou solução de um problema, construindo uma interdisciplinaridade (e/ou transdisciplinaridade) entre eles. Minha experiência pessoal é marcada politicamente pelo surgimento gradual do sentimento de solidariedade entre mim e a coletividade que dialoguei, isto é, Dona Corina e sua família, uma vez que, nesse grupo há o compartilhamento coletivo de memória. Epistemologicamente, o caráter de transversalidade constitui-se a partir da metodologia e gênero de meu trabalho.

Como eu disse em linhas anteriores, Dona Corina é a pregoeira mais popular de São Luís, então não foi surpresa ter encontrado alguns materiais a seu respeito, que incluíam entrevistas em jornais, programas de televisão e rápidas aparições em novelas. Em todos esses materiais, percebi algo comum em todas as suas falas: a pregoeira deixava claro o desejo de ser lembrada e reconhecida. No mesmo documentário em um trecho ela pede explicitamente para ser lembrada:

> **Dona Corina:** [...] Diria pra... essas mulheres que-que- estão hoje, quando eu morrer, que elas (pausa).
> **Dona Nena:** lembrem...
> **Dona Corina:** lem... **(solta um pigarro)** lembrem de mim, que... Comé? **(ri)** que lembrem de mim, que-que valorize estes pirulito, que... venda também. Eu nunca deixei essa tradição cair.
> **Dona Nena:** Nunca teve vergonha.

> **Dona Corina:** Nunca tive vergonha de vender. (Quem vai querê, 2020, informação verbal). (Viana, 2022, 00:10:25).

Isso me atiçou curiosidade. “De onde surge essa necessidade de reconhecimento?” me questionei. Eu tinha algumas hipóteses, algumas suposições, mas somente o campo de pesquisa seria capaz de me responder. Ainda em minha passagem pelo Museu da Gastronomia Maranhense fiz amizade com o Marcelo, guia turístico que trabalhava lá. Ele havia me dito que poderia me ajudar com minha pesquisa caso eu precisasse. Entrei em contato com ele solicitando o número de Dona Corina. No dia seguinte ele me repassou. Demorei alguns dias para criar coragem e ligar. Ensaiei algumas vezes com meu orientador como me apresentar, o que falar, mas na minha cabeça, nenhuma forma seria boa o suficiente. Mais uma vez a minha própria mente agitada me paralisou. Fazer pesquisa em campo era algo muito novo para mim. Me tirava totalmente da zona de conforto.

O fato é que eu já me sentia apegada a ideia de fazer pesquisa “com” Dona Corina. Naquele momento, para mim, ela já era alguém familiar mesmo sem a conhecer. O medo de ouvir “não” me deixava paralisada. Meu prazo estava se encurtando. Eu precisava da confirmação. Criei um pouco de coragem e liguei em uma tarde chuvosa no dia cinco de maio. Não demorou muito até que alguém me atendeu. Uma voz animada e gentil falou do outro lado. Me apresentei. Falei quem eu era, de onde eu era e o porquê de estar ligando às 16h horas de uma sexta-feira. A senhora do outro lado do telefone foi muito receptiva, e de primeira aceitou o meu convite. Ao final da ligação um misto de emoções me consumira: alegria, orgulho de mim por ter vencido meu medo e ansiedade. Não a ansiedade ruim que nos paralisa, mas aquela ansiedade de empolgação que nos move. Estava ansiosa para finalmente conhecer Dona Corina.

Em maio de 2023 descobri que haveria uma exposição no Palacete Gentil Braga, no centro da cidade, sobre os Pregoeiros. Fui acompanhada de uma amiga, era um final de tarde de uma sexta-feira, ao entrar no local, para nossa surpresa, notamos que o ambiente estava vazio. A exposição, longe do agito que esperávamos, estava silenciosa, mas as memórias de infância do artista sobre os pregoeiros ganhavam vida. Diante dos quadros, consegui reconhecer alguns personagens que também fizeram parte de minha infância, como o vendedor de salgados e o vendedor de picolé. E até mesmo de personagens que eu não reconhecia como pregoeiros, como o caso dos pescadores.

Fiz alguns registros como os das imagens abaixo:

Imagem 8 - Entrada da Exposição Beto Lima.

Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

A Imagem 8 mostra o banner na entrada da exposição (que possui o nome do próprio autor) com uma pequena explicação sobre a mostra. O artista, Beto Lima, nascido em Araioses, cidade do litoral leste do estado, localizada no Delta do Parnaíba criou uma série de quadros em homenagem aos pregoeiros de sua infância a partir de sua própria história. A exposição consta com imagens de alguns barcos tradicionais, pescadores, papagaios (as famosas pipas) e de paisagens naturais do estado que supunho ser as recordações de sua criancice. É interessante pontuar dois aspectos presentes no pequeno resumo que chamaram minha atenção: 1) A associação dos pregoeiros aos atuais vendedores ambulantes e 2) Alegação de que os Pregoeiros são raros.

O texto chamou minha atenção porque, em minhas pesquisas iniciais, tanto no campo empírico, através de conversas cotidianas, quanto na literatura e em vídeos a respeito dos pregoeiros, percebi que não há um consenso sobre a associação desse grupo aos atuais vendedores ambulantes. Enquanto alguns entendem os pregoeiros como uma categoria específica dentro do universo dos ambulantes, outros os veem como algo distinto, caracterizado por sua prática peculiar de comunicação e comercialização. Também notei que há divergências quanto à raridade dos pregoeiros: enquanto algumas perspectivas destacam sua diminuição ou quase extinção, outras apontam sua presença ainda significativa em determinados contextos e geografias.

Imagem 9 - Quadro de um vendedor de picolé.

Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Imagem 10 - Quadro de um vendedor de salgados.

Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Tanto a Imagem 9 quanto a Imagem 10 me levaram de volta para minha infância, para as imagens dos vendedores de picolés que passavam cantarolando nas ruas de minha vizinhança. Do picolezeiro chamado Lelé, (um homem negro, por volt de uns 35 anos, baixinho, com vestes simples e com um boné para lhe proteger do sol) que ficava em frente à minha escola durante o intervalo (às 10h da manhã) e durante a saída às 12h30. Ele agitava um sino amarelo para atrair a atenção da criançada e cantarolava algumas rimas que não consigo me recordar. Lembro que ele não deixava se entristecer com as "brincadeiras" e "piadas" de péssimo gosto que algumas crianças faziam pelo fato de ele só possui um único dente na parte superior da boca. Pelo contrário, ele aproveitava pra fazer ainda mais vendas. Também recordei das figuras dos vendedores de salgado que passavam sempre na hora do intervalo na porta da minha escola e de um vizinho da rua de minha avó que passava pedalando pela rua às 06h10 da manhã para ir vender salgados na Feira do João Paulo.

Seguindo com as fotografias que fiz durante minha visita à exposição, temos respectivamente as Imagens 11 e 12:

Imagem 11 - Quadro de um pescador.

Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Imagem 12 - Quadro pescadores sob o pôr-do-sol.

Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Embora não consiga captar recordações de minha infância que remetam as Imagens 11 e 12, noto que o artista retratou cenas cotidianas que por mais que não fossem, me remeteram a São Luís. Em um passeio curto pela Avenida Beira Mar, ou pelo popular Espigão, podemos ver no plano real alguns barcos velejando e pescadores atuando. Dentre os bons encontros da vida, tenho um amigo com quem compartilho o gosto pelos detalhes do cotidiano. Temos o hábito de juntos observarmos os diversos pores do sol. A sensação que tive ao ver esses quadros do Beto Lima, foi similar a apreciar o pôr-do-sol de minha cidade natal sendo retratado pelas fotografias de meu amigo.

O quadro da Imagem 12 foi meu favorito. Meu horário predileto é logo após o sol se pôr, às 18h10, aquele momento em que é difícil dizer se o dia está amanhecendo ou a noite chegando. O céu ganha tons que parecem terem sido pincelados, como se fosse uma pintura viva. Me faz sentir dentro de uma obra de arte. Foi exatamente essa sensação que tive ao contemplar o quadro de Beto Lima, era como se eu estivesse olhando para o próprio céu transformado em arte. As narrativas visuais elaboradas pelo artista ganharam vida, marcando nesse momento, para mim, o estágio em que eu, enquanto pesquisadora-cartógrafa pude imergir no universo estético e cultural dos pregoeiros.

Imagem 13 - Quadro de vendedor de picolé na praia.

Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Imagem 14 - Quadro de desenho de pescadores.

Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Olhando o acervo percebi que diferente de minha primeira impressão de os pregoeiros como figuras distantes ou desconhecidas por mim, na verdade, eles sempre estiveram presentes no meu cotidiano pela cidade. Eu só não os percebia.

Como havíamos ido no fim de tarde, não ia demorar muito para o local da exposição fechar. Então nossa visita não foi muito longa. Aproveitando que estávamos perto do centro histórico, decidimos caminhar da Rua Grande até lá. Eu sentia a praça fervilhar com as manifestações culturais, havia uma roda de capoeira e ao fundo as coureiras do tambor de crioula se preparavam. Era possível sentir o cheiro do couro queimando, a praça estava lotada. Decidimos caminhar mais um pouco. Ao passar pelo Mercado das Tulhas, vimos um homem acompanhado de uma garotinha. Ele estava segurando a característica tábua de pirulitos e a menina caminhava ao seu lado. Supus que poderiam ser o genro e a bisneta de Dona Corina, pois pelo que haviam me contado, eles que estavam vendendo os pirulitos para ela. Comentei com minha amiga Elayne e ela, curiosa, correu até eles, perguntando se tinham alguma relação com Dona Corina. Eles confirmaram. Uni-me a eles, e me apresentei. Falei que havia conversado com Dona Nena e que em breve iria até lá para conhecê-los. Eles foram muito receptivos. Não os aluguei por muito tempo para não atrapalhar suas vendas, aproveitei a oportunidade também comprei alguns pirulitos, afinal, eu nunca tinha experimentado um e por fim nos despedimos.

Devido a desencontros de horários, as demandas acadêmicas que cresciam e alguns problemas de saúde de Dona Corina, passaram-se três meses até que finalmente eu pudesse a conhecer pessoalmente. Nesse período, mantinha conversas pelo WhatsApp com a filha de minha interlocutora, Dona Nena. Finalmente, no dia 26 de setembro pude visitar a casa de Dona Corina para me apresentar e perguntar oficialmente se ela aceitaria participar da pesquisa. Dona Corina reside em uma região chamada Lima Verde, localizada no bairro do Maiobão, munícipio de Paço do Lumiar na região metropolitana de São Luís. O bairro é considerado centro periférico por estar situado nos arredores do município, a uma distância de 7,5 km de sua sede municipal. Entretanto, sua proximidade com São Luís lhe atribui potencialidade de centralidade.

Minha mãe pediu para me acompanhar até nosso primeiro encontro, assim, pegamos um *Uber* até o endereço que Dona Nena havia me enviado. Eu me sentia ansiosa, nervosa, e curiosa pelo que esperava por mim. Durante o caminho, ia formulando minhas falas na cabeça, mesmo sabendo que assim que chegasse lá esqueceria tudo. Chegamos lá por volta das 14h da tarde, o

sol estava radiante, fazia muito calor. Assim que localizei a residência, bati na porta e em alguns minutos depois Dona Nena me atendeu. A casa estava cheia. Fomos recebidas com muita alegria e fomos convidadas a entrar. Ainda da porta de entrada visualizei Dona Corina sentada em uma cadeira de balanço bem perto da TV. Dona Nena explicou para ela que havia chegado visita, desligou a televisão e disse que havíamos ido até lá para conversar com ela. Nesse momento, aquela senhorinha de 97 anos concordou com a cabeça, se remexeu na cadeira e me olhou, percebendo minha presença ali e me doando sua atenção. Dona Corina parecia muito familiar para mim.

Naquele momento não tive como não lembrar de minha avó. Olhei rápido para o lado e minha mãe parecia admirada, emocionada... Havia completado um ano do falecimento de minha avó. O luto ainda era uma ferida que não havia cicatrizado totalmente. É muito doloroso lidar com a despedida de quem amamos. O momento em que o luto mais dói não é aquele em que quem amamos nos deixa de fato, não é durante a cerimônia de sepultamento, não ocorre quando temos em mãos a certidão de óbito ou o instante em que temos de guardar em caixas os pertences, pelo contrário, é muito mais sútil que isso. Acredito que a perda machuca mais em um dia comum, no cotidiano, quando queremos contar uma novidade, conversar sobre nosso dia, compartilhar momentos... É quando chegamos em casa e nos deparamos com o vazio nos cômodos e, de repente, nos damos conta de que esse alguém não está mais ali. Se foi. Ou ainda, quando percebemos que estamos esquecendo o timbre da voz, a feição do rosto, as manias, as memórias de momentos. Ou quando passamos o primeiro dia sem chorar pela dor da perda. É a ausência onde queríamos que fosse presença que mais dói. É a tristeza que nos desencanta no presente e nos traz saudade do passado.

O luto não acaba, é a vida que cresce e aumenta ao redor dele. Por conta de o luto ser algo ainda muito presente em mim, a transferência com Dona Corina me foi inevitável em um primeiro contato. Para mim foi muito difícil não associar a feição, o jeito de sorrir, a fala, o modo de gesticular as mãos, a minha avó. Como na transcrição abaixo, em que Dona Corina me contava uma parte de sua história:

> **Dona Corina:** E-eu comecei vender pirulito “ni” Coroatá. Aí... eu aprendi com o padre Estrela. Aí... de lá pra cá eu venho vendendo... Tá bom?
> **(ela me pergunta se está bom sua fala)**
> **Brenda:** Tá! como a senhora veio parar aqui em São Luís?
> **Dona Corina:** Ah, depois que eu tive ni Rosário, vendi minha casa lá, meu fíio morava aqui, aí eu vim pra cá, pra perto dele. Fiquei lá no Coroadinho. Como é?! **(tentando se lembrar de mais informações)**
> **Brenda:** hum...

> **Dona Corina:** Mas depois meu fíio morreu, e eu comprei esse coisa aqui e fiz-fiz essa barraquinha. Que minha casa lá era uma casarão aqui é uma barraquinha**. (diz sorrindo)**
> **Brenda:** Eu também já morei no Coroadinho com a minha avó, lá na Vila Conceição.
> **Filha de Dona Corina:** A gente morou lá na... como é o nome daquela rua, Jacy?
> **Neta de Dona Corina:** Primavera.
> **Filha de Dona Corina:** Primavera não.
> **Neta de Dona Corina:** É sim! Primavera, na lateral da Fundação Bradesco, ali do colégio. Ali no começo...
> **Brenda:** Lá no Bom Jesus, não é?
> **Filha e Neta de Dona Corina:** É, rua Bom Jesus.
> **Neta de Dona Corina:** Rua Bom Jesus, isso.
> **Filha de Dona Corina:** Primavera é tua mãe. **(ri)**
>
> ***Dona Corina solta uma risada.*** (Entrevista concedida por Corina Martins, Maria Martins e Jaciara Martins, em sua residência no dia 26/09/23, às 15h10)

Minha avó, Cercilina, para além das associações e transferências efetuadas por mim, de fato possuía algumas semelhanças com Dona Corina. Ambas eram mulheres negras, economicamente desfavorecidas, viúvas, originárias do interior do estado, que residiram por muitos anos no bairro do Coradinho, uma região periférica da capital do estado do Maranhão. A minha avó também tinha o hábito de se referir a sua casa como "uma barraquinha", ou como um "casebre", ao ouvir dona Corina se referir assim a sua casa atual não tive como não lembrar de minha avó. O som da risada de Dona Corina também era muito familiar. Minha mãe que estava ao meu lado também parecia fazer essas associações.

Esse primeiro contato, aguçou alguns afetos em mim e acredito que em minha mãe também. A aproximação inicial com minha interlocutora foi muito importante para delimitar os futuros caminhos de minha pesquisa. A partir dele, pude me aproximar de três categorias conceituais que ressaltam nessa cartografia: 1) Territórios Existenciais, 2) Movimentos Aberrantes e 3) Ecosofia. Mas para pensar cada conceito supracitado, foi necessário para mim, compreender primeiro o que é o fazer cartográfico.

O Cartografar – na maneira como absorvi de Gilles Deleuze e Félix Guattari-, compreende o mapear e explorar territórios de conhecimento, experiências e ideias, traçando linhas de fuga, identificando multiplicidades, mapeando os fluxos e intensidades presentes nos territórios explorados. Contudo, para que eu pudesse pensar e compreender sobretudo o conceito de cartografia, foi essencial compreender primeiro o conceito de *Rizoma*, bem como suas características aproximativas. O *rizoma* é apresentado pela primeira vez em "*Rhizome*" (1976), posteriormente foi publicado por Deleuze e Guattari como *Introdução* de *Mil Platôs* (1980). Originária da botânica (ramo da biologia), a expressão apresenta uma certa polissemia em seu significado, referindo-se às extensões subterrâneas do caule que se estendem

horizontalmente, destinadas ao armazenamento de nutrientes. Essas estruturas se diferenciam de raízes ou tubérculos (Petit Larousse, 1965). Quando observadas em um plano, essas extensões formam um emaranhado de linhas conectadas, onde não é possível para o observador discernir claramente o início, o fim ou mesmo o núcleo central distintivo. O rizoma em si mesmo apresenta distintas formas, desde sua extensão superficial que se ramifica em todas as direções até suas concreções em bulbos e tubérculos. Em outras palavras, isso significa que visualmente não é possível identificar claramente onde a estrutura começa e onde termina. Por essa razão, os mapas rizomáticos são orientados para a experimentação, pois o rizoma, como estrutura, é um meio, uma experiência, e não pode ser reproduzido. Em *Mil Platôs* (1980), os pensadores apontam os seis princípios do rizoma, que são sucessivamente: 1) da conexão, 2) da heterogeneidade, 3) da multiplicidade, 4) da ruptura a-significante, 5) da cartografia e 6) da decalcomania.

De acordo com primeiros dois princípios (*de conexão* e *de heterogeneidade*) todos os pontos do sistema rizomático podem ser conectados com qualquer outro sem qualquer forma de hierarquia ou centralização, seguindo o princípio da conexão. Ao passo que, nesse cenário de interconexões a heterogeneidade surge, visto que, ao se conectar a qualquer ponto, suas características, derivadas dessas conexões, naturalmente assumem uma natureza heterogênea.

Nesse sentido, "[...] qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. [...] Um rizoma não cessaria de conectar cadeias semióticas, organizações de poder, ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas sociais" (Deleuze, Guattari, 1996, p. 14-15).

O terceiro princípio, de *multiplicidade*, liga-se aos dois anteriores e diz que:

> [...] é somente quando o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, multiplicidade, que ele não tem mais nenhuma relação com o uno como sujeito ou como objeto, como realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo. As multiplicidades são rizomáticas e denunciam as pseudomultiplicidades arborescentes. Inexistência, pois, de unidade que sirva de pivô no objeto ou que se divida no sujeito. Inexistência de unidade ainda que fosse para abortar no objeto e para "voltar" no sujeito. Uma multiplicidade não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza (as leis de combinação crescem então com a multiplicidade). (Deleuze, Guattari, 1996, p. 15)

Assim, este princípio nada mais é que uma pluralidade de elementos interconectados e interdependentes. Contrastando com o modelo arbóreo, por exemplo, que representa uma estrutura hierárquica e linear, com uma unidade central que organiza e controla seus ramos, as multiplicidades são rizomáticas, isto é, possuem uma estrutura de raízes subterrâneas

interconectadas, sem um ponto central dominante. A multiplicidade rejeita o pensamento dicotômico, isto é, abandona a visão binária de mundo que estabelece apenas duas opções opostas e excludentes, como os opostos de bem e mal, sujeito e objeto, certo e errado, alma e corpo etc. Não há nem sujeito nem objeto definidos, a multiplicidade caracteriza-se pelas determinações, grandezas e dimensões que estão em constante mudança e não podem ser reduzidas a uma unidade fixa.

O quarto princípio, de nome um tanto quanto diferente (*ruptura a-significante*), aponta a impossibilidade de uma ruptura definitiva em um rizoma:

> [...] contra os cortes demasiado significantes que separam as estruturas, ou que atravessam uma estrutura. Um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas. É impossível exterminar as formigas, porque elas formam um rizoma animal do qual a maior parte pode ser destruída sem que ele deixe de se reconstruir. Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. Estas linhas não param de se remeter uma às outras. É por isto que não se pode contar com um dualismo ou uma dicotomia, nem mesmo sob a forma rudimentar do bom e do mau. Faz-se uma ruptura, traça-se uma linha de fuga, mas corre-se sempre o risco de reencontrar nela organizações que reestratificam o conjunto, formações que dão novamente o poder a um significante, atribuições que reconstituem um sujeito — tudo o que se quiser, desde as ressurgências edipianas até as concreções fascistas. (Deleuze, Guattari, 1996, p. 17)

Guattari e Deleuze argumentam que o rizoma representa uma forma de organização não-linear e não-hierárquica, em contraste com estruturas mais tradicionais (como o supracitado exemplo das árvores cuja hierarquia é clara e centralizada). Embora possa ser rompido ou quebrado em qualquer ponto, o rizoma continuará a crescer e se espalhar, reconectando-se e reconfigurando-se em novas direções. Além disso, o rizoma compreende tanto linhas de segmentação[7], que o estratificam e organizam, quanto linhas de desterritorialização[8], que permitem sua contínua expansão e fuga das estruturas estabelecidas. Isto é, o rizoma sempre está em processo de ruptura e reconstrução, com as linhas de desterritorialização rompendo as linhas segmentares, mas ainda sim pertencendo ao rizoma. Quando há uma ruptura no rizoma, com linhas segmentares explodindo em linhas de fuga, essa linha de fuga ainda pertence ao rizoma. O rizoma foge de qualquer tentativa de atribuição de hierarquias ou de significado. Suas linhas, em contínuas conexões, eliminam a capacidade de dividir o uno em dois, três ou mais.

[7] Interpreto-as como linhas de classificação, representam as forças que buscam estratificar, territorializar, classificar e atribuir significados às estruturas.

[8] As linhas de desterritorialização são linhas de fuga, estão em movimento constante, desafiando as estratificações e significados fixos.

Embora rupturas possam ocorrer (representadas pelas linhas de fuga), as linhas tendem a reterritorializar o conjunto ao carregar consigo elementos da organização.

A *cartografia* e a *decalcomania* são os dois últimos princípios. Por não poder ser codificado, nem tampouco ter sua origem determinada, um rizoma não pode ser fundamentado em nenhum modelo estrutural ou gerativo específico, como um eixo genético ou uma estrutura profunda. Funciona como um mapa:

> [...] Um rizoma não pode ser justificado por nenhum modelo estrutural ou gerativo. Ele é estranho a qualquer idéia de eixo genético ou de estrutura profunda. Um eixo genético é como uma unidade pivotante objetiva sobre a qual se organizam estados sucessivos; uma estrutura profunda é, antes, como que uma seqüência de base decomponível em constituintes imediatos, enquanto que a unidade do produto se apresenta numa outra dimensão, transformacional e subjetiva. [...] Do eixo genético ou da estrutura profunda, dizemos que eles são antes de tudo princípios de decalque, reprodutíveis ao infinito. Toda lógica da árvore é uma lógica do decalque e da reprodução. [...] Ela consiste em decalcar algo que se dá já feito, a partir de uma estrutura que sobrecodifica ou de um eixo que suporta. A árvore articula e hierarquiza os decalques, os decalques são como folhas da árvore. (Deleuze e Guattari, 1996, p. 20).

O rizoma, pois, se opõe ao decalque. Enquanto o decalque reproduz sempre a mesma imagem, o rizoma é uma cópia da imagem original (um mapa cartográfico), composta por linhas que podem realizar múltiplas conexões, sendo acêntricas e equivalentes. Assim, o rizoma se assemelha a um mapa em constante evolução, com múltiplas entradas, ao contrário do decalque, que retorna sempre ao mesmo ponto e se refere constantemente à sua estrutura de origem. A experimentação no mapa não segue um sentido único, pois nele nada se decalca. Da mesma forma, não há uma única entrada, mas sim múltiplas entradas em uma cartografia. A reversão metodológica proposta pela cartografia sugere a experimentação do pensamento. Em um contínuo processo de produção, é um método não de aplicação, mas de experimentação e ação. Esse processo culmina em novas coordenadas para a interpretação da realidade, o que resulta em uma constante ruptura dos equilíbrios preexistentes. Através disso, são questionadas as hierarquias e fronteiras que delimitam os campos de conhecimento, promovendo uma recriação constante do campo de investigação.

Em vez de adotar uma visão fixa e hierárquica do conhecimento (arbórea), o princípio de cartografia captura as multiplicidades, conexões e devires presentes nos territórios explorados. Na cartografia deleuziana-guattariana, o mapa rizomático não é apenas uma representação estática do território, mas sim um processo ativo de mapeamento que envolve a experimentação, a criação de linhas de fuga e a abertura para novas possibilidades. Essa experiência de leitura inicial do conceito de rizoma resultou em duas produções acadêmicas

publicadas apresentadas em alguns eventos da universidade como desdobramento da presente cartografia. Como exemplo cito, *"A Cartografia Deleuziana Como Método Filosófico da Diferença" apresentada no XVII Encontro Humanístico da UFMA e presente no Ebook do evento,* e *"Um Mapa Aberto Do Pensamento: A Cartografia de Deleuze e Guattari Como Inspiração Metodológica Para As Humanidades"* exposta durante a X semana acadêmica do PGCULT. Esses frutos da pesquisa foram significativos para minha própria compreensão de metodologia adotada. E, assim, nas linhas que se seguirão, me dedico a narrar meus processos de subjetivação com a cartografia.

2. 2 O fazer cartográfico

Nesse ponto, justifico aqui minha decisão de optar utilizar o Rizoma como ponto de partida para compreender o método da cartografia pelos seguintes motivos: 1) É na *Introdução* ao *Rizoma* que o termo "Cartografia" é utilizado por Guattari e Deleuze como parte integrante do sistema rizomático, por ainda estar como alguém metódico por natureza, acreditei que começar pelo "começo" facilitaria meu próprio entendimento; 2) Os autores adotam a o rizoma como metáfora para explicar o processo de pensar, de estruturas sociais, culturais e individuais como redes (ou sistemas) não hierárquicos, como multiplicidades conectadas em transformação infinitas, estabelecendo, a partir disso, as bases para a compreensão da Teoria da Multiplicidade. Pensar rizomaticamente escapa do pensamento linear, se move em todas as direções. O rizoma não se fecha sobre si mesmo, deferente do pensamento linear, é sempre aberto a experimentações.

Os seis princípios do rizoma implicam em uma nova narrativa, em uma outra escrita. Para os autores: "escrever não tem nada a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões por vir" (Deleuze; Guattari, 1995, p.13). A partir dessa percepção, pude então compreender os territórios como tipos de agenciamentos que vão além de um espaço geográfico. Quando falo em território aqui, não me refiro apenas a territórios geográficos, mas também a territórios existenciais, espaciais, corpóreos, subjetivos etc. Assim, ao passo que tudo pode ser agenciado, tudo também pode ser desterritorializado (abandono de um território) e reterritorializado (construção de outro território). Deleuze e Guattari afirmam que esses dois movimentos são processos indissociáveis. Se há desterritorialização, haverá necessariamente o movimento de reterritorialização.

Em "*Um novo cartógrafo*", o autor propõe a cartografia como método para desembaraçar as linhas de um dispositivo, da mesma forma em que se desfaz um nó, por exemplo. Torna-se preciso que o sujeito se instale sobre suas linhas, estas que não apenas compõem um dispositivo, mas o atravessam e o levam em todas as direções (norte, ata sul, leste, oeste e as diagonais): "(...) mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente". Concordo com Kastrup (2008) quando diz que, "o método cartográfico não equivale a um conjunto de regras prontas para serem aplicadas, mas exige uma construção *ad hoc*, que requer a habitação do território investigado e a implicação do pesquisador no trabalho de campo" (Kastrup, 2008, p. 466). A partir dessa compreensão, a cartografia enquanto método, portanto, não irá se atentar em apresentar um "objeto", mas preocupa-se muito mais em acompanhar o processo, ou os processos. Ainda de acordo com Kastrup (2014), o objetivo da cartografia jaz no acompanhamento de percursos, nos processos de produção, conexão de redes e/ou rizomas.

Desde a graduação, ouvia sempre que enquanto pesquisadora eu deveria sempre manter uma impessoalidade daquilo que eu me propunha a investigar. Nunca consegui. Por muito tempo isso me corroeu. Acreditava que por não conseguir me distanciar daquilo que eu me propunha a trabalhar eu era menos "pesquisadora". Visualizando minha própria proposta investigativa de metodologia cartográfica, passei a compreender que o trabalho do pesquisador é construído em processos (Passos *et al*., 2014; Ferigato & Carvalho, 2011; Paulon & Romagnoli, 2010). Na contramão do ideal de pesquisa mais conservador (herança do método científico), o cartógrafo não exerce a postura de um "observador distante", ele "lança-se na experiência, não estando imune a ela" (Passos & Eirado, 2014, p. 129). Trata-se sempre de um "pesquisar junto", de pesquisar "com" nossos interlocutores. A pesquisa cartográfica é encarada como um terreno de experimentação, permeado pelo domínio da sensibilidade, onde tanto a posição do pesquisador quanto o ato de pesquisar são continuamente questionados.

Ainda durante minhas leituras, uma questão me atravessou e acredito ser pertinente mencioná-la aqui. Eu nunca havia tido contato com o campo de pesquisa. Pesquisar com seres humanos ainda não havia sido uma realidade enfrentada por mim. Enquanto comecei a me questionar: "como aplicar na prática a cartografia como metodologia?". A respeito disso, Passos, Kastrup e Escóssia (2015) foram de grande ajuda para mim a partir do seguinte trecho:

A metodologia, quando se impõe como palavra de ordem, define-se por regras previamente estabelecidas. Daí o sentido tradicional de metodologia que está impresso na própria etimologia da palavra: metá-hódos. Com essa direção, a pesquisa é definida como um caminho (hódos) predeterminado pelas metas dadas de partida. Por sua vez, a cartografia propõe

uma reversão metodológica: transformar o metá-hódos em hódos-metá. Essa reversão consiste numa aposta na experimentação do pensamento – um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude. Com isso não se renuncia ao rigor, mas esse é ressignificado. O rigor do caminho, sua precisão, está mais próximo dos movimentos da vida ou da normatividade do vivo, de que fala Canguilhem. A precisão não é tomada como exatidão, mas como compromisso e interesse, como implicação na realidade, como intervenção. (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015, p. 10)

Dessa forma, em contrapartida ao método tradicional, mais rígido e predefinido, a cartografia emerge como uma abordagem mais experimental, comprometida e imersa na realidade da pesquisa. Ela não concebe o método apenas como uma aplicação pré-estabelecida, mas sim como uma atitude a ser vivenciada pelo pesquisador, sem negligenciar os processos subjetivos que são constitutivos do percurso do pesquisador. Apesar dessa mudança de paradigma, o rigor na pesquisa não é descartado, mas sim reinterpretado, alinhando-se com os movimentos da vida e com a normatividade do vivo. A precisão não é mais apenas entendida como exatidão, mas sim como compromisso, interesse, envolvimento com a realidade e intervenção ativa. Cartografar não implica em isolar o sujeito de pesquisa de suas interconexões históricas nem de suas relações com o mundo. Seu propósito é mapear as forças associadas a ele, capturando seus movimentos e suas variações. Para isso, o pesquisador-cartógrafo necessita permitir-se, em certa medida, ser conduzido por esse campo de forças. A ausência de controle na ciência experimental não indica negligência no processo. O desafio enfrentado é o de evitar que a busca por informações predomine, impedindo que o pesquisador se permita afetar e ser afetado no campo, que o cartógrafo se abra ao encontro. A obtenção de dados nesse tipo de se fazer pesquisa não ocorre como uma "coleta de dados" que é realizada por um pesquisador com uma postura neutra e imparcial em relação ao campo, como se os dados estivessem prontos para serem colhidos no momento ideal. Mas como uma "colheita". Como afirmei anteriormente, não há como se distanciar do campo. A pesquisa ocorre no encontro entre o pesquisador, suas ferramentas conceituais e seu campo empírico. Esse encontro é capaz de alterar tanto o pesquisador quanto indicar possíveis mapas para a constituição do campo, sem que haja um campo a priori.

No cenário destacado por Kastrup (2007), a cartografia realiza uma "produção de dados", evidenciando o caráter construtivista da pesquisa. Durante o encontro do pesquisador-cartógrafo ao longo da investigação, o percurso é delineado, com "pontos de entrada" para o campo estabelecidos no início da investigação. A pesquisa opera como um rizoma, oferecendo diversas possibilidades de entrada, passagem e saída. A experiência cartográfica me apresentou

outros dois conceitos que explorarei mais detalhadamente nas próximas linhas, que são o conceito de territórios existenciais e o conceito de movimentos aberrantes. Proponho primeiro discorrer acerca do segundo conceito, para em seguida comentar meu contato com o primeiro. Durante a vivência no Estágio em Docência no Ensino Superior (etapa obrigatória do mestrado) me deparei com a conceituação de *movimentos aberrantes* pensado por David Lapoujade, filósofo, professor da Sorbonne (Paris I), amigo e estudioso de Gilles Deleuze. Segundo o professor Lapoujade, o problema mais geral para a filosofia de Deleuze são os movimentos aberrantes, ou como ele mesmo chama "movimentos forçados". Assim, todo o pensamento deleuziano é apresentado por ele como uma filosofia dos movimentos aberrantes, tanto como potência do pensamento quanto política. Ele "constitui a tentativa mais rigorosa, mais desmedida e mais sistemática de inventariar os movimentos aberrantes que atravessam a matéria, a vida, o pensamento, a natureza, a história das sociedades" (Lapoujade, 2015, p. 09). Tais movimentos, ultrapassam qualquer vivência, excedem qualquer empirismo.

Os movimentos escapam de todas as razões e ainda sim obedecem a uma lógica (muito embora o fato de serem lógicos não implique em dizer que são racionais). Nas palavras de Lapoujade, "pode-se até dizer que, para Deleuze, um movimento é tanto mais lógico quanto mais escapa a toda racionalidade. Quanto mais irracional, mais aberrante — e, portanto, mais lógico". (Lapoujade, 2015, p. 13). Nesse sentido, então, no pensamento deleuziano a lógica consiste justamente em sua irracionalidade. Lapoujade apresenta a três questões (de inspiração kant-nietzscheana) fundamentais dos movimentos aberrantes que são respectivamente: 1) "*Quid Facti*? (Que fato?)"; 2) "*Quid Juris?* (Qual direito?)"; 3) *"Quid Vitae*? (Que vida?)". A primeira questão remete à existência dos movimentos aberrantes. Nesse sentido, se faz necessário questionar qual o fato da existência destes movimentos. "Qual é o fato?" Essa pergunta se torna ainda mais pertinente quando concordamos com Deleuze, que diz que esses movimentos vão além de qualquer vivência ou experiência empírica. Isso é o que torna esses movimentos verdadeiramente aberrantes, isto é, o fato de eles irem além do que cada capacidade humana pode experimentar normalmente, desafiando cada uma delas a se elevar em direção a um objeto que só ela pode alcançar, mas apenas quando atinge seu limite máximo.

A pergunta pela existência dos movimentos aberrantes suscita necessariamente em indagar sobre o direito à existência desses movimentos (*Quid juris)*. Garantir o direito à existência implica em justificar de forma argumentativa esses movimentos. Com que direito? Como é possível sua existência? O que os torna necessários? De onde tiram sua legitimidade? (possuem alguma legitimidade?). Isso nos leva a uma terceira categoria relacionada aos movimentos aberrantes, que se liga diretamente à sua conexão com a vida, sob uma perspectiva

tanto ética quanto política (não mais qual o fato da existência desses movimentos (*quid facti)*. Mas qual é a saúde desses movimentos? *(Quid vitae*). O que os torna aberrantes é justamente o exercício empírico de cada faculdade, forçando-as a se superar em direção a um objeto, alcançado apenas no limite de si mesma. Assim,

> Os movimentos aberrantes atestam uma "vida inorgânica" que atravessa os organismos e ameaça sua integridade; uma vida tão indiferente aos corpos que atravessa quanto aos sujeitos que transtorna. Chega-se ao ponto em que a vida se torna "grande demais para mim, jogando por toda parte suas singularidades, sem relação comigo", em que ela leva o sujeito a experimentações no limite do insuportável. (Lapoujade, 2015, p. 22)

Compreendi, então, que movimentos aberrantes confirmam que a vida não se resume à produção de organismos nem se limita à forma orgânica. Pelo contrário: eles colocam em evidência uma força inorgânica da vida que perpassa o organismo vivo, sem levar em consideração sua integridade. O vitalismo de Deleuze está intrinsecamente ligado à morte e aos perigos que ela implica. A vida e seus excessos implicam a morte de algo em nós para que nossas potências sejam liberadas. A própria Natureza que nos cerca é pura aberração. Por serem necessários, "forçados", os movimentos aberrantes são os primeiros, absolutamente constitutivos. Ao colaborar com Guattari, o pensamento de ambos assume posições radicais na esfera política. Nesse cenário, para os autores, certos movimentos aberrantes estão lutando, molecularmente, minoritariamente constantemente contra a suposta "paz mundial" em que a humanidade vive. É preciso que o movimento seja ao mesmo tempo aberrante, lógico, irracional e necessário. Adoto a hipótese interpretativa de que os movimentos aberrantes são movimentos da ordem do excesso, do involuntário. Por essa razão, são movimentos que excedem o empírico. O que buscamos aqui nessa cartografia é capturar os movimentos aberrantes, isto é, da ordem do excesso que escapam no meu encontro com Dona Corina.

Guattari, em *As Três Ecologias*, evidencia as consequências negativas das transformações tecnológicas e científicas na Terra, como desequilíbrios ecológicos e uma deterioração nos modos de vida. O pensador nômade argumenta que as abordagens políticas convencionais não estão equipadas para lidar com esses problemas de maneira abrangente e sugere a necessidade de uma abordagem ético-política, que ele chama de *Ecosofia* (que tem por fundamento as três ecologias: do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade humana):

> As formações políticas e as instâncias executivas parecem totalmente incapazes de apreender essa problemática no conjunto de suas implicações. Apesar de estarem começando a tomar uma consciência parcial dos perigos mais evidentes que ameaçam o meio ambiente natural de nossas sociedades, elas geralmente se contentam em abordar o campo dos danos industriais e, ainda assim, unicamente numa perspectiva

> tecnocrática, ao passo que só uma articulação ético-política — a que chamo ecosofia — entre os três registros ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana) é que poderia esclarecer convenientemente tais questões. (Guattari, 1989, p. 07).

O conceito de *Ecosofia* traz consigo a ideia de Rizoma. Guattari não dedica uma seção separada para explicar cada uma das três ecologias, elas estão conectadas entre si. Inferir sobre uma ecologia implica, necessariamente, inferir sobre as outras duas simultaneamente. As três ecologias devem ser escrutinadas como componentes de um único organismo. Segundo Guattari, pensar ecosoficamente significa pensar nas três ecologias como ramos interligados de um rizoma, que se conectam reciprocamente e de forma contínua. Além de pensá-las de forma rizomática, em minha experiência de leitura, notei eu em certa medida, Guattari também transversaliza as três ecologias. Por estarem em uma rede rizomática, as três ecologias são indissociáveis. Natureza, sociedade e sujeito são entidades indivisíveis e interligadas, formando uma tríade inseparável e interdependente. Qualquer impacto em uma dessas áreas reverbera diretamente nas outras duas.

Embora eu tenha mencionado anteriormente que Guattari não descreve as três ecologias de forma separada, neste momento, visando a melhor compreensão de quem me lê, sigo em direção oposta ao filósofo rizomático e elenco nas linhas que se seguem as práxis ecológicas como Guattari as definiu:

1. Ecologia subjetiva ou mental: Reinventa a relação do sujeito com o corpo, a mente (consciente e inconsciente).

2. Ecologia social: Reconstrói as relações humanas em todos os níveis *socius*;

3. Ecologia ambiental: Aborda as possibilidades de evolução e os riscos de catástrofes ambientais, destacando o papel das intervenções humanas na regulação das relações entre oxigênio, ozônio e gás carbônico: “cada vez mais, os desequilíbrios naturais dependerão das intervenções humanas” (Guattari, 1989, p. 52)

É no meio dessa discussão conceitual que Guattari evoca o conceito de Território Existencial, como o princípio comum às três ecologias:

> O princípio comum às três ecologias consiste, pois, em que os Territórios existenciais com os quais elas nos põem em confronto não se oferecem como um em si, fechado em si mesmo, mas um para si precário, finito, finitizado, singular, singularizado, capaz de bifurcar em reiterações estratificadas e mortíferas ou em uma abertura processual apoiada na práxis que permita torná-lo ‘habitável’ por um projeto humano. E essa abertura práxica que constitui a essência desta arte da “eco” subsumindo todas as maneiras de domesticar os Territórios existenciais, sejam eles concernentes às maneiras íntimas de ser, ao corpo, ao meio ambiente ou aos grandes conjuntos contextuais relativos à etnia, à nação ou mesmo aos direitos gerais da humanidade. Assim sendo, esclareçamos que não se trata para nós de erigir regras universais a título

> de guia de tais práxis, mas, ao contrário, de liberar as antinomias de princípio entre os três níveis ecosóficos ou, se prefirirmos, entre as três visões ecológicas, as três lentes discriminantes aqui em questão. (Guattari, 1989, p. 37).

As três ecologias convergem para um objetivo comum: "libertar as antinomias de princípio entre os níveis ecosóficos" (Guattari, 1989, p. 38), ou seja, capacitar a humanidade para uma práxis aberta e infinita, sem restrições, limitações, sem recorte, ou singularidades predefinidas. Um território existencial não é de forma alguma estático, é sempre dinâmico. É uma zona de trânsito e transformação. Em *O Inconsciente Maquínico* (1979), o Território Existencial é a desterritorialização do inconsciente estrutural. Inconsciente maquínico deve ser assimilado à luz da micropolítica, isto é, da teoria da clínica. Para esta, não há um inconsciente representacional (ou estrutural), proveniente da psicanálise freudiana ou lacaniana, mas o inconsciente é concebido como máquina de produção. Nesse segmento, "sujeito e a máquina são indissociáveis. Há uma parte de subjetividade em todo agenciamento material. E reciprocamente, há uma parte de sujeição maquínica em todo agenciamento subjetivo." (Guattari, 1988, p. 155). Cartografar implica em buscar compreender as forças intensivas e o maquínico nos processos vitais e do desejo. As forças intensivas são forças vitais que ainda não se cristalizaram (territorializaram) em formas definidas. O maquínico, descrito como "a operação por excelência do desejo" por Suely Rolnik (2000), refere-se a um desejo que não está ligado à falta ou à proibição de uma lei, mas sim ao fluxo contínuo da imanência. Esse desejo é capaz de atravessar e transformar constantemente as formas de subjetividade.

Os territórios existenciais aqui não são reduzidos a uma região geográfica, mas são apreendidos como organismos e ambientes vivos, que transcendem as dimensões geográficas, populacionais e administrativas. Estes habitam concomitantemente, são configurados por suas interações e dinâmicas políticas, culturais, ambientais e sociais que ocorrem neles, sem necessariamente serem outros territórios. Freitas e Façanha (2021) dizem o seguinte a respeito disso:

> Ocorre que um território existencial não é constituído apenas pelo seu funcionamento interno, uma vez que existe aquilo que está fora de suas fronteiras e não é necessariamente outro território. São movimentos que desestabilizam as regiões cristalizadas de um território individual ou coletivo e que funcionam como um tipo de horizonte para a fuga de forças sufocantes ou repressivas. (Freitas; Façanha, 2021, p 128).

Em eterna transformação, um território "está sempre em construção e pode ser considerado um contínuo movimento de deslocamento em relação a si mesmo, tomando como base os universos referenciais de valores que se expressam em regimes semióticos. Em suma,

um território existencial é repleto de perigos e oportunidades" (Freitas; Façanha, 2021, p 128). Em toda a composição de um território existencial existe sempre o constante processo de maquinação. A prática ecosófica deve coordenar suas três dimensões (subjetiva, social e ambiental) liberando as antinomias, ou contradições, presentes em cada uma. Para isso, é preciso conceber os territórios existenciais como finitos e singulares. O método cartográfico é o instrumento formulado por Félix Guattari para identificar e construir territórios existenciais:

> Fazemos cartografias para nos posicionarmos diante de nossos afetos e angústias, cartografamos para gerir nossas inibições, pressões e culpas. [...] Cartografias são construídas para enfrentar o caos', isto é, a própria antiprodução que possibilita entre o econômico e o transcendental a transformação das intensidades, viabilizando a criação, o devir e o surgimento do novo. (Freitas; Façanha, 2021, p 130).

Desse modo, o método cartográfico é usado para tentar resistir ao caos ao passo em que os territórios existenciais surgem para lidar com a fragmentação e enfraquecimento das relações causados pelo caos. O caos compromete qualquer tipo de consistência, tornando difícil criar e experimentar novas ideias entre o potencial (virtualização) e a realidade (atualização). Considerando isso, uma cartografia, como metodologia de investigação (e a qual, me desafio a utilizar em minha pesquisa), se propõe criar mapas que representam as conexões e rupturas, tornando possível uma outra perspectiva acerca da realidade analisada. A presente cartografia, pois, não se detém a um "objeto" ou a um método preestabelecido, mas às linhas que compõem os territórios investigados bem como sua interação com o mundo.

No Brasil, as construções de identidades "[...] se constituem na tensão entre modos de vários tipos. [...] quando aqui prevalece o modo identitário, tanto sob a forma de identidades locais fixas quanto de identidades globalizadas flexíveis, este tende a apresentar-se particularmente tosco e exacerbado." (Rolnik, 1996, p. 10), são suscetíveis a serem simplificadas, estereotipadas, reducionistas e influenciadas por narrativas históricas, culturais e/ou sociais que definem padrões e normas de pertencimento a determinados grupos, acarretando estigmas, preconceitos e exclusões que reforçam a desigualdade e conflitos sociais.

Uma abordagem cartográfica, não segue passos pré-determinados, estipulados e aplicados a uma área específica. Interdisciplinar, não representa somente um método de pesquisa (na verdade seria muito mais um não-método), mas uma atitude a ser adotada, experienciada e vivenciada pelo cartógrafo durante sua exploração. Preocupa-se mais com os processos de subjetivação que ocorrem no percurso do próprio fazer cartográfico do que com resultados ao final do processo.

Durante meus primeiros encontros com o campo empírico pude notar a presença de uma narração coletiva de memórias, junto a uma identidade e o senso de pertencimento dos familiares de Dona Corina as memórias e recordações dela:

> **[...]**
> **Brenda:** Eu vi também que a senhora foi parar em Manaus...
> **Dona Corina** Uhum...
> **Brenda:** Foi?
> **Dona Corina:** Lá eu vendi demais...
> **Filha de Dona Corina**: Conta pra ela, mãe, que o ladrão... **(ri).**
> **Dona Corina** O ladrão... **(ri)** O ladrão me agarrou... e eu gritei. E ele sentiu eu gritar e sem poder dar o otimato [SIC], ele botou a faca aqui na minha goela e eu gritei. Os homens da construção correram por mim e ele se largou e correu. E eles correram atrás e ele pulou dentro de um... quintal. Aí eles não deixaram os outros. Eu acho que...
> **Filha de Dona Corina**: Aí ela chegou em casa e ela disse, "márrapaz, ele bota a faca no meu pescoço e diz, "se tu gritar eu morro", márrapaz, se for morrer eu morro gritando". É, mamãe, era cada uma... (Entrevista concedida por Corina Martins, Maria Martins, em sua residência no dia 26/09/23, às 15h)

Nesse momento destacado acima, Dona Nena (filha de Dona Corina) relembrou um momento de perigo vivenciado por minha interlocutora em sua passagem por Manaus, capital do estado do Amazonas. Elas me contaram de uma forma cômica (beirando, a meu ver, a inocência), uma tentativa de assalto vivida por Dona Corina, em que o ladrão a ameaçou de morte. Em outro momento, elas me contaram sobre o episódio do aniversário de 90 anos de Dona Corina:

> **[...]**
> **Brenda:** Pro aniversário dela, né? **(ri)**
> **Neta de Dona Corina:** É, mas nem eu sabia.
> **Bisneta de Dona Corina:** E veio São Luís todinha pra cá. Aqui lotou, a outra rua, a outra rua "tarra" com um monte de gente com os carro na porta.
> **Filha de Dona Corina**: Aniversário de pobre, irmã. Feijoada de noite, batata apimentada.
> **Neta de Dona Corina:** Hum, vovó disse pra eles que era coisa simples e eu tô pensando que era umas dez pessoas. Eu tô pensando...aí deu quase nove horas, ninguém chegou e disse: ""Rapá", não vai chegar é quase ninguém. O pessoal "vinhero" [SIC] mesmo sio...
> **Dona Corina:** E eu fui buscar o professor...
> **Filha de Dona Corina**: Foi buscar e não tinha chegado ninguém.
> **Dona Corina:** Fui buscar o professor e não tinha chegado. Quando eu cheguei tava cheinho...
> **Neta de Dona Corina:** Foi, foi gente demais. (Entrevista concedida por Corina Martins, Maria Martins e Jaciara Martins, em sua residência no dia 26/09/23, às 15h10)

Na situação, Dona Corina havia distribuído convites para todos os seus amigos que conquistou ao longo dos pouco mais de 40 anos vendendo pirulitos pela cidade, mas não avisou

sua família o número de pessoas que havia convidado. Todos foram surpreendidos com a quantidade de convidados. Enquanto relembrava essa noite e ouvia sua filha e sua neta contando para mim, Dona Corina sorria. Eu me sentia encantada com a astúcia daquela senhora.

Para pensar a memória coletiva, recorro ao sociólogo francês Maurice Halbwachs que entende a memória como um processo de reconstrução que não se trata de uma repetição linear de eventos e vivências atuais, mas se diferencia daqueles que podem ser evocados e situados em um tempo e espaço específicos dentro de um contexto social. A lembrança de um indivíduo é formada pela interação com a comunidade afetiva à qual pertence, sendo moldada pelo convívio social. A memória individual é influenciada pelas memórias dos diferentes grupos sociais nos quais o indivíduo está inserido (família, escola, religião etc.). Assim, a memória de um sujeito resulta da combinação de suas lembranças pessoais e das memórias coletivas desses grupos. Portanto, o indivíduo possui tanto uma memória individual quanto uma memória coletiva. Cada memória individual representa um ponto de vista sobre a memória coletiva. Mesmo lembranças de eventos pessoais são influenciadas pelo grupo, pois nunca estamos completamente sozinhos (Halbwachs, 2013). A memória individual, portanto, é moldada pelas interações e pelo convívio com outros membros da sociedade: “lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós” (Halbwachs, 2013, p. 30). A lembrança, pois, é resultado de um processo coletivo, inserindo-se em um contexto social específico. Até mesmo as lembranças de experiências pessoais acabam sendo integradas na memória coletiva do grupo e permanecem lembradas e ressignificadas por outros membros do grupo. Mesmo as experiências pessoais de um indivíduo pertencem ao tecido coletivo de lembranças e podem reconhecidas por outros que não se fizeram presentes fisicamente, pois a memória coletiva sustenta-se por estruturas sociais e culturais que transcendem a experiência individual, pois “confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível” (Halbwachs, 2013, p. 31).

Em outro momento, Maurice Halbwachs ressalta a contribuição da memória coletiva na rememoração. Ele explica que, quando estamos juntos com outras pessoas, podemos relembrar eventos ou detalhes que sozinhos não conseguiríamos. Por exemplo, amigos ou familiares (como no caso da família de Dona Corina) podem nos ajudar a recordar o que aconteceu em um determinado momento, trazendo à tona detalhes que esquecemos (Halbwachs, 2013, p. 31). Para que o sujeito consiga lembrar um evento passado, não basta que outros o mencionem; é preciso que o indivíduo tenha algum vestígio dessa lembrança. Esses vestígios permitem que

os testemunhos externos se transformem em memórias reais. Assim, a memória individual precisa estar alinhada com a memória do grupo. A memória coletiva só existe quando um evento é parte da experiência do grupo como um todo. A memória individual é a nossa perspectiva pessoal acerca da memória coletiva, que pode variar a depender do papel que ocupamos em um grupo e das relações que temos com diferentes contextos. Cada sujeito retém e interpreta as lembranças da memória coletiva de maneira diferente, dependendo de sua experiência pessoal e de sua posição dentro do grupo. Assim, a experiência individual e o ponto de vista influenciam como cada um lembra e compartilha eventos coletivos.

Além da apropriação conceitual de Halbwachs, penso a memória também a partir da filosofia deleuziana. Em *Bergsonismo* (1968) Deleuze afirma que Henri Bergson, distinto de Freud, mas com a mesma profundidade, nota que: "a memória era uma função do futuro, que a memória e a vontade eram tão-só uma mesma função, que somente um ser capaz de memória podia desviar-se do seu passado, desligar-se dele, não repeti-lo, fazer o novo". (Deleuze, 1999, p. 114). Deleuze, pois, pensa a memória associada a possibilidade de criação de novas ações e caminhos ao invés de reproduzir o que já foi vivido. A memória nada mais é que a conservação do passado no presente. A cada novo presente, há uma imagem do passado, indicando que este é continuamente acumulado e preservado no presente:

> Se o passado tivesse que aguardar para já não ser, se ele não fosse "passado em geral", desde já e agora que se passou, ele jamais poderia vir a ser o que é, ele jamais seria este passado. Se ele não se constituísse imediatamente, ele não poderia ser depois reconstituído a partir de um presente ulterior. O passado jamais se constituiria se ele não coexistisse com o presente do qual ele é o passado. O passado e o presente não designam dois momentos sucessivos, mas dois elementos que coexistem: um, que é o presente e que não para de passar; o outro, que é o passado e que não para de ser, mas pelo qual todos os presentes passam (Deleuze, 1999, p. 45).

Passado e o presente, portanto, não são momentos distintos que ocorrem um após o outro, mas coexistem continuamente. O presente está sempre passando e tornando-se passado, enquanto o passado continua a existir e a influenciar todos os presentes que surgem. Ao se falar em uma "Memória ontológica", Deleuze (1999), encara a vida psíquica como um movimento de atualização, isto é, uma conservação constante do passado ao presente, do inconsciente ao consciente. O inconsciente nada mais é que uma memória em ato (Santos, 2022). Pensar o inconsciente é falar em virtualidade, é lidar com imagens, sentimentos e intensidades.

A memória coletiva reconhecida por mim no campo empírico se estende desde recordações sobre o passado da família, à momentos vividos pelos membros desse grupo e até mesmo a respeito do ofício da matriarca da família. Algumas questões me atravessaram a partir dessa constatação: "Quais são as representações acadêmicas e não-acadêmicas sobre os

pregoeiros na cidade de São Luis do Maranhão?”, “Qual é o lugar de Dona Corina nessas representações?” e “Quais são as desterritorializações em relação as essas representações que foram desencadeadas pelo meu encontro com Dona Corina?”.

3 ESTADO DA ARTE: algumas desterritorializações epistêmico-políticas em relação as codificações acadêmicas acerca dos pregoeiros

A presente seção conta com uma revisão da literatura e da história da arte acerca dos Pregoeiros de Rua de São Luís do Maranhão. Também é efetuada uma análise crítica, interdisciplinar e transversal do material obtido, utilizando as categoriais conceituais apreendidas por mim ao longo de meu percurso metodológico.

3.1 O que fala a literatura sobre o pregoar

É interessante notar que apesar de os pregoeiros serem caracterizados sobretudo por seu pregoar, isto é, por sua voz, percebi que poucas foram as vozes que ao longo da história se dispuseram a falar sobre eles. As buscas efetuadas por mim apontaram para quatro trabalhos acadêmicos que discorrem sobre o tema, sendo eles duas dissertações de mestrado (*A Construção Cênica Na Perspectiva Da Abordagem Histórico E Sociocultural: O caso dos pregoeiros de São Luís*, 2022; *Trabalho e Rua: análise acerca do trabalho de rua em São Luís na passagem do século XIX ao XX*, 2008), uma tese de doutorado (*Do Pregoeiro Ao Camelô: A construção dos gêneros pregão tradicional e pregão pós-moderno*, 2010) e um artigo recente (*O Significado Cultural Dos Pregoeiros Enquanto Patrimônio Imaterial No Contexto Turístico de São Luís-Maranhão*, 2023). Também descobri o livro *Pregões de São Luís* (1999) fruto da parceria entre Lopes Bogéa e Antônio Vieira. Além disso, existem algumas menções aos pregoeiros em documentos públicos como o texto de Silvana Rayol (*Pregoeiros de São Luís*) presente no *Boletim da Comissão Maranhense de Folclore* (2001) e a *Cartilha Informativa do Museu da Gastronomia Maranhense* ([s.d.]), elaborado pela Prefeitura de São Luís.

Decidi iniciar esta revisão discorrendo sobre o texto da Silvana Rayol que já mencionei em um parágrafo da seção anterior. A redação de 2001 descreve o papel dos pregoeiros na cidade. É importante frisar que logo nas primeiras linhas Rayol enfatiza o fato de os próprios pregoeiros não utilizarem esse termo, de se reconhecerem apenas como "vendedores ambulantes"[9]:

> No intuito de identificar ao leitor o que é "pregoeiro", é preciso enfatizar que esse nome vem de apregoar, alardear, anunciar. Os pregoeiros, porém, desconhecem tal terminologia, uma vez que se denominam vendedores ambulantes. A referência da sua existência está localizada no meio urbano, a partir dos romancistas. Parece que a

[9] Pretendo me aprofundar nessa discussão na próxima seção *"Da Vendedora de Pirulitos À Pregoeira: O Que é um Devir-Pregoeiro?"*.

> expressão pregoeiro vem dos literatos, uma vez que se conseguiu localizá-la somente na literatura. (Rayol, 2001, p. 02)

Então, a origem do nome "pregoeiro" é associada a literatura, onde eram retratados pela maneira poética com que anunciavam seus produtos, os já mencionados pregões rimados ou musicados. Como supramencionado (na seção anterior), o grupo desses trabalhadores, é composto majoritariamente por homens, que costumam carregar mercadorias pesadas e percorrer rotas fixas na cidade (geralmente a zona periférica), vendendo itens como peixe, camarão, caranguejo e doces tradicionais. Outro ponto é que os pregoeiros são apontados como uma forma de mão-de-obra informal, excluída dos índices econômicos formais. São constituídos, pois, como "mão-de-obra informal, a qual se caracteriza por atividades não-produtivas, não sendo consideradas na mensuração dos índices econômicos, ou seja, não são levados em conta quando do levantamento de índices ou renda nacional" (Rayol, 2001, p. 02). Embora pratiquem uma atividade considerada como informal, os pregoeiros desempenhavam um papel essencial na economia urbana (sobretudo entre a década de 60 e 70 do século XX), abastecendo a cidade com produtos de primeira necessidade e construindo uma relação próxima (arrisco em dizer que até fraterna) com seus fregueses. A Silvana Rayol, em sua escrita destaca o impacto social, cultural e econômico dos pregoeiros na história de São Luís, ressaltando sua resistência física, o vínculo com a literatura e a marginalização dessa prática. No final de seu texto a autora ilustra uma certa evolução do comércio ambulante e apresenta os pregoeiros como um símbolo de uma época passada que ainda resiste e se mantém presente no imaginário popular.

Conheci a *Cartilha Informativa do Museu da Gastronomia Maranhense* (MGM) durante minhas explorações nos sites relacionados a prefeitura. O documento tem por objetivo detalhar a missão do museu, inaugurado em 2019, que é "promover e preservar a gastronomia maranhense, além de incentivar o desenvolvimento turístico da região" e descrever as atrações do museu. Durante a parte de minha pesquisa no meu campo empírico, tive a oportunidade de visitar o museu duas vezes, uma no ano de 2023 e a outra em 2024. O museu exibe alguns pratos típicos, eventos culturais e festivais gastronômicos, com exposições que mostram a influência das diferentes etnias (europeus, povos originários e africanos) na culinária local. No segundo tópico da seção intitulada como "*Descrição das exposições*" a cartilha fala sobre o grupo dos pregoeiros, que são descritos da seguinte forma:

> Os pregoeiros são vendedores ambulantes que ficaram muito conhecidos em São Luís a partir do século XIX pela forma chamativa de vender produtos, como o caranguejo, o camarão, o peixe, o rolete de cana, o mingau de milho, a juçara, o pirulito e tantos

> outros no comércio informal. Eles se tornaram estudos de caso para vários romancistas e cronistas por não terem grau de escolaridade, mas citarem versos, rimas e poesias para conquistar seus clientes. (Prefeitura de São Luís, [s.d.], p. 11)[10]

O trecho destaca os pregoeiros de rua como personagens importantes da cultura local, que se tornaram conhecidos a partir do século XIX por sua habilidade peculiar de vender produtos (usando os pregões). A cartilha segue narrando a história dos antigos pregoeiros e utiliza a dissertação de Viana (2020) para associar a origem dos pregoeiros aos chamados "escravos de ganho". O documento também traz alguns exemplos de pregões usados pelos pregoeiros nas ruas de São Luís antigamente, bem como: "*Olha a laranja D. Arcanja, é doce que é uma beleza, D. Tereza. tem tangerina, D. Felismina*", "*Rolete de cana, de cana caiana quem faz é Mariana"* e o já conhecido por mim "*mamãe eu choro, papai eu grito me dê um tostão pra comprar pirulito*". Um ponto que considero ser importante mencionar é que o documento destaca a preservação da identidade cultural e as tradições culinárias maranhenses, reforçando a ligação entre o passado e o presente na vida sociocultural do município. Nesse mesmo seguimento, os pregoeiros são apontados pela cartilha como *representação do cotidiano, dos costumes e da cultura maranhense* (Prefeitura de São Luís, [s.d.])[11]. Por essa razão e pelo reconhecimento da contribuição do grupo dos pregoeiros para o cotidiano e história da capital do estado, o documento justifica que em 2022 foram inauguradas na Praça Nauro Machado duas estátuas em homenagem a dois pregoeiros considerados os mais famosos da cidade (Dona Corina e Seu Bem-te-vi). E assim é argumentado:

> Tendo em vista a contribuição dos pregoeiros no cotidiano e na história de São Luís, em 2022, em comemoração aos 410 anos da cidade, foram entregues duas estátuas inspirada em dois ilustres pregoeiros que fazem parte da história de São Luís, dona Corina Serra da Silva Martins, vendedora de pirulitos, e o sorveteiro Antônio José Coelho, conhecido como Bem-te-vi, ambos com mais de 40 anos de ofício. (Prefeitura de São Luís, [s.d.], p. 13).

Além das estátuas presentes na praça, Dona Corina e Seu Bem-te-vi[12] são retratados na exposição do acervo. A vendedora de pirulitos é descrita da seguinte forma: "Vendedora de pirulito: é representada com a representação de seu instrumento original de trabalho, os pirulitos à base de açúcar eram embalados com papéis de seda." (Prefeitura de São Luís, [s.d.], p. 14).

[10] Abro um destaque para o fato de que a cartilha descreve os pregoeiros de São Luís como vendedores ambulantes, mas pretendo discorrer e me aprofundar sobre a discussão Pregoeiros-Vendedores Ambulantes na próxima seção.
[11] Grifo meu.
[12] O documento não afirma que as representações são de Dona Corina e Seu Bem-te-vi, mas durante a visitação ao museu o guia turístico apresenta os ambas as estatuas como homenagens as supracitadas figuras.

Em seguida a cartilha apresenta uma fotografia do manequim presente no acervo (o mesmo que ilustrei na Imagem 2). O pregoeiro do sorvete é descrito assim: “Vendedor de sorvete de coco: apresenta-se com seu instrumento original de trabalho com barris de vinho que eram reaproveitados para colocar o sorvete preparado à base de coco, fécula de macaxeira e granulado de açúcar, além da casquinha que é feita à base de biscoito, sendo todos feitos de forma artesanal”. (Prefeitura de São Luís, [s.d.], p. 14). O último pregoeiro presente no acervo é o vendedor de quebra-queixo: “Vendedor de quebra-queixo: vendiam seus doces em tabuleiros e pelo doce ser caramelizado com açúcar, ao se resfriar acabava por ficar endurecido e assim originou o nome quebra-queixo” (Prefeitura de São Luís, [s.d.], p. 1).

O primeiro trabalho acadêmico que descobri por acaso no Repositório da UEMA foi a dissertação de mestrado intitulada *A Construção Cênica Na Perspectiva Da Abordagem Histórico E Sociocultural: O caso dos pregoeiros de São Luís* (2022), trata-se de uma construção historiográfica acerca da evolução dos pregoeiros. A pesquisadora, Ellen Lucy Moreira Viana aborda as mudanças históricas, sociais, culturais e econômicas desde o início do século XX até os anos 1990, escrutinando como essas figuras se transformaram nos atuais vendedores ambulantes modernos, e apontando como razão dessa transformação o progresso do comércio e a modernização da vida urbana. Em seu texto, a pesquisadora associa o surgimento dos pregoeiros aos chamados escravos de ganho, que trabalhavam para seus senhores vendendo produtos como alimentos e itens de uso diário nas ruas durante o Brasil Império:

> Ainda no século XIX, os vendedores ambulantes, eram chamados em São Luís de pregoeiros; típicos vendedores de porta em porta que atraiam a clientela de dentro das casas, pela maneira poética com que anunciavam suas mercadorias, sempre de forma musicada, com rimas ou em forma de poemas. Ofício possivelmente herdado dos “escravos de ganho” do Brasil imperial. (Viana, 2020, p. 48)

Eram conhecidos como uma forma de trabalho urbano típico, “trabalhavam fora da casa de seu dono como jornaleiro, vendedor de frutas, vendedor de leite e demais produtos, para adquirir quantias pré-estabelecidas pelo seu senhor” (Viana, 2020, p. 49) e recebiam uma quantia que deveria ser dividida com seus donos no fim do dia. Embora essa prática oferecesse uma aparente liberdade, os escravos ainda estavam sob forte controle de seus “senhores”, que regulamentava suas atividades e restringia sua circulação. Para atender às exigências financeiras de seus senhores, às vezes recorriam a práticas ilícitas como furto e prostituição (quando não conseguiam cumprir as vendas). A pesquisadora também destaca que esses trabalhadores eram

importantes para o funcionamento da cidade, ao mesmo tempo que eram vistos como uma ameaça à suposta ordem estabelecida. Com a abolição em 1888, os pregoeiros continuaram a vender produtos naturais e artesanais, utilizando seus "cantos" para atrair clientes, tal prática que ainda faz parte da cultura de São Luís cotidiana. Nesse ponto Viana compara os vendedores ambulantes modernos e os antigos pregoeiros, enfatizando a importância histórica e cultural desses trabalhadores para a economia e a sociedade ludovicense:

> Alguns desses produtos ainda são vendidos nas ruas ludovicenses, por vendedores ambulantes, porém sem mais a característica principal dos pregoeiros que é a forma de 'cantar' os produtos e ganhar os fregueses 'no gogó'. Nos dias atuais, não se vê mais vendedores ambulantes, de porta em porta, vendendo alguns produtos outrora comercializados, tais como água de cheiro, beiju, rolete de cana, mingau de milho e arroz de cuxá. (Viana, 2020, p. 54-55)

Nesse sentido, o ato de anunciar cantando os produtos é definido como a principal característica dos pregoeiros. É, pois, "na entoação da voz, na modulação das palavras e na silabação que as características dos pregões se destacam; são maneiras especiais de apresentar o produto que fazem do pregoeiro e do seu pregão um vendedor atrativo" (Viana, 2022, p. 64). E para além disso, são os "pregões" que diferenciam os antigos pregoeiros dos atuais:

> Há porém, apesar de algumas similaridades, uma enorme diferença entre os vendedores ambulantes de agora e os pregoeiros do passado, distinção na exposição oralizada dos produtos; esses pregoeiros se fazerem perceber de longe, ainda lá na esquina, anunciando em versos, suas mercadorias. Os mais antigos e amantes da cultura popular ludovicense chamam esses 'cantos' de pregões. Esses pregões já foram cantados literalmente em diversas músicas gravadas por artistas locais e nacionais, uma vez que os pregoeiros fazem parte não somente da cultura local, mas também, nacional. (Viana, 2022, p. 64).

É ressaltado que, diferentemente dos vendedores ambulantes atuais, os pregoeiros do passado anunciavam produtos com versos audíveis de longe, e assim foram criados os "pregões". Contudo, a presença desses vendedores com o passar dos anos foi tornando-se cada vez mais incomum:

> Sons e ruídos desordenados, buzinas, músicas altas, toda uma situação de barulho que sufoca a voz daquele que vive do grito para vender. O cotidiano das cidades foi sufocando a voz dos pregoeiros e abafando o pregão. A tecnologia de amplificação do som, por meio de caixas acústicas não era acessível ao ambulante que vivia do gogó para persuadir o freguês e chamar a atenção para sua performance na venda de seu produto. A paisagem sonora das cidades se modifica a cada momento. (Viana, 2022, p. 66)

Assim, o avanço da tecnologia e a proliferação de supermercados e feiras modificaram drasticamente o papel dos pregoeiros. A poluição sonora e a urbanização contribuíram para o desaparecimento progressivo desses vendedores, que enfrentam dificuldades em adaptar seus "métodos" de venda às novas dinâmicas econômicas e sociais da cidade. Contudo, hoje, mesmo com a presença de tecnologias modernas, alguns pregoeiros resistem e utilizam as táticas performáticas dos antigos pregoeiros para chamar a atenção e interagir com a clientela que marcaram a memória coletiva de São Luís. A autora evidencia como esses sons constroem imagens e histórias individuais e coletivas, e para além disso, nos levam a uma reflexão de uma questão socioeconômica:

> O pregoeiro, na chamada de atenção do freguês, para seu produto, enfatiza algumas sílabas ou mesmo vogais; a ideia da chamada é justamente atrair os clientes, que ainda correm para a rua, para comprar os produtos cantados pelos pregoeiros, o que acontece com mais frequência em ruas e bairros onde mora a população que representa a classe média ou menos abastadas, pois, os mais ricos, moradores de espaços como condomínios fechados, geralmente compram nos supermercados. (Viana, 2022, p. 55)

Viana (2022) argumenta que os pregoeiros se fazem mais presentes em áreas de classe média e baixa, onde o comércio informal ainda é uma prática usual. Em contraste, consumidores mais abastados, que vivem em condomínios fechados, optam por supermercados e se distanciam desse tipo de comércio. Viana também enfatiza a rotina árdua dos vendedores, que muitas vezes começam o dia cedo e percorrem as ruas oferecendo seus produtos. Essas performances de rua são moldadas por suas condições de vida e pela necessidade de se comunicar através da oralidade, tornando-se parte fundamental do cotidiano urbano e cultural. Atualmente, como supracitado, os poucos pregoeiros remanescentes enfrentam a marginalização e a precariedade do trabalho informal. Muitos são negros, desempregados e têm baixa escolaridade. Embora ainda desempenhem um papel importante na economia local, eles não recebem apoio adequado das políticas públicas, o que reforça sua invisibilidade.

A citação previamente referida de Viana (2022) remeteu-me a uma leitura paralela que fiz durante minha fase inicial de pesquisa. No livro *Mal-Estar, Sofrimento e Sintoma: Uma Psicopatologia do Brasil Entre Muros* (2015), o psicanalista e professor titular do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP) Christian Dunker explora a questão do sofrimento psíquico no Brasil, articulando-o com a realidade sociopolítica e cultural do país. A obra propõe que o mal-estar brasileiro, assim como as formas de sofrimento e os sintomas psíquicos, têm raízes nas condições históricas, culturais e econômicas, incluindo desigualdade social, violência, exclusão e racismo. Mas o ponto que quero destacar aqui é a analogia utilizada

por Dunker aos condomínios fechados (ou como ele nomeia: os Alphaville's) e a separação que eles trazem:

> A lógica do condomínio tem por premissa justamente excluir o que está fora de seus muros; portanto, no fundo, não há nada para pensar na tensão entre esse local murado e seu exterior. Também não há muito a pensar na tensão intramuros, uma vez que, como observamos, a única área de real convivência pública é o playground. O espaço já é concebido e vivido como falso universal. Por isso, os que vivem fora estão sem lugar, sem terra, sem teto, sem destino. E os que vivem dentro estão demasiadamente implantados em seu espaço, seu lugar e sua posição. (Dunker, 2015, p. 52-53)

A partir dessa lógica, o espaço urbano e o consumo se organizam de acordo com as classes sociais, impactando não só as relações econômicas, mas também a convivência e a interação humana. Pensando o caso do pregoeiro, essa figura representa um tipo de interação que é comum nos bairros periféricos, mas é completamente alheio aos Alphaville's, onde o consumo ocorre de maneira privatizada e mediada pelo supermercado, e a convivência é restrita à área de lazer. Em minhas observações de meu campo empírico (minha própria cidade) e em conversas com minha interlocutora e com outros pregoeiros, foi-me confirmado algo que já supunha: o percurso desses trabalhadores se restringia as regiões marginalizadas da cidade. Dunker (2005) observa que os condomínios são uma resposta ao medo e à insegurança. Em São Luís, penso que os condomínios se constituem como um espaço separado que não precisa lidar com o cotidiano do espaço público ludovicense, onde o pregoeiro ainda pode ser ouvido. Essa dinâmica de segregação espacial e social reflete o "mal-estar" descrito pelo professor Dunker, pois o isolamento reforçado pelos condomínios cria uma distância que perpetua desconfianças e receios em relação ao espaço público e aos "outros." No caso dos pregoeiros, isso gera nos moradores de condomínios (e das regiões "nobres") um desconhecimento sobre essa forma de vida.

A dissertação *Trabalho e Rua: análise acerca do trabalho de rua em São Luís na passagem do século XIX ao XX (2008)* examina o trabalho de rua na capital do Maranhão durante a transição dos séculos XIX para o XX, abordando como as elites locais utilizaram ideais de civilidade para justificar a imposição de medidas de disciplinamento social sobre trabalhadores de rua e outros grupos populares. O autor, Paulo Roberto Pereira Câmara mostra que as transgressões aos Códigos de Posturas Municipais, especialmente no que diz respeito ao uso do espaço urbano e ao trabalho informal nas ruas, resultaram em discursos depreciativos sobre esses trabalhadores. Ainda de acordo com o trabalho, o fim da escravidão extinguiu certas

atividades de trabalhadores escravizados (como caçadores de escravos e capitães do mato), mas de outro lado reforçou outras ocupações, como as de pregoeiros:

> [...] Se o término do regime escravocrata pôs fim a algumas formas de trabalho como, por exemplo, a de caçador de escravos fugidos, feitor, capitão do mato e escravo de ganho não conseguiu, contudo, acabar com outras, a exemplo dos pregoeiros, peixeiros e vendedores de tabuleiros, como procuro demonstrar; pequenos misteres que eram fundamentais dentro da dinâmica social da cidade, sobretudo no que tange ao abastecimento de viveres à população, e que durante todo o período escravista foram exercidos principalmente por escravos de ganho, e por pobres livres em geral. (Câmara,2008, p.63)

Esses pequenos trabalhos eram essenciais para o abastecimento da população e, historicamente, eram realizados principalmente por escravos de ganho e pessoas pobres livres. Esses trabalhadores, que viviam em condições instáveis e dependiam de "biscates", frequentemente enfrentavam acusações de cruzar os limites entre o legal e o ilegal, e entre o moral e o imoral, sendo muitas vezes confundidos com mendigos e chamados de "vadios". A rua, nesse sentido, funcionava como um espaço para o trabalho, configurando uma condição de "temporário-permanente" para os trabalhadores, pois, embora parecesse provisória, tornava-se uma forma de ocupação constante. Homens e mulheres ofereciam seus produtos e serviços em esquinas, praças ou circulando pelas ruas. Essa forma de trabalho encontrava oposição por parte dos Códigos de Posturas e pela fiscalização municipal, que tentavam limitar seus espaços, mas sem uma eficácia total. Os trabalhadores optavam por vender nas ruas não por falta de locais adequados, como mercados, por exemplo, mas como estratégia para obter melhores lucros. Essa opção acabava gerando conflitos de interesses, especialmente em locais disputados, como a Praça dos Remédios.

Além disso, outro ponto importante que o texto destaca é como a escravidão moldou a relação entre trabalho e pobreza no Brasil, criando um vínculo entre trabalhos manuais, como os dos peixeiros e carroceiros, e uma condição social de marginalização. Esse ponto fez com que eu recordasse de Aníbal Quijano sociólogo peruano que pensou a colonialidade do poder e como esta estrutura as relações sociais, culturais e econômicas, especialmente no que diz respeito ao trabalho e ao conhecimento. Em sua teoria, Quijano (2005) argumenta que a colonialidade — o lado opressor da modernidade colonial — perpetua uma divisão de papéis e profissões com base em hierarquias raciais, étnicas e de gênero, herdadas do colonialismo e mantidas pelo capitalismo global:

> As novas identidades históricas produzidas sobre a idéia de raça foram associadas à natureza dos papéis e lugares na nova estrutura global de controle do trabalho. Assim,

> ambos os elementos, raça e divisão do trabalho, foram estruturalmente associados e reforçando-se mutuamente, apesar de que nenhum dos dois era necessariamente dependente do outro para existir ou para transformar-se. (Quijano 2005, p. 118)

Quijano observa que, nas sociedades coloniais, as populações indígenas, africanas e mestiças foram direcionadas para atividades manuais e subalternas, enquanto as elites brancas e europeias ocuparam posições de poder, intelectuais e de prestígio. Essa estrutura colonial ainda reverbera nas sociedades contemporâneas (sobretudo na América Latina), influenciando quais grupos sociais têm acesso a determinadas profissões e a possibilidade de ascensão em ocupações consideradas mais prestigiosas.

No Brasil pós-abolição a dinâmica do trabalho, exemplificada por profissões como as de pregoeiros, peixeiros e outros ambulantes, elucida como certos ofícios, historicamente desempenhados por escravos de ganho e por cidadão livres desabastados, se mantiveram marginalizados e destinados às classes populares, ainda que o regime escravocrata tenha sido abolido. A permanência dessas profissões, caracterizadas como “pequenos misteres”, reforça como a abolição não eliminou as condições de subalternidade e exploração para determinadas classes e grupos raciais. A colonialidade do poder (2015) sustenta essas divisões sociais e econômicas, atribuindo aos trabalhadores de ofícios como os de pregoeiros uma posição desvalorizada e inferiorizada na hierarquia social. Assim, ao contrário de profissões valorizadas e associadas ao poder e à influência, como as que exigem formação acadêmica ou técnica, as ocupações dos pregoeiros e vendedores ambulantes são relegadas a uma camada social ainda ligada às condições de exploração do período colonial.

A tese *Do Pregoeiro Ao Camelô: A construção dos gêneros pregão tradicional e pregão pós-moderno* (2010) chamou minha atenção por se propor a analisar o “pregão pós-moderno” (isto é, a fala dos camelôs modernos) como um gênero discursivo distinto, nem totalmente relacionado aos pregões tradicionais (dos antigos pregoeiros) nem aos textos publicitários. Investigando a evolução histórica e social dos pregões de São Luís, a pesquisa traça um paralelo entre o pregão antigo — onde produtos eram anunciados “em si” pelos pregoeiros — e o contexto atual, onde camelôs vendem mercadorias em uma cidade mais urbanizada e moderna.

A autora se propõe resgatar e analisar a memória histórica dos pregões antigos de São Luís, explorando como as falas dos pregoeiros refletem as interferências dos espaços e as dinâmicas sociais da época. Esse retorno ao passado busca compreender as mudanças nas falas dos camelôs atuais, denominados “pregoeiros pós-modernos,” e identificar como o discurso

contemporâneo desses vendedores ainda guarda traços e influências dos pregões tradicionais de um Maranhão das décadas passadas.

O texto também descreve o surgimento dos pregoeiros em São Luís após a abolição da escravidão, em um contexto de crise econômica devido ao declínio dos ciclos de cana-de-açúcar e algodão. Os pregoeiros, muitos deles ex-escravos, passaram a vender produtos como frutas, doces e comida pronta, contribuindo para o sustento da população. Esses vendedores ambulantes, incluindo figuras como o "moço de ganho" e o "compra tudo", tiveram um papel importante na economia maranhense, especialmente no centro da cidade, até a descentralização urbana das décadas de 1970 e 1980. Essa mudança reflete as transformações sociais e econômicas que ocorreram desde o final do século XIX. Em determinado momento do texto, a autora discute sobre o pregoeiro em São Luís e como essa figura carrega ecos de uma identidade fragmentada em um mundo globalizado, o que considero uma reflexão importante:

> [...] Dizemos isso porque, conforme é possível ler nos textos da literatura maranhense, situar o pregoeiro em São Luís é ser quase obrigado a sobrevoar telhados onde ficam os ecos de gritos anunciando as coisas do lugar, num mundo globalizado onde as identidades fragmentadas, neste mundo pós-moderno, só permitem desafiar sobrevoos por forças das circunstâncias. (Aranha, 2010, p. 131)

Assim, penso que ao ver de Aranha (2010) o pregoeiro representa para além de uma simples voz local. Ele se torna um ponto de conexão entre a identidade local e o mundo globalizado. Esse pregoeiro "sobrevoa" as camadas culturais de São Luís, mas ao fazê-lo, ele também desafia uma identidade sólida e completa, já que as identidades pós-modernas são, por natureza, fragmentadas. Diferenciando o pregoeiro do camelô a autora argumenta que "não há, na voz do camelô, a poesia que há no canto do pregoeiro." (Aranha, 2010, p. 116)

No trabalho *O Significado Cultural Dos Pregoeiros Enquanto Patrimônio Imaterial No Contexto Turístico de São Luís-Maranhão* (2023), a autora Flávia Fernanda Santos Silva analisa a importância cultural dos pregoeiros de São Luís do Maranhão, destacando-os como parte significativa do patrimônio imaterial local no contexto turístico. O texto apresenta uma análise do papel dos pregoeiros no contexto do patrimônio imaterial de São Luís. Primeiramente, destaca-se a ligação dos pregoeiros com o *Livro das Formas de Expressão* do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), que reconhece manifestações culturais como a apregoação, considerando-as essenciais para a identidade local. O argumento central do artigo é que os pregoeiros, ao utilizarem cantos, versos e rimas para anunciar seus produtos, criam uma forma de expressão cultural que se tornou característica de São Luís.

Esse “método” de atrair a clientela, embora tenha sofrido mudanças com o tempo (como o uso de alto-falantes por parte de alguns pregoeiros), ainda sobrevive e representa uma forma de *resistência cultural*:

> A situação de que atualmente muito do que se tinha de Pregoeiro tenha sido extinto, e como é o caso de alguns, que já se utilizam de uma comunicação mais avançada, a exemplo do uso de alto falantes. Ainda é possível encontrar Pregoeiros pela cidade de São Luís, o que implica na importância do registro, promoção e reconhecimento do valor cultural desses resistentes, visto que ganhariam seu reconhecimento cultural na comunidade local. (Silva, 2023, p.1196)

Desse modo, apesar redução do número de pregoeiros, alguns pregoeiros resistem em sua prática. Por essa razão a autora defende a importância de registrar, promover e valorizar esses indivíduos. Além disso, o texto atenta para a necessidade de reconhecimento e preservação dos pregoeiros como patrimônio imaterial como uma questão política e social, uma vez que envolve políticas públicas que valorizam essas expressões culturais locais.

O livro *Pregões de São Luís* (1980), fruto da colaboração entre Lopes Bogéa e Antônio Vieira, traz até o leitor as memórias de seus autores sobre os pregoeiros que marcaram sua infância. Vieira e Lopes apresentam uma espécie de uma paisagem sonora da antiga São Luís, ressaltando a importância dos pregoeiros como agentes culturais e testemunhas da vida urbana. O livro é dividido em dois momentos. Na primeira parte Lopes Bogéa nos apresenta os seguintes pregoeiros: a) o Laranjeiro; b) o Compra tudo; c) o vendedor de caranguejos; d) o Homem do peixe; e) a Vendedora de mingau de milho; f) o Jornaleiro; g) a Vendedora de arroz-de-cuxá; h) O vendedor de rolete de cana; i) a Vendedora de juçara; j) o Vendedor de camarão; k) o Vendedor de pirulito; l) o Vendedor de derresó; m) o Vendedor de pamonha. Na segunda parte do livro Antônio Vieira nos apresenta outros pregoeiros que ficaram em sua memória, que são: n) o Garrafeiro; o) o Vassoureiro; p) o Carvoeiro; q) o Verdureiro; r) o Sorveteiro; s) vendedor de banho cheiroso; t) a Doceira; u) o Amolador; v) a Vendedora de Caruru com bola.

a) O laranjeiro

Este pregoeiro é caracterizado pelo seguinte pregão:

“Olha a laranja, dona Arcanja.
É doce que é uma beleza, dona Tereza.
Tem tangerina, dona Felismina.

Laranja de Anajutuba, Quem não comprar fica com curuba.
Olha a laranja!"

Imagem 15 - Laranjeiro

Fonte: (Bogéa; Vieira, 1999).

Contudo:

> Infelizmente, como quase todos os bons costumes do Maranhão, a figura do vendedor de laranjas começa a desaparecer das ruas de São Luís. E isto se dá, segundo estamos informados, porque o caboclo, atraído pela capital, abandona o cultivo da fruta. Há ainda um outro fator: a facilidade de entrada deste produto em veículos rodoviários procedentes de outros estados. Para o homem do interior, essa é uma concorrência que sufoca e já não lhe garante tantos lucros. Poderíamos, ainda, apontar uma outra causa para o desaparecimento paulatino do vendedor de laranjas: a existência de casas que se dedicam, exclusivamente, à venda de frutas, além dos supermercados, onde se encontram frutas variadas - inclusive, a laranja - procedentes de outros estados. (Bogéa; Vieira, 1999, p. 16).

O laranjeiro, pois, foi desaparecendo das ruas de São Luís devido ao abandono do cultivo por trabalhadores que migram para a capital, à concorrência com laranjas de outros estados e ao aumento de supermercados e casas especializadas que vendem frutas de fora.

b) Compra tudo

O pregoeiro “Compra tudo” costumava circular pelas ruas oferecendo diversos produtos, muitas vezes anunciando em voz alta: *“Compra ouro, compra prata, compra chumbo, compra roupa velha, compra guarda-chuva velho, compra sombrinha, compra tudo. Compra até bicho, freguês!...”*

Imagem 16 - O compra tudo.

Fonte: (Bogéa; Vieira, 1999)

Era chamado de “Compra tudo” por justamente comprar e vender uma grande variedade de mercadorias, desde alimentos até utensílios do dia a dia, atendendo a necessidades variadas da população.

c) O vendedor de caranguejos

O vendedor de caranguejos tradicionalmente vendia caranguejos frescos nas praias da cidade (mas também nas ruas, mercados e feiras), cantando em alto e bom som:

“Samba
Caranguejo gordo!
Olha o caranguejo, freguês!
Caranguejo não é peixe, Caranguejo peixe é.

Caranguejo só é peixe - (Bis)
Na vazante da maré".

Bogéa atenta para o fato de que ao mesmo tempo que vendia, o pregoeiro também que capturava o caranguejo direto dos mangues:

> O autor do pregão e vendedor é o mesmo que se denomina de "tirador". Normalmente, é um homem rústico, calças arregaçadas até ao meio das pernas, camisa ou cabeção de fazenda grosseira, geralmente aberta, com as pontas amarradas por sobre o umbigo, mostrando parte do peito ressequido pelo sol e lama. As mãos, também grosseiras, consequência daquela faina, são, de modo geral, cheias de talhos produzidos pelas caracas do mangue. (Bogéa; Vieira, 1999, p. 26).

Bogéa e Vieira (1999) descrevem com riqueza de detalhes a figura do "tirador". Trata-se, geralmente, de um homem simples e rústico, marcado pelo trabalho físico intenso, com vestimentas improvisadas e o corpo exposto ao sol e à lama. Suas mãos calejadas e feridas pelas caracas do mangue evidenciam a dureza do ofício e a relação direta com a natureza.

Imagem 17 - Vendedor de caranguejos.

O vendedor de caranguejo

Fonte: (Bogéa; Vieira, 1999)

Ainda nos dias de hoje é possível notar alguns vendedores que costumam transportar os caranguejos vivos em cestos ou caixas e os vende diretamente ao consumidor, muitas vezes em

pontos estratégicos e movimentados como as praias ou as feiras de bairros, mas sem entoar pregoes.

d) O homem do peixe

Muito conhecido pelo pregão que ecoava pelas ruas de São Luís vindo da Praia do Caju, do bairro da Madre de Deus, ou de Ribamar:

> *"Peixe fresco!...*
> *Tainha fresquinha do Caju*
> *Bandeirada ou Cangatã da Madre Deus*
> *Olha o peixe-pedra de Ribamar*
> *Peixe fresco!..."*

Imagem 18 - O homem do peixe.

Fonte: (Bogéa; Vieira, 1999).

Bogéa (1999) define o pescador como um "herói anônimo" pois este encara o mar em embarcações vulneráveis, por vezes sacrificando a própria vida para garantir seu sustento. Ele

é “homem valente, quase sempre analfabeto e permanentemente explorado pelos intermediários: os vendedores” (Bogéa; Vieira, 1999, p. 31). O vendedor de peixe, por sua vez:

> É aquele que adquire o produto da pescaria dos pescadores, por preço muitas vezes aquém do devido; de cesto e “pau de carga”, nas costas, corta ruas e vielas com seu pregão variado e muitas vezes mentiroso, pois para ele o pescado está sempre “fresquinho”, mesmo que não esteja. (Bogéa; Vieira, 1999, p. 31).

Esse pregoeiro foi perdendo seu espaço nas ruas em detrimento do crescimento das feiras e supermercados.

e) Vendedora de mingau de milho

Produto conhecido no Maranhão tradicionalmente como Mingau de milho, era anunciado pelo seguinte pregão:

“Aê mingau de milho!
Aê, mingau da hora.
Vem comer; olha criança!
Tá quentinho.”

Imagem 19 - Vendedora de mingau de milho.

Fonte: (Bogéa; Vieira, 1999).

Bogéa atenta para o fato de que esse era o pregão anunciado "pela única vendedora ambulante de mingau de milho em São Luís, em tempos idos" (Bogéa; Vieira, 1999, p. 37). Ela se chamava Raimunda, mas devido à sua aparência marcante — uma estatura alta e magreza notável —, ela ganhou vários apelidos como: Mundica para o Céu, Mundica Pelada e Mundica Pretinha. O autor narra de maneira nostálgica que diariamente, por volta das 10 horas, Mundica saía pelas ruas da cidade, anunciando em voz alta seus produtos, preenchendo as ruas com seu pregão. Achei curioso como Mundica é descrita:

> Chapéu de palha sobre a carapinha, avental branco e vermelho cobrindo parte do vestido comprido, chinelo abotinado com salto alto, colar de coral e contas multicoloridas à volta do pescoço, lá se ia Mundica Pretinha, equilibrando na cabeça protegida por rodilha de pano o taboleiro de madeira sobre o qual colocava duas latas redondas, de flandres, contendo o mingau, devidamente coberto com limpas e brancas toalhas, numa autêntica demonstração dos preceitos higiênicos. Uma concha de alumínio de cabo comprido era usada para retirar o fumegante mingau de milho, que era servido em vasilhas fornecidas pelos próprios compradores. (Bogéa; Vieira, 1999, p. 37).

A pregoeira possuía um estilo característico, penso que seria aquilo que Deleuze chamou de *charme*[13] (1977), aquilo que tornava ela tão *ela*: seu jeito de usar um chapéu de palha, um avental branco e vermelho cobrindo parte de um vestido comprido, chinelos abotinados com salto alto, o adornar-se com um colar de coral ao redor do pescoço. O autor supõe Mundica como possível descendente e escravos, que morava em um prédio historicamente significativo, mas que, à época, já havia se tornado um espaço "marginalizado", o prédio do antigo Palácio dos Holandeses, situado na Rua 28 de Julho, antiga rua do Giz (no Centro da cidade): "habitado por mulheres sem profissões definidas, advindo daí o cognome de "pombal", dado a esse prédio" (Bogéa; Vieira, 1999, p. 37). Há, pois, um contraste entre o passado e presente. Embora o mingau de milho ainda seja consumido, agora é vendido em outros formatos e contextos, como em carrinhos móveis ou em barracas fixas durante os festejos comemorativos no São João.

f) O jornaleiro

A respeito dessas figuras o autor aponta um fato curioso e ao mesmo tempo triste: "chega a ser comovente, às vezes, ouvir-se o pregão do jornaleiro vendendo notícias, sem que

[13] Deleuze; Parnet. Diálogos. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: Escuta, 1998, p. 05.

muitos deles saibam ler" (Bogéa; Vieira, 1999, p. 43). E assim anunciavam pelas ruas movimentadas da cidade assim que clareava o dia:

"Eu já tenho a freguesia de gente que sabe ler"

Imagem 20 - O jornaleiro.

Fonte: (Bogéa; Vieira, 1999).

Atualmente, a venda de jornais impressos tornou-se rara (acredito que sequer existe) diante da digitalização da informação, mas lembro com nitidez da minha infância e parte da adolescência, quando era comum ver vendedores de jornais circulando pelas avenidas do centro, pelas ruas do meu bairro ou nos terminais de integração, anunciando em voz alta as manchetes do dia. Esses pregoeiros, como descreve Bogéa (1999), eram geralmente garotos jovens (e até mesmo crianças), muitos deles com pouca ou nenhuma escolaridade. Essa cena cotidiana, embora carregada de memória afetiva, revela para mim a desigualdade social: crianças e adolescentes inseridos precocemente no trabalho informal, privados do direito à educação, ao lazer e ao tempo de infância. É contraditório pensar esse sistema que utiliza esses jovens como veículos de informação, mas lhes nega o acesso ao próprio conteúdo que propagam.

g) A vendedora de arroz-de-cuxá

Eis o pregão:

Arroz-de-cuxá!...
Chega freguês!
Tá quentinho!...

Imagem 21 - Vendedora de arroz-de-cuxá.

Fonte: (Bogéa; Vieira, 1999).

O autor destaca especialmente Nhá Possidônia, uma das mais famosas cozinheiras de Cuxá. Localizada no Beco dos Chaves, Nhá Possidônia vendia o arroz-de-cuxá em uma montagem simples e organizada: um tabuleiro de madeira sobre um caixote, onde eram servidos arroz, cuxá, e peixe frito, geralmente tainha. Seu pregão, repetido por sua neta Felismina, ajudava a atrair os fregueses. Outras vendedoras também são relembradas como Nhá Bernarda, no Canto da Fabril, e D. Perpétua, na Rua das Crioulas. Outro ponto importante é que essas pregoeiras eram auxiliadas por "apregoadores", crianças ou jovens, que anunciavam o prato.

h) Rolete de cana

Segundo Bogéa (1999) o pregão mais ouvido em São Luís em tempos passado foi:

Rolete de cana.

É de cana caina,
Olha o rolete
Rolete ... de cana!

Imagem 22 - Pregoeiro do Rolete de cana.

Fonte: (Bogéa; Vieira, 1999).

O rolete de cana nada mais é que a cana descascada, cortada em pedaços e enfiados em suportes feitos de bambu (ou da própria casca da cana). Esse pregoeiro não vendia somente pelas ruas e vielas da cidade, mas também em largos de festas como as quermesses, por exemplo.

i) Vendedora de juçara

A - ça-a-a-í
A - ça-a-a -í
Olha a juçara, freguês!...
A - ça-a-a-í...
A - ça-a-a-í...

Era assim que Nhagê vendia juçara pelas ruas. Bogéa alega que Nhagê, aos cinquenta e tantos anos, carregava uma panela de barro na cabeça enquanto cantava para atrair clientes. Sua aparência é descrita com precisão: pele negra, roupas “tradicionais” com cabeções brancos, saia vermelha, sandálias e um rosário de coral.

Imagem 23 - Vendedora de juçara.

Fonte: (Bogéa; Vieira, 1999).

.

Sua imagem me remete imediatamente às minhas próprias memórias de infância — especialmente às festas da juçara que aconteciam no Maracanã, em São Luís, para onde eu ia com minha família.

j) Vendedor de camarão

Segundo o autor, “o camarão pescado, quase sempre e adquirido nas próprias praias ou portos de desembarque, por intermediários que se constituem de revendedores, aqui chamados

também de camaroeiros, isto porque, nos seus pregões, fazem eles questão de enfatizarem (Bogéa; Vieira, 1999, p. 43:

> *"Olha o camarão, freguês... É só graudão, do "Pau Deitado" Camarão!..."*

O vendedor de camarão (ou camaroeiro) é descrito como um homem simples, rústico e de pouca escolaridade, mas não desprovido de inteligência prática.

Imagem 24 - Vendedor de camarão.

Fonte: (Bogéa; Vieira, 1999).

O autor destaca que os mais "sabidos" entre eles conseguiam identificar oportunidades mais lucrativas, como vender diretamente para hotéis de luxo (abandonando assim, seu pregão), em vez de depender exclusivamente do método "tradicional" de venda em ruas ou feiras, aproveitando a alta demanda e o valor elevado do camarão na culinária regional maranhense. O produto (camarão) costumava ser armazenado em latas de flandre com água, muitas vezes recicladas de produtos como querosene ou gasolina.

k) Vendedor de pirulitos

O vendedor de pirulitos andava pelas ruas da cidade anunciando o famoso pregão:

"Pirulito!...
Pirulito!...
Mamãe eu choro, Papai eu grito
Me dê um tostão
Pra comprar pirulito
Pirulito tem de coco
Maracujá, buriti...
Gente, compra pirulito!
Faça a criança sorrir..."

O pregoeiro do pirulito que marcou a infância de Bogéa fôra um *espanhol* chamado por todos de "piruliteiro".

Imagem 25 - Vendedor de pirulito.

Fonte: (Bogéa; Vieira, 1999).

Embora o nome do vendedor não tenha sido preservado na memória, ele é lembrado por sua residência em um cortiço da Rua do Norte (Cortiço de Rosa Percevejo) e pelo modo como vendia seus pirulitos: utilizando uma tábua retangular com buracos onde os doces eram dispostos, sustentada por um bastão que ele carregava no ombro[14].

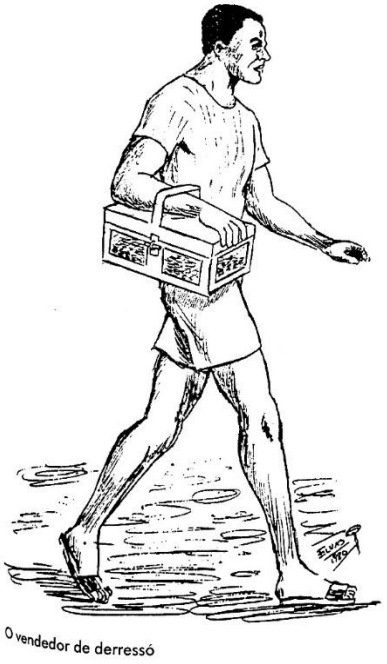
[14] Reconheço algumas similaridades entre o vendedor de pirulitos que marcou a infância do autor com minha interlocutora, a Dona Corina. A princípio, antes de iniciar a leitura a possibilidade de ser ela relembrada nas memórias de Bogéa me ocorreu. Mas percebi que ambos utilizavam o mesmo pregão e um modelo similar de tábua para venda do produto.

l) Vendedor de Derresó

O autor (1999) narra que pelas ruas estreitas de São Luís, após a hora do almoço, como a oferecer uma sobremesa era anunciado:

Derres...é...é... só!...

Imagem 26 - Vendedor de Derresó.



Fonte: (Bogéa; Vieira, 1999).

O texto não fala sobre o pregoeiro, mas descreve o produto da venda, um doce chamado "derressó", uma especiaria que foi popular no passado, especialmente entre as crianças da época. Feito de coco ralado e mel de cana, preparado até atingir uma consistência parecida com melado. Após ser resfriado e cortado em pequenos quadrados de dois centímetros, o doce era vendido em camadas de cinco unidades. A origem do nome é um tanto engraçada, "Derressó" é uma corruptela de "dez réis só", referia-se ao preço cobrado por cada camada de cinco tabletes.

m) Vendedora de pamonha[15]

[15] Penso ser interessante mencionar que embora no livro *Pregões de São Luís* mencione uma pregoeira (a vendedora de pamonha), a ilustração que acompanha o trecho é de um vendedor de pamonha.

A venda da pamonha, segundo as memórias de Bogéa sempre foi associada a um contexto especial: nas primeiras horas da noite, pregoeiros carregavam cestos de guarimã e anunciavam o produto com pregões que ecoavam pelas ruas de São Luís:

"Pamonha...
Pamonha...
Tá quentinha!
Chega na pamonha!"

Imagem 27 - Vendedor de pamonha.

Fonte: (Bogéa; Vieira, 1999).

Esses pregões, muitas vezes acompanhados de versos rimados eram adaptados de forma a inserir o nome de seu fabricante como por exemplo: "Pamonha... Pamonha...Tá quentinha! A pamonha só é boa quando é feita por Didinha." (Bogéa; Vieira, 1999, p. 83).

n) O garrafeiro

O garrafeiro é um dos pregoeiros que ainda, às vezes, era possível encontrar pelas ruas da cidade. Ao contrário dos outros pregoeiros que vendiam produtos (como os vendedores de pamonha, camarão, o piruliteiro etc.) o garrafeiro atuava como intermediário na compra e venda de materiais recicláveis (vidros) para fábricas de bebidas e farmácias. E eis que gritava pelas antigas ruas de São Luís:

Garrafeiro...
Compro garrafas, meia-garrafas, litros e vidros...
Freguês!...

Imagem 28 - O garrafeiro.

Fonte: (Bogéa; Vieira, 1999).

A grande maioria de sua clientela eram de crianças, que o viam como uma "oportunidade" de conseguir dinheiro para comprar doces ou até mesmo "para matar sua fome".

o) O vassoureiro

Costumava realizar suas vendas pela manhã, atraindo clientes com seu característico pregão que ecoava nas ruas:

Tem vassoura, espanador, Tem abano e vassourão
E, também, a vassourinha Pra limpar o vosso chão.

O vassoureiro é descrito como mais outro vendedor ambulante que estava em processo de desaparecimento nas ruas de São Luís, este, devido ao surgimento de indústrias que fabricam vassouras mais duráveis e fornecem diretamente a supermercados e mercearias. Embora as vassouras de palha de tucum fossem mais baratas, estavam sendo menos procuradas por serem frágeis e pouco duráveis. Este pregoeiro, além de vassouras de vários tamanhos, também vendia espanadores e abanos, transportando tudo em um pau de carga para facilitar o transporte e a exibição dos produtos.

Imagem 29 - O vassoureiro.

Fonte: (Bogéa; Vieira, 1999).

Lembro da minha avó usando esse tipo de vassoura de palha de tucum para varrer a casa, com aquele cuidado silencioso e firme que só ela tinha. Era comum vê-la comprando essas vassouras de um senhor que passava pelas ruas, carregando tudo em um carrinho de mão: vassouras, espanadores, abanos. Naquela época, eu nem sabia o que era um pregoeiro, mas hoje reconheço que aquele homem que anunciava seus produtos com voz forte e sempre chamava no portão de casa era justamente isso — um pregoeiro.

p) O Carvoeiro

Costumava anunciar:

Carvoeiro!...
Compra, freguês, o carvão
Tá sequinho... tá bonzinho ...
Não vou voltar, hoje, não!

Em virtude do crescimento da indústria de gás e do uso do ferro elétrico em detrimento do carvão de varinha, feito em caieiras, esse pregoeiro foi perdendo seu espaço.

Imagem 30 - O Carvoeiro.

Fonte: (Bogéa; Vieira, 1999).

Antigamente, o carvoeiro, sempre sujo pelo pó de carvão, transportava seu produto em cofos de pindova presos a um pau de carga e utilizava uma lata de querosene vazia como medida. O carvão, antes vendido em pequenos cofos prontos para entrega, perdeu espaço com o avanço das tecnologias, tornando esse ofício quase extinto.

q) O Verdureiro

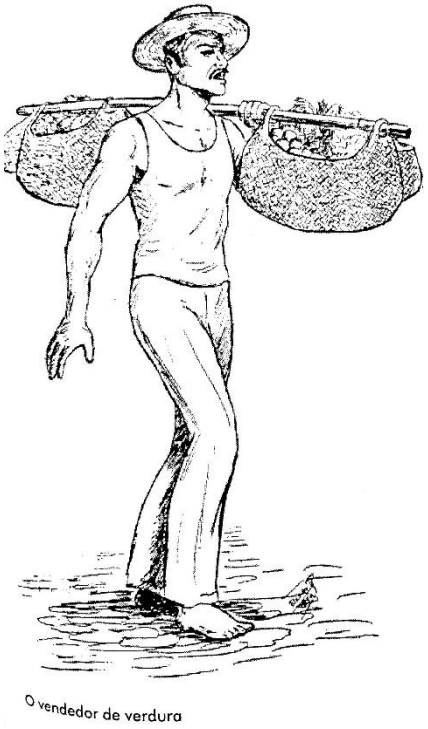
Pelas ruas esse pregoeiro costumava a anunciar:

Verdureiro!...

Verdureiro chegou...
Olha o verdureiro, freguesa!..

O verdureiro, como o próprio nome aponta, era um vendedor ambulante de hortaliças que comprava seus produtos diretamente em quintais e hortas para revendê-los aos consumidores, facilitando o acesso das donas de casa sem a necessidade de irem a mercados ou feiras. O pregoeiro carrega suas verduras em dois cofos de palha de babaçu presos a um pau de carga que equilibrava sobre os ombros, assemelhando-se a um fiel de balança.

Imagem 31 - O Verdureiro.



Fonte: (Bogéa; Vieira, 1999).

A descrição do verdureiro feita por Bogéa me faz lembrar algumas cenas da minha infância e até mesmo a adolescência. Mesmo com a crescente popularização das feiras livres, ainda era comum ver alguns senhores de idade, persistentes, passando pela minha rua logo nas primeiras horas da manhã, empurrando seus carrinhos de mão com algumas verduras e legumes frescos, batendo de porta em porta, oferecendo seus produtos.

r) O Sorveteiro

Carregando quase que uma sorveteria inteira na cabeça, costumava anunciar:

Sorvete!...
Sorvete de coco e taperebá!...

Aos poucos, esse vendedor foi perdendo seu espaço para a concorrência das indústrias de refrigerantes e sorvetes. Mas ainda segundo o autor era possível escutar o pregão do sorveteiro ecoar nas ruas, adaptado aos tempos modernos. Além dos sorvetes tradicionais de frutas regionais, como bacuri, agora são oferecidos sabores variados, como coco, chocolate e creme, demonstrando sua tentativa de adaptação a modernidade.

Imagem 32 - O Sorveteiro.

O vendedor de sorvete

Fonte: (Bogéa; Vieira, 1999).

Utilizando depósitos de isopor ou carrinhos de mão, sinalizando sua presença com o som de um sino ainda era possível escutar*: Sorvete!... Sorvete de coco, chocolate, creme, bacuri!*

s) Vendedor de banho cheiroso

Esse pregoeiro é descrito como uma figura rara nas ruas de São Luís, já que esses produtos eram comumente vendidos em mercados e feiras.

Gritava:

"Banho cheiroso!"

Esses banhos, feitos com ervas e outros ingredientes, eram associados às religiões de matriz africana, uma vez que "eram sempre receitados por macumbeiro" (Bogéa; Vieira, 1999, p. 111). Estigmatizada como "religião do diabo", seus compradores eram vistos como simpatizantes ou adeptos dessas práticas. Segundo Vieira (1999):

> O vendedor de "banho cheiroso" passava sempre pelos bairros mais pobres da cidade, onde os adeptos daquelas seitas religiosas eram mais numerosos; era ele chamado de vendedor de "ervas bentas"; com o acréscimo de outros ingredientes faziam o "banho cheiroso". Muita gente comprava ou mandava comprar o seu banho para tirar, assim, a "mofina" "peso", a "coira" ou "mau olhado', que diziam poder ser botado e tirado, por intermédio dos miraculosos banhos.

Os vendedores concentravam suas atividades nos bairros mais pobres da cidade, onde o número de adeptos dessas religiões era maior.

I**magem 33** - O vendedor de "banho cheiroso".

O vendedor de banho cheiroso

Fonte: (Bogéa; Vieira, 1999).

O trecho de Bogéa e Vieira escancara essa desigualdade: o preconceito religioso disfarçado de "tradição", a marginalização dos saberes populares, e o modo como tudo isso

afeta quem vive nas bordas, onde o cuidado com o corpo e com o espírito muitas vezes precisa vir da fé, das ervas, do que se tem à mão.

t) A Doceira

O autor menciona a nostalgia de alguns doces típicos, como “beijos-de-moça”, “olhos-de-sogra”, “não-me-toque” e outros, que tinham um sabor especial feitos pela doceira mais popular de sua época. Embora esta tenha sido superada pelas confeitarias e indústrias modernas, o texto de Vieira traz à tona a memória afetiva associada a essa pregoeira.

Imagem 34 - A doceira.

Fonte: (Bogéa; Vieira, 1999).

A figura de Salomé é mencionada como um exemplo de doceira que se destacou, tornando sua casa um ponto turístico famoso por doces típicos da região, como os de banana, buriti e cupuaçu. Um ponto interessante é que ao contrário dos demais pregoeiros, essa em específico preferia uma abordagem discreta, indo diretamente às casas de seus fregueses ou ficando em um lugar fixo, como uma praça, sem recorrer a pregões. Ela dependia mais de sua freguesia fiel ou dos que vinham até ela. Essa característica em especial fez com que eu lembrasse de Dona Corina, e de certa vez em que perguntei como ela anunciava seus pirulitos e ela disse que não gostava de cantar, só andava pela cidade.

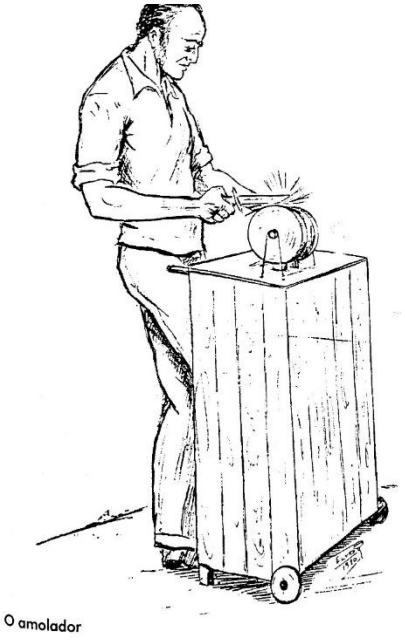
u) O Amolador

O pregão do amolador, que anunciava sua chegada, era bem conhecido e fazia com que donas de casa e operários corressem para as portas de suas casas em busca do serviço:

“Amolador...
Ô
ô... ô...”

O amolador é descrito por Vieira (1999) como mais um pregoeiro quase extinto das ruas da Ilha do Amor.

Imagem 35 - O Amolador.



Fonte: (Bogéa; Vieira, 1999).

É narrado como sendo, geralmente, um homem de meia-idade que utilizava um carrinho com três ou quatro pequenas rodas e locomovia-se pelos bairros e subúrbios. Esse carrinho continha um rebolo, ou pedra de esmeril redonda, que era acionado por meio de um pedal ligado a uma manivela. O movimento fazia o rebolo girar, através de uma correia, permitindo ao amolador afiar ferramentas de trabalho ou utensílios domésticos, cobrando pelo serviço de

acordo com o tamanho e a dificuldade do trabalho. No entanto, com o passar do tempo, essa profissão foi se tornando cada vez mais rara, e hoje restam pouquíssimos amoladores nas ruas.

v) A Vendedora de Caruru com bola

Essa pregoeira mencionada como extinta por Vieira (1999), anunciava o pregão:

"Caruru com bola
Caruru com bola
Caruru com bola
Quem vendia pela rua
Era a negra Mariola"

O caruru com bola era conduzido por mulheres negras e mulatas que carregavam na cabeça tabuleiros de madeira com dois alguidares cobertos por toalhas brancas: um com caruru e outro com angu de fubá de arroz, usado para fazer as bolas. Essas vendedoras, são descritas como sendo sempre limpas e vestindo trajes típicos da época, demonstravam cuidado em sua apresentação pessoal e higiene no manuseio dos produtos:

> As pessoas mais velhas, ao lerem este livro, vão recordar-se das negras e mulatas, que carregavam à cabeça, sobre uma rodilha alva, um taboleiro leve de madeira e, sobre a mesma, dois alguidares, um com caruru e o outro com o angu de fubá de arroz, com o qual elas faziam as bolas. Esses alguidares eram sempre cobertos com toalhas brancas, bem limpas, mostrando, assim, sinal de higiene. As vendedoras de caruru usavam, também, trajes tipicos da época, muito bem limpos, para que seus fregueses não sentissem nojo do que elas ofereciam, mas atração pelo seu conjunto: alimentação e vendedora. (Bogéa; Vieira, 1999, p. 123).

O cuidado extremo das vendedoras de caruru em sua apresentação reflete também (e infelizmente) o racismo que prevalecia na época.

Gosto muito de poesia e poemas. Em uma de minhas leituras no tempo livre, em um livro do nobre Mário Quintana descobri um poema chamado "*Minha Rua Está Cheia De Pregões*" que retrata um outro olhar sobre o pregoar e que achei interessante trazer para esse texto:

> Minha rua está cheia de pregões.
> Parece que estou vendo com os ouvidos:
> "Couves! Abacaxis! Caquis! Melões!" Eu vou sair pro Carnaval dos ruídos,
> Mas vem, Anjo da Guarda... Por que pões
> Horrorizado as mãos em teus ouvidos?
> Anda: escutemos esses palavrões
> Que trocam dois gavroches atrevidos!
> Pra que viver assim num outro plano?
> Entremos no bulício quotidiano...

> O ritmo da rua nos convida.
> Vem! Vamos cair na multidão!
> Não é poesia socialista... Não, Meu pobre Anjo... É... simplesmente... a Vida!... (Quintana, 2013, p. 62)

Quintana ressalta a vivacidade e o caos (no bom sentido) das ruas de uma cidade. Os pregões são mencionados como parte do cotidiano, como "a Vida". As vozes pregoeiros, com suas ofertas de couves, abacaxis e melões, são descritas de maneira quase visual, como se os pregões se tornassem palpáveis aos ouvidos. A poesia tem esse dom. Longe de romantizar o cotidiano, o poema sugere que é na confusão dos sons, na "barulheira" e nas interações humanas, no "Carnaval dos ruídos" que a vida realmente acontece. Não pude deixar de considerar o poema de Quintana como uma resposta ao problema do mundo dos condomínios particulares descritos por Christian Dunker (2005). No poema, Quintana celebra o bulício da vida cotidiana, representado pelos pregões, ruídos e interações que ocorrem no espaço público da rua. Ele convida o "Anjo da Guarda" a experimentar essa vivência, a entrar no ritmo da multidão, mesmo que isso implique se expor ao imprevisível e ao desordenado. No poema há uma valorização da dimensão caótica da vida urbana, em contraste com um ideal de isolamento ou pureza que o "Anjo" tenta preservar ao tapar os ouvidos. Dunker (2005), ao discutir a lógica dos condomínios, denuncia a segregação e o isolamento promovidos por esses espaços murados. A "lógica do condomínio" representa uma tentativa de "proteção" contra o caos e a diversidade do exterior, mas acaba por criar um falso universal dentro dos muros, onde a convivência é limitada e controlada, e os que estão fora são relegados a uma condição de exclusão. Dunker critica os condomínios por transformarem o espaço urbano em um território de exclusão, onde a convivência autêntica é substituída por um isolamento que elimina o "Carnaval dos ruídos" e das diferenças.

Em outro poema, "*Canção Meio Acordada*" presente em *Canções* (1946) Quintana retorna a descrever os agitos da vida urbana e o pregoeiro:

> Laranja! grita o pregoeiro.
> Que alto no ar suspensa!
> Lua de ouro entre o nevoeiro
> Do sono que se esgarçou.
> Laranja! grita o pregoeiro.
> Laranja que salta e voa.
> Laranja que vais rolando
> Contra o cristal de manhã!
> Mas o cristal da manhã
> Fica além dos horizontes...
> Tantos montes... tantas pontes...
> (De frio soluçam as fontes...)
> Porém fiquei, não sei como,
> Sob os arcos da manhã.

(Os gatos moles do sono
Rolam laranjas de lã.).
(Quintana, 2013, p. 68)

Aqui, o pregoeiro é retratado como uma figura pertencente ao cotidiano urbano. É o grito do pregoeiro que anuncia a chegada da manhã. O pregoar aqui se ritualiza e identifica a percepção primeira diante da abertura do olhar para o instante que se inicia. O cenário do poema é construído nessa constante articulação de espaços de realidade e imaginação, entre o cotidiano e o onírico.

A supracitada representação do pregoeiro no poema de Quintana me fez recordar de uma pintura que vi em um de meus passeios pelo Centro Histórico da cidade. Há algo de curioso como, quando descobrimos algo pela primeira vez, parece que esse algo começa a nos perseguir. De repente, aquilo está em todos os lugares — nos muros que atravessamos, nas conversas que escutamos ao acaso, nas páginas de um livro que abrimos sem pretensão e até mesmo nas paredes da cidade. É como se o mundo nos dissesse: “Agora que você viu, não pode mais desver”. Talvez haja aquilo que costumam chamar de sincronicidade, ou talvez seja apenas nossa percepção aguçada, sintonizada em algo que antes passava despercebido aos nossos olhos. E assim num fim de tarde de uma sexta-feira no dia 7 de julho de 2023 que me deparei com a arte da Imagem 36:

Imagem 36 - Desenho de um pregoeiro em uma cafeteria no Centro Histórico.

Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

O pregoeiro desenhado no muro, mais precisamente um sorveteiro, com camisa listrada, a caixa de sorvete no ombro, como se o tempo o tivesse capturado ali. Na hora, imaginei um grito de *"Sorvete!"* ecoando sob os arcos do fim de tarde. Lembrei do Seu Bem-te-vi.

3. 2 Desterritorializações acerca das codificações acadêmicas sobre os pregoeiros

As representações acadêmicas que encontrei sobre os pregoeiros de São Luís destacam suas origens e suas funções sociais e históricas. Escritos como os de Rayol (2001) situam os pregoeiros como parte da mão de obra informal, cujas atividades não são incluídas em índices econômicos oficiais, evidenciando uma exclusão estrutural. Por outro lado, há um esforço em associá-los a heranças históricas, como o trabalho dos "escravos de ganho" no Brasil imperial (Viana, 2020), destacando seu papel no abastecimento e dinâmica social da cidade. Além disso, os pregoeiros são retratados como portadores de um patrimônio cultural e identitário. A musicalidade e poética dos pregões (Viana, 2022) são apontadas como práticas singulares pertencentes a identidade cultural ludovicense. Contudo, essas mesmas representações acadêmicas reduzem-se apenas em narrativas históricas.

O texto da Prefeitura de São Luís, por sua vez, destaca o grupo dos pregoeiros como ícones da cultura maranhense, enfatizando seu papel como elementos da paisagem urbana do passado. No entanto, percebi que essa narrativa ignora as transformações e os desafios enfrentados pelos pregoeiros atualmente, como a competição com tecnologias modernas de som (Viana, 2022) e a exclusão imposta pela segregação urbana (Dunker, 2015). No livro *Pregões de São Luís* (1999) em minha leitura evidenciei aspectos que remetem às condições de vida e às opressões enfrentadas por essas figuras, incluindo o racismo, a exclusão socioeconômica e as desigualdades estruturais. Como, por exemplo, o caso do vendedor de "banho cheiroso" ou o jornaleiro, que atuavam predominantemente em bairros mais pobres, sendo demandados por comunidades marginalizadas. Essa exclusão enfrentada pelos pregoeiros está profundamente ligada ao racismo estrutural, que limita suas possibilidades de mobilidade social. A descrição da pregoeira Mundica Pretinha, por exemplo, a conecta ao passado escravocrata e à marginalização de espaços urbanos, como o "Pombal". Embora o livro apresente os pregoeiros como figuras resistentes, essa resistência é frequentemente descrita em termos de uma sobrevivência passiva.

Pensar os pregoeiros a partir de uma perspectiva deleuzo-guattariana de uma filosofia cartográfica, filosofia da diferença e dos movimentos aberrantes é reconhecer que suas práticas e narrativas não se reduzem a uma lógica majoritária e estática. Há um devir menor, que produz

desterritorializações que ressignificam o espaço urbano e a cultura popular. Esses indivíduos para além de sobreviver dentro de uma normatividade histórica, criam e recriam sentidos, ultrapassando fronteiras discursivas e agenciando coletivamente suas existências. Como indiquei anteriormente, cada voz, cada anúncio, carrega uma subversão do modelo, afirmando o nômade sobre o sedentário, o múltiplo sobre o uno. Compreendo os pregoeiros como uma *dobra* que desafia os contornos rígidos impostos pelas dinâmicas de dominação. Enquanto as representações majoritárias tentam estabilizá-los em narrativas que essencializam suas identidades e os associam ao passado escravocrata ou a uma subalternidade cultural, os pregoeiros demonstram uma resistência por meio de suas práticas cotidianas.

A dobra, nesse contexto, resiste e transforma. Reconfigura as marcas da opressão, criando territórios existenciais. Por meio de seus pregões os pregoeiros desafiam as estruturas impostas, desterritorializando os significados hegemônicos e abrindo caminhos para a invenção de sentidos próprios, em um constante devir. São, portanto, ao mesmo tempo produto de uma história de subjugação e potência criadora, dobrando os contornos da norma para afirmar sua existência como movimento e criação. Os pregoeiros de rua se colocam, para mim, como dobras da resistência no cotidiano de uma cidade que muitas vezes os marginaliza sem que eles mesmos percebam o grau de exclusão que sofrem. Com pouco acesso ao conhecimento formal sobre racismo, sua existência é marcada pelo improviso e pela necessidade de sobrevivência. Isso não os torna menos potentes; ao contrário, suas práticas criam fissuras nos moldes dominantes. Eles desafiam, ainda que silenciosamente, a axiomática capitalista que insiste em apagá-los. Pensar os pregoeiros em um devir-minoritário é enxergar sua capacidade de subverter as lógicas majoritárias que os reduzem ao campo da invisibilidade. Essa subversão não ocorre em discursos formais, mas na persistência de sua existência enquanto sujeitos criadores, que reterritorializam os espaços urbanos com a singularidade de sua voz, sua rima e sua forma de ser no mundo. Eles são resistência criativa, mesmo sem se saberem como tal.

Em *Conversações* Deleuze mostra que a melhor forma de analisar situações políticas é mapeando-as através de uma cartografia de suas linhas. As “linhas duras” ou “molares” representam as estruturas rígidas e segmentadas da sociedade, como os papéis fixos relacionados à família, escola, trabalho ou outras instituições. Contudo, os papéis rígidos e fixos que desempenhamos na sociedade (linha segmentada) podem ser atravessados por fluxos mais flexíveis e dinâmicos (linhas moles ou moleculares). Essas linhas introduzem mudanças e abrem possibilidades de transformação (devires), levando esses papéis a situações ou encontros inesperados, que rompem parcialmente com a rigidez. As linhas moleculares são fluidas e não seguem divisões rígidas como as linhas molares, que são baseadas em oposições fixas

(maioria/minoria). Em vez disso, as linhas moleculares criam fluxos e transformações, rompendo com os códigos dominantes. Nesse processo, o "devir minoritário" não é apenas uma oposição à maioria, uma vez que maioria e minoria não se distinguem:

> As minorias e as maiorias não se distinguem pelo número. Uma minoria pode ser mais numerosa que uma maioria. O que define a maioria é um modelo ao qual é preciso estar conforme: por exemplo, o europeu médio adulto macho habitante das cidades... Ao passo que uma minoria não tem modelo, é um devir, um processo. Pode-se dizer que a maioria não é ninguém. Todo mundo, sob um ou outro aspecto, está tomado por um devir minoritário que o arrastaria por caminhos desconhecidos caso consentisse em segui-lo. (Deleuze, 1992, p. 218)

A maioria é definida por um padrão fixo, como o europeu-médio-homem-adulto-urbano, enquanto a minoria é um processo dinâmico, sem modelo fixo. Assim, a maioria é uma ideia abstrata, e todos, em algum nível, têm dentro de si um "devir-minoritário", ou seja, uma força de mudança e transformação que poderia levá-los a experiências novas.

> Quando uma minoria cria para si modelos, é porque quer tornar-se majoritária, e sem dúvida isso é inevitável para sua sobrevivência ou salvação (por exemplo, ter um Estado, ser reconhecido, impor seus direitos). Mas sua potência provém do que ela soube criar, e que passará mais ou menos para o modelo, sem dele depender. O povo é sempre uma minoria criadora, e que permanece tal, mesmo quando conquista uma maioria: as duas coisas podem coexistir porque não são vividas no mesmo plano. Os maiores artistas (de modo algum artistas populistas) apelam para um povo, e constatam que "o povo falta": Mallarmé, Rimbaud, Klee, Berg. (Deleuze, 1992, p. 218)

Minorias podem adotar modelos para sobreviver ou conquistar direitos, mas sua força está na capacidade de criar, que pode influenciar os modelos sem depender deles. Mesmo que conquistem a maioria em um contexto político, continuam sendo minoria em outro nível. Todo devir é minoritário. A minoria possui precedência porque, ao contrário do que se pode pensar, seus movimentos não a retiram da sociedade, a influenciam e moldam a estrutura social. As "linhas moleculares" são fundamentais para a constituição da sociedade e de suas regras. Através das linhas de fuga as minorias traçam novos caminhos que desafiam as divisões rígidas e as oposições da estrutura social, contribuindo, pois, para o surgimento do político e do novo.

Se por um lado Dona Corina é celebrada, sendo homenageada com uma estátua em 2022 (Prefeitura de São Luís). Sua imagem remete à continuidade de uma prática tradicional, especialmente pelo uso do instrumento original de trabalho – os pirulitos feitos de forma caseira (Prefeitura de São Luís, s.d.). O meu encontro com Dona Corina rompeu a barreira entre a pesquisadora e "objeto de pesquisa". A vivência direta com Dona Corina desestabilizou as bases

teóricas e representações prévias que eu possuía acerca dos pregoeiros, revelando para mim as lacunas presentes nas narrativas formais.

O trabalho de Bogéa e Vieira (1999) mostrou a mim os fluxos afetivos que a prática de pregoar mobiliza. As histórias de vida de cada pregoeiro, as relações que construídas com sua clientela e a forma como resistem às adversidades do contexto urbano criam uma cartografia que conecta passado e presente, local e global. Seu ofício desterritorializa as narrativas tradicionais do pregoeiro como apenas um elemento histórico.

A partir dos dados colhidos durante esta revisão de literatura, desdobram-se algumas questões: o que é um devir? o que caracteriza um devir-pregoeiro? como Dona Corina descreve seu fazer prático? Ela se vê como vendedora de pirulitos ou como pregoeira de rua?

4 DA VENDEDORA DE PIRULITOS À PREGOEIRA: o que é um devir-pregoeiro?

Esta seção apresenta uma análise qualitativa das entrevistas colhidas durante o trabalho de campo, com foco nas narrativas de Dona Corina sobre sua prática como vendedora de pirulitos. A partir de sua descrição sobre o cotidiano e a dinâmica de seu trabalho, busco explorar e problematizar o significado de ser pregoeira para ela. A análise visa compreender como Dona Corina ressignifica o papel de pregoeira em sua vivência, considerando os aspectos subjetivos, afetivos e existenciais que permeiam sua experiência e a construção de seu devir-pregoeira.

4.1 Dona Corina

Como sinalizado na primeira seção dessa dissertação, meu primeiro encontro com Dona Corina aconteceu no dia 26 de setembro de 2023, em sua casa, localizada no bairro do Maiobão. Nosso segundo encontro aconteceu alguns dias depois, no dia 06 de Outubro de 2023. Fui acompanhada por minha mãe. Era minha primeira experiência de campo e, embora tivesse algumas perguntas anotadas, me sentia insegura sobre como conduzir a conversa. A proposta era simples: um encontro informal para nos apresentarmos pessoalmente e nos conhecermos.

No entanto, houve algo mais profundo ali. Foi difícil conter a *transferência*: Dona Corina se parecia demais com minha avó que havia falecido recentemente. O modo como falava, o olhar atento e pausado, o silêncio cheio de significados — tudo me remetia a ela.

Enquanto Corina compartilhava suas primeiras histórias, percebi que não era apenas um trabalho acadêmico; era também um mergulho nas minhas próprias memórias e em mim mesma.

Assim que cheguei, me apresentei e apresentei minha mãe, disse que estava desenvolvendo uma pesquisa sobre os pregoeiros de rua e, com todo cuidado, pedi licença para gravar nossa conversa. Desde o início, fui muito bem recebida por Dona Nena, que abriu a porta com um sorriso e simpatia acolhedores, por Jacy, a neta de Dona Corina, e, claro, pela própria Dona Corina, que me recebeu com gentileza, mas com certa timidez.

Dona Corina conta que começou vender pirulitos no município de Coroatá. Ela aprendeu a prática na igreja, com o Padre Estrela. Depois disso, ela me contou que esteve no município de Rosário, mas como um de seus filhos morava na capital do estado, vendeu sua casa e se mudou para São Luís para poder ficar mais perto de seu filho. O primeiro bairro em que Dona Corina morou na capital, curiosamente, foi o Coroadinho, na rua Bom Jesus. Essa coincidência me fez imaginar: será que algum dia minha avó e Dona Corina chegaram a se esbarrar pelas ruas do bairro? Talvez elas até tenham trocado algumas palavras, compartilhado histórias ou breves momentos de suas rotinas. Assim que cheguei em casa, a curiosidade me impeliu a ligar para minha mãe de criação e perguntar se ela sabia de alguma ligação entre minha avó e Dona Corina. Infelizmente, ela não soube dizer. Mesmo assim, gosto de imaginar esse encontro, por menor e mais casual que tenha sido (e que talvez nunca tenha acontecido).

A narrativa de Dona Corina é constantemente complementada por sua filha e neta, que adicionam detalhes, reinterpretando passagens e, às vezes, até corrigindo ou complementando a matriarca. Essa ação transforma a memória em um ato coletivo, e nos lembra que, como dizia Maurice Halbwachs (1950), as lembranças não pertencem apenas ao indivíduo, mas são tecidas nas relações que mantemos com os outros. No convívio familiar, essas camadas de memória vão se sobrepondo. A filha de Dona Corina, Dona Nena, recorda um detalhe que a mãe deixou escapar; a neta Jacy, por sua vez, oferece uma visão mais "contemporânea", relacionando as histórias da avó com sua própria vivência. Esse movimento reflete como a memória, longe de ser uma gravação fixa do passado, é recriada no presente, em cada troca. É um ato de imaginação e afeto, onde os fatos se misturam com interpretações e novos sentidos, tornando-se algo maior que a soma das partes. A memória compartilhada, ao mesmo tempo que reforça uma unidade narrativa, também expõe a multiplicidade de perspectivas presentes em uma mesma história. O ato de lembrar é intrinsecamente ligado à imaginação, o que desafia a fidelidade absoluta da memória. Gilles Deleuze, em *Lógica do Sentido* (1969), questiona a hierarquia tradicional entre a arte que imita a realidade (arte eicástica) e a arte que cria mundos imaginários (arte fantástica). Ele propõe que o simulacro, frequentemente visto como uma

distorção ou cópia degradada, seja entendido como uma força criativa capaz de subverter os modelos tradicionais de representação: “O problema não concerne mais a distinção Essência-Aparência, ou Modelo-Cópia. Esta distinção opera no mundo da representação; trata-se de introduzir a subversão neste mundo, “crepúsculo dos ídolos”. (Deleuze, 1974, p. 269). Para o filósofo, o simulacro não tem pretensão de reproduzir um modelo, mas sinalizar os mecanismos subjacentes de sistemas que permaneciam ocultos.

Assim, o campo estético é visto como um espaço virtual onde se entrelaçam a experiência sensível e a criação artística, permitindo que a arte revele novas formas de interpretar e sentir o real. Identifico na narrativa Dona Corina, em diálogo constante com sua filha e neta, semelhanças com o conceito deleuziano de simulacro. Em vez de reproduzirem a memória da matriarca como um “modelo” fixo do passado, as descendentes ressignificam suas histórias, adicionando camadas de interpretação e novas perspectivas. Esse processo não constitui uma “degeneração” das memórias originais, mas a produção de sentidos múltiplos que enriquecem a percepção da realidade vivida pela família. Tal como o simulacro no campo estético, a memória coletiva de Dona Corina e sua família transcendem o ato de reprodução, funcionando como uma “engrenagem” que transparece as dinâmicas familiares e sociais invisíveis, conectando experiências individuais ao todo coletivo.

Dona Corina afirma que gostava de seu trabalho, como quando questionei se ela vendia todos os dias e ela afirmou:

> **Brenda:** E aí a senhora vendia pirulito o dia todinho? a senhora saia de manhã e voltava...
> **Dona Corina:** Todo dia.
> **Brenda:** Todo dia?
> **Dona Corina:** Ai, eu gostava de vender.
> **Brenda:** Gostava?
> **Dona Corina:** Uhum.
> **Brenda:** A senhora andava a cidade todinha, né?
> **Dona Corina:** Andava... Aqui, andava lá pelo Joã-, pelo... Comé? João Paulo. Voltava pro...
> ***Filha de Dona Corina fala com o gato que aparece na sala e acaba a interrompendo.***
> **Filha de Dona Corina:** Mamãe vinha do- de João Paulo, mamãe ia pro Bequimão andando. (Entrevista concedida por Corina Martins e Maria Martins em sua residência no dia 26/09/23, às 15h10).

Essa declaração, no entanto, contrasta com os desafios relatados por sua filha e neta, que enfatizam as dificuldades físicas enfrentadas por ela como o cansaço, a exposição ao sol e à chuva, os riscos enfrentados diariamente e a ausência de locais para descanso ou necessidades básicas. Durante todos esses anos vendendo pirulitos Dona Corina acabou sendo atropelada três

vezes, sua neta Jacy relembra uma situação enfrentada por ela no último atropelamento de sua avó em que os atendentes do SAMU cochicharam pelo fato de uma idosa estar na rua trabalhando (na época do acidente Dona Corina já deveria ter cerca de 90 anos):

> "[...] **Neta de Dona Corina:** Porque ela dizia pra gente, aí a gente tinha uma noção de que qualquer poblema, a gente ir atrás. Não podia prender. agora que a gente... Ela já veio com uma história pra mim, "ah, se eu tivesse boa do meu olho eu iria"... não vai não!. A senhora não vai mais pra lugar nenhum. Foi atropelada três vezes, o pânico... Aí o pessoal da Samu olhou pra mim: "Você é filha dela?" Eu disse: "sou". Aí ficaram cochichando. Eu disse: "Não, a gente num pode prender em casa. A gente não força ela trabalhar. Ela vai porque quer, entendeu?" Como é que tu vai prender? Amarrar, botar uma algema? Hoje a gente proíbe. Não tem... não tem condição. Que nem eu disse pra ela, se a senhora for, ainda tem o quê? Dois filhos homem, Mamãe e eu que fui rezistrada [SIC] como filha dela, mas eu sou neta. Aí o que que acontece? A polícia vai chamar quem? Os filhos. Vão dizer o que? Abandono de incapaz, que a idade dela já não permite, tá explorando... Porque ninguém entende, ninguém sabe o outro lado, porque não vê o outro lado. Só vê ela sofrendo na rua, que eu digo pra ela. Gostava? gostava. Mas cara, eu fui duas vezes vender pirulito com vovó. É.um sofrimento. É sol na cara, quando não é chuva, que eu já peguei chuva vendendo pirulito com ela. Não tem local pra mijar, não tem local pá cagar, não tem local pra tu... descansar direito. Entra ni uma rua, sai em outra rua, das ruas mais seguras as mais perigosas de São Luís, entendeu?! Então é perigoso sim. Ela gostava. Mas...
> **Filha de Dona Corina:** Ela saia daqui 8 hora da manhã, às vezes sete, chegava às vezes oito e meia, nove horas da noite. "Mãe a senhora já comeu? Ainda não comi nadinha. Não tive tempo.". (Entrevista concedida por Maria Martins e Jaciara Martins, em sua residência no dia 26/09/23, às 15h10).

Jacy atenta para o fato de que mesmo recebendo aposentadoria Dona Corina insistia em sair para vender, mesmo que sua família não aprovasse. Infelizmente foi o último acidente sofrido por ela o responsável por aposentar a pregoeira de seu ofício.

> **Neta de Dona Corina: [...]** transtorno essa última vez, aí... bateu... já não tava muito boa da vista, bateu a cabeça e piorou a vista. Aí pronto, aí...vem com umas histórias: "ah se eu pudesse eu ia", não, deixa quieto. Aí a senhora fica aí no seu lugarzinho que... nossa! foi uma vida turbulenta pra nós! mas pra ela, ela acha aventura. Que a gente se preocupa, se não se preocupasse com ela, taria aí no mundão.
> **Dona Corina:** E eu andava sozinha.
> **Neta de Dona Corina:** Andava sozinha. Sozinha. Aí a gente... às vezes eu saía com ela, ela me mostrava um amigo, me mostrava outro e a gente saia pegando os números de telefone. Eu conheci um professor que dava almoço pra ela, aí... conheci... outro... que é amigo dela, uma... Nena, né mãe? Uma Nena também, que dava... os pessoal que tinha almoço dava almoço pra ela que ela passava nas casas. A gente saiu pegando os números tudinho pra entrar em contato pra quando ela desse esse sumiço a gente sair ligando. (Entrevista concedida por Corina Martins e Jaciara Martins, em sua residência no dia 26/09/23, às 15h10).

Dona Corina comenta com certo orgulho de que andava sempre sozinha enquanto vendia, sua neta, por sua vez, narra uma estratégia que adotou quando acompanhava a avó nas vendas: ao ser apresentada aos amigos de Dona Corina, pedia o número de telefone de cada um,

para casos de emergência os contatar, ou ao menos saber em qual bairro Dona Corina poderia estar. A vida cotidiana como pregoeira lhe proporcionou também alguns encontros inusitados com figuras públicas, como Sabrina Sato e Roseana Sarney, participação na novela *Da Cor do Pecado* e no Programa de Televisão *Pânico na TV*. Ela relembra a interação com Sabrina Sato, em que inicialmente não percebeu quem estava chamando sua atenção, e um episódio com Roseana Sarney, em que, ao perceber que a então governadora estava procurando por ela, preferiu se esconder, mas afirma que desconhecia que ela fosse a governadora do estado. Jacy me mostrou algumas fotos no celular de Dona Corina com a Sabrina Sato. Entre risadas, ela contou que sua avó ao ser abordada por alguma personalidade famosa não esboçava entusiasmo por desconhecer a "fama" das pessoas.

Sem perceber que estava diante de uma pessoa famosa, respondeu de maneira direta e sem cerimônia à curiosidade de Sabrina sobre como consumir os pirulitos que vendia. Há uma verdadeira autenticidade em Dona Corina, uma vez que ela não modifica seu comportamento nem mesmo em situações que poderiam causar constrangimento. O episódio foi filmado e exibido no programa *Pânico*, gerou brincadeiras dentro da família, especialmente entre os netos, que riram e comentaram sobre a avó ter tratado uma celebridade com tanta naturalidade. Tal espontaneidade foi percebida pelo atual prefeito da cidade Eduardo Braide como Jacy contou:

> **Neta de Dona Corina:** [...] Aí tem um monte de famosa se aproxima dela, ela conversa, nem tem noção do que que as pessoas são, nem tem noção. Ela foi falar pro prefeito de São Luís no dia da inauguração da estátua, né, que ela tem as colega dela do dia a dia, do povão de venda de pirulito. Aí chegou o grupo das colega dela lá, né, querendo tirar foto. Aí ele tava pousando lá pras foto com ela e com o... sorveteiro.
> **Brenda:** O seu Bem-ti-vi.
> **Neta de Dona Corina:** Isso, aí tava lá tirando foto, sendo filmada, aí a Katia Bogea né? Disse assim mesmo: "Não, não vem mais ninguém, só o pessoal daqui", que era o pessoal da Vale, da Alumar e o prefeito lá com a esposa dele. Aí vovó virou pra ela: "Não, então não tira mais foto com ninguém, deixa eu tirar com minhas colega". Aí o prefeito olhou e começou a sorrir e disse assim mesmo: "gostei Dona Corina, espontânea". Aí deixaram, vovó tirou umas três fotos com as colegas delas lá, que aí eles estavam fechando pra ninguém, a multidão não ir bagunçar pra deixar os pessoal da alta tirar foto e fazer as entrevistas. A vovó parou tudo e foi tirar foto com as meninas da feirinha. (Entrevista concedida por Jaciara Martins, em sua residência no dia 26/09/23, às 15h10).

Durante a inauguração de sua estátua, onde estavam presentes figuras importantes da cidade, como o prefeito de São Luís e representantes de grandes empresas, Dona Corina demonstrou sua espontaneidade ao reivindicar espaço para suas colegas de venda, interrompendo o protocolo para priorizar seus amigos. Ao priorizar suas relações cotidianas sobre as figuras de prestígio presentes no evento, Dona Corina "desafia" as estruturas de poder e representação que presentes na ocasião. Esse gesto não apenas subverte a lógica hierárquica

dominante, mas também cria um território de visibilidade e afeto, no qual suas "colegas" são realocadas para o centro da cena. Há um *devir-minoria*, em que Dona Corina afirma uma multiplicidade de vozes e afetos frente às grandes instituições representadas no evento.

Aproveitei que mencionaram sobre a inauguração da estátua e perguntei a elas como surgiu o convite. Dona Nena foi direta em sua resposta:

> **Filha de Dona Corina:** Rapaz, só mandaram um aviso, que ela tava sendo, ia ser homenageada, iam fazer uma estátua dela tamanho natural que queriam que ela fosse na inauguração, aí eu disse pra ela, ela ficou feliz demais, aí o menino veio o, Sereno, veio aqui que ele... a cabeça ele veio escupir aqui aí... o corpo ele fez pra lá, agora a cabeça aí veio aqui, passou a manhã todinha... (Entrevista concedida por Martins em sua residência no dia 26/09/23, às 15h10).

Ela conta que apenas receberam uma ligação avisando que Dona Corina receberia uma homenagem, que ganharia uma estátua sua em tamanho real e a convidaram para a inauguração. A reação de Dona Corina foi de felicidade. No entanto, durante o evento, ela enfrentou uma situação desagradável:

> **Filha de Dona Corina:** Aí eles terminaram e disseram que ia levar ela, eu disse, ó, e ela vai de manhã é? dão pelo menos água pra ela. Essa aqui disse que eles não tiveram coragem de comprar um litro de água pra dar pra ela e a gente confiando neles, não foi, Jacy? Não levou nenhum tostão pra comprar nenhum litro de água.
> **Neta de Dona Corina:** Foi... eu não levei nada que eles disseram que iam dar água...
> **Filha de Dona Corina:** Depois eu escutei ela dizer que saiu daqui de manhã cedinho, chegou aqui quase duas horas da tarde sem beber um copo de água. Jacy ficou com muita raiva. (Entrevista concedida por Maria Martins e Jaciara Martins, em sua residência no dia 26/09/23, às 15h10).

Dona Corina foi negligenciada durante o evento da inauguração de sua própria estátua. Sua filha e a neta confessam que confiaram na promessa de que seria oferecida água a Dona Corina, mas isso não aconteceu. Como resultado, ela ficou sem beber água por várias horas, desde cedo pela manhã até quase duas horas da tarde.

Ainda relembrando a profissão da avó, Jacy nomeia a prática da pregoeira como "trabalho escravo":

> "**Neta de Dona Corina:** [...] Ela gostava... dessas arrumação. [...] Eu digo é muito pra ela, eu não sei se ela não fica com raiva de mim, aquilo era trabalho escravo, senhora, a senhora era uma escrava, ela andava muito de sofrimento e vovó era felizona com essa arrumação também. Vovó, sua vida foi só sofrer.
> **Filha de Dona Corina:** Precisava ver a felicidade quando ela ganhava alguma coisa na rua, ela vinha trazer toda feliz, peixe... davam galinha pra ela". (Entrevista concedida por Maria Martins e Jaciara Martins, em sua residência no dia 26/09/23, às 15h10).

A neta destaca que mesmo com o sofrimento que marcou sua trajetória, sua avó era feliz. Confesso que fiquei surpresa com a comparação feita por Jacy, especialmente porque ela talvez desconhecesse que pesquisadores como Viana (2022) relacionam a origem dos pregoeiros aos chamados "escravos de ganho". Jacy contando que a vida de dona Corina foi repleta de sofrimentos tanto que a rotina difícil de pregoeira passou a ser para ela uma diversão. Nesse ponto da conversa elas compartilham comigo uma parte difícil da vida de Dona Corina, a violência doméstica sofrida por ela:

> **Neta de Dona Corina:** Às vezes eu penso assim, como vovó viveu a vida só de sofrimento, isso pra ela se tornou uma diversão. Dos males e... o menor é o melhor. Porque vovó, viveu com o marido apanhando do marido direto, sofreu feito um cão.
> **Filha de Dona Corina:** Por isso que ela aprendeu a fazer tudo isso, porque meu pai era assim. O que era dele, era das irmãs dele.
> **Neta de Dona Corina:** Da família dele.
> **Filha de Dona Corina:** Se ela quisesse comprar um vestido, uma comida pra comer, ela tinha que trabalhar pra comprar pra ela. Porque o dinheiro dele era das irmã, dela não. Eu presenciei pequenininha papai bater em mamãe.
> **Neta de Dona Corina:** O pai da minha vó era rico. Mas só que na época ela fugiu de casa, pra ir morar com esse meu vô, pra casar com esse meu avô, contra a vontade deles, começou a sofrer e não teve mais como voltar. Filha de Dona Corina: Ela não voltava, porque não aceitava de volta.
> **Dona Corina:** eu não dizia para os meus pais que eu apanhava.
> **Filha de Dona Corina:** Ela sofreu, a mamãe sofreu.
> **Neta de Dona Corina:** Aí pra não morrer de fome, não deixar os filhos morrer de fome, ela começou a inventar coisa. Aí conheceu esse padre que ensinou isso pra ela, ela trouxe a vida dela inteira. Aí vovô morreu, a pensão dele ficou pra ela, mas ela já tava ensinada nessa vida. (Entrevista concedida por Corina Martins, Maria Martins e Jaciara Martins, em sua residência no dia 26/09/23, às 15h10).\

O ofício de pregoeira surgiu como uma necessidade para sustentar a si e a seus filhos. Embora tivesse nascido em uma família com boas condições financeiras, por amor, Dona Corina abdicou de tudo e fugiu com seu (agora) falecido marido. Enquanto transcrevia esse trecho da entrevista, senti uma mistura de empatia e admiração ainda maior por Dona Corina. Seus relatos, entremeados pelas vozes de sua filha e neta, revelam uma mulher que enfrentou desafios imensos, mas que encontrou formas de resistir e reconstruir sua vida. Sua trajetória me marcou, especialmente por sua resiliência diante de uma realidade tão dura. Preciso confessar que tive dificuldade ao ouvir novamente os relatos sobre a violência que ela sofreu. Embora eu nunca tenha vivenciado algo parecido. É sempre doloroso revisitar histórias de dor, ainda mais quando se trata de alguém que, mesmo em meio a tudo isso, encontrou forças para seguir adiante, cuidar dos filhos e transformar a própria vida. Fiquei tocada pela confiança depositada

em mim durante essa entrevista. Elas mal me conheciam, e, ainda assim, compartilharam algo tão íntimo, tão cheio de cicatrizes, mas também de coragem.

Dona Corina chama atenção de todos dizendo que precisava contar algo que nunca havia dito para elas (a filha e a neta):

> **Dona Corina:** Tem uma coisa que eu nunca contei pra vocês. Num dia... tinha uma cerca assim na frente da casa... e... eu tava lá dentro costurando. Aí a Julia veio buscar uma... um... uma... xícara e um copo. E eu... "Vocês levam meus copos, já quebraro tudo". que eu tinha trocado esse copo com Dica pelo um vestido que eu costurei pra Dica e ela me pagou com o copo.
> **Filha de Dona Corina:** Oxi, que pagamento...
> **Dona Corina:** Mas é. Foi seis copo.
> **Filha de Dona Corina:** Ah, seis copos, tá certo. Tá vendo?
> **Dona Corina:** É, já tinham quebrado tudo, só rá' tinha um. E a... a menina foi buscar, quando nasceu, um menino de Doca, não sei quem foi... e eu disse: "vocês leva meus copo é só pra quebrarem. Toda vez que vocês tem filho, vem buscar um, e quebra os copo tudo." Aí ela foi contou pra Cibério, Cibério tava lá na grama assim, e ela, e ela foi contar pra Cibério chegou, ele me deu um tapa, eu caí, aí ele chutou, eu caí de novo, aí ele tornou chutar.
> **Neta de Dona Corina**: ele era ignorante.
> **Dona Corina:** Eu caí e foi bem na porta do quarto e tinha uma espingada. **(ri)** Aí eu peguei a espingada **(ri)**, aí ele correu **(todas elas riem).**
> **Dona Corina:** Aí ele correu. E eu: Quelepo, quelepo, quelepo, quelepo. Num tinha bala na espingarda **(diz rindo)**. Ainda bem que num tinha, mermã. Que se não eu tinha matado ele. (Entrevista concedida por Corina Martins, Maria Martins e Jaciara Martins, em sua residência no dia 26/09/23, às 15h10).

O Cibério de quem Dona Corina fala era seu cônjuge. Sem esboçar nenhuma reação de tristeza ela narra o episódio de agressão sofrido. Em vários momentos de nossa conversa notei como Dona Corina normalizava as violências vividas. Percebo uma certa inocência em Dona Corina ao achar graça da situação, como se rir fosse um modo de ressignificar os episódios difíceis. O riso aqui não apaga a violência vivida, mas talvez seja sua maneira de não se deixar consumir por ela. É tocante como, mesmo diante do que parece ser uma tragédia pessoal, ela ainda consegue narrar com leveza. A leveza de Dona Corina, ao mesmo tempo que emociona, que nos toca, também nos faz questionar os caminhos que o riso abre para a memória e a dor. Ainda sobre o casamento de Dona Corina, Dona Nena e Jacy compartilham:

> **Filha de Dona Corina:** Ele levava as mulher dele, as mulher que ele arranjava, pra dentro de casa. Quando não era ele ia pegar as mulher na rua, mandava as mulher cobrar dela e ela pagava. Aí ele botava a mulher dentro de casa quando ela ficava. fazer comida, ficava olhando. Aí ela gritava pra mulher: "ê, Maria vem botar o comer do teu marido", eu falava: "mãe, a senhora tem sangue de barata".
> **Neta de Dona Corina:** Aí eu virei assim mesmo: "vó por que a senhora fazia isso?" "Minha filha, eu prefiro pagar pra ele ficar em cima de quenga, do que uma pessoa que a gente não gosta mais tá em cima da gente".
> **Filha de Dona Corina:** Ela dizia assim: "me batia, me batia, quando terminava", desculpa a palavra: "Me batia, quando terminava dizia assim: "ei Corina, vem fuder".

> Desculpa aí. Desse jeito, desculpa aí. É assim que ela dizia pra gente. (Entrevista concedida por Maria Martins e Jaciara Martins, em sua residência no dia 26/09/23, às 15h10).

Esse relato é carregado de uma sinceridade crua, quase brutal, me afetou. É difícil não se impressionar com a forma como Dona Corina articula suas escolhas e suas dores. A resposta dela à pergunta da neta — sobre preferir pagar para manter uma distância de quem ela já não amava — se mostra para mim como uma força, mesmo em meio à submissão aparente. A narrativa das filhas e neta, carregada de indignação, evidencia para mim a diferença de perspectivas entre gerações. Para elas, Dona Corina deveria ter "lutado" mais contra aquilo que parece inaceitável. Mas, na voz de Corina, percebo uma sabedoria dura: o entendimento de que resistir, às vezes, pode significar não se deixar consumir pelo ódio, mas encontrar uma forma de sobreviver e manter alguma autonomia, mesmo nos limites estreitos da opressão.

Enquanto ouvia Dona Corina compartilhar seus sofrimentos, senti uma mistura de emoções. Ela narrava com naturalidade episódios que, para mim, eram claramente marcados por violência e dor, mas que, para ela, pareciam não ser reconhecidos como tais. Cada relato me fazia questionar: devo dizer a ela que isso é violência? Que o que viveu não deveria ter sido suportado com silêncio ou justificativas? Percebi que talvez contar isso a Dona Corina não fosse o mais respeitoso. Ela construiu suas próprias formas de lidar com essas vivências. Interferir nisso poderia não só desrespeitar sua forma de lidar com a memória, mas também trazer de volta dores que talvez ela tenha aprendido a suportar de outra maneira. Então, escolhi ouvir. Escolhi estar presente, acolher suas palavras sem tentar impor minha visão ou reinterpretar suas experiências para ela. Talvez o mais importante naquele momento não fosse apontar o que eu via como violência, mas permitir que Dona Corina continuasse sendo dona da sua história, no seu próprio ritmo, com as suas próprias escolhas. Senti que respeitar sua narrativa era a forma mais sincera de honrar quem ela é e o que viveu.

Em um momento da nossa segunda conversa Dona conta que desde a morte de seu cônjuge sua mãe optou por não ter outro relacionamento:

> "**Filha de Dona Corina:** Mas também desde papai, mamãe não queria mais saber de homem de jeito nenhum. Porque apanhou não foi que nem gente não. Apanhava muito. Eu cheguei a presenciar. Eu era pequena, mas eu nunca me esqueço...Batia na "pobe véa".
> **Dona Corina:** Ele era branco e eu sou preta..." (Entrevista concedida por Corina Martins e Maria Martins, em sua residência no dia 06/10/23, às 14h).

O amor sempre foi algo que me tocou bastante. Quando falo de amor me refiro a todas as formas de amar. Ao ouvir o relato da filha de Dona Corina, algo em mim silenciou. Saber que o único amor romântico que ela conheceu a feriu tanto, ao ponto de fazê-la negar completamente a possibilidade de amar novamente, foi como sentir o peso de uma história que não me pertence, mas que me atravessa. E ainda sim, com inocência, Dona Corina parece enxergar as violências como "normais" pelo fato de seu marido ser branco e ela negra. Enquanto transcrevia e ouvia repetidas vezes a frase "ele era branco e eu sou preta", senti um aperto no peito que não consegui ignorar. Não foi apenas a dor de Dona Corina que me emocionou, mas a forma como ela parece justificar o injustificável, quase naturalizando uma relação tão desumana. Como uma mulher branca, sei que jamais poderei compreender plenamente o que é sentir na pele a opressão do racismo, suas marcas visíveis e invisíveis. Mas ao ouvir essas palavras, só pude sentir tristeza, indignação e um profundo respeito por Dona Corina. Respeito por ela continuar falando, contando sua história, mesmo que cada frase traga à tona camadas de dor.

Dona Corina não enfrentava a violência apenas dentro de casa; ela também vivenciava episódios dolorosos enquanto estava nas ruas, vendendo seus pirulitos. Como o episódio em que sofreu uma tentativa de assalto (já mencionado na seção anterior):

> **Filha de Dona Corina:** Conta pra ela, mãe, que o ladrão... **(ri)**
> **Dona Corina:** O ladrão... **(ri)** O ladrão me agarrou... e eu gritei. E ele sentiu eu gritar e sem poder dar o otimato, ele botou a faca aqui na minha goela e eu gritei. Os homens da construção correram por mim e ele se largou e correu. E eles correram atrás e ele pulou dentro de um... quintal. Aí eles não deixaram os outros. Eu acho que...
> **Filha de Dona Corina:** Aí ela chegou em casa e ela disse, "márrapaz, ele bota a faca no meu pescoço e diz, "se tu gritar eu morro", márrapaz, se for morrer eu morro gritando". É, mamãe, era cada uma... (Entrevista concedida por Corina Martins, Maria Martins, em sua residência no dia 26/09/23, às 15h).

Na segunda vez que visitei a família, Dona Corina relembrou novamente o mesmo acontecimento:

> **Dona Corina:** Vendi "ni" Manaus. Muito. Muito mesmo. Aí as "minina" era pequenininha. Eu vendi em Manaus e um ladrão me pegou, querendo me forçar. **(ri).** E eu gritei e os pessoal que "tavo" trabalhando assim "vinhero" todo mundo e ele largou a faca que tava com a faca na minha "guela" e... correu **(pausa).** E eles correram atrás e ele entrou numa casa e não deixaram os cara pegarem ele.
> **Brenda:** A senhora não ficou com medo não?
> **Dona Corina:** Ah, fiquei sim **(ri)**, minha filha, fiquei com muito medo. Mas eu ia morrer e eu ia ficar calada? eu gritei **(ri).**
> **Filha de Dona Corina:** Ia morrer gritando, né, mãe? **(ri).**
> **Dona Corina solta uma gargalhada.** (Entrevista concedida por Corina Martins e Maria Martins, em sua residência no dia 06/10/23, às 14h).

Foi impossível não sentir o peso e, ao mesmo tempo, a força contida na narrativa de Dona Corina. Ao viver um momento de medo extremo, de ameaça real, ela escolheu gritar, escolheu reagir — mesmo com a faca contra o pescoço. Isso é de uma coragem imensa. Algo que me marcou foi a gargalhada dela ao relembrar o acontecimento. Talvez o riso seja sua forma de desarmar o medo, de não permitir que ele tome conta. Talvez seja sua forma de ressignificar aquilo que a machuca.

A ingenuidade, bondade e generosidade que percebi em Dona Corina se ressaltaram novamente em determinado momento da conversa em que Dona Corina relembra um episódio que carrega tanto humor quanto melancolia:

> **Dona Corina:** E uma vez um cara comprou uns pirulitos e disse que ia buscar o dinheiro e ó, nunca foi.
> **Brenda:** Aí ele deu perdido da senhora?
> **Filha de Dona Corina:** Ah, sabe o que eles faziam com ela? Dizia assim mesmo, pediam pra ela trocar dinheiro. Aí ela dizia: "quanto?" aí eles diziam: é tanto. Aí ela pegava, contava o dinheiro ali, botava na mão deles e eles pegava o dinheiro e olha. **(bate as mãos pra insinuar que corriam).** (Entrevista concedida por Corina Martins e Maria Martins, em sua residência no dia 06/10/23, às 14h).

Quando perguntei se ele tinha dado um "perdido" nela, Dona Nena acrescentou outras situações de engano que marcaram a trajetória de sua mãe como vendedora. Ela contou que muitas vezes pediam para Dona Corina trocar dinheiro, e, ao receberem as notas, as pessoas simplesmente fugiam com o valor.

Ao final de nosso último encontro em 2023, perguntei se poderia tirar uma foto de Dona Corina. Elas prontamente concordaram.

Imagem 37 - Dona Corina.

Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Na imagem, Dona Corina sorri. Um sorriso tímido, mas gentil. Em seu rosto, traços esculpidos pelo tempo. Ao encarar a fotografia me sinto acolhida por sua expressão serena. O retrato ao fundo emoldura seu legado com palavras de afeto, explicita como seu próprio lar a celebra e a acolhe.

4.2 Devir-pregoeira ou Devir-vendedora de pirulitos?

Para olhares atentos e rigorosos, não deve ter passado despercebido o fato de em diversos momentos eu ter mencionado o conceito de *Devir*, mas não me preocupar em explicá-lo. Pois bem, aqui o farei. Ou melhor, recorrerei a definição do próprio Deleuze que diz que: "os devires são geografia, são orientações, direções, entradas e saídas. Há um devir-mulher que não se confunde com as mulheres, com seu passado e seu futuro, e é preciso que as mulheres entrem nesse devir para sair de seu passado e de seu futuro, de sua história." (Deleuze; Parnet, 1998, p.10). Entendo, pois, os devires como movimentos, que rompem com estruturas fixas de identidade ou história. Eles não seguem modelos, não têm ponto de partida ou chegada, mas se expressam como encontros e transformações contínuas. São, portanto, rizomáticos. O devir-mulher, por exemplo, não se refere às mulheres como categoria, mas a um movimento que permite superar limites impostos pelo passado ou pelo futuro, criando modos de ser. Os devires são imperceptíveis e se manifestam no estilo e na vida como expressão singular de um processo em constante transformação. Palavras e histórias podem ser substituídas porque o que importa é o movimento, a criação de traçados sem necessidade de justificar ou enquadrar em modelos fixos. Por essa razão:

> "Devir é jamais imitar, nem fazer como, nem ajustar-se a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade. Não há um termo de onde se parte, nem um ao qual se chega ou se deve chegar. Tampouco dois termos que se trocam. A questão "o que você está se tornando?" é particularmente estúpida. Pois à medida que alguém se torna, o que ele se torna muda tanto quanto ele próprio. Os devires não são fenômenos de imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, núpcias entre dois reinos." (Deleuze; Parnet, 1998, p.10).

O devir, ao ver de Deleuze, é uma interação singular, uma "dupla captura" em que diferentes elementos se encontram e se transformam mutuamente, sem seguirem trajetórias paralelas. É como uma união entre polos distintos, marcada por desvios e multiplicidades que rejeitam a fixação em identidades ou padrões. Eles são expressos em um estilo:

> “Os devires são o mais imperceptível, são atos que só podem estar contidos em uma vida e expressos em um estilo. Os estilos, e tampouco os modos de vida, não são construções. No estilo não são as palavras que contam, nem as frases, nem os ritmos e as figuras. Na vida não são as histórias, nem os princípios ou as conseqüências. Sempre se pode substituir uma palavra por outra. Se esta não lhe agrada, não lhe convém, pegue outra, coloque outra no lugar. Se cada um fizer esse esforço, todo mundo poderá se compreender, e não haverá mais razão de colocar questões ou fazer objeções.” (Deleuze; Parnet, 1998, p.11).

Os devires são movimentos que transcendem as formas fixas da linguagem e das construções culturais, manifestando-se exclusivamente na singularidade de uma vida e no estilo que esta assume. Esse estilo não se reduz a uma composição técnica de palavras, frases ou ritmos, emerge como uma expressão vital, inseparável da existência que o contém. Para Deleuze, o estilo não é fabricado ou imposto, mas vivido, constituindo-se na própria dinâmica do devir, que escapa a qualquer fixação ou estrutura. A substituição de uma palavra por outra, desde que carregada de esforço mútuo de compreensão, evidencia que o sentido está nos movimentos que possibilitam a criação compartilhada. Nessa perspectiva, histórias, princípios ou consequências tornam-se secundários diante da força criadora e transformadora do devir, que é sempre plural, dinâmico e relacional. Por essa razão, “uma entrevista poderia ser simplesmente o traçado de um devir”. (Deleuze; Parnet, 1998, p.10). Todo devir traz uma potência do devir. Percebo isso em minha interlocutora.

Na segunda seção desse trabalho abordei que em *Mil Platôs*, Deleuze e Guattari argumentam que os processos de subjetivação são constituídos por três tipos distintos de linhas (de segmentaridade dura, de segmentaridade maleável e de fuga). As linhas de fuga são desterritorializações. A partir dos encontros com Dona Corina e de seus relatos e das falas de sua família, acredito que sua trajetória como pregoeira configura-se como uma linha de fuga, uma desterritorialização que a permitiu escapar das violências que marcaram sua trajetória. Como sua Neta, Jacy contou: [...] como eu digo, dos males, o menor é o melhor, porque pra mim vender pirulito é sofrimento, filha. Mas eu acho que vovó teve uma vida pior no passado que ela optou pelo pirulito e ficou com o pirulito como diversão (Entrevista concedida por Jaciara Martins, em sua residência no dia 06/10/23, às 14h). Para Deleuze, “fugir é traçar uma linha, linhas, toda uma cartografia. Só se descobre mundos através de uma longa fuga quebrada" (Deleuze; Parnet, 1998, p. 48). E foi assim que Dona Corina entrou em um *devir-pregoeira*. O devir é geográfico. Um ponto interessante é que o tornar-se pregoeira surgiu como uma linha de fuga do sofrimento que lhe afligia. Minha interlocutora encontrou na prática de pregoar uma maneira de reinventar sua existência diante das adversidades que atravessaram sua vida (embora para ela tenha sido apenas por uma finalidade prática, isto é, complementar a renda da família).

Apesar das dores físicas que essa atividade lhe causava, ela afirmava que essas não a incomodavam, talvez porque o peso emocional de sua trajetória fosse muito maior.

> **Brenda:** A senhora casou com quantos anos?
> **Dona Corina:** eu... (dá uma travada, olha pra Dona Nena).
> **Neta de Dona Corina:** ih... – **(ri).**
> **Filha de Dona Corina:** Mãe não me pergunta isso "qu"eu num era nascida. **(ri).**
> **Neta de Dona Corina:** eu também não. **(ri).**
> **Dona Corina solta uma gargalhada.**
> **Dona Corina:** Mas parece que era com quatorze anos, eu acho que foi isso.
> **Brenda:** A senhora era bem novinha, né?!
> **Dona Corina** Era. Bem novinha. Agora depois que... (dá uma pausa longa) Faz tempo que ele morreu, né?
> **Brenda:** Uhum**. (digo incentivando-a falar mais, mas ela fica calada).** Aí a senhora... falou também que a senhora começou a vender o pirulito, né? Nessa época do casamento, para ajudar a sustentar seus filhos, né?
> **Dona Corina:** É, mas meu marido deixou... uma pensão para mim. Eu fiquei com ela, mesmo assim eu queria vender "pá" ajudar.
> **Brenda:** Mas, assim, o que a senhora sentia pra fazer a senhora querer vender? Era mais pra ajudar a sustentar a casa? Ou por que a senhora começou gostar mesmo de vender?
> **Dona Corina:** Eu gostei mermo de vender.
> **Brenda:** Uhum...
> **Dona Corina:** Ah[16]...
> **Brenda:** E o que a senhora mais gostava quando a senhora estava vendendo pirulito?
> **Dona Corina:** Eu gostava de tudo. Tudo que vinha pra mim era bom. (Entrevista concedida por Corina Martins, Maria Martins e Jaciara Martins, em sua residência no dia 06/10/23, às 14h).

Para Dona Corina, tudo que compunha seu devir-pregoeira era bom. Penso que seu ofício como pregoeira não era apenas uma ocupação, mas era sobretudo uma afirmação de vida, onde as dificuldades se dissolviam na potência de habitar um território que ela mesma criava e recriava a cada dia. Ser pregoeira é uma desterritorialização. Durante nosso primeiro encontro, ao abordar como era a rotina de vendas de Dona Corina, perguntei sobre as interações que ela tinha com as pessoas nas ruas. Minha curiosidade era compreender como ela percebia e reagia às diversas formas de tratamento que recebia em seu cotidiano. Queria compreender quais os afetos estavam presentes em sua rotina.

> [...] **Brenda:** E quando a senhora estava na rua assim, a senhora ouvia o que das pessoas? Elas sempre tratavam a senhora bem?
> **Dona Corina:** Uns tratavam bem, outros tratavam mal, mas eu nem... Não tinha nada com isso.
> **Brenda:** A senhora não ligava?
> **Dona Corina:** Não.
> **Brenda:** Nem ficava triste, quando alguém tratava a senhora mal?
> **Dona Corina:** Não...tinha gente que me tratava mal, outro que me "tratavo" bem.
> **Brenda:** Uhum.

[16] Nota: A entonação desse "ah" soou similar ao som que minha avó costumava soltar nas conversas quando estava entediada, achava que alguém estava falando bobagens ou quando se estressava com algo. Comecei a pensar que eu estava fazendo perguntas bobas, pois ela estava dando respostas curtas.

> **Dona Corina:** Eu...os que me “tratavo” bem era bom. (Entrevista concedida por Corina Martins em sua residência no dia 26/09/23, às 15h).

Nesse momento, Dona Corina, com sua serenidade, relatou que, enquanto alguns a tratavam bem, outros a tratavam mal. Ela parecia não permitir que os maus-tratos abalassem sua paz, preferindo focar nos bons encontros. Enquanto conversávamos durante minha segunda visita, perguntei novamente à Dona Corina sobre situações em que alguém a tratou mal durante suas vendas:

> **Brenda:** Já teve situação de alguém tratar a senhora mal?
> **Dona Corina:** Tratava...trata...muita gente que trata a gente mal...
> **Filha de Dona Corina:** Ela pedia água “pras pessoa”, pessoa cortava garrafa pet pegava a água da torneira e “darra pa” ela beber. Ela chegou aqui muitas vezes reclamando disso que ela pedia um tiquinho por causa que ela “tarra” com muita sede, aí o pessoal cortou a garrafa pra dar água pra ela da torneira. Aí eu disse: “Mamãe, senhora “num” liga pra isso não.” ela disse: “Eu “num” ligo não minha filha, agora eu só vou beber onde tem bebedouro, que eu bebo gelada”. Ela ia no Reviver, ia na...não sei qual clínica que tem ali... Oh meu Deus, perto de uma igre
> ja que tem “mermo” bem no centro, tem uma clínica de dente que antigamente...eu até fiz uma vez tratamento lá, ela entrava lá e eles “davo” o copinho pra ela, ela bebia água geladinha. Ela ia correr, ela pedia uma água “pro” pessoal, tinha um “restaurantezinho”, “nera” mãe? Que a senhora entrava e pedia água... (Entrevista concedida por Corina Martins e Maria Martins em sua residência no dia 06/10/23, às 14h).

Dessa vez a resposta foi um pouco diferente. Dona Nena relembrou episódios em que, ao pedir um pouco de água, sua recebeu respostas que mesclavam descaso e condescendência. Alguns cortavam garrafas PET e ofereciam água de torneira.

Jacy comenta sobre as marcas físicas que o ofício de Dona Corina lhe causava:

> **Brenda:** Como é que a senhora aguentava carregar essa tábua pesada, na cidade todinha? **(pergunto para Dona Corina)**
> **Neta de Dona Corina:** Ah, isso daqui dela era cheio de hematoma. **(aponta para a região da cintura).**
> **Dona Corina:** E era leve...
> **Brenda:** era leve, Dona Corina?!
> **Neta de Dona Corina:** Ela apoiava aqui. (aponta para a região da cintura). Era tudo roxo. Eu ficava morrendo de medo. Não era, mãe?! Quando eu vi a primeira vez, que ela só... eu só via a vovó vestida. Eu fui lá pro quarto dela se trocando. Aí o hematoma porreta, roxa. A vovó já era pretinha do sol. E com a hematoma que ficava mesmo forte... credo...
> **Brenda:** e a senhora achava leve? **(perguntei incrédula)**
> **Dona Corina ri.** (Entrevista concedida por Corina Martins e Jaciara Martins, em sua residência no dia 06/10/23, às 14h).

Dona Corina, ao carregar a tábua, transforma seu corpo e sua relação com o espaço urbano. Embora Jacy evidencie as marcas deixadas pelo trabalho — os hematomas causados

pelo peso da tarefa —, Dona Corina parece operar uma linha de fuga: ela desafia o peso literal e simbólico do trabalho árduo, ressignificando-o como algo "leve". Essa postura desloca as dores físicas configurando uma resistência perante às condições de vida adversas. Quando questionada sobre como lidava com a fome durante os dias de trabalho, ela compartilha sua experiência de continuar vendendo mesmo sem se alimentar:

> **Brenda:** Quando a senhora não conseguia a comida, a senhora passava o dia todo sem comer?
> **Dona Corina:** Passava...
> **Brenda:** E vendia assim mesmo?
> **Dona Corina:** Vendia...
> **Brenda:** A fome apertando a senhora continuava trabalhando, Dona Corina? – perguntei incrédula.
> **Dona Corina:** Continuava, mas a fome não apertava não, porque eu andando e falava com um e falava com outro, e eu "num" sentia a fome.
> **Brenda:** E nem o pé cansado de andar o dia todo?
> **Dona Corina:** Não. (Entrevista concedida por Corina Martins em sua residência no dia 06/10/23, às 14h).

Em sua fala, era o movimento constante e as interações com outras pessoas que a ajudavam a desviar sua atenção da fome, permitindo que ela seguisse em frente. Há uma troca entre Dona Corina e os amigos que fazia nas ruas. Jacy e Dona Nena comentam que muitos clientes compartilham histórias pessoais relacionadas a Dona Corina. Percebo que presença dessa senhora e seus pirulitos marcaram a vida de várias pessoas:

> **Neta de Dona Corina:** Esse pessoal que vão na feirinha atrás dos pirulitos, que recordam... São pessoas todas de idade, são mais velhas do que eu. Mil vezes. São pessoas de idade mesmo. "Ai, eu não sou... Eu não posso nem comer isso aqui, que eu tô diabético, mas eu vou lembrar um pouquinho minha mãe, que minha mãe comprou muito isso daqui pra mim quando ela passava na porta." A maioria de idade, né mãe?!
> **Filha de Dona Corina:** É.
> **Neta de Dona Corina:** Que faz encomenda, que vai atrás da gente na feirinha. São todas pessoas de idade. **Brenda:** Uhum...
> **Neta de Dona Corina:** Ai eu acho que eles compram, mas "pa" recordar o que a mãe deles faziam por eles, eles é...cada um conta uma história diferente para a gente. Eu, meu marido, ela também escuta muita história. O pessoal que chega até a gente para comprar o pirulito, conta histórias dela, a convivência dela com eles pelas ruas. São muitos, muitos. (Entrevista concedida por Maria Martins e Jaciara Martins, em sua residência no dia 06/10/23, às 14h).

Os pirulitos vendidos por Dona Corina estão ligados à memória afetiva de seus clientes, especialmente os mais velhos, que compram o doce para relembrar a infância. Além de clientes e amigos humanos, teve um amigo não-humano que também foi especial para minha interlocutora:

> **Neta de Dona Corina:** Vovó teve uma época que adotou um macaquinho que ela mandava fazer uns "pirulito".

> **Filha de Dona Corina**: Ah, é...eu fazia os pirulito desse "tamanzinho" pra ela levar pro macaquinho.
> **Neta de Dona Corina:** Eu encontrei esse macaquinho. O dono do macaquinho lá no Reviver.
> **Filha de Dona Corina**: Toda sexta-feira, "nera" mãe?
> **Neta de Dona Corina:** O macaquinho diz que entrou em depressão e morreu.
> **Brenda:** Oh meu Deus.
> **Filha de Dona Corina**: É porque eles "tiraro". Eles "tiraro" porque mamãe passava, toda vez que mamãe passava mamãe dava o pirulito pra ele. Aí eu digo mamãe, ele...que tamanho, era aqueles "miudinho". Eu comecei a fazer os "pirulitinhos" desse tamanho assim. (Entrevista concedida por Maria Martins e Jaciara Martins, em sua residência no dia 06/10/23, às 14h).

Com um gesto simples, mas cheio de afeto, Dona Corina criava laços e ressignificava sua vivência nas ruas. Os afetos são forças que nos atravessam e nos deslocam para além de nossa condição humana habitual. Quando Deleuze e Guattari afirmam que os perceptos são "paisagens não humanas da natureza" e afetos como "devires não humanos do homem" nos convidam a pensar os afetos como processos que nos conectam a outras formas de existência e à própria vida em sua multiplicidade. Esses devires não humanos nos fazem transcender os limites do *eu* e nos inserem em uma dinâmica de interconexão com o todo, com o cosmos, onde deixamos de ser entidades isoladas para nos tornarmos partes ativas de uma rede de fluxos, forças e potências. Somos constantemente transformados por nossas relações. Os devires nos tornam *humanos, demasiado humanos* (em referência ao pensamento nietzschiano). Essa perspectiva se alinha com a ética de Espinosa (1677), que discorre sobre os encontro e o devir como formas de intensificar a vida e resistir a estruturas que aprisionam o pensamento e a existência.

É na relação entre o indivíduo e as forças externas que o atravessam que se produzem as linearidades (trajetórias contínuas), binarizações (oposições como masculino e feminino) ou circularidades (padrões que se repetem). Estas são agenciadas tanto por instituições e estruturas sociais no plano macropolítico – como o Estado, a economia ou as normas culturais –, quanto pelas experiências particulares no plano micropolítico, que abrange os desejos, afetos e singularidades dos indivíduos. Nesse sentido, a subjetividade é resultado de um campo tensionado entre forças maiores que moldam o coletivo e a multiplicidade de vivências individuais, sempre em constante transformação. (Deleuze & Guattari, 1997).

O território existencial, embora seja vivenciado como um espaço de individuação, ou seja, um meio através do qual o indivíduo se define e se percebe, é sempre construído no cruzamento de forças e determinações coletivas. Essas forças, originadas de contextos sociais, culturais e históricos, ganham características próprias ao se manifestarem na duração da vida singular, marcando a experiência individual (Guattari, 1988, 1990, 1992). Assim, o sujeito é

resultado de um processo constante de troca e contágio entre as dinâmicas singulares da vida e as segmentações impostas pela ordem molar – que representa os sistemas e estruturas maiores, como normas sociais, instituições e padrões de comportamento coletivo. Esse sujeito, portanto, está sempre em movimento, sendo efeito momentâneo das interações entre o individual e o coletivo. (Deleuze & Guattari, 1997).

Hoje, impossibilitada de sair para vender, Dona Corina sofre, como destacou sua filha: "eu acho que o sofrimento foi depois que ela parou de ir pra rua". (Entrevista concedida por Maria Martins em sua residência no dia 06/10/23, às 14h). Há em Dona Corina uma necessidade constante de criar seu território. Mesmo enfrentando limitações físicas e a preocupação de seus familiares:

> **Filha de Dona Corina:** Ah, deixa eu contar... Hoje ela queria fugir... queria ir pra rua. Aí ela querendo ir, aí eu digo: "ô mãe, hoje não dá, eu tô ocupada, os menino tem que ir pra escola, vai chegar visita pra senhora, eu tenho que... tô fazendo almoço aí, que a mamãe tá indo na porta, "mãe, a senhora vai pra onde?", ela: "vou ali dá uma volta pela rua", eu digo: "mãe, só a senhora não vai não, pelo amor de Deus, não faça isso não", vai que cai mermã, numa pista dessa aí. Aí ela ficou calada, depois se aquietou. (Entrevista concedida por Maria Martins em sua residência no dia 26/09/23, às 15h).

Dona Corina molda seu território em movimento, recriando seu espaço existencial através dos passos que compuseram sua trajetória durante as vendas. Contudo, impossibilitada de continuar a prática que dava sentido à sua existência, ela encontra outro modo de plasmar esse território: pela memória. Relembrar o tempo em que pregoava é seu ato de resistência, trazendo o passado para o presente.

O conceito bergsoniano de "imagem-lembrança" abordado por Deleuze em *Bergsonismo* (1968) é importante ser mencionado aqui especialmente ao tratar de momentos em que a memória parece se transformar em devaneios e em concepções distorcidas da realidade. De acordo com Deleuze, "a lembrança só pode ser dita atualizada quando se torna imagem. É então, com efeito, que ela entra não só em "coalescência", mas em uma espécie de circuito com o presente, a imagem-lembrança, que remete à imagem-percepção, e inversamente". (Deleuze, 1999, p. 51). Há, pois, uma distinção entre imagem-lembrança e percepção-imagem, que não se limita a uma diferença de grau, mas uma diferença qualitativa na natureza de como o tempo se manifesta. A partir disso, o filósofo francês apresenta uma ideia central: o passado não é algo que "deixa de ser", ele coexiste continuamente com o presente:

> "Temos, em demasia, o hábito de pensar em termos de "presente". Acreditamos que um presente só passa quando um outro presente o substitui. Reflitamos, porém: como adviria um novo presente, se o antigo presente não passasse ao mesmo tempo em que é presente? Como um presente qualquer passaria, se ele não fosse passado ao mesmo

> tempo que presente? O passado jamais se constituiria, se ele já não tivesse se constituído inicialmente, ao mesmo tempo em que foi presente. Há aí como que uma posição fundamental do tempo, e também o mais profundo paradoxo da memória: o passado é "contemporâneo" do presente que ele foi." (Deleuze, 1999, 45)

Essa coexistência implica que o passado, em vez de ser um "já foi", é um campo de múltiplos níveis de contração. O "nível de contração" refere-se à intensidade com que os aspectos do passado se condensam e se atualizam no presente. O presente, então, configura-se como o nível mais intenso e condensado de uma continuidade temporal que inclui todo o passado. Ao coexistir com o presente, o passado é atualizado pela memória involuntária.

Em *Proust e os Signos* (1964), os signos da memória são escrutinados a partir da união entre o fenômeno da reminiscência e os efeitos do associacionismo. Embora o associacionismo psicológico seja relevante e útil, ele não captura a essência da memória involuntária, que se manifesta por meio de sensações ou emoções intensamente conectadas a um passado que, paradoxalmente, nunca foi vivenciado de forma consciente. Percebi isso nas falas de Dona Corina:

> **Filha de Dona Corina:** Ela conta as história dela, coisa que já aconteceu com ela. Ah, uma alma ela pra correr, a alma, não foi, mãe?
> **Dona Corina:** Foi. **(ri)**
> **Neta de Dona Corina:** Passou no meio de bandido brigando, né, vó?!
> **Dona Corina:** Quando eu ia- Quando eu ia passando...
> **Filha de Dona Corina:** Vira palmeira isso aí.
> **Dona Corina:** En-ein. E eu disci naquela rua...
> **Filha de Dona Corina:** Ela subia aqui por tudo.
> **Dona Corina:** aí eu subia aonde tem unas casa desmantelada.
> **Filha de Dona Corina:** um Colégio.
> **Dona Corina:** E eu subia pá-pá "orinar". Quando eu cheguei que eu me abaixei, aí me falaram uma porção de coisa e eu... corri.
> **Filha de Dona Corina:** Mamãe disse que era assombração, eu digo "mãe, isso era drogado lá dentro e a senhora veio com medo. Ela disse "não minha filha, eu me arrepiei todinha". A gente com medo a gente se arrepia mesmo.
> **Dona Corina:** Não era não. Era a coisa ruim mermo. Nunca mais eu entrei lá. Aí tinha outro sobrado assim e eu fazia pra lá. Não ia mais nesse.
> **Filha de Dona Corina:** minha mãe é uma graça. (Entrevista concedida por Corina Martins, Maria Martins e Jaciara Martins, em sua residência no dia 26/09/23, às 15h).

A narrativa de minha interlocutora expressa como seu passado é revivido no presente, moldando sua percepção do momento vivido e se entrelaçando com o imaginário. Isso se repete em diversos outros momentos. Como esse em que o passado coexiste com o presente: "**Dona Corina:** Uma vez eu fui no...no... mercado comprar pão - (solta pigarros entre as palavras) - cheguei e vi tá cavando... E eu passei e não reparei quando eu voltei tinham tirado a cabeça d'um homem, sem um fio de cabelo". (Entrevista concedida por Corina Martins, em sua residência no dia 06/10/23, às 14h). Há também em sua fala uma certa gagueira:

> **Dona Corina:** Não...Pessoal "gostaro" de mim e eu... vendia bem lá. E vendi mesmo muito... Passei numa-numa casa, *ainda hoje eu tô me lembrando*[17]. Tinha um menino caído "dento dum" poço e eu num sei se tiraram, eles "tavo" lutando pra tirar[18].
> **Brenda:** hum...
> **Dona Corina:** Num sei se tiraram, num sei se morreu, não sei. E eu voltei por... outra parte. Tinha mais... um su... "lião", tinha um "lião" deitado com a... a mão por cima da leoa, e os menino "começaro" a jogar pedra, "começaro" a jogar pedra. E eu... não quis ficar muito perto, fiquei uma distância. Aí quando o "lião" se levantou **(ri)**, urinou nos olhos dos menino, e os menino "saíro" gritando. E nó... e eu mais Jorge correndo[19].
> **(ri. Ao perceber que sua família não a acompanhou, Dona Corina cessa o riso).**
> **Neta de Dona Corina:** Era do circo. – **responde rapidamente.**
> **Dona Corina:** Era.
> **Brenda:** Isso em Manaus?
> **Dona Corina:** Em Manaus. – **confirmou.** (Entrevista concedida por Corina Martins e Jaciara Martins, em sua residência no dia 06/10/23, às 15h).

As recordações de Dona Corina, como o menino caído no poço e o leão urinando nos olhos das crianças, parecem devaneios, pois não seguem uma linha lógica ou cronológica clara. Esses relatos são impregnados de sensações, imagens vívidas e até elementos fantásticos, como o leão, que parecem distorcer a realidade e transformá-la em uma mistura de memória e imaginação. Dona Corina recria seu passado vivido:

> **Dona Corina**: Uma vez eu passei lá em Manaus, tinha quatro "homi morto" e eu passei, Jorge andava comigo, mas Jorge tinha ido pra outro, outra rua pra nós se encontrar lá na frente. Meu Deus, passei por aquele som, chegou lá na frente, tinha uma palmeira, e eu subi em cima da palmeira pra sair lá, onde eu me encontrava com Jorge. Meu Deus, como é que mataram esses caras? Ou seja, eles estavam empinando papagaio e um cortava o papagaio e o outro...
> **Filha de Dona Corina**: Papagaio que ela chama é...
> **Brenda:** Pipa, né?! – **perguntei e Dona Nena confirmou com a cabeça.**
> **Dona Corina**: E o outro cortava o do outro, cortava. Aí o outro voltou, foi em casa, pegou um revólver, chegou e matou o outro.
> **Brenda:** Meu Deus! (Entrevista concedida por Corina Martins e Maria Martins em sua residência no dia 26/09/23, às 15h).
> **Filha de Dona Corina**: Isso é verdade. Lá era assim, tinha negócio de torneio de pipa, né? Só que é um povo meio esquisito. Aí a pessoa ganha, eles zango, vão e matam.
> **Dona Corina:** Aí, eu passava. **(ela segue seu raciocínio)**. Levava, "cumê", às vezes fritava... assava peixe, e levava farinha, lá "num" se come farinha d'água, só farinha seca. Aí... o pessoal me "oferecio", pr'eu ir comer com eles, eu ia, mais Jorge... Dessa vez... a... um cachorro deste tamanho pulou em cima de Jorge e eu fiquei sem fazer nada e o cachorro "avoou" em cima de Jorge e "lembendo, lembendo". Quando o dono tirou o cachorro, o cachorro não tinha nem dente. Já era um bicho deste tamanho assim. **(ri)** E eu, graças a Deus, não mordeu o menino, só ficou lambendo. (Entrevista concedida por Corina Martins e Maria Martins, em sua residência no dia 06/10/23, às 15h).

[17] Acredito que demonstra como Dona Corina rememora o passado como uma forma de lidar com o presente.
[18] Acho que aqui ela começou a fantasiar.
[19] Ela se divertiu muito contando essa história. Percebi que a filha e a neta ficaram meio estranhas ouvindo pela possível fantasia sendo contada.

Nesse momento, novamente, a narração de Dona Corina exemplifica como as suas recordações misturam a realidade com elementos distorcidos, aproximando-se dos devaneios. As imagens que ela evoca, como a situação dos “homi morto” e o cachorro que “não tinha dente”, são reconstruções afetivas e subjetivas de eventos passados. O modo como ela descreve a cena do “papagaio” e a sequência de eventos culminando na morte, com detalhes tão específicos e ao mesmo tempo um tanto exagerados, indica uma fusão entre memória e imaginação, onde o real e o imaginado se entrelaçam. Outro aspecto percebido por mim está na presença do riso e da maneira como ela retoma essas memórias, especialmente as mais surreais ou assustadoras. Tais recordações parecem servir como um meio de suavizar as experiências intensas ou traumáticas, distorcendo-as para suportar o presente que lhe causa desconforto.

A memória voluntária, segundo Deleuze, organiza o passado em relação ao presente, estabelecendo uma conexão linear entre momentos distintos. Contudo, ela tende a congelar o passado, limitando-o a uma representação estática que não altera sua composição essencial ou ordinária. Essa forma de memória é prática e funcional, mas incapaz de acessar o “ser em si do passado”, deixando escapar sua dimensão mais profunda e significativa. Por outro lado, a memória involuntária transcende as relações de identidade e semelhança convencionais. Ela é acionada por signos sensíveis que evocam momentos passado, mas que ao mesmo tempo abrem acesso a uma dimensão outra do real. Essa memória opera de maneira não linear, revelando o que Deleuze chama de “tempo em estado puro”. O exemplo clássico evocado por Gilles Deleuze de Madaleine no livro *Em busca do tempo perdido* (1913), de Proust, ilustra essa dinâmica: o sabor do bolinho não desperta apenas lembranças associativas, mas uma “Combray” que nunca foi vivida como presente, embora seja real e coexistente.

Essa atualização, no entanto, não é uma repetição do que foi vivido, mas a criação de um novo presente, que combina o passado e o atual de maneira impermanente. A memória involuntária, assim, não apenas preserva o passado, mas o reinventa, permitindo novas compreensões e vivências do tempo.

A memória involuntária acessa níveis mais profundos do passado, que estão além da consciência e da memória voluntária. Para Deleuze, esse “passado puro” é capaz de coexistir com o presente e, por meio de sua atualização, revela o caráter criativo e transformador da memória. Essa capacidade de romper com a linearidade do tempo e a previsibilidade das associações conscientes transforma a memória involuntária em uma força dinâmica, que resgata o passado como um elemento sempre novo, capaz de revelar aspectos do real que antes permaneciam ocultos.

> "Inútil e inativo, impassível, ele (o passado) É, no sentido pleno da palavra ele se confunde com o ser em si. Não se trata de dizer que ele 'era' pois ele é em-si do ser e a forma sob qual o ser se conserva em si (por oposição ao presente, que é a forma sob a qual o ser se consome e se põe fora de si). No limite, as determinações ordinárias se intercambiam: é do presente que é preciso dizer a cada instante, que ele era e do passado é preciso dizer que ele é, que ele é eternamente o tempo todo." (Deleuze, 1999, p. 42)

No meio da conversa, Dona Corina começou a narrar um episódio marcante de sua vida, com informações que pareciam, à primeira vista, desconexas:

> **Dona Corina:** Antes dela nascer **(referindo-se a Dona Nena)** eu adoeci muito porque eu fui para São Miguel, lá [inaudível]. E lá eu fui encher uma água e o pote quebrou.
> **Brenda:** Uhum.
> **Dona Corina:** E um boi veio urrando atrás de mim, cavando, urrando e cavando.... e eu com medo de meu marido chegar, porque eu quebrei o pote e ele querer me bater. E esse boi urrava aí se ajoelhava e se [inaudível] uma coisa. Quando eu cheguei, eu entrei e disse pra minha sogra, aí ela disse: "Ah, quebrou, tá quebrado. Não tem que "coisar" outro não" e eu fiquei... Nesse dia me deu febre e eu fiquei tão fraca, pra "mim" vim de lá pra cá, eu vim deitada no banco...quase morta. Chegou papai "tarra" me esperando, com rede e "cum caboco", não sei quem era, eu sei que era a matador. E me botaram "denda" rede, me trouxeram na rede...embora lá pra onde papai morava. E eu fiquei ruim... quase que eu morria.

Em minha última visita, em determinado momento Dona Corina parece revisitar a mesma memória:

> **Dona Corina:** (...) Eu vi uma coisa vindo, subindo, de uma janela quebrada assim lá em cima, né? Aí o cara veio na janela com um vestido que eu dei pra mamãe e deitou junto comigo. Aí eu me levantei e me deitei (silêncio), fiquei pensando que foi mamãe que morreu e veio me dizer uma coisa e eu não esperei. Voltei, o cara ainda estava dentro da minha rede. Daí eu, por fim, me trespassou, não vi mais nada. Quando eu acordei, era de madrugada com o padre Luiz me benzendo (inaudível) me benzendo.
> **Dona Nena:** Mas como é que a senhora vai se deitar junto com a assombração, tu é doido?!
> **Dona Corina:** Eu pensando que era mamãe.
> **Dona Nena:** Vovó vinha ni corpo de homem, mãe?
> **Dona Corina:** Não, ela não veio como homem, veio como mulher. Veio com aquele vestino que eu dei pra mamãe. (silêncio) me deitei e a frieza me transpassou. Daí foi por uns tempos eu fui encher água, escorreguei, caiu e foi aí fiquei dando febre, dando febre, dando febre. Quando eu já não podia mais andar, Jesus disse "eu vou te levar". Vai morrer em casa.
> **Dona Nena:** E levou pra casa do pai dela.
> **Dona Corina:** papai foi me esperar. (Entrevista concedida por Corina Martins e Maria Martins em sua residência no dia 10/12/24, às 15h).

Dona Corina apresenta um novo relato que difere do anterior. Agora, ela menciona uma "assombração" que acreditava ser sua mãe, associada a um episódio de febre e fraqueza que a levou à casa de seu pai. Diferentemente da primeira versão, que enfatizava que ao se assustar com boi, escorregou e quebrou o pote.

Para uma linha de fuga acontecer não é necessário se mover no sentido literal da palavra. Os nômades exemplificam isso, pois, embora geograficamente imóveis, seguem linhas de fuga que reconfiguram sua existência e inventam novas formas de agir e resistir:

> Fugir não é exatamente viajar, tampouco se mover. Antes de tudo porque há viagens à francesa, históricas demais, culturais e organizadas, onde as pessoas se contentam em transportar seu "eu". Em seguida, porque as fugas podem ocorrer no mesmo lugar, em viagem imóvel. Toynbee mostra que os nômades, no sentido estrito, no sentido geográfico, não são migrantes nem viajantes, e sim, ao contrário, os que não se movem, os que se agarram à estepe, imóveis a grandes passos, seguindo uma linha de fuga no mesmo lugar, eles, os maiores inventores de armas novas.A história, porém, nunca compreendeu nada dos nômades, que não têm nem passado, nem futuro. (Deleuze; Parnet, 1998, p. 47-48).

Dona Corina é uma nômade, uma vez que não para de plasmar seu território, caminhar é sua forma de construir seu território. Como se vê impedida de estar em constante movimento, lembrar o passado é seu meio de suportar a “vida” que tem hoje.

Pouco mais de um ano depois de nos encontrarmos pessoalmente, retornei à casa de Dona Corina no dia 10 de dezembro de 2024. Durante esse tempo, ao desenvolver a pesquisa, relendo as transcrições colhidas com ela e sua família, percebi uma certa discrepância entre a forma como ela parecia se ver e os rótulos que a sociedade impunha a ela. Com base nas falas de Dona Corina e de seus familiares, comecei a formular a hipótese de que ela se reconhecia, de fato, como vendedora de pirulitos, e não como pregoeira, como comumente é caracterizada sua atividade. Acho interessante mencionar uma coincidência do acaso, minha visita havia sido combinada junto a Dona Nena para o dia 9 de dezembro, esse era o dia que minha avó fazia aniversário. Contudo, houve um imprevisto e marcamos para o dia seguinte.

O campo empírico tem uma dinâmica própria, que raramente segue as regras ou o planejamento do pesquisador. Ao retornar para conversar com Dona Corina, levava comigo a hipótese de que ela se reconhecia exclusivamente como vendedora de pirulitos, rejeitando o rótulo de pregoeira, uma construção muitas vezes atribuída pela perspectiva externa. No entanto, sua resposta foi completamente contrária à minha suposição:

> **Brenda:** A senhora alguma vez já ouviu o termo pregoeiro?
> **Dona Corina:** Como é?
> **Dona Nena:** Pregoeiro.
> **Dona Corina:** O que é que tem?
> **Dona Nena:** Se a senhora já ouviu.
> **Dona Nena:** Eu era pregoeira.
> **Brenda:** Uhum...
> **Dona Corina:** Eu era...
> **Brenda:** A senhora se identifica mais como vendedora de pirulitos ou como pregoeira?

> **Dona Corina:** Eu? Como pregoeira! (Entrevista concedida por Corina Martins e Maria Martins em sua residência no dia 10/12/24, às 15h).

Dona Corina respondeu a mim como se essa fosse uma resposta óbvia. Não pude deixar de rir mentalmente, completamente maravilhada com a reviravolta que aquela senhora de 98 anos proporcionou. Essa resposta desafiou minhas expectativas e lembrou-me, mais uma vez, que a experiência de campo é sempre imprevisível e que a escuta genuína é o que permite enxergar além de nossas próprias ideias pré-concebidas. Mais uma vez, com poucas palavras Dona Corina me mostrou a importância do "com" na cartografia. Não falo aqui *sobre* ela, mas *com* ela. Precisei reformular as perguntas que eu havia preparado mentalmente, então questionei:

> **Brenda:** Pregoeira, né? Hum...É... a senhora... como a senhora fazia pra vender, a senhora cantava?
> **Dona Corina:** Eu aprontava?
> **Dona Nena:** Não, se a senhora cantava, cantava. Cantava.
> **Dona Corina:** Ah, cantava!
> **Brenda:** A senhora lembra da musiquinha?
> **Dona Corina:** Eu lembro.
> **Dona Corina:** "Pirulito que bate-bate, pirulito que já bateu, quem gosta de mim é ela, quem gosta dela sou eu." (Entrevista concedida por Corina Martins e Maria Martins em sua residência no dia 10/12/24, às 15h).

Mais uma vez ri. Em um dos encontros anteriores, enquanto conversava com Dona Corina, tentei explorar as memórias que ela tinha das canções que poderiam ter acompanhado durante suas vendas de pirulitos. Perguntei:

> **Brenda:** A senhora lembra das musiquinhas que cantava pra vender?
> **Dona Corina começa cantar:** *"Pirulito que bate, bate, pirulito que já bateu... quem gosta de mim é ela, quem gosta dela sou eu..."*
> **Brenda:** Aí a senhora saía na rua cantando? – minha interlocutora hesitou por um momento antes de responder:
> **Dona Corina**: Não, eu só cantei lá dentro na... no...
> **Filha de Dona Corina**: no teatro. **– completou.**
> **Brenda:** E quando a senhora ia vender o pirulito, como é que a senhora anunciava o pirulito?
> **Dona Corina**: era caladinha, eles que me chamava.
> **Brenda:** Era? - **retruquei.**
> **Dona Corina**: Nunca gostei, num gostava de cantar não. - **Ela completou, com um tom quase confessional.**
> **Jacy entra na sala cantarolando o pregão:** *"Pirulito enrolado no palito... Mamãe eu choro, papai eu grito, me dá 10 centavos pra comprar um pirulito".* (Entrevista concedida por Corina Martins, Maria Martins e Jaciara Martins em sua residência no dia 09/10/23, às 15h).

Essa resposta, naquele momento me surpreendeu. Confesso que até me frustrou. A canção evocada por Dona Corina não era o pregão que utilizava para vender pirulitos, mas uma memória associada à sua participação no teatro. Dona Corina afirmou que na verdade vendia seus pirulitos “calada”, sem utilizar cantos ou pregões para chamar a atenção dos clientes. A partir desse momento, comecei a me questionar: “o que torna alguém pregoeiro?”, “e se Dona Corina for na verdade uma vendedora de pirulitos e não pregoeira?”. Eu me sentia perdida. Não sabia como lidar com aquilo. Parecia que o objetivo da pesquisa tinha escapado entre meus dedos. Ainda não tinha domínio sobre os conceitos alguns conceitos que eu precisava ter para essa cartografia, nem sobre como conduzir uma experiência de campo. Eu queria respostas diretas, mas a cartografia não opera assim. não é sobre impor um trajeto, mas sobre seguir os fluxos, por mais erráticos ou imprevisíveis que pareçam. E mais uma vez precisei recalcular a rota.

Agora, nesse ponto da pesquisa, consigo identificar a coexistência entre passado e presente. Dona Corina, ao evocar a canção popular, não estava acessando diretamente o "passado da venda de pirulitos", mas outra camada de sua memória: a do teatro. A música que ela lembrou foi puxada por um signo sensível, mas era uma lembrança de um outro momento de sua vida. Como Deleuze nos ensinou que o passado não desaparece; ele permanece coexistindo com o presente em diferentes níveis de contração. O que Dona Corina me mostrou é que a memória não segue uma linha reta. A canção do teatro e a música cantada por Jacy coexistem no mesmo passado, mas emergem em contextos distintos. O passado é, ao mesmo tempo, real e evanescente, acessado de formas que nem sempre seguem o fio lógico da cronologia. O canto de Dona Corina não era um erro; era um fragmento de sua existência que coexistia com tantos outros e que, naquele instante, me mostrou que a pesquisa seria muito mais sobre desaprender do que sobre controlar.

Quando questionei sobre o fim da tradição dos pregoeiros, em nossa despedida, minha interlocutora respondeu:

> **Brenda:** E como é que a senhora se sente quando ouve que essa tradição dos pregoeiros está acabando?
> **Dona Corina:** Eu não sinto nada, eu não posso fazer nada... - **(silêncio)-** [...] Tem minha “estauta” lá que essa não se acaba nunca...
> **Brenda:** Não, a senhora ficou na história agora, né?!
> **Dona Corina:** Eu posso morrer, mas ela fica. (Entrevista concedida por Corina Martins em sua residência no dia 10/12/24, às 15h).

A fala de Dona Corina enfatiza como ela se percebe inserida em um contexto maior, onde seu legado se torna uma parte indelével da história, mesmo quando as práticas que marcaram sua vida deixam de existir.

Para finalizar, perguntei a Dona Nena:

> **Brenda:** E pra senhora, Dona Nena, quando a senhora pensa na sua mãe, em tudo que ela fez, o que a senhora sente?
> **Dona Nena:** Rapaz, eu sinto muito é orgulho dela, viu? Porque isso daí "té" doido, é? Que a minha mãe, que essa velhinha "ra" passou desde que eu nasci pra cá, qualquer coisa, não. Tomou conta da gente...
> **Dona Nena:** [...] O pai não era flor que se cheira assim não. O pai tipo assim, o dinheiro dele era dele, das irmã dele, da família dele. A mãe quisesse que fosse trabalhar, foi por isso que começou assim esse negócio de vender pirulito, fazer coisa pra poder ganhar o dinheirinho. E foi assim que ia começou. E fizeram uma vez, fizeram aí diz que negócio aí, com ele, o nome dele. Ele botava as coisas dentro de casa, era um bom pai, tipo assim. Não deixava (inaudível), mas negócio de "ah, que era um santo, que era assim" nunca. Eu cheguei a presenciar ele batendo nela, mas... (Entrevista concedida por Maria Martins em sua residência no dia 10/12/24, às 15h).

Em meio a orgulho e memórias um tanto dolorosas ao refletir sobre a trajetória de sua mãe, Dona Nena ressalta a força e a determinação de sua mãe, que enfrentou inúmeras adversidades para sustentar a família e garantir o bem-estar dos filhos. Na despedida, Dona Corina se aproximou de mim com aquele *charme* dela, meio quieta, mas cheia de uma ternura que transbordava mesmo sem precisar de palavras. De repente, como quem revela um segredo, sussurrou para mim: "Você é muito linda, minha filha". Agradeci e a abracei. Naquele instante, algo se moveu em mim. Eu pensei na minha avó Ceci, como tantas vezes fazia durante os encontros com Dona Corina. Mas, diferente de antes, quando eu quase projetava minha avó ali, dessa vez era ela que eu via com clareza. Dona Corina. Minha interlocutora. Minha amiga. Um bom encontro. O abraço não era o da minha avó, mas tinha o mesmo peso de carinho, o mesmo calor de quem segura com firmeza, mas ao mesmo tempo te acolhe em uma vulnerabilidade mútua. Ali, naquele momento, eu não precisava mais preencher Dona Corina com memórias de vovó Ceci. Ela era ela, em si mesma. Fui embora sentindo algo diferente. Não era mais só a Brenda pesquisadora-cartógrafa ouvindo sua interlocutora. Era a Brenda que via em Dona Corina não apenas um objeto de estudo (na verdade nunca a enxerguei assim), mas alguém que me atravessava e transformava, linha por linha, no traçado dessa cartografia compartilhada.

Como supramencionado, todo devir traz consigo potência do devir. O devir-pregoeira de Dona Corina se tornou toda a sua vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS - DIZERES TRANSITÓRIOS

Como alguém que possui dificuldades com os finais, ao me deparar com a necessidade de encerrar esse trabalho não me portei diferente. Levei um tempo (dias) pensando em como começar traçar o "fim". Pensava, começava a digitar, apagava. Por fim, decidi começar da mesma forma que iniciei: *permitindo me desnudar*. Embora nessa etapa final eu não *esteja* mais a mesma (em todos os sentidos), expor o meu *Eu* e minha subjetividade continua não sendo uma tarefa fácil. A cartografia, conforme proposta por Deleuze e Guattari, preocupa-se muito mais com os processos de subjetivação. Durante o processo dessa pesquisa, adquiri um outro olhar sobre a minha própria cidade. Pude conhecer os pregoeiros de rua como parte constituinte do território vivo de São Luís. Eles, que com suas vozes tornam as ruas menos amargas e mais humanas. A persistência dos pregoeiros, mesmo diante da indiferença das pessoas, revela uma resistência, um devir-minoritário. Eles, que muitas vezes são ignorados. Passam despercebidos, quase invisíveis a nossos olhos. Nós que cotidianamente passamos por eles apressados, imersos em nossas rotinas, *nossos excessos*, sem prestar atenção nos pregões que ecoam pelas ruas. Nossos pregoeiros carregam memórias e tradições. Caminhar pela cidade com olhos atentos e ouvidos abertos é reconhecer nos pregões uma poesia cotidiana, um lembrete de que a vida pode ser mais amena.

Esta seção não é um ponto de chegada, um ponto final, um fim. É uma dobra na travessia. Durante o processo aprendi a olhar para o movimento, para os fluxos, as intensidades, os encontros e as forças que produzem modos de existência. No percurso, compreendi que, como diria o grande Guimarães Rosa, "o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia". (Rosa, 1979, p.86), e é nessa travessia que o pregoeiro se faz. Ele é um agenciamento. Deleuze nos diz que são os afetos os devires não-humanos do homem. Cabe a nós apreendê-los, abraçá-los e tomá-los pra nós durante no deslizamento contínuo do existir. O devir nos une de tal maneira que nos tornamos parte essencial de tudo o que compõe o universo, em suas diversas gradações, somos movidos por múltiplos devires, em um processo contínuo de desterritorializações e reterritorializações.

Esta cartografia, ao seguir a proposta de uma pesquisa interdisciplinar e qualitativa, buscou investigar o devir-pregoeira de Dona Corina. No entanto, ao final do processo, fica claro que o devir-pregoeira não é algo que se encerra com a conclusão de um trabalho acadêmico. Pelo contrário, ele se estende e se desdobra para além das páginas desta dissertação, um processo contínuo de movimento, transformação e criação. Por essa razão, denomino esta seção de *considerações transitórias*, pois a cartografia aqui realizada não se encerra, mas segue

fluindo, assim como as próprias trajetórias de Dona Corina e de todas as pessoas que se cruzaram com ela. A proposta inicial (e até ingênua), que visava cartografar afetos, se desenrolou em um caminho inesperado por sua pesquisadora-cartógrafa. A pesquisa se abriu para uma série de devires, de trocas de saberes, afetos e memórias. O devir-pregoeira revelou-se como um território existencial, permeado por paradoxos e intensidades que não se limitam a uma única identidade (ou função). O devir-pregoeira de Dona Corina é simultaneamente *ser* e *não* ser pregoeira, é viver no constante movimento de recriação de si, de suas narrativas e de seus espaços.

O estudo teórico a partir dos conceitos de cartografia, devir, ecosofia e territórios existenciais, a partir de Guattari e Deleuze, foi essencial para respaldar essa investigação. A leitura de obras como *O Inconsciente Maquínico*, *Mil Platôs* e *Proust e os Signos* trouxe uma nova compreensão sobre como memórias e afetos se atualizam no presente de maneira imprevisível, especialmente quando em jogo estão experiências vividas no corpo e nas práticas cotidianas. Durante a pesquisa de campo, o material colhido, centrado nas entrevistas com Dona Corina e seus familiares, revelou as múltiplas nuances de seu devir-pregoeira. Seu relato sobre a venda de pirulitos e suas memórias desafiaram-me a entender o ser-pregoeiro não apenas como uma função social e figura cultural, mas como um devir-minoritário que ultrapassa as fronteiras do trabalho e se inscreve no território da memória, da afetividade e da criação. Buscou-se, assim, dar voz ao seu discurso não ouvido, ressignificado na dialogia do cartografar, o devir-minoritário de Dona Corina, que não se resume a uma minoria numérica, mas intensiva, que tensiona a ordem estabelecida das maiorias.

O conceito de *território*, dentro de uma leitura deleuzo-guattariana, se torna uma categoria analítica para compreender como práticas sociais, discursos e relações se estabilizam e moldam subjetividades. É pela interação entre o indivíduo e as forças externas que se constroem linearidades, binarizações e circularidades, influenciadas tanto pelas instituições no plano macropolítico quanto pelas experiências particulares, micropolíticas e desejantes. Um território existencial, assim, embora vivenciado como um meio de individuação, é sempre constituído a partir do cruzamento entre determinações coletivas e individuais, assumindo formas e intensidades particulares ao longo do tempo. O sujeito, conforme Deleuze, é concebido como uma “dobra”, um agenciamento provisório que sustenta sua unidade apenas a partir do entrecruzamento de forças diversas, coletivas e rizomáticas.

Estas considerações não representam um ponto final, mas uma *pausa* transitória em uma trajetória de investigação que segue aberta, pronta para novos encontros e novas descobertas. O *devir-pregoeira* de Dona Corina, como o de qualquer outro sujeito, não se encerra com este estudo. Ele continua, eternamente em movimento, atravessando o tempo e o espaço, com sua potência de reinvenção sempre presente. Como nos lembram Deleuze e Guattari, "os afetos atravessam o corpo como flechas, são armas de guerra". São esses afetos — encontros, tensões, resistências — que nos transformam. A cartografia revela que os territórios não são permanentes, são sempre marcados por uma tensão entre forças que criam, interrompem ou intensificam os devires. O devir-pregoeira de Dona Corina, cartografado aqui, se tornou toda a sua vida. A ambiguidade entre ser e não ser pregoeira, foi impregnado por diversos afetos que a constituíram e a transformaram ao longo de sua existência. Como supramencionado, todo devir traz consigo a potência do devir, e no caso de Dona Corina, esse devir-pregoeira a inscreve em um território existencial continuamente agenciado pelas forças do cotidiano, pela memória e pelos afetos que atravessam sua história. Assim, esta dissertação não encerra o tema, mas o prolonga, como uma linha de fuga, deixando aberta a possibilidade de novos encontros, novas intensidades, novas travessias, novas cartografias de novos devires.

REFERÊNCIAS

Referências primárias

DELEUZE, G. **Bergsonismo**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 1999.

DELEUZE, G. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, G., PARNET, C. **Diálogos**. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, G. **Espinosa: filosofia prática**. Trad. de Daniel Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, G. **Foucault**. Trad. Cláudia Sant'Anna Martins; revisão da tradução Renato Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, G. **L'Abécédaire de Gilles Deleuze**. DVD com Claire Parnet, produzido por Pierre-André Boutang. Paris: Montparnasse, 2004.

DELEUZE, G. **O mistério de Ariana**. Ed. Vega – Passagens. Lisboa, 1996.

DELEUZE, G.,; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?.** Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz, São Paulo: ed. 34, 1992.

DELEUZE, G. **O que é dispositivo?** In: DELEUZE, Gilles. O mistério de Ariana. Lisboa: Passagens, 1996.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 1**. São Paulo: Ed. 34, 1997. v. 4.

DELEUZE, G., & GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 2**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, G., & GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 3**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

DELEUZE, G., & GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 4**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, G., & GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 5.** São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, G., & GUATTARI, F. **O Anti-Édipo. Capitalismo e Esquizofrenia, vol. 1**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, G. **Proust e os signos**. 2. ed. Tradução de Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 1990.

GUATTARI, F. **Caosmose**. Rio de Janeiro: Ed. 34; 1992.

GUATTARI, F. **O inconsciente maquínico: ensaios de esquizoanálise**. Trad. Constança Marcondes César. Lucy Moreira César. - Campinas, SP: 1988.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

HALBWACHS, M. **A Memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La mémoire collective.

LAPOUJADE, D. **Deleuze, os movimentos aberrante**s. Tradução de Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: n-1 Edições, 2015.

LAPOUJADE, D. **Potências do tempo**. Tradução de Hortencia Santos Lencastre. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989.

ROLNIK, S. Esquizoanálise e antropofagia. In: **Cadernos de Subjetividade**, 4, 83-94, 1996.

ROLNIK, S. **Geopolítica da cafetinagem**. 2006. Disponível em: https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Geopolitica.pdf

Referências secundárias

ARANHA, M. B. R. **Do pregoeiro ao camelô: a construção dos gêneros pregão tradicional e pregão pós-moderno**. 2010. 219 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2010.

BAREMBLITT, Gregorio. **Cinco lições sobre a transferência.** 3. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

BARROS, M. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BERGSON, H. **Memória e vida**. Textos escolhidos por Gilles Deleuze; Tradução: Carla Berliner – São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BOGÉA, L; VIEIRA. A. **Pregões de São Luís**. 2.ed. São Luís: FUNCMA, 1999.

CÂMARA, P. R. P.. **TRABALHO E RUA Análise acerca do trabalho de rua em São Luís na passagem do século XIX ao XX. 2008**. 148 f. Dissertação (Mestrado em SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA) - Universidade Federal do Maranhão, São Luis, 2008.

CASSIANO, M.; FURLAN, R.. **O processo de subjetivação segundo a esquizoanálise**. Psicologia & Sociedade, v. 25, n. 2, p. 373–378, 2013.

CAVAGNOLI, Murilo; MOTERLE, Raica; MORO, Eduarda. Pessoas em situação de rua: cartografando um território existencial. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 72, n. 2, p. 88-104, ago. 2020 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672020000200007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 05 de dez. 2024. https://doi.org/10.36482/1809-5267.arbp2020v72i1p.88-104.

COSTA, C. M. C. **Uso do território e questão habitacional na Ilha do Maranhão: a situação geográfica do Conjunto Habitacional Cidade Verde I, Paço do Lumiar – MA**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2020.

DOSSE, F. **Gilles Deleuze e Félix Guattari: biografia cruzada**. Tradução de Murad. Porto Alegre: Artmed, 2010

DUNKER, C. I. L. **Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2015.

ESCOSTEGUY, A. C. D. **Cartografias dos estudos culturais – Uma versão latino-americana** – ed. on-line – Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

ESPINOZA, B. **Ética segundo a ordem geométrica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FAORO, R. **Os Donos do Poder: Formação do Patronato Político Brasileiro**. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

FERIGATO, S. H., & CARVALHO, S. R. **Pesquisa qualitativa, Cartografia e saúde: conexões**. Interface – Comunicação, Saúde, Educação, 15(38), 663-675, 2011.

FREITAS, F. L. C; FAÇANHA, L.S. **Algumas considerações sobre o conceito de territórios existenciais em Guattari: entre As três ecologias e Caosmose**. In: Maria Constança Peres Pissarra. (Org.). Alteridade, rastros e discursos. 01ed.São Paulo: Editora da PUC - SP, 2022, v. 01, p. 81-95.

FREITAS, F. L. C **Uma possível abordagem do texto "Políticas I e II" no contexto dos Diálogos de Gilles Deleuze e Claire Parnet**. In: SANTOS, Franciele Monique Scopetc dos; CORRÊA, D. S. (Orgs.). **Ética e filosofia: gênero, raça e diversidade cultural**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020. 509 p. ISBN 978-85-5696-809-8. Disponível em: <http://www.editorafi.org>. Acesso em: 31 de mai. De 2024.

FURTADO, C. **Cultura e desenvolvimento em época de crise.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

GALZIGNA, M. **Mario Rilegge rilegge criticamente "Mille piani", di Deleuze e Guattari**. Ibridamenti/Due, Venezia, 23 jul. 2019. Disponível em:

https://www.ibridamenti.com/newsite/mario-galzigna-rilegge-criticamente-mille-piani-di-deleuze-e-guattari/. Acesso em: 09 jan. 2024.

GONÇALVES, A. F**. Etnografia, etnologia e teoria antropológica**. in: Revista de Ciências Sociais - Política; TRABALHO, [S. l.], v. 1, n. 44, 2016. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/23396. Acesso em: 27.07.2022.

HAESBAERT, R.; BRUCE, G. **A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari**. GEOgraphia, Niterói, v. 4, n. 7, 2002. Disponível em: <http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/74/72>. Acesso em: 25 de jul. de 2022.

KASTRUP, V**. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo**. Psicologia e Sociedade, 19, 15-22, 2007.

KASTRUP, V. O método da cartografia e os quatro níveis da pesquisa-intervenção. In: CASTRO, L. R.; BESSET, V. L. (Orgs.). **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nau, 2008. p. 465-489.

LACROIX, M. L. L. **A fundação francesa de São Luís e seus mitos**.3. ed. São Luís: Editora UEMA, 2008.

LAROUSSE, P. **Dictionnaire Encyclopedique Pour Tous**. Paris, 1965.

MENEZES, B. S.; FREITAS, F. L. C. A cartografia deleuziana como método filosófico da diferença. In: XVII ENCONTRO HUMANÍSTICO DA UFMA: Ciências, Humanidades e Reconstrução Democrática, 2023, São Luís. **Ebook do XVII Encontro Humanístico da UFMA: Ciências, Humanidades e Reconstrução Democrática.** São Luís: EDUFMA, 2023. Disponível em: https://www.encontrohumanistico.ufma.br/2023/wp-content/uploads/2024/01/Ebook-do-Encontro-Humanistico-2023-1.pdf. Acesso em: 23 de nov. de 2024.

MENEZES, B. S.; FREITAS, F. L. C. Um mapa aberto do pensamento: a cartografia de Deleuze e Guattari como inspiração metodológica para as humanidades. In: X Semana Acadêmica do PGCULT: Pluralidades epistemológicas e metodológicas no fazer interdisciplinar, 2023, São Luís. **E-book da X Semana Acadêmica do PGCULT: pluralidades epistemológicas e metodológicas no fazer interdisciplinar.** São Luís: EDUFMA, 2023. Disponível em: https://www.edufma.ufma.br/index.php/produto/e-book-da-x-semana-academica-do-pgcult-pluralidades-epistemologicas-e-metodologicas-no-fazer-interdisciplinar/. Acesso em: 23 de nov. de 2024.

MENEZES, B. S.; FREITAS, F. L. C. Pós-colonialidade e hibridações: uma análise da cultura ludovicense a partir do Plano Municipal de Cultura 2014-2024. In: XVII ENCONTRO HUMANÍSTICO DA UFMA: Ciências, Humanidades e Reconstrução Democrática, 2023, São Luís. **Ebook do XVII Encontro Humanístico da UFMA: Ciências, Humanidades e Reconstrução Democrática.** São Luís: EDUFMA, 2023. Disponível em: https://www.encontrohumanistico.ufma.br/2023/wp-content/uploads/2024/01/Ebook-do-Encontro-Humanistico-2023-1.pdf. Acesso em: 23 de nov. de 2024.

PASSOS, E., & EIRADO, A. Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. In E. Passos, V. Kastrup & L. Escossia, L. (Orgs.). **Pistas do método da Cartografia: pesquisa e produção de subjetividade**. (pp.109- 130). Porto Alegre: Editora Sulina, 2014.

PASSOS, E., KASTRUP, V., & TEDESCO, S. **Pistas do Método da Cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

PRADO FILHO, K.; TETI, M. M. **A cartografia como método para as ciências humanas e sociais**. Barbarói, Santa Cruz do Sul, n. 38, p. 45-59, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://goo.gl/wNFwxr>. Acesso em: 25 de jul de 2022.

PRADO JÚNIOR, C. **Formação do Brasil Contemporâneo**. 12 ed. São Paulo: Brasiliense, 1972.

PREFEITURA DE SÃO LUÍS. **Cartilha Informativa do Museu da Gastronomia Maranhense**. Coord. Silvia Romana Costa de Albuquerque dos Santos. Prod. Paulo Anderson Câmara Ribeiro. São Luís: Secretaria Municipal de Turismo, [s.d.].

QUIJANO, A. "Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina." in**: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. pp. 117-142. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

QUINTANA, M. **Mario Quintana [recurso eletrônico]: poemas para ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013. Disponível em: https://www.dirzon.com/file/telegram/catlivros/Poemas%20Para%20Ler%20Na%20Escola%20-%20Mario%20Quintana.pdf. Acesso em: 16.08.2024.

RAYOL, S. Pregoeiros de São Luís. In: **Boletim da Comissão Maranhense de Folclore**. Dezembro, 2001.

SANTOS, A. Devir-esquizoanalista: por uma psicanálise menos. In: **Psicanálise e esquizoanálise: Diferença e composição.** São Paulo: n-1 edições, 2022.

SANTOS, A. (Org.). **Psicanálise e esquizoanálise: Diferença e composição.** São Paulo: n-1 edições, 2022.

SÃO LUÍS, Secretaria Municipal de Cultura. **Plano Municipal de Cultura decênio 2016-2024**. São Luís, 2016. 67 p. Disponível em: https://www.saoluis.ma.gov.br/midias/anexos/1326_1_plano_municipal_de_cultura.pdf Acesso em 03.05.2022.

SIBERTIN-BLANC, G. "Por uma contra-antropologia esquizoanálitica". in: **Direito de sequência esquizoanalítica: Contra-antropologia e descolonização do inconsciente**. Tradução de Takashi Wakamatsu. 1ª edição, 2022.

SILVA, Flávia Fernanda Santos. O significado cultural dos pregoeiros enquanto patrimônio imaterial no contexto turístico de São Luís-Maranhão. ***Revista Mais Educação*** **[recurso eletrônico]**, v. 5, n. 1, p. 1637, mar. 2022. São Caetano do Sul: Editora Centro Educacional Sem Fronteiras, 2022

. Disponível em: https://www.revistamaiseducacao.com/sumario-v5-n1-2022. Acesso em: 01 de ago. de 2024.

SIMMEL, G. O estrangeiro. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. in: **Revista brasileira de sociologia da emoção**. Vol. 4 • nº 12 • dezembro de 2005. Universidade Federal da Paraíba. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/rbse/ Acesso em 10.06.2022.

VIANA, E. **A construção cênica na perspectiva da abordagem histórica e sociocultural: o caso dos pregoeiros de São Luís**. 2020. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2020. Disponível em: https://repositorio.uema.br/jspui/handle/123456789/1590. Acesso em: 13 de jan. de 2023

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DE PERGUNTAS CARTÓGRAFICAS COM DONA CORINA

ROTEIRO DE PERGUNTAS CARTÓGRAFICAS COM DONA CORINA

1- Como você começou vender pirulitos?
2- Como era sua casa no interior?
3- E a casa no Coroadinho?
4- O que você sentia quando saía para vender pirulitos?
5- Quantos anos você tinha quando começou vender pirulitos?
6- O que as pessoas na rua falavam para você?
7- Você se alimentava? Como se alimentava?
8- Você reconhece o termo “pregoeiro?”

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DE CAMPO: PRIMEIRO ENCONTRO COM DONA CORINA – APRESENTAÇÃO E CONVERSA INFORMAL (26/09/23)

Filha de Dona Corina: Ela foi atropelada três vezes. Uma nessa pista e a outra... **(ela é interrompida pela fala de Jacira)**

Neta de Dona Corina: Ei, vó, sua vida foi toooda um pirulito, a senhora pode falar o que quiser, que a senhora lembrar da sua vida.

Filha de Dona Corina: Desde que eu me entendi por gente ela já fazia pirulito, ela começou a fazer pirulito por Coroatá. Eu já tô com 58. Ó o tempo... (estralando os dedos)

Dona Corina: E-eu comecei vender pirulito "ni" Coroatá. Aí... eu aprendi com o padre Estrela. Aí... de lá pra cá eu venho vendendo... Tá bom?

(ela me pergunta se está bom sua fala)

Brenda: Tá! E aí a senhora veio parar como aqui em São Luís?

Dona Corina: Ah, depois que eu tive ni Rosário, vendi minha casa lá, meu fíio morava aqui, aí eu vim pra cá, pra perto dele. Fiquei lá no Coroadinho. Como é?! **(tentando se lembrar de mais informações)**

Brenda: hum...

Dona Corina: Mas depois meu fíio morreu, e eu comprei esse coisa aqui e fiz-fiz essa barraquinha. Que minha casa lá era uma casarão aqui é uma barraquinha**. (diz sorrindo)**

Brenda: Eu também já morei no Coroadinho com a minha avó, lá na Vila Conceição.

Filha de Dona Corina: A gente morou lá na... como é o nome daquela rua, Jaci?

Neta de Dona Corina: Primavera.

Filha de Dona Corina: Primavera não.

Neta de Dona Corina: É sim! Primavera, na lateral da Fundação Bradesco, ali do colégio. Ali no começo...

Brenda: Lá no Bom Jesus, não é?

Filha e Neta de Dona Corina: É, rua Bom Jesus.

Neta de Dona Corina: Rua Bom Jesus, isso.

Filha de Dona Corina: Primavera é tua mãe.

Dona Corina solta uma risada.

Neta de Dona Corina: Eu pensava que era Primavera. É Bom Jesus. Aí de um lado é ela, do outro é a feira. A gente morava bem...

Brenda: hmm...

Filha de Dona Corina: Naquela rua que a gente morava... lá em cima um pouquin...

Dona Corina: Uma vez eu fui no-no mercado comprar pão - (solta pigarros entre as palavras) - cheguei e vi tá cavando... E eu passei e não reparei quando eu voltei tinham tirado a cabeça d'um homem, sem um fio de cabelo.

Filha de Dona Corina: (ri) Começou as história. Mamãe já viu cada coisa, Mamãe conta cada coisa. Quando ela lembra, às vezes ela tá ali e lembra de uma coisa. Ela para, que ela vê a rua aí...

Silêncio...

Brenda: E aí a senhora vendia pirulito o dia todinho? a senhora saia de manhã e voltava...

Dona Corina: Todo dia.

Brenda: Todo dia?

Dona Corina: Ai, eu gostava de vender.

Brenda: Gostava?

Dona Corina: Uhum.

Brenda: Aí a senhora andava a cidade todinha, né?

Dona Corina: Andava... Aqui, andava lá pelo Joã-, pelo... Comé? João Paulo. Voltava pro...

Filha de Dona Corina fala com o gato que aparece na sala e acaba a interrompendo.

Filha de Dona Corina: Mamãe vinha do- de João Paulo, mamãe ia pro Bequimão andando.

Brenda: Meu Deus.

Filha de Dona Corina: Mamãe rodava isso tudo ali. Mermã ela saía aqui dizendo... quando ela foi interoperar na Cidade Operária, eu fiquei besta porque ela saiu daqui dizendo que ela ia pro João Paulo. Num foi? "Ai, eu vou pro João Paulo, então eu vou lá no..." onde meu deus? Onde o Júnior tem um frigorífico?!

Filha e Neta de Dona Corina: Vila Palmeira.

Filha de Dona Corina: Quando ligaram na ambulância que mamãe tinha sido trupelada na Cidade Operária. Menina, eu fiquei... como que mamãe foi parar na cidade operária, gente?! Aí que ela foi dizer não, quando ela ficou boa, não, porque eu resolvi ir pra lá. Gente...

Neta de Dona Corina: Porque ela dizia pra gente, aí a gente tinha uma noção de que qualquer poblema, a gente ir atrás. Não podia prender. agora que a gente... Ela já veio com uma história pra mim, "ah, se eu tivesse boa do meu olho eu iria" ... não vai não!. A senhora não vai mais pra lugar nenhum. Foi atropelada três vezes, o pânico... Aí o pessoal da Samu olhou pra mim: "Você é filha dela?" Eu disse: "sou". Aí ficaram cochichando. Eu disse: "Não, a gente num pode prender em casa. A gente não força ela trabalhar. Ela vai porque quer, entendeu?" Como

é que tu vai prender? Amarrar, botar uma algema? Hoje a gente proíbe. Não tem... não tem condição. Que nem eu disse pra ela, se a senhora for, ainda tem o quê? Dois filhos homem, Mamãe e eu que fui rezistrada como filha dela, mas eu sou neta. Aí o que que acontece? A polícia vai chamar quem? Os filhos. Vão dizer o que? Abandono de incapaz, que a idade dela já não permite, tá explorando... Porque ninguém entende, ninguém sabe o outro lado, porque não vê o outro lado. Só vê ela sofrendo na rua, que eu digo pra ela. Gostava? gostava. Mas cara, eu fui duas vezes vender pirulito com vovó. É.um.sofrimento. É sol na cara, quando não é chuva, que eu já peguei chuva vendendo pirulito com ela. Não tem local pra mijar, não tem local pá cagar, não tem local pra tu... descansar direito. Entra ni uma rua, sai em outra rua, das ruas mais seguras as mais perigosas de São Luís, entendeu?! Então é perigoso sim. Ela gostava. Mas...

Filha de Dona Corina: Ela saia daqui 8 hora da manhã, às vezes 7, chegava às vezes 8 e meia, 9 horas da noite. "Mãe a senhora já comeu? Ainda não comi nadinha. Não tive tempo".

Dona Corina: Eu ganhava Galinha. Eu ganhava peixe. Eu ganhava tudo isso.

Neta de Dona Corina: Ganhava. Ela gostava dessa folia. Ganhava cesta básica, aí ligava pra gente, aí a gente tinha que largar tudo aqui e bater lá onde ela ganhava as coisas pra trazer, porque senão ela vinha com a tauba de pirulito e a sacola na cabeça.

Filha de Dona Corina: E mais uma sacola na cabeça. (fala rindo). Vinha, minha mermã. Ela já chegou a fazer isso várias vezes. Uma vez ela sumiu aqui, ela saiu pra ir trabalhar, foi set-sete horas da manhã. Deu nove, deu dez, deu onze, uma hora da manhã.

Neta de Dona Corina: Foi depois que surgiu a Maria Aragão e o São João.

Filha de Dona Corina: Eu ali na beira da pista uma hora da manhã. O menino ali viu a gente: "gente vão pra casa". Gente, mamãe sumiu. A gente ligou pra Manaus, ligou pra Goiânia, ligou pronde tem o filho dela, a gente foi ligando.

Neta de Dona Corina: E os amigos que a gente conhece de São Luís a gente saiu acordando todo mundo de madrugada.

Brenda: preocupados...

Filha de Dona Corina: Mamãe dormiu no terminal da Praia Grande com a bolsa entre as perna e a tábua abraçada. **(rindo)**

Brenda: Ela tinha quantos anos?

Filha de Dona Corina: Menina, sei lá... Ela tinha 90 já?

Neta de Dona Corina: Não, mãe, acho que uns setenta e... dois, setenta e poucos anos.

Filha de Dona Corina: Ela tá com 96.

Neta de Dona Corina: 96...

Neta de Dona Corina: Menina a gente suou. Suou com vovó, suou...

Filha de Dona Corina: Aí, ficava preocupado. Mas agora, com tudo que aconteceu, a gente tem paz. Porque a gente sabe que ela tá em casa.

Neta de Dona Corina: E a gente vivia com o psicológico perturbado. O telefone tocava, a gente ficava louquinha será se...

Filha de Dona Corina: Quando a gente escutava uma freiada na pista?! **(interrompe)**

Neta de Dona Corina: será se mataram vovó? Aconteceu alguma coisa? a gente ficava pertubadinho.

Filha de Dona Corina: Quando dá uma freiada aqui nessa pista eu mais essa daqui saia na carreira lá na frente, ôh pessoal e eu não posso correr.

Neta de Dona Corina: A gente vivia em pânico.

Filha de Dona Corina: e o coração ficava... gente...

Neta de Dona Corina: Os piores momentos pá vovó, era ótimo. Pra gente foi uma vida de transtorno.

Filha de Dona Corina: Mas graças a deus, mesmo assim...

Dona Corina ri.

Neta de Dona Corina: Ela trouxe muito dinheirinho, ela ganhou a cestinha básica dela, ela vinha com as... as histórias dela, teve muitos amigos que ajudaram ela, que ajudou minha irmã, arranjou emprego pra minha irmã que até hoje minha irmã tá trabalhando na área. Então, tem muitos conhecidos até hoje, né, mamãe?

Filha de Dona Corina: Foi a Castelo né?

Neta de Dona Corina: Foi Castelo.

Filha de Dona Corina: Que arranjou emprego pra Jacene. Até hoje ela tá. Tá com mais de 10 anos que ela tá nesse emprego. É limpando chão, mas... É um empreguinho digno, né? Ela tá lá até hoje.

Neta de Dona Corina: Até hoje. Entra, contrato, perde o contrato e ninguém tira. Porque colocaram ela lá. E teve os benefícios bons, mas teve...

Filha e Neta de Dona Corina falam ao mesmo tempo. Os bisnetos fazem barulho ao fundo. Não é possível entender as falas.

Neta de Dona Corina: Ela foi atropelada três vezes, uma ela só teve um corte no supercílio, foi três pontos, e um corte no pé que foi dois pontos. Na... na outra ela também não se machucou muito, mas essa terceira ela fraturou o quadril. Aí pensa num transtorno, a gente foi, EU, eu fui bater no socorrão com ela daqui do ponto do... acidente, foi pro Socorrão, aí chegou no

Socorrão, fizeram uns exames, no... começo da manhã. Uma hora da manhã. Aí tá, voltei pra casa. **(filha de Dona Corina fala ao fundo com um dos gatos)** Aí vovó começou a pressão alterar, e ela dá uns pinotes e gemendo de dor... aí voltei pro socorrão com ela, chegou lá bateram um raio-x, o quadril tava... fraturado. Aí, não mas tem como manter em casa, aí mandaram pra casa porque a idade não permite fazer cirurgia. Chegou aqui e dor e dor, aí fui pá UPA e a UPA mandou voltar pro socorrão. Voltamos pro socorrão, lá deram um encaminhamento pro HTO, aí que a gente ficou indo pra HTO lá, passaram uns remédios pela segurar a dor, porque como não podia fazer cirurgia e... não tinha como... não dava ainda pra partir, rachou, mas não chegou a partir. Aí, pegaram e mandaram a gente segurar ela em casa, estabilizada, sem muitos movimentos, até... vovó passou mais de um mês sentindo dor e a gente dando remédio e dor, remédio e dor, aí a dor passou e ela começou a andar normal, graças a Deus!

Filha de Dona Corina repreende os netos que fazem barulho no fundo.

Neta de Dona Corina: transtorno essa última vez, aí... bateu... já não tava muito boa da vista, bateu a cabeça e piorou a vista. Aí pronto, aí...vem com umas histórias: "ah se eu pudesse eu ia", não, deixa quieto. Aí a senhora fica aí no seu lugarzinho que... nossa! foi uma vida turbulenta pra nós! mas pra ela, ela acha aventura. Que a gente se preocupa, se não se preocupasse com ela, taria aí no mundão.

Dona Corina: E eu andava sozinha.

Neta de Dona Corina: Andava sozinha. Sozinha. Aí a gente... às vezes eu saía com ela, ela me mostrava um amigo, me mostrava outro e a gente saia pegando os números de telefone. Eu conheci um professor que dava almoço pra ela, aí... conheci... outro... que é amigo dela, uma... Nena, né mãe? Uma Nena também, que dava... os pessoal que tinha almoço dava almoço pra ela que ela passava nas casas. A gente saiu pegando os números tudinho pra entrar em contato pra quando ela desse esse sumiço a gente sair ligando.

Brenda: Aí hoje em dia é o seu genro, não é, que tá vendo?

Filha de Dona Corina: É, o marido dela -marido de Jacira, neta de Corina-, vai com a minha netinha.

[...]

Dona Corina: Uma vez... **(solta um pigarro, diz com a voz baixa, talvez cansada pela idade)**

Filha de Dona Corina: Pode conversar com ela.

Dona Corina: Eu fui lá naquele mercado.

Filha de Dona Corina: En-ein...

Filha de Dona Corina fala ao fundo com o gato, não é possível entender a fala baixa de Dona Corina.

Dona Corina: Lá de dentro... Pra lá do... centro. Aí encontrei... Ah, Nena! (repreende a filha que fala com o gato, atrapalhando seu raciocínio).

Filha de Dona Corina: Ôh, mamãe pode falar... deixa eu pegar meu óculos...

Dona Corina: Encontrei a... Sabrina.

Brenda: A Sabrina Sato?

Dona Corina: En-ein.

Brenda: ãn...

Dona Corina: Aí ela me chamava, me chamava e eu nem... vi nada. **(ri).** Aí que, "a mulher tá falando com a senhora" que eu virei, era ela. **(ri).** Aí ela... perguntou como eu fazia os pirulitos, como era que eu vendia, e foi uma conversona depois. Ela saiu e eu voltei. Uma vez eu passei lá dentro do mercado central, encontrei com Roseana. Ela era governadora e eu não sabia. E ela me chamou e eu me escondi. E ela... me procurou, e não me achô. Eu pensei que... Mas se fosse hoje, eu teria parecido.

Brenda: Eu vi que a senhora passou na novela também, né?

Dona Corina: Foi...

Brenda: Na *Da Cor do Pecado*.

Dona Corina: Eu apareci em muitas novela. Passe numa novela pra cá do-do mercado. Como é o nome?

Neta de Dona Corina: Da cor do Pecado.

Filha de Dona Corina: Ela tá falando, acho que é do teatro, que ela fez lá naquela praça daquela igreja que fica lá... em cima, não sei como é o nome daquilo, tem uma igreja lá, quase em frente ao Coisa do Peixe lá.

Jacy, a neta me mostra algumas fotos no celular.

Brenda: Ah, esse aqui foi onde?

Neta de Dona Corina: Lá no centro histórico, vovó com a Sabrina.

Brenda: A senhora é muito famosa...

Neta de Dona Corina: Não, e detalhe, os famoso chega perto dela, ela conversa, não sabe nem que é famoso, menina. **(ri)** A Sabrina começou a perguntar como é que se chupa isso, como é que se come isso. "Ah, menina, vai te a merda". **(ri)**

Filha de Dona Corina: Os meninos sorriram tanto quando viram esse vídeo de mamãe.

Neta de Dona Corina: Passou no pânico, foi no pânico.

Filha de Dona Corina: Os meninos zuaram muito com mamãe. “mas vó, como é que a senhora fala isso pra Sabrina, vó?”

Jacy e Dona Nena falam juntas.

Neta de Dona Corina: “e eu tô sabendo?! Ela começou a perguntar como é que se come, se chupava.” Eu: vovó, era a Sabrina, vovó. “Eu sei que ela me chamou, me chamou e começou com essa história”. **(ri).**

Filha de Dona Corina: Ela chegou enjuriada aqui.

Neta de Dona Corina: Aí depois que a gente foi vê no pânico, vovó passou na Sabrina. Aí o pessoal zoando com a Sabrina, que vó deu um coice nela. Vovó nem imaginaaaava que ela era famosa, nem imaginava. Aí tem um monte de famosa se aproxima dela, ela conversa, nem tem noção do que que as pessoas são, nem tem noção. Ela foi falar pro prefeito de São Luís no dia da inauguração da estátua, né, que ela tem as colega dela do dia a dia, do povão de venda de pirulito. Aí chegou o grupo das colega dela lá, né, querendo tirar foto. Aí ele tava pousando lá pras foto com ela e com o... sorveteiro.

Brenda: O seu Bem-ti-vi.

Neta de Dona Corina: Isso, aí tava lá tirando foto, sendo filmada, aí a Katia Bogea né? Disse assim mesmo: “Não, não vem mais ninguém, só o pessoal daqui”, que era o pessoal da Vale, da Alumar e o prefeito lá com a esposa dele. Aí vovó virou pra ela: “Não, então não tira mais foto com ninguém, deixa eu tirar com minhas colega”. Aí o prefeito olhou e começou a sorrir e disse assim mesmo: “gostei dona Corina espontânea”. Aí deixaram, vovó tirou umas três fotos com as colegas delas lá, que aí eles estavam fechando pra ninguém, a multidão não ir bagunçar pra deixar os pessoal da alta tirar foto e fazer as entrevistas. A vovó parou tudo e foi tirar foto com as meninas da feirinha.

Brenda: Como foi que eles chegaram...

Filha de Dona Corina: Só sei que Jaciene ainda caiu por lá, derrubaram Jaciene. Ôh, meu deus. Eu não fui...

Neta de Dona Corina: Cica foi, mãe?

Filha de Dona Corina: Foi sim. Derrubaram ela, ela tava filmando lá, quando penso que não eu digo: “Cica que filmagem nojenta essa?”, “Mãe, me derrubaram, eu já tava no chão”. Deus me livre... E assim foram pra ajudar mamãe. **(ri)**

Brenda: Como foi que eles vieram falar com vocês? pra estátua?

Filha de Dona Corina: Rapaz, só mandaram um aviso, que ela tava sendo, ia ser homenageada, iam fazer uma estátua dela tamanho natural que queriam que ela fosse na inauguração, aí eu

disse pra ela, ela ficou feliz demais. aí o menino veio o, Sereno, veio aqui que ele... a cabeça ele veio escupir aqui aí... o corpo ele fez pra lá, agora a cabeça aí veio aqui, passou a manhã todinha...

Neta de Dona Corina: mas ele falou que ele ia fazer o corpo dela todo coberto pra não demonstrar o corpo que ela nunca mostrou. Ela sempre foi de saiona aqui ó, aqui, ela nunca andou mostrando o corpo. Sempre nesse sol lascando e vovó nunca vestiu calça. Não. Nunca vi vovó de calça na vida.

Filha de Dona Corina: Aí ela chegou assim mesmo. No dia, "gente... mas fizeram minha estátua tão pretinho.

Neta de Dona Corina: Ela não falou isso lá na frente do prefeito? o prefeito disse assim mermo na entrevista: "Dona Corina, a senhora gostou?" "Gostei, só não gostei da cor, né? Não gostei da cor". Hahaha, ele sorria pra porra, mamãe das maluquices da vovó.

Filha de Dona Corina: Ela fala é mesmo.

Neta de Dona Corina: Ele não aguentava... A vovó é terrível.

Filha de Dona Corina: Porque aquele material, ele é daquela roupa meio... Quando vai pegando chuva vai ficando verde, né?

A Jacy me mostra algumas fotos do dia da inauguração.

Filha de Dona Corina: É, minha mãezinha... Trabalhou muito já.

[...]

Filha de Dona Corina: Mamãe, por quê...

Neta de Dona Corina: Aí, agora, pra ela sair, eu prefiro ir junto. Porque aí os pessoal querem pra ela andar, como andava antes. Quer que ela fique carregando a tauba. Que uma vez veio uma equipe de reportagem: "Não, Dona Corina, a gente vai só numa pracinha, pra senhora conversar com a gente. Aí a sua neta dá a tauba e a senhora fica em pé, só segurando. Não é preciso a senhora andar". Aí quando chegou lá na-na pracinha, eles já queriam pra ela andar com o peso, eu disse não. "Ela já foi atropelada três vezes, ela já tá mais de idade, a gente não quer, e eu assumi, porque eu assumi, como eu já disse, eu sou neta, fui rezistrada como filha, mas eu sou neta. Dá qualquer pau no meio da rua, os filhos vão querer cair em cima é de mim, entendeu? É.. é...

Filha de Dona Corina: E ela tava recente também da... da...

Neta de Dona Corina: Tava.

Filha de Dona Corina: que ela tinha sido... que ela fraturou a vesícula. ela segura a tauba (apontou para a própria cintura) aqui, aí não tinha como, gente.

Brenda: e a tábua é pesada. né?

Filha de Dona Corina: É.

Neta de Dona Corina: Óh a Cátia Bogea. (diz me mostrando a foto no celular). A Cátia que tarra impedindo do pessoal ir pra cima, aí ela brigou logo com ela que queria tirar foto com as amigas dela.

Filha de Dona Corina: Aí eles terminaram e disseram que ia levar ela, eu disse, ó, e ela vai de manhã é? dão pelo menos água pra ela. Essa aqui disse que eles não tiveram coragem de comprar um litro de água pra dar pra ela e a gente confiando neles, não foi, Jacy? Não levou nenhum tostão pra comprar nenhum litro de água.

Neta de Dona Corina: Foi... eu não levei nada que eles disseram que iam dar água...

Filha de Dona Corina: Depois eu escutei ela dizer que saiu daqui de manhã cedinho, chegou aqui quase duas horas da tarde sem beber um copo de água. Jacy ficou com muita raiva.

Jacy me mostra um vídeo da inauguração.

Brenda: Ela é quase do tamanho da estátua mesmo, né?

Neta de Dona Corina: A estátua só tá mais alta porque tem um... coisinha pra levantar estauta.

Brenda: Óh, famosíssima, o pessoal chamando ela...

Neta de Dona Corina: Mas ela nem tchú. Ela fazendo reportagem do lado.

Filha de Dona Corina: mas ela conversa.

Neta de Dona Corina: A vovó tem história, menina.

Filha de Dona Corina: Outro dia veio uma menina veio conversar com ela. Eu digo,. Eu até falei pra menina: “olha, ela às vezes ela lembra”. Assim, às vezes a gente tá e ela lembra coisa que já passou.

Neta de Dona Corina: Tem dia que ela lembra coisas que me assusta.

Filha de Dona Corina: Mas aí, se perguntar muito, muito, muito, ela trava.

Neta de Dona Corina: Aí tem dia que ela tá travada.

Filha de Dona Corina: Tem dia que ela conversa aí que a vem coisa do nada. Aí, credo, mamãe ainda se lembra disso.

Neta de Dona Corina: Ela vendendo lá no centro de São Luis. **(diz me mostrando uma foto).** Só que, vovó, na época de aventura dela, ela vendia com bonezinho, né?

Filha de Dona Corina Era.

Neta de Dona Corina: Aí o pessoal botaram a estátua sem boné.

Filha de Dona Corina: Não, ele disse que ele não ia botar o boné porque ia ficar muito... feio.

Neta de Dona Corina: Feio, despadronizado...

Filha de Dona Corina: Né? Ele disse que ia ficar meio esquisito.

Brenda: Ôh, mas ia combinar com ela.

Neta de Dona Corina: olha o vestido lá no pé do chão. Lá no pé mesmo no chão. (diz mostrando outra foto).

Filha de Dona Corina: Mas ficou bonitinha, tá bom. Já roubaram os pirulitos, já botaram os pirulitos de volta.

Brenda: De novo, já roubaram de novo.

Filha de Dona Corina: Não é, mermã?!

Neta de Dona Corina: Isso é os drogado pensando que tem algum valor... É. Porque disseram que é de bronze, não sei o que, e os drogados foram.

Filha de Dona Corina: Eles arrancam aquelas tampa de esgoto, e aquilo ali pesa demais, imagina pirulito.

Neta de Dona Corina: se alguém for pego vai preso, que é danos patrimoniais. Dona Cocó... Mas vovó tem história... tem história de assustar. Deixa eu botar pra carregar tá 5% o bichinho.

Filha de Dona Corina: Ela conta as história dela, coisa que já aconteceu com ela. Ah, uma alma ela pra correr, a alma, não foi, mãe?

Dona Corina: Foi. **(ri)**

Neta de Dona Corina: Passou no meio de bandido brigando, né, vó?!

Dona Corina: Quando eu ia- Quando eu ia passando...

Dona Corina: En-ein. E eu disci naquela rua...

Filha de Dona Corina: Ela subia aqui por tudo.

Dona Corina: aí eu subia aonde tem unas casa desmantelada.

Filha de Dona Corina: um Colégio.

Dona Corina: E eu subia pá-pá "orinar". Quando eu cheguei que eu me abaixei, aí me falaram uma porção de coisa e eu... corri.

Filha de Dona Corina: Mamãe disse que era assombração, eu digo "mãe, isso era drogado lá dentro e a senhora veio com medo. Ela disse "não minha filha, eu me arrepiei todinha".A gente com medo a gente se arrepia mesmo.

Dona Corina: Não era não. Era a coisa ruim mermo. Nunca mais eu entrei lá. Aí tinha outro sobrado assim e eu fazia pra lá. Não ia mais nesse.

Filha de Dona Corina: minha mãe é uma graça.

Dona Corina: E uma vez um cara comprou uns pirulitos e disse que ia buscar o dinheiro e ó, nunca foi.

Brenda: Aí ele deu perdido da senhora?

Filha de Dona Corina: Ah, sabe o que eles faziam com ela? Dizia assim mesmo, pediam pra ela trocar dinheiro. Aí ela dizia: "quanto?" aí eles diziam: é tanto. Aí ela pegava, contava o

dinheiro ali, botava na mão deles e eles pegava o dinheiro e olha. **(bate as mãos pra insinuar que corriam).**

Brenda: Saíam correndo, né?

Filha de Dona Corina: A mãe chegava aqui com muita raiva. **(ri).** Mas é assim mesmo, minha mãe. "Mas menina me enrolaram demais". ôh, minha mãe. Ela conta, às vezes ela lembra, ela conta as coisinhas dela do passado. Tem dia que ela tá travada, mas tem dia que às vezes ela lembra alguma coisa, tem dia que ela não lembra. Mas é por causa da pancada na cabeça. Porque a mãe ela lembrava de tudinho direitinho.

Dona Corina: E-eu num lembro nem de uma letra mais.

Filha de Dona Corina: Aí também é a idade, mamãe.

Neta de Dona Corina: Ela ia vender de manhã, aí chegava umas 6 horas da noite, ela ligava ainda na rua em torno de 2, 3 horas pra mamãe fazer outra tauba de pirulito que ela ia voltar pra rua.

Filha de Dona Corina: Pra vender.

Neta de Dona Corina: Aí chegava 6 horas da noite, ia pra Maria Aragão, voltava de manhã, de manhã que ela chegava tu pensava que ela ia dormir? Fazia outra tauba pra ir de novo na rua, a vó não descansava.

Filha de Dona Corina: Mamãe, era só pele e osso. Fora que ela tava nem aí.

Neta de Dona Corina: Aí chegava aqui, a gente botava comida... Ela comia um tantinho assim, dizia; "mamãe, mas é porque ela acostumou o intestino, sem... nada. Aí mamãe e eu ficava brigando, brigando, brigando pra ela comer. Ela brigava logo com mamãe que ia dormir injuriada. **(ri).** A mamãe queria pra ela comer um prato, melhor comia umas três colherzinha.

Dona Corina se levanta e sai andando.

[...]

Dona Corina: Desde que vendi minha casa lá ni Rosário. Minha casa lá era um casarão...

Filha de Dona Corina: Coroadinho, mãe. A senhora vendeu a de rosário, foi pro coroadinho.

Dona Corina Passa de uma rua...

Filha de Dona Corina: Ela tinha um hotel lá ni' rosário. Trabalhou com hotel muitos ano, desde quando eu me entendi... que me entendi por gente que ela já trabalhava com hotel.

Dona Corina De uma rua na outra.

Filha de Dona Corina Era... um casarão, né?

Dona Corina: Agora já mandaro parti tudin, só tem no centro.

Brenda: Eu vi também que a senhora foi parar em Manaus.

Dona Corina uhum...

Brenda: Foi?

Dona Corina: lá eu vendi demais...

Filha de Dona Corina: Conta pra ela, mãe, que o ladrão... **(ri)**

Dona Corina O ladrão... **(ri)** O ladrão me agarrou... e eu gritei. E ele sentiu eu gritar e sem poder dar o otimato, ele botou a faca aqui na minha goela e eu gritei. Os homens da construção correram por mim e ele se largou e correu. E eles correram atrás e ele pulou dentro de um... quintal. Aí eles não deixaram os outros. Eu acho que...

Filha de Dona Corina: Aí ela chegou em casa e ela disse, "márrapaz, ele bota a faca no meu pescoço e diz, "se tu gritar eu morro", márrapaz, se for morrer eu morro gritando". É, mamãe, era cada uma...

Silêncio.

Brenda: Aí depois de ir lá de Manaus, a senhora voltou pra cá, né?

Dona Corina: en-ein, eu voltei. Deixei a tauba mais minha nora e ela não sei o que fez...

Silêncio.

Brenda: A senhora tem quantos filhos?

Dona Corina: Tinha quatro. Morreu um tem 3.

Filha de Dona Corina: Mãe, 5? Só 5?

Dona Corina: Como?

Filha de Dona Corina: Só tem 5,morreu um por 4.

Neta de Dona Corina: Não, filho tá certo. Agora se la fala filha, tem uma.

Filha de Dona Corina: Filho, filha incluindo filho, mulher com homem.

Dona Corina: Não, eu tô falando só os homi. **(ri)**

Silêncio.

Brenda: A senhora lembra das musiquinhas que a senhora cantava pra vender?

Dona Corina começa cantar: *"Pirulito que bate, bate, pirulito que já bateu... quem gosta de mim é ela, quem gosta dela sou eu..."*

Brenda: Aí a senhora saía na rua cantando?

Dona Corina: Não, eu só cantei lá dentro na.. no.

Filha de Dona Corina: no teatro.

Brenda: E quando a senhora ia vender o pirulito, como é que a senhora anunciava o pirulito?

Dona Corina: era caladinha, eles que me chamava.

Brenda: Era?

Dona Corina: Nunca gostei, num gostava de cantar não.

Jacy entra na sala cantarolando: *"Pirulito enrolado no palito... Mamãe eu choro, papai eu grito, me dá 10 centavos pra comprar um pirulito"*

Neta de Dona Corina: isso na época era 10 centavos, não sei quantos mil anos atrás, pequenininha eu sempre fui né, mas a idade era bem menos. Eu tô com 38, eu acho que eu tinha uns 10, 12 anos. É igual minha filha, minha filha com 12 anos já tá na rua também, nessa época eu vendia pirulito com minha avó.

Dona Corina: Umas vez... Lá no João Paulo. Que..

Neta de Dona Corina: Em-ein, vovó me deu, na época, 10 reais. Muito dinheiro...

Dona Corina: E... Nena mandou o dinheiro... aí olha...

Neta de Dona Corina: Aí eu era novinha...

Dona Corina olha feio pra Jacy que a interrompeu.

Neta de Dona Corina: En-ein, vó, pode me caguetar...

Dona Corina: A Nena entrou... A Jacy entrou... nessa rua e eu, mais a Jaciene entramo na outra. Ela: "não, vou nessa que tem muito gente pra lá". Aí, quando encontremo a Jacyara tava chorando...tinham tomado o dinheiro dela. (ri). Aí...eu dei dinheiro pra ela de novo.

Neta de Dona Corina: É... aqueles... Pessoal de feira que fica fazendo aposta, me enrolaram.

Filha de Dona Corina: É, um copinho e uma bolinha de plástico?! Isso é tudo combinado.

Neta de Dona Corina: Ai, como eu era ingênua. Ôh, meu deus!

Silêncio...

Brenda: Aí quando a senhora saia daqui,a senhora ia a pé até o centro ou a senhora pegava uma van?

Dona Corina: eu saia... de pé mesmo.

Brenda: A senhora andava a cidade todinha só a pé?

Dona Corina: Todinha.... Eu vendia aqui, não maiobão tooodinho... Eu vendia...

Brenda: Hum hum.

Dona Corina: Aqui tudinho eu vendia.

Dona Nena entra entregando remédio pra Dona Corina tomar.

Brenda: A senhora lembra mais de alguma coisa de quando a senhora ia vender pirulito? A senhora lembra de mais alguma coisa de quando a senhora vendia pirulito? Alguma história?

Dona Corina: Não...

[...]

Brenda: Como é que a senhora aguentava carregar essa tábua pesada, na cidade todinha? **(pergunto para Dona Corina)**

Neta de Dona Corina: Ah, isso daqui dela era cheio de hematoma**. (aponta pra região da cintura).**

Dona Corina: E era leve...

Brenda: era leve, Dona Corina?!

Neta de Dona Corina: Ela apoiava aqui. **(aponta pra região da cintura).** Era tudo roxo. Eu ficava morrendo de medo. Não era, mãe?! Quando eu vi a primeira vez, que ela só... eu só via a vovó vestida. Eu fui lá pro quarto dela se trocando. Aí o hematoma porreta, roxa. A vovó já era pretinha do sol. E com a hematoma que ficava mesmo forte... credo...

Brenda: e a senhora achava leve?

Dona Corina ri.

Neta de Dona Corina: Ela achava, ela gostava... dessas arrumação. [...] Eu digo é muito pra ela, eu não sei se ela não fica com raiva de mim, aquilo era trabalho escravo, senhora, a senhora era uma escrava, ela andava muito de sofrimento e vovó era felizona com essa arrumação também. Vovó, sua vida foi só sofrer.

Filha de Dona Corina: Precisava ver a felicidade quando ela ganhava alguma coisa na rua, ela vinha trazer toda feliz, peixe... davam galinha pra ela.

Neta de Dona Corina: Às vezes eu penso assim, como vovó viveu a vida só de sofrimento, isso pra ela se tornou uma diversão. Dos males e... o menor é o melhor. Porque vovó, viveu com o marido apanhando do marido direto, sofreu feito um cão.

Filha de Dona Corina: Por isso que ela aprendeu a fazer tudo isso, porque meu pai era assim. O que era dele, era das irmãs dele.

Neta de Dona Corina: Da família dele.

Filha de Dona Corina: Se ela quisesse comprar um vestido, uma comida pra comer, ela tinha que trabalhar pra comprar pra ela. Porque o dinheiro dele era das irmã, dela não. Eu presenciei pequenininha papai bater em mamãe.

Neta de Dona Corina: O pai da minha vó era rico. Mas só que na época ela fugiu de casa, pra ir morar com esse meu vô, pra casar com esse meu avô, contra a vontade deles, começou a sofrer e não teve mais como voltar.

Filha de Dona Corina: Ela não voltava, porque não aceitava de volta.

Dona Corina: eu não dizia para os meus pais que eu apanhava.

Filha de Dona Corina: Ela sofreu, a mamãe sofreu.

Neta de Dona Corina: Aí pra não morrer de fome, não deixar os filhos morrer de fome, ela começou a inventar coisa. Aí conheceu esse padre que ensinou isso pra ela, ela trouxe a vida dela inteira. Aí vovô morreu, a pensão dele ficou pra ela, mas ela já tava ensinada nessa vida.

Filha de Dona Corina: E ela costurava. Além dos pirulitos, ela costurava pra fora, ela fazia roupa, ela bordava lençol.

Neta de Dona Corina: Aí, como eu digo, dos males, o menor é o melhor, porque pra mim vender pirulito é sofrimento, filha. Mas eu acho que vovó teve uma vida pior no passado que ela optou pelo pirulito e ficou com o pirulito como diversão.

Dona Corina: E eu sei fazer todos os doce, mas o melhor que eu achei foi o pirulito.

Filha de Dona Corina: Ela fazia cocada, ah tu não lembra não... Ela fazia cocada.

Neta de Dona Corina: fazia mesmo eu lembro...

Filha de Dona Corina: ela fazia pé de moleque...

Neta de Dona Corina: eu vendia mingau com vovó na rua, mingau de milho.

Filha de Dona Corina: ela fazia aqueles docinhos seco que a gente, eu não sei como é que ela fazia, ela vendia em festa lá em Rosário, me lembro, eu era pequena, fazia um docinho seco assim, a gente comprava até no mercado, com chocolate, a gente ia umas duas, três garrafas de chocolate, aí ia com aquele docinho, vendia em festa, Aí chegava em casa papai ainda queria bater nela porque ela foi pra rua vender. Apanhava, eu presenciei...

Neta de Dona Corina: Eu tinha tanto ódio dessa história de vovó, quando eu comecei a me dar por gente que ela contava a história pra mim, eu ficava com tanto ódio de vovó, eu não entendia por que ela não fugia dele.

Filha de Dona Corina: Por causa dos filho.

Neta de Dona Corina: Por causa dos filho, por causa da época, né? Que a época não podia voltar pra casa depois que se casasse. Eu ia virar uma rapariga, mas com ele eu não ficava. Ih, a mamãe... tu é doido. Vovó sofreu demais, eu ficava com tanto ódio quando vovó...

Filha de Dona Corina: Até depois deles separado, tipo assim, separaram, tipo... Separaram, mas ele vivia dentro de casa.

Neta de Dona Corina: Ele levava as putas pro hotel da vó. Tava dentro de casa.

Filha de Dona Corina: Ele levava as mulher dele, as mulher que ele arranjava, pra dentro de casa. Quando não era ele ia pegar as mulher na rua, mandava as mulher cobrar dela e ela pagava. Aí ele botava a mulher dentro de casa quando ela ficava. fazer comida, ficava olhando. Aí ela gritava pra mulher: “ê, Maria vem botar o comer do teu marido”, eu falava: “mãe, a senhora tem sangue de barata”.

Neta de Dona Corina: Aí eu virei assim mesmo: “vó por que a senhora fazia isso?” “Minha filha, eu prefiro pagar pra ele ficar em cima de quenga, do que uma pessoa que a gente não gosta mais tá em cima da gente”.

Filha de Dona Corina: Ela dizia assim: “me batia, me batia, quando terminava”, desculpa a palavra: “Me batia, quando terminava dizia assim: “ei Corina, vem fuder”. Desculpa aí. Desse jeito, desculpa aí. É assim que ela dizia pra gente.

Neta de Dona Corina: Vovó só teve um homem na vida dela... só que tem um mentiroso por aí...

Filha de Dona Corina: Foi só ele.

Neta de Dona Corina: Tem um mentiroso por aí dizendo que namorou com vovó.

Dona Corina: quem?

Neta de Dona Corina: Eu não sei, se eu me encontrar, eu vou dizer pra ele tomar cuidado com as palavras deles que pode gerar um processo em cima dele. Porque desde quando eu me dei por gente, vovó não gostava nem de brincadeira que a gente dizia: “Dona Cócó tá namorando”, “te a merda!”. Eu lembro que uma vez a vovó me deu uma surra. Porque a vovó saiu toda arrumada, eu disse: “ei, vó, tá indo namorar?”, rapaz, vovó voltou parece que encarnou alguma coisa. **(rir)** vovó me deu uma taca. Parece que encarnou algo ne vovó. Então ela não gostava nem dessas brincadeiras. E vovó foi mulher de um homem só. E pelo jeito, foi uma experiência péssima. Péssima. Que me dá rancor quando eu lembro das histórias que vovó me contava. Hoje vovó não conta muito. Lá uma vez ou outra ela dá uma relembrada.

Dona Corina: Tem uma coisa que eu nunca contei pra vocês. Num dia... tinha uma cerca assim na frente da casa... e... eu tava lá dentro costurando. Aí a Julia veio buscar uma... um... uma... xícara e um copo. E eu... “Vocês levam meus copos, já quebraro tudo”. que eu tinha trocado esse copo com Dica pelo um vestido que eu costurei pra Dica e ela me pagou com o copo.

Filha de Dona Corina: Oxi, que pagamento...

Dona Corina: Mas é. Foi seis copo.

Filha de Dona Corina: Ah, seis copos, tá certo. Tá vendo?

Dona Corina: É, já tinham quebrado tudo, só rá’ tinha um. E a... a menina foi buscar, quando nasceu, um menino de Doca, não sei quem foi... e eu disse: “vocês leva meus copo é só pra quebrarem. Toda vez que vocês tem filho, vem buscar um, e quebra os copo tudo.” Aí ela foi contou pra Cibério, Cibério tava lá na grama assim, e ela, e ela foi contar pra Sutério chegou, ele me deu um tapa, eu caí, aí ele chutou, eu caí de novo, aí ele tornou chutar.

Neta de Dona Corina: ele era ignorante.

Dona Corina: Eu caí e foi bem na porta do quarto e tinha uma espingada. **(ri)** Aí eu peguei a espingada **(ri)**, aí ele correu. **(todas elas riem).**

Filha de Dona Corina: Olha Paulo sorrindo ali lá dentro.

Dona Corina: Aí ele correu. E eu: Quelepo, quelepo, quelepo, quelepo. Num tinha bala na espingarda. (diz rindo). Ainda bem que num tinha, mermã. Que se não eu tinha matado ele.

Filha de Dona Corina: Papai era brutão, papai. Eu me lembro. Papai era um homem da gente chegar e pedir bença, ele só fazia olhar pra mim: "Deus te abençoe". Virava a cara e ia embora. Tudo que a mamãe, a mamãe sempre dizia assim pra gente: "Não sei que vocês só pede as coisa pra mim, nunca pede pro pai". Porque tudo que a gente queria só ia nela: "mãe dá isso assim, assim" aí, "Não, porque que você num pede..." Deus o livre chegar ao menos perto dele pra falar alguma coisa que ele já ia metendo a mão, té doido é?! Sofreu, essa velhinha sofreu. eu presenciei, ele batendo nela. Os menino foro querer ba... corria em cima dele. Aí tinha a casa da gente, tinha uma porta assim, a parede era mais baixa. Aí era a porta que saía da cozinha pra varanda. Aí tinha o quarto, aí... ele entrou pra chamar ela, pegou a toalha e fez assim, tava batendo ela com a toalha, a toalha tava molhada. Aí os menino viram, os menino querendo arrombar a porta, ela segurou a porta, ela segurou a porta, e falou: "pode parar. Ele é meu marido, é pai de vocês. Vocês não podem bater nele". É assim que ela criou a gente. "Pai, se respeita. Eu resolvo com ele. Se eu achar que não dá mais eu me... vocês não têm que triscar a mão no pai de vocês". Eu lembro. Ela não deixou o menino ir de jeito nenhum. Hoje em dia não, hoje em dia filho bate em pai. Às veze faz uma coisa dessa com a mãe, até mata. Aí ela criou a gente muito também, graças a Deus. Que se não, os menino ia matar o papai, que era taca, gente, quase todo dia. Ela não podia sair, que se ela saísse, mamãe penteava o cabelo, papai já dizia que mamãe tinha macho na rua. Ela tinha um hotel, chegava um hóspede, conversava com ela, a mamãe dava um sorriso, já era o macho dela. Ah, foi um sofrimento muito grande. Tu é doido, é? A vida toda. Aí quando ela veio pra cá, ele morreu, a gente veio embora pra cá. Aí ela ficou...ficou a casinha dela... Antes da gente vir embora pra cá, a gente foi pra Tucuru... foi pra... Taituba. Foi pra Taituba. Não foi, mãe?! Tucurui, lá na casa do tio. Lá a mamãe também vendeu, mamãe vendia pirulito por onde ela tivesse.

Neta de Dona Corina: Uma mulher que tu pega só pra fazer o mal. Porque ele não aborcava a ela nem os filhos dele. Os filhos era tudo dele.

Filha de Dona Corina: Era pra ir pra roça. Os filho de papai era pra ser criado em roça. Era ser tudo analfabeto. O pai daquele que tá ali dentro, o que ele fazia? Cortava o dedo pá não ir pra roça pra poder estudar. Um, dois, três anos mais ou menos.

Dona Corina: Vocês estudaro por causa de mim.

Filha de Dona Corina: Foi. Porque ele não queria não. Ele dizia que os filho dele não era para estudar, que estudo... que ele não estudava e... ganhava...

APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DE CAMPO: SEGUNDO ENCONTRO COM DONA CORINA – (06/10/23)

O segundo encontro com Dona Corina e sua família aconteceu no dia seis de outubro de 2023. Novamente fui acompanhada por minha mãe. Mais uma vez fui muito bem recebida por todos. Antes de iniciar a conversa avisei que iria gravar e assim comecei tentando relembrar alguns pontos que foram comentados no encontro anterior.

Brenda: Dona Corina, não sei se a senhora lembra da segunda...terça-feira que a gente veio aqui?
Dona Corina: Me lembro.
Brenda: Aí a gente estava conversando, aí a senhora falou que antes da senhora vir morar aqui, a senhora morava no interior, né?
Dona Corina: Eu morava "ni" "Rosáro".
Brenda: Rosário, né? A senhora lembra como era a sua casa lá em Rosário?
Dona Corina: Minha casa lá era grande, muito grande, "darra" dum quarteirão no outro. **Neta de Dona Corina:** Boa tarde!
Brenda: Boa tarde!
Neta de Dona Corina: E aí, como é que tão?
Brenda: estou bem.
Dona Corina: Muito grande mesmo. Agora já desmancharam que já tava só...
Bisneta de Dona Corina: Boa tarde.
Dona Corina: Mas... era grande.
Brenda: Uhum... Aí...
Filha de Dona Corina: Fala, mãe.
Dona Corina: Eu não sei o que é...
Filha de Dona Corina: Eu cortei o assunto **(ri).**
Brenda: E aí a senhora morava com seu marido e os seus filhos?
Dona Corina: Ên-ein.
Brenda: A senhora casou com quantos anos?
Dona Corina: eu... (dá uma travada, olha pra Dona Nena).
Neta de Dona Corina: ih...
Filha de Dona Corina: Mãe não me pergunta isso "qu"eu num era nascida. **(ri)**
Neta de Dona Corina: eu também não. **(ri)**

Dona Corina solta uma gargalhada.

Dona Corina: Mas parece que era com quatorze anos, eu acho que foi isso.

Brenda: A senhora era bem novinha, né?!

Dona Corina Era. Bem novinha. Agora depois que... (dá uma pausa longa) Faz tempo que ele morreu, né?

Brenda: Uhum**. (digo incentivando-a falar mais, mas ela fica calada).** Aí a senhora... falou também que a senhora' começou a vender o pirulito, né? Nessa época do casamento, para ajudar a sustentar seus filhos, né?

Dona Corina: É, mas meu marido deixou... uma pensão para mim. Eu fiquei com ela, mas mesmo assim eu queria vender "pá" ajudar.

Brenda: Mas, assim, o que a senhora sentia pra fazer a senhora querer vender? Era mais pra ajudar a sustentar a casa? Ou por que a senhora começou gostar mesmo de vender?

Dona Corina: Eu gostei mermo de vender.

Brenda: Uhum...

Dona Corina: Ah[20]...

Brenda: E o que a senhora mais gostava quando a senhora estava vendendo pirulito?

Dona Corina: Eu gostava de tudo. Tudo que vinha pra mim era bom.

Brenda: Aí seu marido morreu e a senhora veio pra cá, pra São Luís?

Dona Corina: Foi.

Brenda: Aí a senhora falou que a senhora morava no Coroadinho?

Dona Corina: Eu morei "nu Coroadin". Antes, eu morei aonde, Nena?

Neta de Dona Corina: Rosário?

Dona Corina: Não... Antes.

Filha de Dona Corina: Não, que vocês moraram, que eu tava no Rio?

Neta de Dona Corina: Na Santa Clara, da Santa Clara a gente passou pra Janaina, da Janaina a gente voltou pra Santa Clara pra vim parar aqui.

Dona Corina: Foi.

Brenda: Aí esse tempo todo ela sempre saindo pra vender pirulito?

Neta de Dona Corina: Sempre, sempre. Eu me dei por gente com a vovó vendendo pirulito.

[20] Nota: A entonação desse "ah" soou similar ao som que minha avó costumava soltar nas conversas quando estava entediada, achava que alguém estava falando bobagens ou quando se estressava com algo. Comecei a pensar que eu estava fazendo perguntas bobas, pois ela estava dando respostas curtas.

Filha de Dona Corina: Menina, eu tenho 58 anos. Quando eu me entendi por gente, mamãe fazia pirulito. Só que lá na época a mamãe não saía. Ela pagava uns... molequinhos pra vender. Aí que os molequinhos vendia, começou meus irmão indo, né, mãe? Aí meus irmãos iam. Aí começaram estudar, porque já era rapazinhos, já ficaram já... sabe? Aí a mamãe pagava gente pra ir. Aí os menino começaram enrolar ela, sabe? Os outros roubavam, eles vendiam, não 'davo" o dinheiro. Aí ela largou de mão lá. Foi que o tempo que a gente veio embora pra cá.

Dona Corina: Foi...

Filha de Dona Corina: Mas por onde mamãe passa...

Neta de Dona Corina: "Ni" Manaus...

Filha de Dona Corina: De Manaus, aonde ela passou, Maracaçumé, esse... Buriticupu, tudo mamãe vendeu pirulito. Ela foi no Buriti, na casa do tio. Ela foi passar lá, uma semana lá com o irmão dela, chegou lá na casa do meu tio **(ri),** não tava muito bem de situação. Ela pegou, fez uma tábua, do jeito que a Jacy falou, furada?!

Brenda: aham...

Filha de Dona Corina: No, no...

Neta de Dona Corina: no ferro quente.

Filha de Dona Corina: no ferro quente.

Filha de Dona Corina: Né e... botou um... cabo aí, pediu... tinha levado um dinheiro da passagem dela de ida, comprou os material, e foi... mermã... vendeu tudinho. Aí por lá elas foram, compraram comida. **(ri).**

Brenda: E a senhora saía pra vender mesmo sem saber, sem conhecer direito o lugar? A senhora saía andando?

Dona Corina: Eu saía. Eu cheguei, meu irmão tava pensando que eu tinha me perdido **(ri)**. "Tarrá" me procurando. E eu... acertei. **(ri).**

Brenda: Aí a senhora perguntava para as pessoas ou a senhora só ia mesmo?

Dona Corina: Aí... me dei bem.

Dona Corina: Vendi "ni" Manaus. Muito. Muito mesmo. Aí as "minina" era pequenininha. Eu vendi em Manaus e um ladrão me pegou, querendo me forçar. **(ri).** E eu gritei e os pessoal que "tavo" trabalhando assim "vinhero" todo mundo e ele largou a faca que tava com a faca na minha "guela" e... correu **(pausa).** E eles correram atrás e ele entrou numa casa e não deixaram os cara pegarem ele.

Brenda: A senhora não ficou com medo não?

Dona Corina: Ah, fiquei sim **(ri),** minha filha, fiquei com muito medo. Mas eu ia morrer e eu ia ficar calada? eu gritei. **(ri)**

Filha de Dona Corina: Ia morrer gritando, né, mãe? **(ri)**

Dona Corina solta uma gargalhada.

Silêncio por uns segundos.

Brenda: A senhora foi em Manaus... por quê?

Dona Corina: É porque meu filho morava lá mais minha nora.

Filha de Dona Corina: Ainda mora.

Neta de Dona Corina: Mora.

Dona Corina: E eu fui e cheguei lá. Ela não se deu muito bem comigo, eu fiz uma casinha e fiquei, mas deixei a minha aqui, alugada. Aí eu... fui vender esse pirulito. **(ri)**

Brenda: Pra sustentar, né?

Dona Corina: Não...Pessoal "gostaro" de mim e eu... vendia bem lá. E vendi mesmo muito... Passei numa-numa casa, ainda hoje eu tô me lembrando. Tinha um menino caído "dento dum" poço e eu num sei se tiraram, eles "tavo" lutando pra tirar[21].

Brenda: hum...

Dona Corina: Num sei se tiraram, num sei se morreu, não sei. E eu voltei por... outra parte. Tinha mais... um su... "lião", tinha um "lião" deitado com a... a mão por cima da leoa, e os menino "começaro" a jogar pedra, "começaro" a jogar pedra. E eu... não quis ficar muito perto, fiquei uma distância. Aí quando o "lião" se levantou **(ri)**, urinou nos olhos dos menino, e os menino "saíro" gritando. E nó... e eu mais Jorge correndo[22]. **(ri)**

Neta de Dona Corina: Era do circo.

Dona Corina: Era.

Brenda: Isso em Manaus?

Dona Corina: Em Manaus.

Brenda: Aí a senhora depois voltou pra cá?

Dona Corina: Voltei.

Brenda: Mas porque a senhora quis ou porque teve que voltar mesmo?

Dona Corina: Não, porque eu quis mermo[23].

Brenda: Tava sentindo falta, né?

Dona Corina: Eu sinto falta do Maranhão. Num é porque não fosse bom lá, é bom. Só tem que matam muita gente. Tinha vez que eu passava, tinha cinco morto.

Brenda: Eita, meu deus.

---

[21] Acho que aqui ela começou a fantasiar.

[22] Ela se divertiu muito contando essa história. Percebi que a filha e a neta ficaram meio estranhas ouvindo pela possível fantasia sendo contada.

[23] Em uma entrevista ela havia dito que voltou porque ficou sem condições lá em Manaus.

Dona Corina: E eu passava caladinha, não dizia nada. Eu e o Jorge, o Jorginho, que me acompanhava. Hoje ele tá aí, "comé"?
Neta de Dona Corina: É empresário microempreendedor. É meu primo.

Dona Corina: Aí, eu passava. Levava, "cumê", às vezes fritava... assava peixe, e levava farinha, lá "num" se come farinha d'água, só farinha seca. Aí... o pessoal me "oferecio", pr'eu ir comer com eles, eu ia, mais Jorge... Dessa vez... a... um cachorro deste tamanho pulou em cima de Jorge e eu fiquei sem fazer nada e o cachorro "avoou" em cima de Jorge e "lembendo, lembendo". Quando o dono tirou o cachorro, o cachorro não tinha nem dente. Já era um bicho deste tamanho assim. **(ri)** E eu, graças a Deus, não mordeu o menino, só ficou lambendo.
Brenda: Ôh...
Um silêncio por segundos.
Dona Corina: Ah! passei tanta coisa.
Brenda: Aí, quando a senhora voltou pra cá, a senhora continuou vendendo os pirulitos? **Dona Corina:** Continuei. vendendo, vendi... "ni"... **(pausa)** como é o nome daquele lugar ne?, no Coroa.. no coroadinho.
Brenda: No centro?
Dona Corina No Coroado, lá onde eu morei?!
Neta de Dona Corina: No Coroadinho.
Dona Corina: No Coroadinho. eu vendi... passaria aqui na rua. Eu vendi... por lá tudo. Vendi... Aqui no centro não tem lugar que eu não tenha vendido. Vendi aqui tudo.
(pausa)
Brenda: E aí quando a senhora tava vendendo, a senhora disse que gostava, né?
Dona Corina Gostava.
Brenda: Mas a senhora não... A senhora passava o dia todo no sol quente, na chuva, isso não desanimava a senhora, não?
Dona Corina: Não.... De jeito nenhum. **(ri)** Eu... gostava mesmo.
Filha de Dona Corina: Mamãe saía era debaixo de chuva. Aqui... tava chovendo, amanhecia chovendo, era debaixo de chuva, a gente torcendo para ela não ir....
Neta de Dona Corina: a gente torcendo para ela não ir. Que se ela não fosse, a gente ficava pelo menos um dia com a mente despreocupada.
Filha de Dona Corina: Ela cobria a "táuba" com plástico, ela comprou um pedaço de plástico, cobria a tábua, botava o bonézinho e vai embora... com chuva com tudo, minha filha, não tava

nem aí. Hum... Essa daí não... Se deixar ela ainda vai, negócio é que a gente... “num” deixa mais, porque não tem condição.

Dona Corina: Não... agora eu não vou porque “num” enxergo...

Neta de Dona Corina: É... agora a gente sai, a gente leva a chave pra ela não fugir.

Filha de Dona Corina: (ri) quer ir “pá” rua.

Neta de Dona Corina: Ela tentou fugir umas duas vezes.

[...]

Neta de Dona Corina: A maioria dos clientes de vovó são pessoas mais de idade.

Brenda: Uhum.

Neta de Dona Corina: Esse pessoal que vão na feirinha atrás dos pirulitos, que recordam...

Brenda: Da infância, né?

Neta de Dona Corina: São pessoas todas de idade, são mais velhas do que eu. Mil vezes. São pessoas de idade mesmo. “Ai, eu não sou... Eu não posso nem comer isso aqui, que eu tô diabético, mas eu vou lembrar um pouquinho minha mãe, que minha mãe comprou muito isso daqui pra mim quando ela passava na porta.” A maioria de idade, né mãe?

Filha de Dona Corina: É.

Neta de Dona Corina: Que faz encomenda, que vai atrás da gente na feirinha. São todas pessoas de idade.

Brenda: Uhum.

Neta de Dona Corina: Ai eu acho que eles compram, mas “pa” recordar o que a mãe deles faziam por eles, eles é...cada um conta uma história diferente para a gente. Eu, meu marido, ela também escuta muita história. O pessoal que chega até a gente para comprar o pirulito, conta histórias dela, a convivência dela com eles pelas ruas. São muitos, muitos. Vovó teve uma época que adotou um macaquinho que ela mandava fazer uns “pirulito”.

Filha de Dona Corina: Ah, é...eu fazia os pirulito desse “tamanzinho” pra ela levar pro macaquinho.

Neta de Dona Corina: Eu encontrei esse macaquinho. O dono do macaquinho lá no Reviver.

Filha de Dona Corina: Toda sexta-feira, “nera” mãe?

Neta de Dona Corina: O macaquinho diz que entrou em depressão e morreu.

Brenda: Oh meu Deus.

Filha de Dona Corina: É porque eles “tiraro”. Eles “tiraro” porque mamãe passava, toda vez que mamãe passava mamãe dava o pirulito pra ele. Aí eu digo mamãe, ele...que tamanho, era aqueles “miudinho”. Eu comecei a fazer os “pirulitinhos” desse tamanho assim.

Neta de Dona Corina: Miniatura, miniatura mesmo...

Brenda: Pequenininho, né

Filha de Dona Corina: Aí eu pegava, botava, digo: “ó mamãe, daqui é do macaquinho.” Aí chegava e ela dava pra ele. Aí... Eu acho que o pessoal não “gostaro” muito, tiraram o bicho e botaram pra dentro. Aí agora hoje tá dizendo que bicho entrou em depressão, ele gostava de mamãe demais.

Neta de Dona Corina: O dono me encontrou no reviver aí falou, “olha, a sua avó dava, era muito pirulito pra um macaquinho que eu tinha”. Aí minha mente foi certinho, que era sagrado esse...vovó dizia assim mesmo: “Hoje eu vou pra banda do meu amiguinho”.

Filha de Dona Corina: Aí eu “rá” fazia logo.

Neta de Dona Corina: Ai mamãe já fazia em miniatura.

Brenda: Qual era o bairro?

Neta de Dona Corina: Nem me lembro.

Filha de Dona Corina: Qual era o bairro, mãe?

Neta de Dona Corina: Só sei que ela chegava falando assim pra gente: “Eu vou “pa” banda do meu amiguinho” aí a gente tinha que fazer o pirulito em miniatura.

Brenda: Oh meu Deus.

Neta de Dona Corina: Aí depois que aconteceu esse reviravolta que eu tomei a frente com o meu marido, aí esse dono desse macaquinho me encontrou lá no reviver e disse que o macaquinho entrou em depressão e morreu.

Brenda: Oh meu Deus.

Neta de Dona Corina: Vovó disse que “tiraro” ele da porta pra não dar mais aí vovó largou de ir. Largou de levar.

Filha de Dona Corina: Aí ó, era “des” tamanho *mostra o pirulito*

Neta de Dona Corina: Era miniatura.

Filha de Dona Corina: Era o que eu fazia. Aí, botava um palitinho pequenininho, ela levava...

Neta de Dona Corina: O primeiro que ela deu diz que a mão dele era muito grandão, “nera” mãe? Aí vovó disse: “Não, muito grande pra ele “bora” fazer um pequenininho.”...Passou meses vovó levando... **(ri)**

Filha de Dona Corina: Uma vez, ela chegou e dizendo: “Oh tiraram o macaquinho de lá...bem pra mim não dá um pirulito pra ele”, mamãe chegou triste.

Neta de Dona Corina: Às vezes o dono pensa que tá fazendo o bem e acaba fazendo é o mal. Aí diz que o macaquinho ficou em depressão e vovó largou de ir pra banda de lá porque tiraram.
Brenda: Tiraram o amiguinho dela.
Neta de Dona Corina: E...ele morreu. Entrou em depressão e morreu. Aqueles macaquinho prego, que eu tenho raiva "pa porra."
Brenda: eu acho muito bonitinho. **(ri)**
Neta de Dona Corina: Eu não gosto não. **(ri)**
Filha de Dona Corina: Mas ele vestia a roupa, "nera" mãe? Ele botava a calça dele.
Neta de Dona Corina: Vovó gostava dele...aí tiraram.
Filha de Dona Corina: Mas quando ele bota a roupa, ele é bonitinho. Agora ele é saliente quando ele tá sem roupa...Eles são saliente demais, né? Já viu? É, eles são saliente. Não pode uma mulher bonita, que eles "fico" tudo "oriçado".
Neta de Dona Corina: Aí vovó parou de levar, porque tiraram ele. Aí quando veio a notícia, depois de tantos anos de reviravolta, chegaram até mim e contaram a história do macaco. Aí eu lembrei que o vovó fazia de fato esse esses "pirulito". Só que eu nunca tinha ido com ela até lá e eu não sabia a origem, o local do macaco. Eu sabia que de fato existia. O dono chegou e falou. Aí que eu fui ver. Ah, então era tu que era o dono do macaco que minha mãe fazia com a "choquinha" separada **(ri)**. É... morreu ele, o bichinho.
Brenda: "Tadinho..."
Neta de Dona Corina: Ah, vovó tem tanta história...
Brenda: E aí quando a senhora começou a sair aqui na cidade, sem mesmo conhecer a cidade, a senhora não se perdia não no caminho?
Dona Corina: Não.
Brenda: Não?
Dona Corina: Não. Eu me atrasava, ficava... Era a hora que não passava mais ônibus, aí eu dormia na feira. **(ri)** e…
Neta de Dona Corina: Menina, a vovó começou nova, vovó recebeu proposta de muito homem. Tinha um cara que era apaixonado por vovó, ia lá no Coroadinho direto atrás dela, esse homem "rá" até morreu, o seu Corinte. Ele era apaixonado pela minha avó. Minha avó foi [inaudível] de pirulito toda bonitona "pa" rua, ela era novinha, novinha. **Brenda:** Ela tinha assim mais ou menos quantos anos?
Neta de Dona Corina: Ela casou com meu vô...
Brenda: Com 14, né?

Neta de Dona Corina: Com 14. No decorrer desse tempo todinho. Eu acho que minha avó foi bem com uns 20 talvez, não mãe? Pra rua já?

Filha de Dona Corina: Não sei, né

Neta de Dona Corina: A senhora não viveu com ela não, mãe? Eu não me lembro da época que quando eu me dei por gente vovó já era mulher.

Filha de Dona Corina: Hum...mamãe conhece seu Corinte "des" lá de "Rosáro".

Neta de Dona Corina: Não...que vovó começou a ir pra rua.

Filha de Dona Corina: Ah, quando a mamãe começou a ir pra rua, eu ainda não tinha nem nascido, eu acho. Porque eu nasci em Rosário, ela vendia pirulito.

Neta de Dona Corina: Mas a senhora disse que ela pagava meninos.

Filha de Dona Corina: Pagava. Aqui em São Luís que ela começou a sair lá do Coroadinho, né mãe?

Dona Corina: Foi.

Brenda: Ela veio pra cá pra São Luís que ano mais ou menos?

Filha de Dona Corina: Ah, rapaz, não sei.

Dona Corina: Ah não, não me lembro.

Filha de Dona Corina: "Ar" menina era tudo pequenininha, essa a outra.

Brenda: A senhora tinha quantos anos?

Filha de Dona Corina: Rapaz, eu não sei.

Neta de Dona Corina: Na época que eu estudei na primeira série, vovó já vendia pirulito na rua.

Brenda: Na rua, né

Neta de Dona Corina: Primeira série, pra entrar na primeira série.

Brenda: Uns seis anos, seis, sete anos.

Neta de Dona Corina: Aí eu vou pra trinta ou oito, eu vou pra em quarenta e um anos. Eu já me via com vovó na rua. Minha primeira série vovó já vendia. Quando...eu já comecei a ter um ângulo de visão ao meu redor, porque antes eu não tinha. Eu lembro do meu passado assim, eu não lembro muito da época do jardim, alguns flashes...

Dona Corina: Uma vez nós "fomo"...

Neta de Dona Corina: Mas eu venho lembrar da minha vida, do passado da primeira série pra cá.

Dona Corina: Nós "fumo" vender lá no...lá no, "comé"? No Coroadinho, naquele... Aí a Jacyara era mentida e a Nena não tinha mandado um dinheiro, eu dei...

Neta de Dona Corina: Lá vem de novo, vovó gosta de comentar isso daí...**(ri)**

Dona Corina: Eu dei um dinheiro pra ela e outro pra Sica... aí, nós entramos por lá e Jacyara: "Eu vou é por aqui" foi...cheguei.

Neta de Dona Corina: Fui enrolada, levaram o meu dinheiro.

Dona Corina: Ai, ai, ai **(ri)** a Jacy tava chorando, tinham tomado o dinheiro dela. Aí, eu dei outro. Eles compraram uma "baciona" pra mim.

Filha de Dona Corina: Gastaram o dinheiro comprando coisa pra mamãe, "bande" besta. **(ri)**

Dona Corina: Nós chegamos em Manaus. Ela era pequena. Aí...não sei como foi, teve uma festa e nós fomos e a Jacyara ganhou uma bacia, foi uma bacia, não foi?

Filha de Dona Corina: Foi uma bacia.

Dona Corina: Uma bacia, aí ela me deu essa bacia.

Filha de Dona Corina: A mãe ainda se lembra disso, "sio"...Tá vendo? É tipo uns flashes, sabe?

Neta de Dona Corina: É uns colapsos. Não é que ela inventa, que ela não inventa, tudo que ela fala é verdade de fato, mas "é" uns colapsos e às vezes ela não consegue lembrar o nome dos "local" ou de algumas pessoas que não convivem mais entre ela.

[...]

Dona Corina: Aí eu cantei: "Pirulito que bate-bate, pirulito que já bateu, gosta de mim é ela quem gosta dela sou eu". **(cantarolou)**

Brenda: Isso foi um documentário "né" que a senhora fez?

Dona Corina: Foi.

Brenda: Mas aí quando a senhora vendia, a senhora não cantava?

Dona Corina: Não.

Brenda: Eu vi que a senhora fala...como é...

Bisneta de Dona Corina: "mamãe eu choro, papai, eu grito, me dá um tostão pra comprar um pirulito".

Dona Corina: Isso foi da igreja.

Brenda: Isso foi da igreja?

Dona Corina: Foi.

Dona Corina: Agora, quando eu andava, andava calada. Quando eles "querio" me cham...

Filha de Dona Corina: Ela cantava, cantou só no teatro mesmo.

Dona Corina: Quando eles me chamavam, eu cantava.

Neta de Dona Corina: Mas tinha aquela do pirulito enrolado no palito ou no papel.

Brenda: Essa aí que eu ouvi ela falando.

Neta de Dona Corina: Ela falava sim, eu lembro...eu acho que Jorge lembra, Erisson deve lembrar que Erisson também cantava essa musiquinha.

Bisneta de Dona Corina: Às vezes ela cantava a música sem motivo nenhum aqui em casa.

Filha de Dona Corina: É: "Enrolado no papel, enfiado no palito, mamãe, eu choro, papai, eu grito, me dá um me dá um tostão pra...

Neta de Dona Corina: Eu conheço essa música através dela.

Filha de Dona Corina: É da época do Tostão ainda.

Neta de Dona Corina: Eu conheci essa música foi através dela, foi através dela que eu conheci...

Filha de Dona Corina: Ela cantava lá em "Rosáro" também , vivia cantando essa daí era muito

Neta de Dona Corina: Ela foi cantar pirulito que bate-bate ela relaxou o pirulito, a música tradicional dela aí esqueceu do pirulito e bate, bate, esqueceu do pirulito enrolado no papel e enfiado no palito. **(ri)**

Brenda: E quando a senhora estava na rua assim, a senhora ouvia o que das pessoas?
Elas sempre tratavam a senhora bem?

Dona Corina: Uns tratavam bem, outros tratavam mal, mas eu nem... Não tinha nada com isso.

Brenda: A senhora não ligava?

Dona Corina: Não.

Brenda: Nem ficava triste, quando alguém tratava a senhora mal?

Dona Corina: Não...tinha gente que me tratava mal, outro que me "tratavo" bem.

Brenda: Uhum.

Dona Corina: Eu...os que me "tratavo" bem era bom.

[...]

Brenda: A senhora consegue lembrar mais de alguma coisa de quando a senhora estava na rua vendendo?

Dona Corina: Muitas coisas que as "vez" na minha cabeça, me lembra...

Brenda: Aí depois a senhora esquece, "né"?

Dona Corina: Uhum...lembra de alguma coisa Nena?

Filha de Dona Corina: O que, mãezinha?

Dona Corina: De quando eu vendia pirulito?

Filha de Dona Corina: Eu não sei, mãe. Eu só sei que que a senhora falava aí que a senhora chegava da rua.

Brenda: A senhora era bastante assaltada quando a senhora vendia?

Dona Corina: Não, nunca me assaltavam.

Filha de Dona Corina: Ela deu dinheiro com a mão dela própria, não foi? **(ri)**

Dona Corina: Uma vez eu ia passando aqui, de trás desse mercado daqui, né? Que o marido da dona menina vivia... o pai de Junior.

Filha de Dona Corina: Ah, o da Vila Palmeiras.

Dona Corina: Hehein, eu ia passando tinha dois brigando um com uma faca e outro com um punhal. E eu olhei "po" lado e não vi caminho nenhum pro lado nem pra outro. Aí eu disse: " Ei, eu quero passar aí, eu posso?" Aí o cara: "Pode, minha senhora, pode passar." E eu passei entre os dois. Cheguei lá na frente, eu olhei pra trás e fiquei com medo! Mas graças a Deus, eles começaram a briga deles, "num" sei o que aconteceu com eles. Uma vez um velho querendo me namorar...

Brenda: (ri)

Dona Corina: E eu não queria **(ri)**. E ele botava não sei o que pra mim vender,
"mó" de eu não tá mais vendendo pirulito, não sei o que e eu vou escapulir lá...assim... Quando eu voltei lá ele já tinha morrido.

Brenda: Eita...

Filha de Dona Corina: Se ela tivesse ficado lá você tinha ficado milionária.

Dona Corina: Deus me livre, ele não era milionário.

Brenda: (ri)

Dona Corina: Era pobre velho...Eu, nada, nada de ninguém,

Filha de Dona Corina: Tá certo, mãe.

Dona Corina: Tô viva, tô feliz.

Filha de Dona Corina: Só não tô enxergando, né?

Dona Corina: Não tô enxergando bem, eu tô enxergando um pouquinho, mas...

Brenda: Mas ainda consegue fazer essas coisinhas, né?

Dona Corina: Não, eu "num" faço nada, só faço comer.

Filha de Dona Corina: Ela só faz comer.

Brenda: E a assistir televisão, a senhora não assiste?

Dona Corina: Ah, só assisto.

Filha de Dona Corina: É dela a TV...mãe, nunca passou isso no olho, mãezinha. Por isso a senhora sempre ficou sem vista. Ela botava limão dentro da vista dela.

Brenda: Ela botava limão?

Filha de Dona Corina: Botava. Ela disse que não, que cegou ela não foi isso não, foi a porrada do carro…aí o Jadiel falou que foi o limão que queimou a retina do seu olho. Jadiel é um oftalmologista.

Brenda: E aí a senhora passava o dia todo na rua, aí a senhora... Quando a senhora queria ir ao banheiro, como a senhora fazia?

Dona Corina: Tinha muita coisa na rua, tinha muito banheiro na rua, a gente [inaudível]. Nessa vez que eu fui, [inaudível] eu vi não, eu escutei. Eu entrei pra ir "orinar" e tinha sobrado que era uma... e os meninos "entravo" lá pela frente e ficava aqui em cima. E eu entrava, acho que era ali. Eu entrava e entrava. Quando eu entrei, escutei falar, aí eu continuei aí "começaro" falar e eu saí. Nunca mais eu entrei lá.

Isso "numa" casa abandonada, né?

Era. Porque não era casa de gente era coisa que já tinha acontecido ali eu não sei o que foi, mas...

Brenda: Aí quando chovia, a senhora se abrigava onde?

Dona Corina: Eu me abrigava em qualquer parada ali, perto de casa.

Brenda: Aí ficava esperando até a chuva passar.

Dona Corina: É, esperava.

Brenda: Aí voltava a vender, né?

Dona Corina: Voltava.

Brenda: E a senhora vendia também no sol quente, né? A senhora botava o bonézinho.

Dona Corina: É.

Não, quando tava com sol quente não tinha coisa eu andava com boné.

Brenda: Ele ia perguntar, eu esqueci que ia perguntar agora também. **(ri)**

Filha de Dona Corina: Ainda bem que a Jay, vai comigo buscar os "menino", que...andar um estirão, uma pernada sozinha e minha coluna doendo. A Jade atrás da Jay, pra onde Jay vai a Jade atrás. Hein, pode tentar.

Brenda: (ri)

…

Brenda: Aí a senhora falou também que às vezes as pessoas "pedia" pra trocar o dinheiro com a senhora e saia correndo com o dinheiro.

Dona Corina: É, tinha uma vez que acontecia isso. Aí eu larguei de trocar e eu trocava só quando me davam o primeiro dinheiro. Aí...

...

Brenda: A senhora não consegue lembrar mais de nada assim? Assim, algo que...

Dona Corina: Não, eu estou na hora que já uma coisa da minha cabeça.

Brenda: A senhora não lembra, dona Nena, de alguma história que ela contava quando ela vinha?

Filha de Dona Corina: Agora é meio complicado.

Dona Corina: Uma vez eu passei lá em Manaus, tinha quatro "homi morto" e eu passei, Jorge andava comigo, mas Jorge tinha ido pra outro, outra rua pra nós se encontrar lá na frente. Meu Deus, passei por aquele som, chegou lá na frente, tinha uma palmeira, e eu subi em cima da palmeira pra sair lá, onde eu me encontrava com Jorge. Meu Deus, como é que mataram esses caras? Ou seja, eles estavam empinando papagaio e um cortava o papagaio e o outro...

Filha de Dona Corina: Papagaio que ela chama é...

Brenda: Pipa, né?

Dona Corina: E o outro cortava o do outro, cortava. Aí o outro voltou, foi em casa, pegou um revolver, chegou e matou o outro.

Brenda: Meu Deus.

Filha de Dona Corina: Isso é verdade. Lá era assim, tinha negócio de torneio de pipa, né? Só que é um povo meio esquisito. Aí a pessoa ganha, eles zango, vão e matam.

Brenda: Meu Deus.

Filha de Dona Corina: A gente morou lá, a gente passou lá... quanto tempo, mãe? Foi oito meses, né?

Dona Corina: Passou mais de um.

Filha de Dona Corina: Um ano e oito meses, parece que oito meses foi que eu passei trabalhando pra gente comprar, fazer a casa...É bom, vai passar na frente do você pra dar educação...Lembra aí de uma história que tua avó conta quando chegava da rua aí?

...

Brenda: Depois que a senhora sofreu o acidente, a senhora chegou aí e vendeu pirulito, né, também?

Dona Corina: Hein?

Brenda: Depois que a senhora sofreu o acidente, a senhora chegou aí e vendeu pirulito com a sua neta, não foi?

Dona Corina: Depois que eu dei... Coisei aqui?

Filha de Dona Corina: Não, depois que a senhora foi atropelada.

Brenda: Lá na feirinha da cidade?

Filha de Dona Corina: Senhora, depois que a Senhora ficou boa...do carro, bateu na senhora, a Sarah foi com a Jacy e Wilker "pa" feira.

Dona Corina: Ah não, eu fui só com eles, mas...

Filha de Dona Corina: Não, "né" que ela tá perguntando se a senhora foi com eles.

Dona Corina: Fui, não vendi mais não.

Filha de Dona Corina: Foi, ela foi pra inauguração da estátua dela. Ah, enquanto ela "rai pa" algum canto.

Dona Corina: Ih... Ando por lá, tem minha afilhada que mora lá no...

Filha de Dona Corina: Reviver.

Dona Corina: No Reviver. Tem um comércio grande dela, minha filha, mas eu não vendi mais, porque com essa coisa da minha "cadeira", quando eu vou andar muito dói.

Brenda: Uhum...

Filha de Dona Corina: E o velho, mãe, que vem referindo que dizia que era seu marido? **(ri)**

Dona Corina: (ri)

Filha de Dona Corina: Mamãe chegava aqui muito muito possessa. Tinha um velho... passava por lá dizendo que era marido dela e não sei o quê.

Dona Corina: Era, ele entravam no Coroadinho, "comé?"...

Filha de Dona Corina: Na Vila Palmeira.

Dona Corina: Na Vila Palmeira. E ia na minha frente, e dizendo que era meu marido. **Brenda:** Eita!

Dona Corina: Quando eu passava os outro: "Seu marido passou aqui nós "compramo", se eu soubesse que a senhora vinha eu tinha esperado

Brenda: Olha, enganava seus clientes!

Filha de Dona Corina: Eita mãezinha!

...

Brenda: Quais são os sabores de pirulito que a senhora vende?

Dona Corina: Ah, de todo sabor.

Filha de Dona Corina: O que tu pedir.

Dona Corina: Qualquer que for a fruta que tu peça eu faço.

Filha de Dona Corina: Chocolate é o melhor que tem.

Dona Corina: De que?

Filha de Dona Corina: Chocolate, que a senhora faz com chocolate com leite de coco, ai fica bom demais, tu é "doidé" **(ri)**...[inaudível] Fazer igual, né? **(ri)** Veterana... Necessidade.

...

Filha de Dona Corina: Papai porque papai judiou muito de mamãe. Mamãe começou a trabalhar muito por conta de papai. Papai era mesmo que não ter mulher, nem filho, porque o dinheiro dele era dele e da família dele, ela não pegava. Aí, você se uma mulher com um filho, mamãe se sujeitar a ir, a trabalhar de roça, pescar, mamãe se sujeitou a aprender a costurar, aprender a fazer esses "pirulito", tudo por conta de papai.

Brenda: Uhum

Filha de Dona Corina: Mas, graças a Deus...

Dona Corina: Tô aqui

Filha de Dona Corina: Tá aí ó, ele foi morrer lá no casa, largou dela, ele botava a mulher "dendê" de casa com ela, largou dela e foi embora...Aí trazia as "rapariga" dele dentro de casa, e essa besta aqui dizia assim: "Ê Maria, vem botar o comer do teu marido". Mamãe tem o sangue de barata na veia: "Nam "mermã", enquanto ele tiver com ela lá me larga de mão." desse jeito, aí até que eu foi embora, adoeceu e as irmã dele, ligaram pra ela, mandar buscar que ele tava passan... "tarra" mal lá. Mamãe alugar um carro, foi eu e meus irmãos buscar ele quase morto numa rede, né? Foi lá em casa, tratou dele até ele morrer.

...

Filha de Dona Corina: Mas também desde papai, mamãe não queria mais saber de homem de jeito nenhum. Porque apanhou não foi que nem gente não. Apanhava muito. Eu cheguei a presenciar. Eu era pequena, mas eu nunca me esqueço...Batia na "pobe véa".

Dona Corina: Ele era branco e eu sou preta...

Filha de Dona Corina: Que preta não tem nada a ver isso não.

Brenda: Tem nada a ver, dona Cora.

Filha de Dona Corina: Ele era ruim mesmo...vai lá, vai mijar. **(ri)** ... Ela banha sozinha. Ela faz as necessidades dela sozinha...

Dona Corina voltou para sala e retornamos para uma conversa informal.

Dona Corina: Quem fez a estátua foi eu...

Filha de Dona Corina: Não, mamãe. Eles "fizero" a sua estátua. Quando eles "fizero", o que que a senhora achou?

Dona Corina: Ah, eu fiquei alegre. O cara veio fazer aqui...

Brenda: Uhum...

Dona Corina: Fez a metade aqui...

Filha de Dona Corina: Só... fez o rosto aqui.

Dona Corina: Levou o resto pra fazer...

Brenda: A senhora tem noção que é bastante conhecida na cidade?

Dona Corina: Sim...

Brenda: a senhora disse que são seus amigos, a senhora vê as pessoas como seus amigos mesmo?

Dona Corina: É, meus amigos. Muitos. Tem outros que não, mas muitos não me deram prejuízo também...mas muitos eram meus amigos. Às vezes eu ia "pa" vender lá na feira, tinha gente que me "chamarra pa me" sentar na mesa deles, me dava as coisas. Outros "num" ligavam e eu também "num" ligava.

Brenda: Já teve situação de alguém tratar a senhora mal?

Dona Corina: Tratava...trata...muita gente que trata a gente...

Filha de Dona Corina: Ela pedia água "pras pessoa", pessoa cortava garrafa pet pegava a água da torneira e "darra pa" ela beber. Ela chegou aqui muitas vezes reclamando disso que ela pedia um tiquinho por causa que ela "tarra" com muita sede, aí o pessoal cortou a garrafa pra dar água pra ela da torneira. Aí eu disse: "Mamãe, senhora ela "num" liga pra isso não." ela disse: "Eu "num" ligo não minha filha, agora eu só vou beber onde tem bebedouro, que eu bebo gelada". Ela ia no Reviver, ia na...não sei qual clínica que tem ali... Oh meu Deus, perto de uma igreja que tem "mermo" bem no centro, tem uma clínica de dente que antigamente...eu até fiz uma vez tratamento lá, ela entrava lá e eles "davo" o copinho pra ela, ela bebia água geladinha. Ela ia correr, ela pedia uma água "pro" pessoal, tinha um "restaurantezinho", "nera" mãe? Que a senhora entrava e pedia água...

Bisneta de Dona Corina: Teve a vez do ônibus que tratou ela mal também...

Filha de Dona Corina: É, o motorista do ônibus uma vez tratou ela mal, ela veio, aí ela chegou, a menina tarra sentada, aí ela pediu pra menina sair... Aí... a menina, um pouco de ignorância com ela, mas saiu, né? Aí quando esse...ela sai, desceu o motorista e disse: "Agora leva a cadeira, leva". Desse jeito, pra ela fazer a cadeira.

Brenda: Como a senhora se sentia?

Dona Corina: Eu não ficava triste não...num gostava, tinha muitos que gostavam...

Brenda: Uhum....

(Filha de Dona Corina atende telefonema)

...

Brenda: Aí a senhora vendia mais pelo Coroadinho, né? Na Madre Deus, na Vila Palmeira...

Dona Corina: Hehein, Coroadinho eu andava por ali tudo.

Brenda: Uhum.

Dona Corina: Na Vila Palmeira atravessava, vinha, pegava o ônibus e voltava.

Brenda: Aí então a senhora pegava ônibus até metade do caminho, aí depois ia andando, né...? A senhora já chegou a pegar carona também assim para ir para os lugares?

Dona Corina: Carona?

Brenda: Aham.

Dona Corina: Ixi, eu peguei foi muito.

Neta de Dona Corina: Até a viatura da polícia a gente pegou, "né" vó?

Dona Corina: Hehein...

Brenda (ri)

Neta de Dona Corina: A viatura deu a carona pra gen...pra gente da Praia Grande até a feirinha.

Dona Corina: Dali do...da...

Brenda: Cidade Operária?

Dona Corina: Não daqui do...eu fui e "num" tinha carro "pa" voltar e o cara me deu a carona no carro da polícia até chegar aqui

Brenda: Uhum...

Dona Corina: Esqueci como é o nome do lugar, pra lá de...

Brenda: Ribamar?

Neta de Dona Corina: Vovó sabe (inaudível) local

Dona Corina: Não é de Ribamar, não. É pra lá de Itapecuru.

Neta de Dona Corina: Não, vó. É Itapecuru não.

Dona Corina: Pra lá de Itapecuru. Como é o nome.

Brenda: Isso é no interior, né? Itapecuru?

Dona Corina: É. Mas é...uma cidade.

Neta de Dona Corina: Mas pra lá a senhora "num" foi vender pirulito.

Dona Corina: Dica morava lá.

Neta de Dona Corina: Mas a senhora "num" foi vender pirulito lá. Foi?

Dona Corina: Não.

Neta de Dona Corina: Ela tá falando das vendas de pirulito...o percurso das vendas.

Brenda: Aí quando não tinha carro, a senhora não achava carona, a senhora ficava por lá mesmo?

Dona Corina: Tinha vez que eu ficava duas "vez", uma vez eu dormi lá na, na...

Neta de Dona Corina: Terminal da Praia Grande.

Dona Corina: Na Praia Grande outra vez foi...aqui nessa (inaudível).

Brenda: Uhum

Neta de Dona Corina: Uma vez na Maria Aragão

Brenda: Na Maria Aragão?

Neta de Dona Corina: Isso...

Dona Corina: Na Maria Aragão eu "durmi" uma vez, na outra eu dormi aqui, no...

Neta de Dona Corina: Terminal.

Dona Corina: Humhum, terminal.

...

Brenda: E aí a senhora tava falando que a senhora já chegou dormir no terminal. A senhora não ficou com medo?

Dona Corina: Não.

Brenda: Não? A senhora dormiu?

Dona Corina: Eu escondia os pirulitos...

Brenda: Ainda tinha sobrado, né, o pirulito?

Dona Corina:Não, não sobrou. Eu vendia tudo limpo e vinha com a "tauba"limpa. Aí eles perguntavam: "Cadê os "pirulito"?" Eu deixei, porque já era de noite e eu botava dentro da bolsa.

Brenda: Humhum, o dinheiro, né, que a senhora tinha conseguido…

Dona Corina: E a gente deixava. Eu ia receber no outro dia. E assim eu dormia... Dormia não, passava a noite.

Brenda: É, porque era uma noite ruim, né? Fora de casa.

Dona Corina: Hehein, ficava a noite todinha acordada.

Brenda: Uhum...Aí a senhora, no outro dia voltava pra casa, aí ia descansar, né?

Dona Corina: Pegava [inaudível]...

Brenda: (ri) A senhora passou a noite em claro e ainda mesmo assim foi vender pirulito de novo?

Dona Corina: De novo!

Brenda: A senhora não ficou cansada, não?

Dona Corina: Não!

(...)

Brenda: E quando a senhora ficava doente, a senhora ainda ia trabalhar assim mesmo?

Dona Corina: Não...

Neta de Dona Corina: Vovó quase não adoeceu. Vovó quase não adoeceu. Era a coisa mais rara do mundo era a vovó adoecer. Era uma gripe de dois dias no máximo. Vovó era muito ruim de adoecer. Nunca foi muito ruim de adoecer. Até hoje. Aí ela veio dar "poblema" nesse período

de Covid, que ela fez umas birra pra gente depois do acidente, que ela não queria comer, aí a pressão dela começou a oscilar. A gente começou a ir com ela para o hospital direto, porque eu prometi que eu ia ficar levando ela na feirinha, que ela voltou a comer e a pressão voltou ao normal. Mas vovó é ruim de adoecer, é muito ruim de adoecer. Poucas vezes eu me lembro que a vovó tem ficado assim...acamada. Aagora criança, as crianças daqui perde pra vovó feio. É quase toda semana é criança doente. A vovó é firme.

Brenda: A saúde de ferro, né, dona Corina?!

Dona Corina: Antes dela nascer, eu adoeci muito porque eu fui para São Miguel, lá [inaudível]. E lá eu fui encher uma água e o pote quebrou.

Brenda: Uhum.

Dona Corina: E um boi veio urrando atrás de mim, cavando, urrando e cavando....e eu com medo de meu marido chegar, porque eu quebrei o pote e ele querer me bater. E esse boi urrava aí se ajoelhava e se [inaudível] uma coisa. Quando eu cheguei, eu entrei e disse pra minha sogra, aí ela disse: "Ah, quebrou, tá quebrado. Não tem que "coisar" outro não" e eu fiquei... Nesse dia me deu febre e eu fiquei tão fraca, pra "mim" vim de lá pra cá, eu vim deitada no banco...quase morta. Chegou papai "tarra" me esperando, com rede e "cum caboco", não sei quem era, eu sei que era a matador. E me botaram "denda" rede, me trouxeram na rede...embora lá pra onde papai morava. E eu fiquei ruim... quase que eu [inaudível] terapia.

Brenda: Uhum...

Dona Corina: Depois, muito tempo que eu fiquei, eu tenho uma coisa aqui na perna, dessa vez que eu...

...

Brenda: Foi de acidente, né? Machucada.

Dona Corina: Foi da queda.

Brenda: Uhum.

Dona Corina: Que eu caí... Eu não morri, eu machuquei.

Filha de Dona Corina: Não repara não, eu fui fazer um bolo...

Dona Nena nos leva um bolo, então conversamos paralelamente.

[...]

Dona Corina: Eu ganhei uma galinha, ganhei... uma “pução” coisa, ganhei carne, ganhei um peixe desse tamanho.

Brenda: Pescada?

Dona Corina: Não, era... Mandubé não... [inaudível] desse tamanho.

Brenda: Uhum.

Dona Corina: O pessoal “querio” comprar não vendo não, não quero. Mas é assim mesmo, ganhei.

Brenda: Aí só trazia pra casa, né?

[inaudível]

Filha de Dona Corina: Aquele [inaudível] não tá a porta não?

Bisneta de Dona Corina: Eu não sei, eu acho que ali é a sunga dele.

Brenda: Quando a senhora não conseguia a comida, a senhora passava o dia todo sem comer?

Dona Corina: Passava...

Brenda: E vendia assim mesmo?

Dona Corina: Vendia...

Brenda: A fome apertando a senhora continuava trabalhando Dona Corina?

Dona Corina: Continuava, mas a fome não apertava não, porque eu andando e falava com um e falava com outro, e eu “num” sentia a fome.

Brenda: E nem o pé cansado de andar o dia todo?

Dona Corina: Não.

Brenda: Nesse tempo todo que a senhora vendeu pirulito, a senhora percebeu a cidade mudando?

Dona Corina: Como?

Brenda: As ruas da cidade, assim, nesses anos todos que a senhora vendeu, a senhora acha que mudou bastante?

Dona Corina: Mudou. Desde o tempo que eu vendia já tinha prédio grandes. Eu vendia aqui a...como é o nome disso aqui?

Brenda: Maiobão?

Dona Corina: ““Comé” Nena?”

Neta de Dona Corina: Ribamar?

Filha de Dona Corina: Ribamar, Maiobão?

Dona Corina: Maiobão. Eu andei por aí tudo, maiobão, andei por... como é o nome do “ôto”?

Neta de Dona Corina: Paço do Lumiar...?

Dona Corina: Paço do Lumiar, por aí e tudo. Tudinho eu vendia.

Filha de Dona Corina: Mamãe andava por aí tudo, se perdeu no Lima Verde.

Dona Corina: Eu me perdi pra cá.

Filha de Dona Corina: Foi, no Lima Verde **(ri).** Aí tantas horas da noite esperando, doidinha, olhando pra ver se mamãe "rá" vinha. Aí mamãe veio chegar aí num carro. A mulher disse que viu mamãe perambulando pelo meio da rua sem saber onde era que tava. Veio até trazer mamãe aqui.

Brenda: Oh meu Deus.

Filha de Dona Corina: Não sei o que que deu na cabeça dela que...

Bisneta de Dona Corina: Vovó ia "pa" praia...

Filha de Dona Corina: Mamãe ia vender em praia. Uma vez ela foi com um "muleque" que o "muleque" "tarra" vendendo queijo, convidou ela, ela se tacou pra praia com o "muleque". Mas pirulito na praia é meio complicado. Nessa época a gente nem botava esse saquinho, a gente começou a botar esse saquinho por causa do Covid. Depois do Covid, para ficar mais higiênico, né? Que o pessoal pegava aí...

(ri)

[inaudível]

Filha de Dona Corina: Ai, Jesus.

Dona Corina: Peguei uma rua que ia sair lá no cemitério, no...

Brenda: No Jardim da Paz, né?

Dona Corina: Hehein, e eu pensei que estava aberto e era tanta, umas vala, cheia de água.

Filha de Dona Corina: Mamãe confundiu que vim pra cá, ela foi pra lá.

Dona Corina: Eu queria sair lá no cemitério que eu acertava. Aí foi que eu...

Filha de Dona Corina: A mulher chegou aqui disse...ela passava, aí eu vi o carro tá passando, passou umas duas vezes. Aí que parou, aí que falou que eu conheci eu disse: "É a minha mãe, que foi que houve?" Ela disse: "Não, eu vim trazer ela que ela tava "perdidinha" lá na rua, sem sabe pra onde ir" e eu digo: "Oh minha mãezinha senhora se perdeu"...[inaudível] já tão se matando "prali"...

Neta de Dona Corina: Outro dia tava firme e forte pra ir pra rua.

Filha de Dona Corina: É...acho que deu um branco nela, sei lá.

Brenda: Confundiu.

Dona Corina: Agora pra lá é... é ruim mesmo. Tem umas vala cheias d'água e tem uma "pução" de caminho.

Brenda: Uhum.

Neta de Dona Corina: Já mudou foi muito, vó.

Filha de Dona Corina: É “mainha”, agora tá mais mudada. Tudo asfaltadinho. Tudo com... o que não tá asfaltado tá com bloquinho.
Brenda: E aí, é... Sair pra vender, pra senhora... É... A senhora via mais só como uma renda extra?
Dona Corina: Que que ela disse?
Filha de Dona Corina: A senhora via como uma renda extra?
Dona Corina: Ah, era uma renda...
Brenda: Uhum...
Filha de Dona Corina: E boa né, mãe.

[...]

Nesse dia me despedi de todos. Mas disse que voltaria.

APÊNDICE D - TRANSCRIÇÃO DE CAMPO: ÚLTIMO ENCONTRO COM DONA CORINA – DIA 10/12/2024

Brenda: Dona Corina, o que significa pra senhora ter sido uma vendedora de pirulito?
Dona Corina: Foi bom, eu gostei muito...(silêncio) Eu tinha o salário de meu marido, mas nem isso eu num falava.
Brenda: Uhum...
Dona Corina: (inaudível) eu só “coisava” com o dinheiro dele. Depois que eu ...Agora que eu estou recebendo porque...ele morreu e eu fiquei com o salário dele. Eu não recebia, só ele que recebia, mas depois que ele morreu eu fiquei com o salário. Quando eu passei vender os pirulítos, eu dava para as meninas. Elas que recebiam, eu não sei quanto é, não sei quanto dá. Eu sei que naquele tempo era muito, agora eu não sei quanto ela recebe, me dão as coisas.
Dona Nena: Ela recebe 2.100. Esse mês só de remédio e o mercado foi R$1.700 e “cacetada”. Eu tava dizendo pra mamãe, eu tô na...
Henrique: (inaudível)
Brenda: E pra senhora, dona Nena, o que significou essa trajetória da dona Corina como vendedora de pirulitos?
Dona Nena: (ri) Pra mim, quando mamãe andava na rua, ajudava bastante, mas era só preocupação. Quando a gente sabia que tinha um desastre por aí, a gente saía correndo, feito

louca. “Ah, o carro bateu e nem alguém bem ali” a gente saía, e e jace a gente saía. Isso era um desesperos de ir correndo “pá” ver se era mamãe. Ah, minha irmã...pra mim...ajudava, mas não era bom não.

Dona Corina: Eu fui atropelada três “vez”.

Dona Nena: Mamãe teve noite de mamãe passar a noite na rua lá época de São João mamãe dormi no centro lá no re...Maria Aragão e não tinha como avisar a gente a gente aqui preocupada a gente passava a noite na beira daquela pista esperando...

Brenda: Hum...

Dona Nena: Ah era muito...era muito... era chato, porque a preocupação era demais.

Brenda: E ela saía sozinha, né?

Dona Nena: Sozinha. Ela saía daqui 9 horas da manhã, dava 8 da noite e uma vez deu 8 da noite, 9, 10, 11, 1 hora da manhã e nada de mamãe. Ah, rapa! A gente ligou pra família todinha ligou pra esse daí que mora em Goiânia, ligou pra Tabanal, ligou pra todo canto e mamãe muito bem, plena. Quando a gente vai saindo aqui de manhã cedo, que o menino foi lá onde a gente, tinha um frigorífico ali, mandou a gente vim pra casa que era perigoso “d’eu” ficar ali mais a Jaci tantas horas da noite. E aí gente veio embora pra casa quando é de manhã eu saio aqui feito doida e lá vem mamãe. “Pá” eu não sabia se eu ficava com raiva, se eu fica... a felicidade era tanta, mas a raiva vinha... porque que não avisou gente? pedia pra alguém ligar pra avisar que tinha um telefone fixo dessa época. Ah meu Deus do céu era muito... era ruim, não era bom não.

Brenda: E quando a senhora passava a noite fora de casa a senhora ficava onde?

Dona Corina: Andando na rua...

Dona Nena: Dormi... as vez ela dormia, uma vez...(ri) ela dormiu no Terminal da Praia Prande, abraçada com a bolsa e “cá” tábua, “num” foi mãe?

Dona Corina: “Foi”

Dona Nena: E outras vezes ela dormia lá na praça Maria Aragão, embaixo da mesa daquelas mulheres que vendia comida, que é amiga dela, ela dormia por lá com as mulheres. Ela chega aqui dizendo muito, só rindo (ri) que ela tinha dormido lá no chão com as mulheres. A gente morria de preocupação, rapaz...(ri)

Brenda: (...) moradora de rua.

Dona Nena: Eita Corinha, Corinha já aprontou...

Brenda: A senhora alguma vez já ouviu o termo pregoeiro?

Dona Corina: Como é?

Dona Nena: Pregoeiro.

Dona Corina: O que é que tem?
Dona Nena: Se a senhora já ouviu.
Dona Nena: Eu era pregoeira.
Brenda: Uhum...
Dona Corina: Eu era...
Brenda: A senhora se identifica mais como vendedora de pirulitos ou como pregoeira?
Dona Corina: Eu como pregoeira.
Brenda: Pregoeira, né? Hum...É... como a senhora fazia pra vender, a senhora cantava?
Dona Corina: Eu aprontava...
Dona Nena: Não, se a senhora cantava, cantava. Cantava.
Dona Corina: Ah, cantava!
Brenda: Cantava, né? A senhora lembra da musiquinha?
Dona Corina: Eu lembro.
Dona Nena: Mamãe fez...
Brenda: Como é Dona...
Dona Corina: *"Pirulito que bate bate, pirulito que já bateu, quem gosta de mim é ela, quem gosta dela sou eu."*

Brenda e Dona Nena riem.

[...]

Brenda: Dona Corina, a senhora consegue, eu sei que sua memória não tá tão boa assim, mas quando a senhora vendia, a senhora lembra de ter outras mulheres vendendo também, como a senhora, ou a senhora era única?
Dona Corina: Tinha muitas.
Brenda: Também vendendo pirulito?
Dona Nena: Sim...
Dona Nena: Não mamãe, mulher não vendia pirulito, era só senhora. Tinha um velho que dizia que era seu marido.
Dona Corina: Tinha, lá "ne" rosário.
Dona Nena: Rosário mamãe?
Dona Corina: Tinha.
Dona Nena: Tá falando aqui, mãe.

Dona Corina: Tinha uma... Que ela dizia que era minha filha e vendia o filho dela, tinha raiva dos meninos meus e botava coisa...desmantelava os pinos, dos meninos.

Dona Nena: "Daí" eu não estou sabendo não dos meninos. Nunca mamãe comentou isso.

Dona Corina: "Fi" Maria, Maria era uma menina que foi criada junto comigo (inaudível).

Dona Nena: Só sei que aqui tinha um senhorzinho lá na banda do Paço, lá mesmo na banda do Ribamar, que ele vendia lá no centro, que ele botava uns grandãos, miudinhos, bem, que dizia pra todo mundo que era marido dela, que ela chegava aqui quase morrendo de ódio, se ela chegava aqui dizendo que ela ainda ia dar...falar com esse homem, ia dar parte dele porque fica dizendo por aí que é marido dela.

Brenda: Senhora lembra disso Dona Corina? (ri)

Dona Nena: Né mãe? Ela chegava braba. (ri)

Brenda: Tava usando da sua fama pra vender, né? Cara de pau.

Dona Nena: Era muito engraçado, ela chegar aqui que era braba minha irmã, tu precisava ver.

Brenda: E como é que a senhora se sente sabendo que essa tradição dos pregoeiros está acabando?

Dona Corina: Eu não sinto nada, eu não posso fazer nada... (silêncio) (...) Tem minha "estauta" lá que essa não se acaba nunca...

Brenda: Não, a senhora ficou na história agora, né?

Dona Corina: Eu posso morrer, mas ela fica.

Brenda: E toda sua história também, né? Uma mulher forte que a senhora é...

Dona Nena: Henrique, a gente tá conversando, Henrique? Tu tá tão mal educado.

(silêncio)

Dona Nena: Dona Cócó...

Brenda: E pra senhora, dona Nena, quando a senhora pensa na sua mãe, na, na, tudo que ela fez, o que a senhora sente?

Dona Nena: Rapaz, eu sinto muito é orgulho dela, viu? Porque isso daí "té" doido bé? Que a minha mãe, que essa velhinha "ra" passou desde que eu nasci pra cá, qualquer coisa, não. Tomou conta da gente...

Henrique: (inaudível)

Dona Nena: Não, vento de chuva não. O pai não era flor que se cheira assim não. O pai tipo assim, o dinheiro dele era dele, das irmã dele, da família dele. A mãe quisesse que fosse trabalhar, foi por isso que começou assim esse negócio de vender pirulito, fazer coisa pra poder ganhar o dinheirinho. E foi assim que ia começou. E fizeram uma vez, fizeram aí diz que negócio aí, com ele, o nome dele. Ele botava as coisas dentro de casa, era um bom pai, tipo

assim. Não deixava (inaudível), mas negócio de “ah, que era um santo, que era assim” nunca. Eu cheguei a presenciar ele batendo nela, mas...

Dona Corina: Uma vez (inaudível) me deu um vestido que eu tava com um só, eu ia lavar roupa, ficava de molho enquanto a roupa, o vestido exugava na beira...

Dona Nena: No garapê.

Brenda: Isso em Rosário, né?

Dona Corina: Não, já em Itapécuru

Brenda: Senhora rodou muito a Dona Corina.

Dona Corina: Eu rodei disso aí.

Dona Nena:Coroatá, Cantanhêde, Itapécuru, Rosário, num foi, mãe?

Dona Corina: Foi lá “ne”...como é o nome? Lá em São Miguel.

Dona Nena: Mas eu não conheci não.

Dona Corina: E Manoel Farias

Conheci Corotá porque eu fui lá depois já de pequena, fui “ne” Codó, fui “ne”Cantanhêde, Itapecurú, mas lá esse lugar aí que eu ainda não era... Não conheço.

Dona Corina: Coisa foi que eu adoeci peguei uma...

Dona Nena: Uma queda.

Dona Nena: Hehein, o pote caiu em cima de mim, eu fui buscar um pote d’água lá no garapé. É uma laje e eu pisei na laje e tinha limo, escorregou e caiu e o pote bateu aqui. Dona Nena: Ficou um buraco.

Brenda: Eita, no quadril...

Dona Nena: Ela tem tipo um buraco aqui. Aí ó, fundo.

Brenda: Do balde d'água.

Dona Corina: Do pote, aí eu fui lá pra casa de papai, eles “foro” me buscar na rede e lá que eu fiquei curada, que eu fiquei boa. Teve um curador que deu (inaudível). Não sei se foi deu ou vendeu, não sei porque eu tava...

Dona Nena: Sabe que é curador?

Brenda: É tipo curandeir, né?

Dona Nena: Esse pessoal que trabalha com negócio de macumba, essas coisas?

Dona Corina: Uma vez... nós saímos, eu saí de lá da beira da estrada, na rede. E eu passei o garapé e eu não via nada, a hora desmaiava, quando eu me acordava estava meu primo. Eles “foro” quatro do homem e papai.

Brenda: Eita!

Dona Corina: “Foro” na rede, na rede, que nem viu. Sei lá como é, eles amarrava a rede no pau e me deitava na rede.

Dona Nena: Bota um pauzão, botou um punho na rede aqui, aí botou um lá do outro lado, aí... um carrega aqui, um na frente, outro trás, carregando, né?

(inaudível

Brenda: Isso a senhora já era casada não, né?

Dona Corina: Já!

Brenda: Já?

Dona Corina: Já! Eu quero. Eu peguei esse baque lá em São Miguel.

Brenda: Uhum...

Dona Corina: Eu peguei, pisei no coisa, escorreguei e cai e o pote caiu em cima de mim. Um milagre de Deus eu não fiquei aleijada da perna. Foi muita sorte porque foi de cima da junta e eu não fiquei aleijada. Papai me foi me buscar da rede que Noca disse que não me queria na casa dela porque ela tinha as fi...

Dona Nena: Noca era a cunhada dela.

Dona Corina: As “fia” dela era pequena e ia pegar tuberculosa, porque eu tava tuberculosa.

Brenda: E eu vi. E por aqui em São Luís, a senhora já chegou a ver enquanto vendia? E aqui em São Luís, a senhora já viu?

Dona Corina: Eu ouvi uma voz me chamar e eu entrei ali no... naquela rua que vai p

Dona Nena: Eu não fiz hoje foi um bolinho, fiz nada...mas na próxima eu faço um bolo.

Dona Corina: Aí eu, me deu vontade de urinar e eu entrei, tinha uma vareta e eu entrava e urinava, toda vez eu urinava lá. Aí eu entrei e aí a voz me chamou e disse umas coisas que eu não entendi bem o que foi. Eu sei que ele disse umas coisas. E eu saí doidinha de lá, não urinei mais nada.

Dona Nena: Não foi ali na casa abandonada? Ali perto daquela coisa de ônibus lá?

Dona Corina: Acho que foi.

Dona Nena: Foi, “perde” uma escola que tem pra banda dali da... da Forquilha. A Forquilha não. Lá...

Brenda: Maiobão.

Dona Nena: Quem vai aqui pro centro... Anil, né?

Brenda: Anil.

Dona Nena: Não tem uma...garagem de ônibus, aí tem uma escola que é particular, antes da escola tem uma ruazinha.

Brenda: E lá é cheio de...

Dona Nena: Uns casarão

Brenda: Também é cheio de funerária lá.

Dona Nena: Do lado de cá. Aí tem uns casarão, foi naquela rua ali, naquela rua antes do colégio que ela entrou. Tinha uns casarão abandonado que uma vez a gente passou lá e ela até me mostrou. A que ela tinha entrado lá para fazer xixi e escutou mais voz e mandaram ela sair, diz que ela saiu. Nem mijou. Veio mijar em casa, até a vontade de mijar passou. Num foi?

Henrique: (inaudível)

Dona Nena: As vezes até aqueles vagabundos fumando maconha escondido né e viram ela e sacanearam com ela.

Dona Corina: Era não, era voz de quem já foi.

Brenda: Dona Corina, a senhora já disse que a senhora já brigou com ladrão. Aí a senhora tem medo do ladrão, teve medo da assombração.

Dona Corina: (inaudível) eu saí, porque eu ouvi a voz e saí ligeiro, que eu estava eu só e eu não sei quantos eles era.

Brenda: (ri)

Dona Corina: Eu saí. Saí ligeiro. E não me mijei... Aí logo que eu saí, tem uma garagem logo assim, uma garagem de ônibus.

Brenda: Aham...

(inaudível)

Brenda: Aí a senhora brigou com o ladrão, uma vez e não brigou com a alma, dona Corina?

Dona Corina: Não. Não, “aonde” que eu ia brigar com a alma.

Brenda: (ri)

(silêncio)

APÊNDICE E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPANTE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPANTE

Caro (a) participante,

Estou realizando uma pesquisa de Mestrado intitulada CRIANDO TERRITÓRIOS EXISTENCIAIS: cartografias micropolíticas “com” uma pregoeira de rua em São Luís- MA, O objetivo principal deste estudo é mostrar como pode ser possível criar espaços de vida a partir do encontro entre uma pesquisadora e uma vendedora ambulante em São Luís – MA. A Pesquisa conta com a orientação do Prof. Dr. Flavio Luiz de Castro Freitas. Sua participação nessa pesquisa é uma opção, você pode não aceitar participar ou desistir em qualquer fase da mesma, a qualquer momento, sob qualquer condição, sem nenhuma penalização ou prejuízo em sua relação com a pesquisadora, com a UFMA ou qualquer outra instituição envolvida. Vale ressaltar que não há compensação financeira relacionada à sua participação, pois esta pesquisa será desenvolvida sem nenhum orçamento lucrativo. O risco relacionado com sua participação na pesquisa poderá ser no âmbito emocional, tais como, medo de exposição e/ou receio em responder alguma questão, porém, você pode não responder ou não querer mais participar da pesquisa sem nenhum tipo de prejuízo e/ou implicações a você, à Pesquisa e à UFMA. Contudo, o desenvolvimento deste estudo ocorrerá de forma adequada, visando minimizar a ocorrência de tal desconforto, contando com a formação teórico-prática da pesquisadora na área. Quanto aos riscos físicos, não haverá possibilidades de ocorrer, visto que a colheita de dados ocorrerá em espaço seguro, na casa do participante e/ou caso se faça necessário, por meio virtual. Você terá como benefício direto, além do recebimento de maiores esclarecimentos e de conhecimentos sobre o andamento da pesquisa, bem como receberá uma cópia do trabalho finalizado e será informada das ações que decorrerão da pesquisa. Será garantido a você, o direito à garantia de assistência e de indenização, no caso de eventuais danos decorrentes da pesquisa. Caso aceite gostaria que soubesse que será realizada colheita de dados por meio da escuta de história de vida e de uma entrevista semiestruturada. Os resultados serão utilizados exclusivamente para fins científicos, como divulgação em revistas e congressos, nos quais sua identidade será revelada. O participante está ciente de que a divulgação de sua identidade é parte integrante do estudo ou projeto em questão, e sua colaboração voluntária será conduzida com respeito às normas éticas e legais vigentes. Você receberá uma via deste termo, assinada por ambas as partes, onde consta o telefone e o endereço eletrônico da pesquisadora principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Agradeço sua participação e me coloco à disposição para maiores esclarecimentos através do e-mail: brendamezesnes@gmail.com ou (98) 982272917. Brenda dos Santos Menezes, mestranda em Cultura e Sociedade pelo PGCULT da UFMA. O Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos CEP/UFMA, poderá ser contatado para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo e-mail: cepufma@ufma.br. Telefone: 3272-8708. Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho, Bloco C, Sala 7, Comitê de Ética. UF: MA Município: SÃO LUIS. CEP: 65.080-040. Um Comitê de Ética em Pesquisa é um grupo não remunerado formado por diferentes profissionais e membros da sociedade que avaliam um estudo para julgar se ele é ético e garantir a proteção dos participantes. Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar voluntariamente.

São Luís, MA, __/__/__

_____ _____

Pesquisadora Responsável Participante

APÊNDICE F – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPANTE MENOR E IDADE (6 anos acima)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPANTE MENOR E IDADE (6 anos acima)

Caro (a) responsável,

Estou realizando uma pesquisa de Mestrado intitulada CRIANDO TERRITÓRIOS EXISTENCIAIS: cartografias micropolíticas “com” uma pregoeira de rua em São Luís- MA, O objetivo principal deste estudo é mostrar como pode ser possível criar espaços de vida a partir do encontro entre uma pesquisadora e uma vendedora ambulante em São Luís – MA. A Pesquisa conta com a orientação do Prof. Dr. Flavio Luiz de Castro Freitas. A participação de seu filho nessa pesquisa é uma opção, você pode não aceitar sua participação ou desistir em qualquer fase da mesma, a qualquer momento, sob qualquer condição, sem nenhuma penalização ou prejuízo em sua relação com a pesquisadora, com a UFMA ou qualquer outra instituição envolvida. Vale ressaltar que não há compensação financeira relacionada à participação, pois esta pesquisa será desenvolvida sem nenhum orçamento lucrativo. O risco relacionado com a participação do menor na pesquisa poderá ser no âmbito emocional, tais como, medo de exposição e/ou receio em responder alguma questão, porém, ele pode não responder ou não querer mais participar da pesquisa sem nenhum tipo de prejuízo e/ou implicações. Contudo, o desenvolvimento deste estudo ocorrerá de forma adequada, visando minimizar a ocorrência de tal desconforto, contando com a formação teórico-prática da pesquisadora na área. Quanto aos riscos físicos, não haverá possibilidades de ocorrer, visto que a colheita de dados ocorrerá em espaço seguro, na casa do participante. Você terá como benefício direto, além do recebimento de maiores esclarecimentos e de conhecimentos sobre o andamento da pesquisa, bem como receberá uma cópia do trabalho finalizado e será informado das ações que decorrerão da pesquisa. Será garantido ao menor, o direito à garantia de assistência e de indenização, no caso de eventuais danos decorrentes da pesquisa. Caso aceite gostaria que soubesse que será realizada colheita de dados por meio da escuta de história de vida e de uma entrevista semiestruturada. Os resultados serão utilizados exclusivamente para fins científicos, como divulgação em revistas e congressos, nos quais sua identidade será revelada. O responsável está ciente de que a divulgação da identidade do menor é parte integrante do estudo ou projeto em questão, e sua colaboração voluntária será conduzida com respeito às normas éticas e legais vigentes. Você receberá uma via deste termo, assinada por ambas as partes, onde consta o telefone e o endereço eletrônico da pesquisadora principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Agradeço sua participação e me

coloco à disposição para maiores esclarecimentos através do e-mail: brendamezesnes@gmail.com ou (98) 982272917. Brenda dos Santos Menezes, mestranda em Cultura e Sociedade pelo PGCULT da UFMA. O Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos CEP/UFMA, poderá ser contatado para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo e-mail: cepufma@ufma.br. Telefone: 3272-8708. Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho, Bloco C, Sala 7, Comitê de Ética. UF: MA Município: SÃO LUIS. CEP: 65.080-040. Um Comitê de Ética em Pesquisa é um grupo não remunerado formado por diferentes profissionais e membros da sociedade que avaliam um estudo para julgar se ele é ético e garantir a proteção dos participantes. Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar voluntariamente.

São Luís, MA, __/__/2024

_____ _____

Pesquisadora Responsável Responsável Legal

APÊNDICE G – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada,

Estamos convidando você para participar de uma pesquisa importante! Antes de começarmos, é essencial que você e seus pais ou responsáveis entendam completamente o que estamos fazendo e concordem em participar. Por favor, leia cuidadosamente as informações abaixo. Esta pesquisa se chama CRIANDO TERRITÓRIOS EXISTENCIAIS: cartografias micropolíticas "com" uma pregoeira de rua em São Luís- MA, O objetivo principal deste estudo é mostrar como pode ser possível criar espaços de vida a partir do encontro entre uma pesquisadora e uma vendedora ambulante em São Luís – MA. Estamos interessados em descobrir quais ideias, memórias e sentimentos podem ser encontrados a partir das conversas entre a pesquisadora e a sua avó, Dona Corina. Você será convidada a responder a algumas perguntas sobre a sua avó e sobre suas histórias ao lado dela. Sua participação é importante para essa pesquisa. Se em algum momento você decidir que não quer mais participar dessa pesquisa, está tudo bem. Você não precisa de uma razão e ninguém ficará chateado. Estamos tomando todas as medidas para garantir que você se sinta confortável e protegido durante a pesquisa. Se surgir algo que a faça se sentir desconfortável, por favor, avise-nos imediatamente. Se você concordar, vamos fazer algumas perguntas. As respostas vão ser usadas só para fins científicos, em revistas e congressos. Vamos falar sobre você e sua identidade vai ser revelada. Seus pais sabem disso e tudo vai ser feito de maneira legal e ética. Sua ajuda é muito importante! Se você ou seus pais tiverem alguma dúvida sobre a pesquisa, podem entrar em contato comigo pelo e-mail: brendamezesnes@gmail.com ou (98) 982272917. Brenda dos Santos Menezes, mestranda em Cultura e Sociedade pelo PGCULT da UFMA. O Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos CEP/UFMA, poderá ser contatado para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo e-mail: cepufma@ufma.br. Telefone: 3272-8708. Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho, Bloco C, Sala 7, Comitê de Ética. UF: MA Município: SÃO LUIS. CEP: 65.080-040. Um Comitê de Ética em Pesquisa é um grupo não remunerado formado por diferentes profissionais e membros da sociedade que avaliam um estudo para julgar se ele é ético e garantir a proteção dos participantes.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Eu _____ aceito participar da pesquisa CRIANDO TERRITÓRIOS EXISTENCIAIS: cartografias micropolíticas "com" uma pregoeira de rua em

São Luís- MA. Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar com raiva/chateado comigo. A pesquisadora esclareceu minhas dúvidas e conversou com os meus pais/responsável legal. Recebi uma cópia deste termo de assentimento, li e quero/concordo em participar da pesquisa/estudo.

São Luís, MA, __/__/__

_____

Assinatura da Criança

_____

Assinatura do responsável

_____

Pesquisadora responsável

APÊNDICE H - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Eu,_____, residente do bairro _____ por meio deste, autorizo a utilização da minha imagem em materiais relacionados à pesquisa de mestrado intitulada “CRIANDO TERRITÓRIOS EXISTENCIAIS: cartografias micropolíticas “com” uma pregoeira de rua em São Luís- MA, conduzida por Brenda dos Santos Menezes sob orientação do Prof. Dr. Flavio Luiz de Castro Freitas, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão, durante o período de 3 (três) anos. Compreendo que a utilização da minha imagem poderá ocorrer em apresentações, relatórios, publicações acadêmicas, e demais meios relacionados à divulgação e disseminação dos resultados desta pesquisa. Esta autorização é concedida de forma voluntária e sem ônus financeiro. O Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos CEP/UFMA, poderá ser contatado para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo e-mail: cepufma@ufma.br. Telefone: 3272-8708. Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho, Bloco C, Sala 7, Comitê de Ética. UF: MA Município: SÃO LUIS. CEP: 65.080- 040. Um Comitê de Ética em Pesquisa é um grupo não remunerado formado por diferentes profissionais e membros da sociedade que avaliam um estudo para julgar se ele é ético e garantir a proteção dos participantes. Declaro ainda que estou ciente de que minha identidade será preservada, sendo omitidos dados pessoais que possam comprometer a minha privacidade. Esta autorização é válida pelo período da pesquisa e seus desdobramentos, respeitando as normas éticas e legais vigentes.

_____, ___/____/2024

_____

Assinatura do Participante.

ANEXOS

ANEXO A – APROVAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA NO COMITÊ DE ÉTICA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA

Plataforma Brasil

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: CRIANDO TERRITÓRIOS EXISTENCIAIS: cartografias micropolíticas com uma pregoeira de rua em São Luís- MA

Pesquisador: Brenda dos Santos Menezes

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 77642324.8.0000.5087

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.116.177

Apresentação do Projeto:

Essa é uma pesquisa qualitativa orientada pelo método cartográfico, que objetiva expressar em que medida é possível compor territórios existenciais
a partir do encontro entre uma pesquisadora e uma pregoeira de rua. O local de pesquisa majoritariamente será a cidade de São Luís. Possui uma
abordagem abrangente na coleta de dados, empregando métodos bibliográficos, documentais e de campo.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Explicitar em que medida é possível compor territórios existenciais a partir do encontro entre uma pesquisadora e uma pregoeira de rua em São Luís
¿ MA.

Objetivo Secundário:

Expor o conceito de território existencial tal qual ele é apresentado por Félix Guattari nos livros O inconsciente maquínico (1979) e em As três
ecologias (1989), Descrever como a pregoeira caracteriza o seu fazer prático e Apontar os excessos vitais presentes nas memórias da pregoeira.

Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho Cidade Universitária Dom Delgado
Bairro: Bacanga **CEP:** 65.080-805
UF: MA **Município:** SAO LUIS
Telefone: (98)3272-8708 **E-mail:** cepufma@ufma.br

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

De acordo com a Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, ¿toda pesquisa com seres humanos envolve riscos em tipos e gradações variados¿

(Brasil, 2016).

Com essa pesquisa em especial, seus participantes podem enfrentar riscos relacionados à exposição de suas experiências e perspectivas pessoais.

O processo de responder a perguntas e explorar narrativas detalhadas pode suscitar desconforto emocional, uma vez que os participantes podem

ser solicitados a refletir sobre experiências pessoais sensíveis. A abordagem cartográfica, ao buscar mapear territórios conceituais, pode

inadvertidamente expor detalhes íntimos da vida do participante. Além disso, o envolvimento ativo do pesquisador no processo de coleta de dados

pode criar um ambiente de vulnerabilidade, onde o participante pode se sentir pressionado a compartilhar mais do que desejaria.

Contudo, a pesquisadora se comprometerá em adotar práticas éticas, assegurando a confidencialidade, respeitando os limites dos participantes e

oferecendo apoio psicológico, se necessário, para minimizar os riscos potenciais associados à participação nesse tipo de pesquisa.

Benefícios:

Dentre os benefícios aos participantes pode-se citar:

I -ser informado sobre a pesquisa;

II -desistir a qualquer momento de participar da pesquisa, sem qualquer prejuízo;

III -ter sua privacidade respeitada;

IV ¿ter garantida a confidencialidade das informações pessoais;

V ¿decidir se sua identidade será divulgada e quais são, dentre as informações que forneceu, as que podem ser tratadas de forma pública;

VI ¿ser indenizado pelo dano decorrente da pesquisa, nos termos da Lei; e

VII ¿o ressarcimento das despesas diretamente decorrentes de sua participação na pesquisa (Brasil, 2016)

Ademais, como benefício direto, além do recebimento de maiores esclarecimentos e de conhecimentos sobre o andamento da pesquisa, bem como

receberá uma cópia do trabalho finalizado e os participantes serão informados das ações que

decorrerão da pesquisa.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto tem relevância acadêmica e social, justificando a realização do estudo.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Entregues de maneira adequada

Recomendações:

Nenhuma

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Deferido

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2262758.pdf	31/05/2024 19:18:20		Aceito
Outros	RESPOSTAAOULTIMOPARECER.pdf	31/05/2024 19:17:32	Brenda dos Santos Menezes	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	31/05/2024 19:15:07	Brenda dos Santos Menezes	Aceito
Outros	USODEIMAGEM.pdf	31/05/2024 19:07:07	Brenda dos Santos Menezes	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	31/05/2024 19:06:49	Brenda dos Santos Menezes	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEMENOR.pdf	31/05/2024 19:06:39	Brenda dos Santos Menezes	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.pdf	31/05/2024 19:06:29	Brenda dos Santos Menezes	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	brendaprojetodepesquisa.pdf	31/05/2024 19:03:18	Brenda dos Santos Menezes	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	15/02/2024	Brenda dos Santos	Aceito

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA

Continuação do Parecer: 7.116.177

Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	16:47:15	Menezes	Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	respostaaoparecer.docx	09/02/2024 13:18:47	Brenda dos Santos Menezes	Aceito
Orçamento	orcamento.pdf	06/02/2024 22:50:40	Brenda dos Santos Menezes	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	02/01/2024 18:50:17	Brenda dos Santos Menezes	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

SAO LUIS, 02 de Outubro de 2024

Assinado por:
Emanuel Péricles Salvador
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho Cidade Universitária Dom Delgado
Bairro: Bacanga **CEP:** 65.080-805
UF: MA **Município:** SAO LUIS
Telefone: (98)3272-8708 **E-mail:** cepufma@ufma.br